

TIMOTHY KELLER

AUTOR *BEST-SELLER* DO *NEW YORK TIMES*

ESPERANÇA EM TEMPOS DE MEDO

A RESSURREIÇÃO E O SIGNIFICADO DA PÁSCOA


VIDA NOVA

**ESPERANÇA
EM TEMPOS
DE MEDO**



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Keller, Timothy, 1950-

Esperança em tempos de medo : a ressurreição e o significado da Páscoa / Timothy Keller ;
tradução de A. G. Mendes. — São Paulo : Vida Nova, 2022.

ISBN 978-65-5967-061-1

Título original: *Hope in times of fear: the resurrection and the meaning of Easter*

1. Ressurreição de Jesus Cristo 2. Esperança - Aspectos religiosos 3. Páscoa I. Título II.

Mendes, A. G.

21-5206

CDD 232.97

Índices para catálogo sistemático:

1. Ressurreição de Jesus Cristo

**TIMOTHY
KELLER**

AUTOR *BEST-SELLER* DO *NEW YORK TIMES*

**ESPERANÇA
EM TEMPOS
DE MEDO**

A **RESSURREIÇÃO** E O
SIGNIFICADO DA **PÁSCOA**

TRADUÇÃO
A. G. MENDES


VIDA NOVA

©2021, de Timothy Keller

Título do original: *Hope in times of fear: the resurrection and the meaning of Easter*, edição publicada pela VIKING (New York, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA

Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020

vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.a edição: 2022

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram traduzidas diretamente da New International Version (NIV). As com indicação da versão *in loco* foram traduzidas diretamente da Contemporary English Version (CEV), English Standard Version (ESV), King James Version (KJV), Revised Standard Version (RSV) e New American Standard Bible (NASB).

DIREÇÃO EXECUTIVA

Kenneth Lee Davis

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Jonas Madureira

EDIÇÃO DE TEXTO E REVISÃO DE PROVAS

Ubevaldo G. Sampaio

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Victoria Arrais

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO

Sandra Reis Oliveira

CAPA

Rafael Brum

LIVRO DIGITAL

Lucas Camargo

Gabriela Fazoli

Para Ray e Gill Lane,

Amigos cristãos durante décadas,

cooperadores fiéis na vinha do Senhor,

cujos dons sobrenaturais da hospitalidade

nos socorreram durante muitos anos.

SUMÁRIO

Agradecimentos

PREFÁCIO

INTRODUÇÃO

1. Uma certa esperança
2. Uma esperança futura
3. Uma esperança gloriosa
4. Uma esperança subversiva
5. A Grande inversão
6. Esperança pessoal: 1
7. Esperança pessoal: 2
8. Esperança para você
9. Esperança para os relacionamentos
10. Esperança de justiça
11. Esperança diante do sofrimento
12. Esperança para o futuro

Epílogo: A pedra angular e as trevas

AGRADECIMENTOS

Parece piedoso demais começar agradecendo a ajuda de Deus, mas é imperioso que eu faça. Creio, é claro, que todo livro ou sermão que escrevi ou ministrei fazem parte do plano de Deus e que, sem violar a responsabilidade que nos cabe, ele “faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” (Ef 1.11). Deus tem milhões de boas razões, geralmente não reveladas, para tudo o que acontece, porém, parte dessas razões foi mais fácil de ver neste caso do que nos demais. Meu editor, Brian Tart, sugeriu um livro sobre a Páscoa que fosse uma espécie de complemento ao livro *O natal escondido*. Comecei então a escrever um livro sobre a ressurreição, mas logo em seguida veio a pandemia da covid-19, e eu fui diagnosticado com câncer no pâncreas. Essas coisas, conforme diz Samuel Johnson, “deixam a mente espetacularmente concentrada”. Escrever em tempos de trevas como estes me ajudou a ver na ressurreição profundidades novas de consolo e poder. Não digo isso como se este livro fosse melhor do que os outros que escrevi. Deixo aos leitores tal incumbência. No entanto, senti como nunca, neste livro, a direção e o socorro de Deus.

A cada livro, crescem meu apreço e gratidão pelo círculo de amigos e de colegas que, ao longo dos anos, tornaram possível eu escrever. Houve aqueles que providenciaram para mim e Kathy lugares e ambientes maravilhosos para trabalhar, entre eles, Ray e Gill Lane, de Ambleside, na

Cúmbria, no Reino Unido, e Janice Worth, de Palm Beach Gardens, na Flórida. Com relação aos editores, David McCormick e Brian Tart formaram uma equipe cuja orientação editorial e literária no decorrer de mais de vinte títulos pela Penguin (!) contribuiu para que tudo desse certo. Vocês dois são a equipe dos sonhos de qualquer autor.

PREFÁCIO

Quando tive câncer de tireoide em 2002, li uma obra magistral de 800 páginas, *A ressurreição do Filho de Deus*, de N. T. Wright. Não foi apenas uma ajuda enorme para minha compreensão teológica, mas, naquelas circunstâncias, foi também um incentivo que me revigorou diante da minha maior sensação de mortalidade. Lembrei-me e tive a convicção de que a morte fora derrotada em Jesus e que, no meu caso, ela também seria derrotada.

Agora, cerca de vinte anos depois, escrevi um livro sobre a ressurreição de Jesus e vejo-me novamente diante de um diagnóstico de câncer. Desta vez no pâncreas, e tudo indica que a situação é muito mais séria e o tratamento é bem mais desafiador.

Escrevo também em meio à pior pandemia em um século. Muitas pessoas estão vivendo com medo de adoecer e de morrer. Meu apartamento em Nova York fica próximo dos grandes hospitais da cidade e, especialmente, durante o auge da contaminação pelo vírus, havia um clarão constante nas janelas acompanhado o tempo todo do som lúgubre das sirenes e do brilho de luzes vermelhas. A esperança de uma solução para o vírus e de uma rápida reviravolta é uma frustração constante.

Contudo, a pandemia trouxe outros problemas além apenas das doenças. É possível que haja grandes distúrbios que deverão piorar ainda

mais quase todos os setores da nossa sociedade e que perdurarão por muitos anos. Talvez estejamos próximos de um nível de desemprego sem precedentes desde a Grande Depressão, com a falência de inúmeras empresas, a contração dolorosa de setores inteiros da indústria, déficits fiscais enormes que colocarão em risco a vida de milhões de pessoas que dependem dos serviços e das aposentadorias concedidos pelo governo, além do transtorno na educação pública e privada. E isso é só o que me vem à mente por enquanto ao escrever nestes primeiros dias de crise. Haverá inevitavelmente outras dificuldades que não podemos prever. Seja como for, aqueles mais vulneráveis, social e economicamente, pagarão um preço mais elevado. Não bastasse tudo isso, o isolamento social trouxe consigo o desespero e um sentimento de desesperança para milhões.

Em meio ao número avassalador de mortes pelo coronavírus, durante do verão de 2020, irromperam nas ruas protestos contra um tipo diferente de morte, pouco depois do assassinato de George Floyd pela polícia de Minneapolis. As manifestações ocorreram em mais de duas mil cidades dos Estados Unidos e no mundo todo, atraindo milhões de pessoas, o que fez desses protestos sociais os maiores da nossa história, muito maiores do que os ocorridos durante o movimento pelos direitos civis na década de 1960, liderados pelo dr. Martin Luther King Jr.

Quase todos os protestos atuais se ocuparam do racismo prevalente em nossa sociedade de modo geral. No entanto, como sou velho o bastante para me lembrar em primeira mão dos protestos do movimento pelos direitos civis, há um contraste que me deixa perplexo. Os protestos e apelos à justiça que tivemos recentemente, por mais que nos encorajem sob vários aspectos, têm pouco da mesma sensação de esperança que tinham os movimentos do passado.

Na obra-prima de dr. King, “I have a dream speech” [“Eu tenho um sonho”], ele diz:

Essa é nossa esperança. Essa é a fé com a qual retorno ao Sul. Com esta fé poderemos talhar da montanha do desespero uma pedra de esperança. Com esta fé poderemos transformar os acordes dissonantes de nossa nação em uma bela sinfonia de fraternidade. Com esta fé poderemos trabalhar juntos, orar juntos, lutar juntos, ir à cadeia juntos, defender a liberdade juntos, conscientes de que seremos livres um dia.

A referência de King à “pedra de esperança” talhada da montanha do desespero é uma referência a Daniel 2.34,35,45. O capítulo era uma visão divina do futuro dada ao rei da Babilônia em um sonho. Nessa visão, os reinos idólatras deste mundo são esmagados por uma pequena pedra “talhada” de uma montanha “mas não por mãos humanas”, que cresce em seguida se tornando uma montanha de justiça e de paz que enche a terra. Os intérpretes cristãos entenderam que a pedra era o reino de Deus, uma obra sobrenatural (“não de mãos humanas”), sendo inicialmente uma coisa pequena, aparentemente destituída de poder, mas que destrói, por fim, os regimes orgulhosos que perpetuam o mal e a opressão. Dr. King usou a imagem com grande habilidade retórica, porém ela é mais do que isso. “O reino do céu é comparável a um grão de mostarda”, diz Jesus em Mateus 13.31,32, “mesmo sendo a menor das sementes, quando cresce [...] se torna uma árvore, de modo que as aves do céu vêm e se aninham em seus ramos”.

Martin Luther King não permitiu que a impotência financeira e política dos afro-americanos dos Estados Unidos frustrasse as esperanças que ele cultivava. O racismo sistêmico oculto e a exclusão e a violência raciais

explícitas que os líderes dos direitos civis enfrentavam nas décadas de 1950 e de 1960 eram colossais. No entanto, ele sabia que era assim que Deus operava — a partir de pequenos começos e fragilidades por meio do sacrifício e do serviço em direção à mudança. Dr. King não era apenas um otimista que transmitia simpatia. Leia seus discursos e cartas e você verá que ele se irava e tinha receios palpáveis em relação ao movimento, porém havia sempre uma nota de esperança.

Ressalta-se com frequência que o movimento dos direitos civis foi liderado por pastores afro-americanos e líderes cristãos, portanto as citações bíblicas que permeiam seus discursos e apelos à justiça não eram mera grandiloquência. Tratava-se de declarações de fé e de esperança enraizados em Deus.

Morte, pandemia, injustiça, colapso social, precisamos mais uma vez, desesperadamente, de uma pedra de esperança.

E não há maior esperança possível do que crer que Jesus Cristo ressuscitou dos mortos. Paulo diz que ele foi “crucificado em fraqueza, porém ele vive pelo poder de Deus” (2Co 13.4). Se compreendermos este fato maravilhoso da história, veremos que embora as coisas possam piorar, essa esperança se tornará uma luz em nossa vida quando todas as demais tiverem se apagado. É por isso que Paulo acrescenta: “Pois nós também somos fracos nele, mas viveremos com ele pelo poder de Deus”.

Este é um livro sobre a ressurreição de Jesus. Não estou tentando reproduzir aqui o mesmo trabalho exaustivo sobre as fontes e evidências históricas da ressurreição de que se ocupou N. T. Wright, tampouco sou capaz de fazê-lo. No início do livro, tentarei resumir muito da sua obra, a qual não creio que possa ser melhorada no momento atual. Como sou pregador, e não acadêmico, vou me concentrar na ressurreição como chave

para a compreensão da Bíblia toda e para enfrentar os desafios da vida — ao sofrimento, à mudança pessoal, à injustiça, à clareza moral e à incerteza em relação ao futuro.

Teoricamente, todos nós sabemos que podemos morrer a qualquer momento. Contudo, o diagnóstico de um câncer, um problema cardíaco ou a ameaça de uma pandemia nos lança no reino daqueles para quem esse conhecimento se transforma em uma realidade imediata. Nestes tempos sombrios, para a maior parte do mundo e para mim pessoalmente, em que desejamos ardentemente a esperança e nos aferramos a ela, não há melhor lugar para olharmos do que a ressurreição de Jesus Cristo.

INTRODUÇÃO

[Ele] nos regenerou para uma viva esperança, segundo a sua grande misericórdia [...] de modo que vossa fé e esperança estejam em Deus (1Pe 1.3,21).

Uma nova era de ansiedade

Antes mesmo da pandemia da covid-19 em 2020 e suas consequências, o mundo ocidental já atravessava uma crise crescente de esperança.

Durante pelo menos dois séculos, as culturas ocidentais foram animadas por uma forte esperança de que a história avançava progressivamente, de que a raça humana se movia inexoravelmente rumo à criação de um mundo cada vez mais seguro, próspero e livre. Em suma, havia a crença muito consolidada que, de modo geral, as gerações de seres humanos desfrutariam de um mundo melhor do que desfrutara a geração anterior. Esse foi um dos legados do Iluminismo europeu, cujos vultos em grande número prediziam que a razão humana, sua engenhosidade e ciência, uma vez libertas das superstições do passado, trariam consigo inevitavelmente um futuro melhor.¹

Mas aí veio o século 20. Em 1947, W. H. Auden escreveu um poema que tomava um livro inteiro: *A era da ansiedade*. O poema é sobre quatro pessoas em um bar de Manhattan conversando sobre suas vidas e sobre a

vida. A obra ganhou o Prêmio Pulitzer, mas raramente alguém a lê. O que chamou a atenção foi seu título, que parecia captar o momento cultural. Em menos de quatro décadas, o mundo havia passado por duas grandes guerras, uma pandemia e a Grande Depressão. Na época, caminhava-se para décadas de uma Guerra fria com armas nucleares que opunha o ocidente às nações comunistas.

Contudo, com o fim da Guerra Fria, em 1989, a antiga crença no progresso humano inevitável parecia reviver. Houve até quem anunciasse “o fim da história” querendo dizer com isso que os embates letais entre as grandes ideologias — fascismo, comunismo e a democracia ao estilo ocidental — haviam finalmente chegado ao fim. O receio de um clima bélico que pudesse deflagrar um conflito mundial arrefeceu. O capitalismo internacional, alimentado pela globalização, entrou em marcha acelerada e muitas economias pareciam estar prosperando. A era da ansiedade acabara; a chama do otimismo anterior do Iluminismo tornara a acender. O número dos que disseram que as crianças hoje terão no futuro uma vida melhor do que a geração de seus pais é de mais de 50% da população.²

Steven Pinker, um pensador renomado da Universidade de Harvard, é responsável pela base empírica desse otimismo. Seus livros *Os anjos bons da nossa natureza: por que a violência diminuiu* e *O novo Iluminismo: em defesa da razão, da ciência e do humanismo* reúnem dados segundo os quais, no mundo todo, a violência, as guerras e a pobreza estão diminuindo, bem como estão aumentando a expectativa de vida e o aprimoramento dos cuidados com a saúde.³

Pinker se limita a medidas empíricas de conforto e segurança; já Yuval Noah Harari diz coisas mais contundentes. Em seu *best-seller* de 2017, *Homo Deus: uma breve história do amanhã*, o autor diz que em tempos

remotos os seres humanos buscaram a Deus ou deuses unicamente porque não tinham controle sobre o mundo em que viviam. Agora, porém, temos esse controle.

No despertar do terceiro milênio, a humanidade acorda e se dá conta de algo surpreendente. A maior parte das pessoas raramente pensa no assunto, mas conseguimos nas últimas décadas domar a fome, as pragas e as guerras. É claro que esses problemas não foram completamente sanados, mas foram transformados de forças da natureza incompreensíveis e incontroláveis em desafios administráveis. Não precisamos orar a deus ou a santo algum para que nos salve deles. Sabemos perfeitamente o que precisa ser feito para evitar a fome, as pragas e as guerras e, geralmente, somos bem-sucedidos nisso.⁴

O título do livro, *Homo Deus*, traduz sua conclusão básica. Não se trata apenas de que não precisamos mais de Deus. A humanidade agora *é* Deus. Somos nossa própria esperança para o futuro, nosso próprio Deus. Temos não apenas esperança, mas certeza de um futuro brilhante porque dispomos de todos os recursos em nós mesmos para torná-lo realidade.

A perda da esperança

Pinker e Harari, apesar de terem muitos seguidores, não são capazes de captar o espírito da era como o captou Auden. Por volta da metade da primeira década do século 21, o número de pessoas que acreditava em uma vida melhor para seus filhos começou a declinar novamente.⁵ O pessimismo, em relação ao futuro de nossos filhos e da sociedade, só se aprofundou ao

longo de quinze ou vinte anos, conforme demonstram diversas pesquisas e levantamentos.⁶

Há muitas razões para isso. Alguns citam a polarização e a fragmentação da sociedade que vão além do partidarismo político habitual. Há um tribalismo crescente que revela uma cultura cujo centro está vazio, em que há uma perda de toda e qualquer ideia de bem público compartilhado. Há uma perda profunda da confiança social que parece estar solapando as instituições que até então haviam mantido coesa nossa sociedade.

Há outra categoria de ameaças ao nosso futuro que vem não da ausência de progresso científico e tecnológico, mas, ironicamente, como decorrência dele. Por exemplo, talvez seja impossível conter a pandemia em razão da facilidade que temos de nos deslocar através de viagens aéreas e também por causa da globalização de nossas economias, tudo isso graças à modernidade tecnológica. Hoje, acredita-se que a polarização e a perda de confiança no que acreditamos tem a ver em grande medida com a contribuição das redes sociais. Existe ainda a ameaça de mudança climática e a possibilidade do terrorismo internacional sem fim, ambas ampliadas pelos avanços científicos. Precisamente, aquelas coisas que deviam nos salvar de perigos terríveis criaram outros.

Andrew Sullivan cita outras razões para o sentimento mais aguçado de ansiedade e de falta de esperança que caracteriza nossa era. Ele se diz grande admirador de Pinker e na crítica que faz a um de seus livros, *O novo Iluminismo*, ele não encontra erro algum em suas conclusões empíricas. Contudo, Sullivan acrescenta: “[Pinker] não consegue explicar por que, por exemplo, há um profundo descontentamento, depressão, uso de drogas, desespero, vícios e solidão nas sociedades liberais mais avançadas”. Diz ele:

“À medida que atingimos lenta e seguramente níveis de progresso mais elevados, perdemos alguma coisa que sustenta tudo isso: sentido, coesão e um tipo mais profundo de felicidade que vai além da saciedade das nossas necessidades terrenas”.⁷

Para Yuval Harari, as pessoas se voltavam para Deus no passado em busca de esperança porque não eram capazes de compreender ou de controlar o meio ambiente natural. A religião, porém, tratava de alguma coisa mais profunda do que isso. O dilema humano desde tempos imemoriais não se restringiu apenas a uma forma de controlar a natureza “que aí está”, já que havia um desafio maior do que esse: como controlar a natureza “que aqui está”, isto é, os muitos enigmas e problemas da própria natureza humana. Temos fome de sentido e de propósito. Descobrimos que as coisas que achávamos que fossem nos satisfazer não nos satisfazem. Ficamos chocados com as coisas terríveis que outros seres humanos — e nós mesmos — somos capazes de fazer. O que podemos fazer a *nosso* próprio respeito? Como diz Sullivan, não basta controlar a natureza externa e são inúmeras as evidências, em um ano de pandemia da covid-19, de que não fomos capazes de controlar e ainda estamos longe de conseguir.

Pinker e Harari acreditam que deixar a religião para trás é parte importante do progresso humano. Contudo, o respeitado filósofo Jürgen Habermas, nos últimos vinte anos, tem se posicionado de maneira diferente. Ele reconhece que a razão secular tem limites e não pode proporcionar absolutos morais e motivações para que alguém sacrifique seus interesses egoístas pelo bem de outros. Habermas, porém, embora não seja cristão, crê que a religião pode propiciar um esteio para a sacralidade de toda a vida humana e uma motivação para o amor sacrificial nos relacionamentos humanos. Estas são coisas que a ciência pura e simples não

pode nos proporcionar.⁸ A maior ameaça à nossa esperança de um mundo melhor não é o meio ambiente natural, mas os vários males que brotam sem cessar do coração humano. A ciência não pode erradicar o mal humano — na verdade, ela pode lhe dar mais instrumentos para seus próprios fins. Quando digo “mal”, não quero com isso me referir apenas às erupções horrendas dele, como no holocausto judeu. Tenho em mente as crueldades comuns do interesse pessoal nos negócios, o preconceito racial, a arrogância e o orgulho, a desonestidade e a corrupção e os inumeráveis atos diários de egoísmo que empurram a sociedade mais para baixo.

A esperança da ressurreição

Uma das razões da ascensão notável do cristianismo em seus primeiros séculos foi que ele oferecia recursos para que houvesse esperança em face das inúmeras pandemias urbanas que devastavam o mundo romano. Durante uma entrevista, perguntaram ao historiador Kyle Harper, que escreveu sobre as pandemias do passado, como foi que o cristianismo continuou a prosperar e a crescer naqueles tempos sombrios. Ele disse:

Para [os cristãos], tratava-se de um programa positivo. Esta vida sempre fora entendida como algo transitório, sendo apenas parte de uma história maior. Para os cristãos, o importante era orientar a vida na direção dessa história, a história cósmica, a história da eternidade. De fato, eles viviam neste mundo, sofriam e amavam outros. No entanto, para os cristãos daquela época a história desta vida era simplesmente uma das histórias em que viviam. O mapa oculto era esse cenário mais amplo.⁹

O “mapa oculto” do cristão ia muito além das consolações religiosas comuns. Por exemplo, outras religiões falavam da possibilidade não muito certa de uma vida melhor depois da morte, contanto que o indivíduo tivesse tido um desempenho moral satisfatório. A esperança cristã excedia essa aspiração ilusória sob todos os aspectos. O termo bíblico *elpida*, que em português traduzimos por um termo menos impactante, *esperança*, significa certeza profunda. Para o cristão, até a circunstância mais severa é parte de uma história dirigida por Deus em todos os momentos na direção não apenas de algum tipo de vida depois da morte, mas da ressurreição de nosso corpo e da nossa alma em um novo céu e uma nova terra transformados.

Toda essa esperança gira em torno de um evento bombástico: a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. É isso o que o verdadeiro cristianismo oferece a um mundo que perdeu a esperança.

Os cristãos aos quais Pedro escreveu já haviam sido “afligidos por várias provações” (1Pe 1.6) e estavam agora em meio a “provações de fogo ardente” (1Pe 4.1). Contudo, Pedro traz a eles à lembrança: “[Ele] nos regenerou para uma viva esperança, segundo a sua grande misericórdia, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos [...] de modo que vossa fé e esperança estejam em Deus” (1Pe 1.3,21). A realidade da ressurreição significa que temos esperança no futuro que não se baseia nos avanços científicos e nem no progresso social, mas no próprio Deus (1Pe 1.21). Não se trata de mera crença intelectual, mas, como diz Pedro, é uma “esperança viva”, uma parte vital da nova vida espiritual que sobrevém ao cristão pelo Espírito Santo por meio do que o Novo Testamento chama de “novo nascimento”. A fé na ressurreição introduz essa esperança nas profundezas da nossa alma. Ela se torna de tal modo parte de quem somos que nos permite enfrentar qualquer coisa.

Mas o que é essa fé na ressurreição capaz de se tornar uma esperança viva que queima dentro de nós como fogo que aquece e nos enche de energia? Como obtê-la?

Conhecendo a ressurreição

O primeiro passo é crer que a ressurreição de Jesus Cristo realmente aconteceu. A ressurreição pouco serve se for um mero símbolo. Conforme veremos, a crença na ressurreição era tão difícil na época de Jesus quanto é para nós hoje. Para as visões de mundo antigas e modernas, a ressurreição dos mortos é simplesmente impossível. As evidências da ressurreição de Jesus eram tremendas. Elas respondiam às objeções intelectuais das pessoas daquela época e ainda são capazes de fazer hoje.

Contudo, aceitar o simples fato da ressurreição não faz dela automaticamente uma esperança viva para nós. É preciso que compreendamos não apenas que ela aconteceu, mas também, e tão importante quanto isso, o que ela significa. Muitos de nós terão dificuldade em pensar em uma ocasião em que ouvimos uma análise exaustiva da ressurreição no púlpito, exceto no domingo de Páscoa. Nos púlpitos das igrejas protestantes liberais, a ressurreição é normalmente compreendida como um conceito geral, um símbolo de que, de algum modo, o bem triunfará sobre o mal. E quando a ressurreição é pregada nos púlpitos das igrejas evangélicas, o sermão consiste, com frequência, em um longo argumento segundo o qual ela realmente aconteceu. No entanto, uma coisa é ter conhecimento da ressurreição; outra coisa diferente, conforme diz Paulo, é “*conhecer o poder da sua ressurreição*” (Fp 3.10), conhecê-la pessoalmente e por experiência própria. Surpreendentemente, a igreja não recebeu muita orientação a esse respeito.

Na tradição da minha igreja, presbiteriana e reformada, as teologias sistemáticas clássicas dão muito mais atenção à morte de Jesus na cruz do que à sua ressurreição. Charles Hodge, o teólogo de Princeton, gasta 127 páginas sobre a cruz e apenas quatro sobre a ressurreição. Outras análises teológicas procedem de maneira semelhante.¹⁰ Sam Allberry diz que muitos cristãos, embora creiam na ressurreição e a declarem no domingo de Páscoa, “eles a colocam de volta na gaveta durante o resto do ano” porque “não sabem o que fazer com ela”.¹¹ Versículos como Romanos 4.25, “ele [foi] ressuscitado para a nossa justificação”, mostram a nós que não é apenas a morte de Jesus, mas também sua ressurreição que nos salva. Contudo, quando a maior parte dos cristãos faz uma apresentação do “evangelho” para explicar como podemos nos salvar, eles discorrem exclusivamente sobre a cruz e fazem da ressurreição um apêndice, ou a deixam de fora completamente.

A boa invasão

A ressurreição não é um truque estupendo de mágica, e sim uma invasão. E o evento que nos salvou — o movimento da cruz para a ressurreição — refaz agora a vida dos cristãos de dentro para fora, pelo poder do Espírito.

A cruz juntamente com a ressurreição juntas — e apenas juntas — trazem a nova criação futura, o poder onipotente por meio do qual Deus renova e cura o mundo todo, *para o nosso presente*. Quando Cristo pagou a dívida do pecado na cruz, o véu do templo se rasgou de cima a baixo (Mt 27.51). O véu representava a separação da humanidade da presença santa de Deus. Essa presença fizera uma vez da terra um paraíso e agora, por causa da morte de Cristo, ela *pode* vir até nós e, por causa da ressurreição de Cristo, ela *vem de fato* até nós. O Cristo ressurreto nos envia o Espírito

Santo e tanto Cristo quanto o Espírito são as “primícias” (Rm 8.23; 1Co 15.20-23), o “penhor” (Ef 1.13-14; 2Co 1.22, 23; 5.5 KJV), a primeira parcela, o pagamento à vista do triunfo futuro sobre a morte e de um mundo material novo e refeito. Esse poder de renovação do futuro está aqui apenas parcialmente, porém, é real e substancial e entrou no presente mundo.

O “poder incomparavelmente grande” com que Deus ressuscitou Jesus dos mortos está agora conosco (Rm 8.23; Ef 1.19-20). Portanto, devemos viver na “luz” da “nova criação” futura (Rm 13.11-13; Gl 6.15; cf. 1Co 6.1-2). Em outras palavras, participaremos daquela vida ressurreta futura da forma como vivemos hoje. Se Jesus ressuscitou dos mortos, tudo muda: o modo como nos relacionamos, nossas atitudes em relação à riqueza e ao poder, a forma como trabalhamos em nossa vocação, a compreensão e a prática da sexualidade, as relações de raça e a justiça.

Além disso, a cruz e a ressurreição juntas — somente juntas — nos dão a forma ou o padrão pelo qual os cristãos agora “vivem à luz da nova criação”. A cruz e a ressurreição são a grande inversão. Cristo nos salva através da fraqueza, abrindo mão do poder e sucumbindo a uma derrota aparente. Contudo, ele triunfa — não a despeito da fragilidade e da perda de poder, mas *por causa disso e através disso*. A grande inversão se torna uma “dinâmica” que “se abre a um ritmo de vida, a uma ética e a uma forma de olhar o mundo e de viver nele”, bem como a todos os aspectos da vida.¹² Ao viver esse princípio, morte e ressurreição, nós renovamos a vida humana aqui — apenas parcialmente, porém de forma substancial. A presença “já, mas ainda não” da nova criação evita tanto a ingenuidade quanto o cinismo, tanto a utopia quanto o derrotismo.

Um esboço do livro

Esta é a tese básica deste livro: que a ressurreição, a grande inversão, concede a nós o poder e o padrão para viver a vida agora conectada à nova criação futura de Deus.

Para desenvolver esse tema, começarei no capítulo 1 pela análise da ressurreição como fato histórico. É claro que ela é muito mais do que isso, mas não é menos. O ceticismo moderno em relação ao sobrenatural torna difícil para as pessoas acreditar na ressurreição histórica e física de Jesus. Contudo, sem o milagre da ressurreição, nossa confiança infalível em um triunfo futuro sobre o mal e a morte desaparece. Portanto, nos próximos quatro capítulos, discutirei de que modo a ressurreição, enquanto grande inversão, é a chave para compreendermos o enredo da Bíblia toda, além de princípio operador da vida do cristão. Nos capítulos 6 e 7, analisarei de que maneira principia a fé na ressurreição pessoal examinando cinco estudos de casos famosos: Maria, João, Tomé, Pedro e Paulo. Nos cinco capítulos restantes, irei me deter em áreas específicas da vida e investigarei de que maneira a ressurreição nos proporciona recursos singulares para vivermos de modo fiel cada uma delas.

Talvez seja essa a vantagem mais comum e cotidiana da ressurreição. Não seguir a um mestre morto e reverenciado, e sim a um Senhor ressurreto, é tê-lo efetivamente *conosco*. Em Apocalipse 3.20, Jesus diz que ele “está à porta e bate” e se “alguém ouvir a minha voz e abrir a porta”, Jesus entrará e ceará com ele “e ele comigo”. Acredita-se geralmente que este é um convite ao não crente, para que “abra o coração a Jesus”, contudo, no contexto de Apocalipse 3, Jesus está falando à igreja, aos cristãos. Cear com alguém era e é ter comunhão com uma pessoa. Jesus está dizendo aos

crentes que há um potencial de comunhão rica e profunda com ele, que permitirá conhecer a ele e ao seu amor, mas que não se costuma explorar.

Por causa da ressurreição, ele não é um autor falecido que só conhecemos por meio de seus livros. Ele está vivo e nos chama: “Eis-me aqui”, ele diz a você (Ap 3.20). Abra a porta, ame-o e ouça-o. Aqueles que fizerem, “despertarão do desespero e porão de lado as imaginações das trevas”.¹³

¹ Veja o capítulo 12 (“Esperança para o futuro”) para mais informações sobre o modo pelo qual esse otimismo e esperança acerca do futuro se desenvolveram historicamente no Ocidente.

² Pew Research Center, “Once again, the future ain’t what it used to be”, May 2, 2006, p. 1, disponível em: <https://www.pewresearch.org/social-trends/2006/05/02/once-again-the-future-aint-what-it-used-to-be/>, acesso em: 23 ago. 2021.

³ Steven Pinker, *The better angels of our nature: why violence has declined* (New York: Viking Books, 2011); e *Enlightenment now: the case for reason, science, humanism, and progress* (New York: Viking Books, 2018) [publicado em português por Companhia das Letras sob o título *Os anjos bons da nossa natureza: por que a violência diminuiu*]; [publicado em português por Companhia das Letras sob o título *O novo Iluminismo: em defesa da razão, da ciência e do humanismo*].

⁴ Yuval Noah Harari, *Homo Deus: a brief history of tomorrow* (New York: Harper, 2017), p. 1-2. [publicado em português por Companhia das Letras sob o título *Homo Deus: uma breve história do amanhã*]. Para este excerto, consulte: <https://medium.com/thrive-global/the-new-human-agenda-d0ae506779a>.

⁵ Pew Research Center, “Once again, the future ain’t what it used to be”, May 2, 2006, p. 1-2, disponível em: <https://www.pewresearch.org/social-trends/2006/05/02/once-again-the-future-aint-what-it-used-to-be/>, acesso em: 23 ago. 2021.

⁶ Kim Parker, Rich Morin e Juliana Horowitz, “Looking to the future, public sees an american decline on many fronts”, Pew Research Center, March 21, 2019, disponível em: <https://tinyurl.com/yxcdd4vw>, acesso em: 23 ago. 2021.

⁷ Andrew Sullivan, “The world is better than ever. Why are we miserable?”, *New York*, March 9, 2018, disponível em: <https://nymag.com/intelligencer/2018/03/sullivan-things-are-better-than-ever-why-are-we-miserable.html>, acesso em: 23 ago. 2021.

⁸ Jürgen Habermas, *An awareness of what is missing: faith and reason in a post-secular age* (Malden: Polity Press, 2010), veja esp. p. 18-9.

⁹ Rod Dreher, “The germs that destroyed an empire”, *The american conservative*, April 24, 2020, disponível em: www.theamericanconservative.com/dreher/roman-empire-plague-germs-kyle-harper, acesso em: 23 ago. 2021.

¹⁰ Richard Gaffin apresenta um levantamento das teologias sistemáticas clássicas, tradicionais, para mostrar como a cruz e a expiação recebem muito mais atenção do que a ressurreição. Veja a alentada nota de rodapé n. 2 na p. 12 de Richard B. Gaffin, *Resurrection and redemption: a study in Paul's soteriology* (Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 1987).

¹¹ Sam Allberry, *Lifted: experiencing the resurrection life* (Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 2012), p. 15-6.

¹² Christopher Watkin, *Michel Foucault* (Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 2018), p. 81.

¹³ De J. R. R. Tolkien, *The Silmarillion* (Boston: Houghton Mifflin, 1977), p. 31 [publicado em português por Martins Fontes sob o título *O Silmarillion*]. Estas palavras descrevem Gandalf, um dos vários “tipos de Cristo” dessa mitologia popular.

CAPÍTULO 1

UMA CERTA ESPERANÇA



Irmãos, lembro-vos do evangelho que vos anunciei [...] Porque primeiro vos entreguei o que também recebi: Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; “e foi sepultado; e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras;” e apareceu a Cefas, e depois aos Doze. Depois apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez, e a maior parte deles ainda vive, mas alguns já faleceram. Depois apareceu a Tiago, e a todos os apóstolos. E, depois de todos, apareceu também a mim, como a um nascido fora do tempo certo. Pois sou o menor dos apóstolos, indigno de ser chamado apóstolo, porque persegui a igreja de Deus. Mas, pela graça de Deus, sou o que sou. E a sua graça para comigo não foi ineficaz. De fato, trabalhei muito mais que todos eles, todavia não eu, mas a graça de Deus que está comigo (1Co 15.1,3-10).

O cerne da fé cristã é o evangelho. “É o poder de Deus para a salvação”, diz Paulo em Romanos 1.16. O evangelho é infinitamente rico e propicia farto esclarecimento, conforme se vê nos livros de Gálatas e Romanos.

Contudo, a importância dessa passagem em 1Coríntios é que Paulo nos apresenta o evangelho sucintamente, o que nos permite ter uma visão mais nítida de todos os aspectos e pontos que o constituem. A passagem nos diz que o cristianismo é uma fé histórica, racional e generosa.

Uma fé histórica

O evangelho começa com o relato de certos eventos históricos. O cristianismo aparece apropriadamente como uma experiência de mudança de vida, porém, ele só o transformará se você aceitar que certos eventos ocorridos na história aconteceram de fato.

Quando cursava a universidade, fiz cursos sobre as religiões do mundo. Olhando em retrospectivas o que estudei, ficou claro que nenhuma outra fé começou com dizeres do tipo: “Acima de tudo e, antes de qualquer coisa, é preciso que você creia que esses fatos históricos ocorreram”. Certamente as religiões têm histórias sobre suas origens e relatos sobre vários heróis da fé. Tais histórias, porém, são apresentadas principalmente como exemplos a serem imitados. A mensagem principal sempre foi: “Viva desta maneira e encontrará o caminho da sabedoria e a unidade com o infinito”.

O cristianismo não diz a ninguém inicialmente “veja como você deve viver”, e sim “eis aqui o que Jesus fez por você na história”. Em primeiro lugar, ele morreu pelos nossos pecados e foi sepultado; em segundo lugar, ressuscitou ao terceiro dia e apareceu a muitas testemunhas oculares.

Uma fé não histórica?

Um dos motivos para se acentuar a historicidade da crucificação e da ressurreição se explica pela necessidade de introduzir uma nota de

advertência sobre a campanha contínua deflagrada há dois séculos para a criação de um cristianismo liberal que se pareça mais com outras religiões.

Na primeira parte do século 19, houve um movimento que pretendia remover os elementos sobrenaturais do cristianismo para deixá-lo mais próximo das sensibilidades modernas. Friedrich Schleiermacher ensinava que o cristianismo não era uma questão de fé em eventos históricos, e sim um sentimento interno de dependência de Deus. Albrecht Ritschl dizia que não podíamos mais crer em milagres; por isso, tínhamos de reler os relatos do nascimento, morte e ressurreição de Jesus encarnado não como eventos históricos, mas como lendas, parábolas e exemplos de como viver. O raciocínio básico desse movimento era algo do tipo: “Há muitos elementos supersticiosos e milagrosos na fé cristã. As pessoas de hoje em dia não podem acreditar que essas coisas realmente aconteceram. Portanto, se quisermos ter algum apelo para o mundo moderno, temos de reinterpretar tais eventos e reduzi-los à ficção, porém, uma ficção que preserve os princípios essenciais de vida contidos na fé cristã”.

De que maneira esse programa de modernização trata a Páscoa, a doutrina de que Cristo ressuscitou fisicamente dos mortos? A nova versão diz mais ou menos o seguinte: “Não podemos mais acreditar em uma ressurreição literal, física e histórica. Mas, espere, não vamos nos desfazer da *ideia* da Páscoa. A natureza não nos ensina que depois do inverno vem a primavera? Que até mesmo em um desastre e depois da morte um novo começo é possível? Que até mesmo nas fatalidades que nos sobrevêm é possível descobrir lições e que podemos crescer e começar novamente? Esse é o princípio da Páscoa”.

O cristianismo liberal ensinou que não importa se tais eventos ocorreram de fato na história da vida de Jesus. O que importa é que os

cristãos sejam pessoas boas, éticas, que amem uns aos outros e que façam do mundo um lugar melhor. Trata-se de um esforço para criar uma fé não histórica, que não esteja fundamentada no que Deus realmente fez na história, mas apenas naquilo que fazemos e no modo como vivemos. O cristianismo liberal procura, inclusive, se ver na história como o cristianismo original e verdadeiro. Diz ele que o Jesus original era simplesmente um mestre humano de justiça e de amor. Somente décadas mais tarde, os elementos miraculosos e sobrenaturais foram introduzidos nas lendas sobre sua vida e, só então, ele foi apresentado como Filho de Deus que ressuscitou dos mortos. De acordo com essa versão, a fé original nada tinha que ver com eventos históricos milagrosos; em vez disso, era simplesmente uma ética de amor.

Esse relato, porém, não é de fato uma versão atualizada do cristianismo. Pelo contrário, o que se tem é a criação de uma religião totalmente distinta. A mensagem singular do cristianismo — de que somos salvos não pelo o que *nós* fizemos, mas pelo o que *Deus* fez — é aniquilada. O peso esmagador da salvação própria é recolocada diretamente sobre o crente, ao passo que o evangelho histórico nos alivia desse fardo.

A diferença gritante entre o cristianismo liberal e a fé original ficou célebre na formulação de H. Richard Niebuhr. Ele descreveu da seguinte forma o liberalismo: “Um Deus destituído de ira levou para um Reino, sem julgar, homens que não pecaram graças às ministrações de um Cristo sem Cruz”.¹ Ele poderia ter acrescentado: e sem ressurreição. O cristianismo liberal — uma mensagem de simples amor ético e de esperança — jamais poderia ter mudado a vida de alguém, muito menos virado de cabeça para baixo o mundo romano inteiro.

A mensagem original, eletrizante, era a seguinte: o poder de Deus veio de fora da história e entrou no mundo. Jesus morreu pelos nossos pecados em nosso lugar, de modo que, pela fé, podemos conhecer esse amor e a garantia da vida eterna — tudo de forma gratuita, como um presente. Além disso, ele ressuscitou dos mortos para introduzir na história os poderes do mundo vindouro, nos quais todos seremos ressuscitados e toda lágrima será enxugada (Hb 6.5; 2Pe 3.13; Rm 8.18-25). Porque a morte de Jesus pelo pecado e a ressurreição aconteceram na história, tudo mudou. *Tudo.*

Em 1Coríntios 15.14, diz Paulo: “E, se Cristo não ressuscitou, então a nossa pregação é inútil”. O termo grego para *inútil* é *kenos*, isto é, sem poder. Paulo está dizendo que meras exortações éticas — que “temos de trabalhar contra a injustiça” ou “que temos de ter esperança em face da ansiedade” — por mais corretas que estejam, são, não obstante, *impotentes* se Jesus não tiver ressuscitado dos mortos na história. Se ele ressuscitou, temos não apenas motivo, neste mundo, para trabalhar pelo bem, como temos também poder interior verdadeiro para fazer o bem. Contudo, se ele não ressuscitou, então os filósofos da antiguidade e os cientistas modernos estão ambos de acordo: o mundo será consumido pelo fogo um dia, não haverá quem esteja vivo para se lamentar por ele e nada que façamos fará alguma diferença.

O cristianismo liberal, embora esteja hoje em profundo declínio entre os crentes, contudo, é muito difundido nos meios de comunicação modernos, para os quais é a única versão viável da fé.² No entanto, uma fé não histórica — uma fé que não seja sobrenatural — simplesmente nada pode por si mesma. Ela não mudou vidas e nem o mundo quando surgiu e não o fará agora. Conforme escreveu John Updike:

Não se engane: se ele ressuscitou mesmo

*foi com seu corpo;
se a dissolução das células não foi revertida, as moléculas
reconectadas, os aminoácidos reanimados
a igreja cairá.*

*Não foi como as flores
que ressurgem em cada suave primavera;
não foi com seu Espírito nas bocas e olhos
aturdidos dos onze apóstolos;
foi com sua Carne: nossa.*

*Os mesmos dedos articulados
o mesmo coração e suas válvulas
que — perfurado — morreu, murchou, parou e, então,
reconquistou de permanente poder
novas forças para sustentar.*

*Não debochemos de Deus com metáforas,
analogias, esquivando-nos da transcendência;
fazendo do evento uma parábola, um símbolo pintado na
apagada credulidade de eras antigas:
entremos pela porta.*

*A pedra foi rolada, não papel machê,
não uma pedra de contos de fadas,
mas a vasta rocha da materialidade que no lento
moer do tempo vai eclipsar para cada um de nós
a vasta luz do dia.*

*E, se vamos ter um anjo na tumba,
que seja um anjo real,
pesado com os quanta de Max Planck, vívido com cabelos,
opaco na luz do amanhecer, vestido com linho de verdade*

feito em um tear definido.

*Não busquemos deixar a coisa menos monstruosa,
para nossa conveniência, nosso senso de beleza,
para que, despertos naquela hora impensável, nós
não sejamos envergonhados pelo milagre
e esmagados pelo julgamento.³*

Uma fé conforme a razão

Como o cristianismo é uma fé histórica, ele é também conforme a razão, e 1Coríntios 15 está repleto de razões para crer. Há muitas teorias modernas que explicam a tese da ressurreição, mas esses versículos respondem a todas elas.

Uma das teorias mais antigas é que as lendas sobre a ressurreição de Jesus foram elaboradas durante muitas décadas depois que os eventos de fato haviam desaparecido da memória viva. Contudo, o texto de 1Coríntios é em si mesmo uma evidência que vai contra essa visão. Atualmente, os versículos 3 a 7, de acordo com a maior parte dos estudiosos do Novo Testamento, não seria uma formulação original de Paulo, mas um resumo antigo do evangelho usado pela igreja primitiva na evangelização e na catequese à qual Paulo recorre. Conforme ele diz no versículo 3, essas palavras foram “recebidas”, não foram criadas por ele, e, em seguida, “passadas adiante” a outros. Os estudiosos notam também que o vocabulário desses versículos “segundo as Escrituras”, “no terceiro dia”, “os Doze” não são termos que o apóstolo use em outros escritos seus. Portanto, esse era um resumo do evangelho já de uso difundido pelos cristãos em torno do mar Mediterrâneo quando Paulo escreveu. Uma vez que esta carta aos coríntios

foi escrita quinze ou vinte anos aproximadamente depois da morte de Jesus, o renomado estudioso bíblico John Dunn conclui que “temos plena certeza” de que esse resumo de 1Coríntios 15.3-7 “foi elaborado [...] em questão de meses depois da morte de Jesus”.⁴

Desse modo, refuta-se a teoria de que a ressurreição de Jesus foi uma lenda criada depois que todos presentes em sua morte haviam morrido. Em vez disso, esse texto demonstra que quase instantaneamente milhares de judeus estavam adorando Jesus como Salvador e Senhor ressurreto (At 2.41). Diferentemente dos romanos, os judeus “não acreditavam que um homem pudesse se tornar deus [...] [Tais] ideias [eram] tão repulsivas quanto [...] repelentes [...] Não eram blasfêmias apenas, eram loucura”.⁵ Um movimento crescente de judeus que adoravam um ser humano como Filho de Deus era algo que não tinha precedente algum. E aconteceu imediatamente depois da morte de Jesus. Alguma coisa extraordinária deve ter acontecido para que isso ocorresse. Se não foi a ressurreição, o que poderia ter sido?

Paulo diz também que Jesus ressuscitou “no terceiro dia”, o que derruba uma segunda teoria moderna segundo a qual os primeiros seguidores de Jesus não viram literalmente o Cristo ressurreto com seus olhos, tendo tão somente experimentado sua presença contínua com eles no coração. “O terceiro dia” mostra que a ressurreição de Jesus foi um evento real marcado por um carimbo temporal.

Em seguida, Paulo discorre longamente sobre Jesus ressuscitado dizendo que ele “apareceu a Cefas e, depois, aos Doze. Depois apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez, e a maior parte deles ainda vive, mas alguns já faleceram. Depois apareceu a Tiago e a todos os apóstolos. E, depois de todos, apareceu também a mim, como a um nascido fora do

tempo certo” (1Co 15.5-7). Essa lista desafia uma terceira hipótese moderna: a de que a ressurreição foi um embuste. O problema não é apenas que Pedro, Tiago, irmão de Jesus, e o próprio Paulo afirmam ter visto literalmente Cristo ressurreto dos mortos. Jesus também apareceu a quinhentas pessoas de uma só vez. Havia literalmente centenas de testemunhas oculares que corroboravam o fato.

O leitor contemporâneo talvez ache que nos dias de Paulo todo o mundo era extremamente crédulo e supersticioso. Portanto, se você quisesse dizer que o fundador de sua religião havia ressuscitado dos mortos, bastaria dizer: “Ele ressuscitou, creiam porque sou eu que estou dizendo”. Em vez disso, Paulo escreve como se seus leitores não estivessem dispostos a aceitar tal afirmação sem evidências — de modo muito parecido com as pessoas de hoje em dia. Portanto, mais de 75% das palavras nessa apresentação do evangelho são dedicadas a ouvir as testemunhas oculares da ressurreição. Quando o apóstolo fala seus nomes e diz “a maior parte deles ainda vive”, ele está convidando qualquer um a buscá-los para ouvir pessoalmente seu testemunho ocular. Em outras palavras, Paulo *não é* o que se conhece como “fideísta”, alguém que diz: “Não tenho argumentos ou razões para lhe oferecer; você terá de dar um salto de fé no escuro e crer no que estou lhe dizendo, apesar de não haver evidências”.

Poderíamos perguntar por que o público daquela época hesitaria tanto em acreditar em uma coisa como a ressurreição. Certamente, as pessoas naquele tempo *eram* menos céticas em relação à ideia de milagres do que as pessoas dos dias de hoje, certo? Contudo, em seu livro *A ressurreição do Filho de Deus*, N. T. Wright explica exhaustivamente que tanto a cultura greco-romana quanto o judaísmo daquela época nutriam crenças muito arraigadas que tornavam impossível acreditar na ideia da ressurreição física de alguém.

Os judeus dos dias de Jesus ou não criam na ressurreição de modo algum ou criam apenas em uma ressurreição geral dos justos no fim dos tempos, quando o mundo todo fosse renovado. O que eles não achavam possível de jeito nenhum era a ressurreição específica, individual, no decurso da história, enquanto o mal, o sofrimento e a morte continuavam como antes.⁶ Isso, portanto, refuta uma quarta crença moderna, a de que os seguidores de Jesus estavam de tal modo angustiados e desejosos de vê-lo vivo novamente que acabaram por convencer a si mesmos de que ele havia ressuscitado. Wright defende enfaticamente que isso não poderia ter acontecido. Tal ressurreição seria simplesmente inimaginável para os judeus. Foi graças exclusivamente à evidência do sepulcro vazio e ao relato das testemunhas oculares que eles foram capazes de vencer seu ceticismo profundo em relação à ideia da ressurreição.

Qualquer historiador do primeiro século veria que [...] independente do que os cristãos primitivos esperavam, queriam, almejavam, aquilo pelo que oravam, *não* foi o que disseram que aconteceu depois da Páscoa [...] Alguma coisa havia *acontecido*, algo que não era de modo algum o que esperavam ou almejavam, algo em torno de reconstruir a vida.⁷

Evidências de Paulo para a ressurreição

Em Atos 26, Paulo se dirigiu ao rei Agripa e a Festo, o governador romano. Ele discorreu sobre a morte e ressurreição de Cristo. No meio do discurso, Festo exclamou: “Estás louco, Paulo! As muitas letras te levaram à loucura!” (At 26.24). A resposta do apóstolo foi respeitosa, mas surpreendentemente confiante.

“Não estou louco, ó excelentíssimo Festo; pelo contrário, estou dizendo palavras verdadeiras e de perfeito juízo. Porque o rei, diante de quem falo com liberdade, sabe dessas coisas. Não creio que algo disso lhe seja desconhecido; porque essas coisas não aconteceram em algum canto, às escondidas” (At 26.25,26).

Paulo diz que sua fé na ressurreição é “razoável” — uma palavra que diz respeito ao pensamento criterioso, racional. Ele não está fazendo afirmações pura e simplesmente; está apresentando argumentos. Paulo também pode dizer com certeza a Agripa que ele sabia dos fatos da morte de Jesus, da sepultura vazia e dos relatos das testemunhas oculares sobre a ressurreição, porque essas coisas “não aconteceram em algum canto”. Elas eram de conhecimento público e, portanto, havia evidências substanciais do que ele estava dizendo.

Paulo faz em 1Coríntios 15 por seus leitores, presentes e futuros, o que fez perante Agripa e Festo. Para resumir, ele apresenta dois argumentos principais para a ressurreição.

Em primeiro lugar, o sepulcro estava vazio. O resumo do evangelho não diz simplesmente que Jesus morreu, diz também que “ele foi sepultado”. Isso seria supérfluo, a não ser que fosse para destacar que não se tratava de um evento “espiritual”, mas que o corpo havia desaparecido e o túmulo estava vazio.⁸ O túmulo vazio é um fato aceito pela maior parte dos estudiosos, inclusive por aqueles que não aceitam a ressurreição. Era extremamente importante para os judeus enterrar as pessoas e não deixar seus corpos expostos à decomposição.⁹ E o texto de 1Coríntios — bem como o resumo do evangelho — prova que os cristãos primitivos criam e proclamavam a ressurreição de Jesus dos mortos. Portanto, “é difícil imaginar que a crença

em um Jesus ressurreto pudesse ir muito longe se qualquer um podia facilmente apontar o túmulo no qual ele ainda se encontrava”.¹⁰

O segundo argumento principal é que muitas pessoas, em circunstâncias diversas, testificavam que haviam visto o Jesus ressurreto. Não estamos falando de uma única aparição, ou de várias aparições em um local remoto onde pudessem ser encenadas. Peter Williams apresenta uma lista delas:

Há registros de aparição do Jesus ressurreto na Judeia (Mt 28.9; Lc 24.31,36) e na Galileia (Mt 28.16-20; Jo 21.1-23), na cidade (Lc 24.36) e no campo (Lc 24.15), em ambientes internos (Lc 24.36) e externos (Mt 28.9, 16; Lc 24.15; Jo 21.1-23), de manhã (Jo 21.1-23) e à noite (Lc 24.29, 36; Jo 20.19), aparições anunciadas antecipadamente (Mt 28.16) e sem anúncio prévio (Mt 28.9; Lc 24.15, 34,36; Jo 21.1-23), perto (Mt 28.9,19; Lc 24.15,36; Jo 21.9-23) e longe (Jo 21.4-8), no alto do monte (Mt 28.16) à margem de um lago (Jo 21.4), a grupos de homens (Jo 21.2; 1Co 15.5,7) e a grupos de mulheres (Mt 28.9), a indivíduos (Lc 24.34; 1Co 15.5,7,8) e grupos de até 500 pessoas (1Co 15.6), grupos de pessoas sentadas (Jo 21.15, implícito), pessoas de pé (Jo 21.4), pessoas caminhando (Lc 24.15; Jo 21.20-22), comendo (Lc 24.43; Jo 21.15) e *sempre* falando (Mt 28.9,10, 18-20; Lc 24.17-30,36-49; Jo 20.15-17,19-29; 21.6-22). Muitas vezes, foram encontros próximos em que houve diálogo. É difícil imaginar esse padrão de aparições (registradas) nos Evangelhos e nas cartas dos cristãos primitivos sem que houvesse inúmeros indivíduos que diziam ter visto Jesus ressuscitado dos mortos.¹¹

Muitos tentaram explicar de todos os modos esses relatos oculares. A teoria mais comum é que foram simplesmente inventados pelos autores do

Novo Testamento. Contudo, aqui neste documento público primitivo solidamente comprovado, Paulo diz que a maior parte dessas testemunhas ainda estavam vivas e podiam ser facilmente localizadas. Tais declarações teriam sido impossíveis se as testemunhas não existissem. Além disso, conforme é observado com frequência, os Evangelhos dizem que as primeiras testemunhas da ressurreição foram mulheres. Uma vez que as mulheres naquela cultura patriarcal não podiam testemunhar nos tribunais,¹² não haveria razão plausível para que os autores dos Evangelhos as tivessem inventado. A única razão historicamente plausível para que as mulheres fossem citadas como testemunhas oculares do Cristo ressurreto é que elas de fato o viram.

Conforme observamos anteriormente, alguns explicam as aparições do ressurreto como realização de um desejo psicológico, alucinações ou visões extáticas das testemunhas. Contudo, a variedade de vezes e de circunstâncias dos encontros torna tal suposição extremamente improvável. Por exemplo, como podem quinhentas pessoas ter a mesma alucinação de uma só vez?¹³ E como diz Wright, era inconcebível para a visão de mundo judaica que uma única pessoa apenas pudesse ressuscitar no decorrer da história. Também não teria ocorrido aos discípulos de Jesus inventar tal ideia, assim como tampouco conseguiriam convencer outros judeus a crer nela se a tivessem inventado. Teria sido preciso que houvesse uma evidência extraordinária, difícil de negar, contundente, para que os judeus do primeiro século abrissem mão de tudo o que haviam aprendido e crer que Jesus era o Filho de Deus ressurreto. De acordo com 1Coríntios 15, foi exatamente isso que lhes foi comunicado.¹⁴

Portanto, restam-nos dois fatos difíceis de refutar: que o sepulcro estava vazio e que centenas de pessoas disseram ter visto o Cristo ressurreto. Se

tivéssemos apenas o sepulcro vazio, faria sentido que o corpo fora roubado. Se tivéssemos apenas os testemunhos, diríamos que só podiam ser fantasiosos. Juntos, porém, constituem evidência de que alguma coisa extraordinária aconteceu. N. T. Wright diz que se excluirmos a ressurreição, teremos um desafio extraordinário: apresentar outra explicação historicamente possível para esses dois fatos, bem como para o nascimento da própria igreja. Diz Wright:

Os cristãos primitivos não inventaram o sepulcro vazio e os encontros com o Jesus ressuscitado ou suas aparições [...] Ninguém esperava esse tipo de coisa; nenhuma experiência de conversão de que tipo fosse a teria inventado, não importa o quanto aquelas pessoas se sentissem culpadas (ou quanto se sentissem perdoadas), não importa quantas horas tivessem se aprofundado nas Escrituras. Dizer outra coisa é parar de fazer história e entrar em nosso mundo pessoal de fantasia.¹⁵

A evidência da ressurreição nos Evangelhos

A essas duas evidências básicas podemos acrescentar uma terceira, uma evidência a que aludimos na introdução e que advém dos relatos da ressurreição registrados nos Evangelhos. Poderíamos chamar esta categoria de “estranheza do Jesus ressuscitado”. John Polkinghorne, por ocasião das Preleções Gifford, diz que as primeiras testemunhas oculares não foram capazes de reconhecer o Cristo ressurreto, o que lhe parece um fato notável. Ele diz que se as pessoas daquela época (ou da nossa) fossem inventar uma história sobre alguém que tivesse ressuscitado, teriam recorrido a dois tipos de lendas de gente que volta dos mortos: descrevendo-o ou como “uma figura celestial eletrizante ou como um cadáver ressuscitado”.¹⁶ É o que

pensa também N. T. Wright. Havia histórias na tradição judaica apocalíptica de figuras que apareciam “envoltas em luz ofuscante ou dotadas de um brilho estonteante, ou revestidas de nuvens”. Daniel 12.2,3 descreve os ressuscitados no fim dos tempos e diz que “resplandecerão como o fulgor do firmamento”. Em 1Samuel 28, lemos que o rei Saul conversa com o espírito do profeta Samuel, já falecido, que aparece como “um espectro” (v. 13). Não há dúvida de que os autores do Evangelho, se quisessem inventar uma história em que Jesus houvesse ressuscitados dos mortos, eles poderiam ter recorrido a relatos desse tipo e descrito Jesus com aspecto brilhante demais para que se pudesse olhar para ele ou como um fantasma que inspirasse medo. Em vez disso, o Cristo ressurreto aparenta ser perfeitamente comum — “como um ser humano entre outros seres humanos”.¹⁷

Por outro lado, segundo Polkinghorne, se os autores do Evangelho não cresseem que Jesus fora transformado por Deus, ou que fosse um espírito, mas simplesmente um ressuscitado, trazido de volta à vida como o foi Lázaro, então certamente sua aparência seria exatamente a mesma. Não há indicação alguma de que alguém tivesse tido algum problema para reconhecer Lázaro depois que ele ressuscitou (Jo 11). Contudo, nas narrativas da ressurreição de Jesus, sua aparência é de tal forma distinta que os discípulos não o reconhecem, só depois. A analogia mais próxima seria o reencontro, agora na meia-idade, com um amigo de infância a quem não víamos desde a adolescência. No primeiro momento, não o reconheceríamos, só depois de examiná-lo mais de perto. Portanto, vê-se aqui que Jesus demonstra ter um corpo ressuscitado — bastante humano e em continuidade com seu corpo anterior (ainda se veem as feridas dos pregos usados na crucificação, Jo 20.27) — porém transformado.

Wright acrescenta que o corpo de Jesus também é “transfísico”. Ele pode ser tocado, alimenta-se com um peixe (Lc 24.36-43) e, no entanto, o Evangelho fala por duas vezes que ele entrou em ambientes cujas portas estavam fechadas (Jo 20.19,26). Jesus não é um espírito e, tampouco, uma aparição resplandecente, também não tem um corpo humano normal redivivo. Simplesmente não havia nada parecido com isso na literatura e em lendas judaicas ou greco-romanas a que os autores do Evangelho pudessem ter recorrido. Tratava-se de categorias conceituais totalmente novas que se afastavam substancialmente de tudo o que qualquer religião ou cultura jamais tivesse imaginado anteriormente. Era uma forma totalmente nova de pensar o corpo e o espírito.

Wright e Polkinghorne dizem que é extremamente improvável que alguém que tivesse inventado histórias sobre a ressurreição pudesse ter concebido um Cristo ressurreto assim. Ninguém poderia ter imaginado isso. “Histórias que tivessem sido simplesmente inventadas não recorreriam a um tema estranho como esse”, conclui Polkinghorne. “Pelo contrário, me parece provável que se trate do núcleo de uma lembrança genuinamente histórica”.¹⁸

Por fim, podemos acrescentar um quarto tipo de evidência para a ressurreição tomando por base a história da igreja primitiva. N. T. Wright analisa o fato inexplicável da fé na ressurreição pela igreja primitiva. Para a modernidade, os antigos achavam possível a ressurreição dos mortos “mas hoje, depois de centenas de anos de investigação científica à disposição, sabemos que os mortos continuam mortos”. Wright, porém, acrescenta que esse jeito moderno de compreender a perspectiva dos antigos “é ridículo”. Diz ele: “A evidência [histórica] era vasta e a conclusão a que se chegava era universal [...] O paganismo antigo contém todo tipo de teoria, mas sempre

que se menciona a ressurreição dos mortos, a resposta é inequivocamente negativa: sabemos que isso não acontece”.¹⁹

Mas e o judaísmo? Wright diz que a maior parte dos judeus do primeiro século acreditava em uma ressurreição física dos justos no fim dos tempos. E, no entanto, a crença dos cristãos na ressurreição praticamente da noite para o dia introduziu “mudanças significativas” ou o que ele chama de “mutações”. Diferentemente do judaísmo, que continha uma série de crenças e ênfases (e ceticismo) relativamente à ressurreição, *todos* os cristãos creram imediatamente na ressurreição, que era central para sua fé. O judaísmo especulara que as pessoas ressuscitadas teriam um corpo ressuscitado que seria basicamente idêntico. No entanto, conforme vimos, os cristãos acreditavam que o corpo ressurreto seria físico, porém teria várias propriedades e poderes novos. O judaísmo também ensinava que se houvesse ressurreição, ela só se daria no fim da história, mas os cristãos insistiam que ela já havia ocorrido a uma pessoa no decurso da história. Por fim, nenhum judeu acreditava que o Messias morreria e ressuscitaria, nem que um ser humano pudesse ser o Filho de Deus. Contudo, os primeiros cristãos, a maioria deles judeus, creram exatamente nisso.²⁰

Desse modo, a crença da igreja primitiva na ressurreição rompia radicalmente com a cultura e o pensamento humanos ao longo da história. Não houve disputas no interior da igreja primitiva a esse respeito — a nova crença foi imediata. Diz Wright: “Essas mutações são de tal modo surpreendentes em um campo da experiência humana em que as sociedades tendem a ser muito conservadoras que o historiador se vê forçado [...] a perguntar: ‘Por que elas ocorrem?’” Se os historiadores se debruçarem sobre essa pergunta, concluirão que é difícil encontrar uma explicação plausível para o rompimento imediato dos cristãos com todas as demais crenças,

inclusive com aquelas nas quais foram criados. Wright conclui que é “impossível [...] entender a fé cristã primitiva em Jesus como Messias sem a ressurreição”.²¹

É possível saber que a ressurreição aconteceu?

Isso tudo *prova*, para além de qualquer sombra de dúvida racional, que a ressurreição de Jesus Cristo ocorreu de fato? Conforme observam Wright e outros, nenhum evento da história passada pode ser empiricamente provado da mesma forma como se testa alguma coisa em laboratório. Não há como saber que William, o Conquistador, invadiu a Inglaterra, em 1066, exatamente da mesma maneira que sabemos como um composto se liquefaz em determinadas temperaturas. Contudo, tão logo tenhamos feito a distinção, ainda é possível dizer que sabemos que as coisas aconteceram na história se houver evidências em número suficiente que as comprovem.

Mas e quanto à ressurreição? Se pedirmos aos historiadores que respondam a pergunta: “Que explicação você tem para o rápido desenvolvimento dessa nova perspectiva da ressurreição e para o crescimento explosivo da igreja?”, terão de respondê-la historicamente. Mesmo que sustentem um pressuposto filosófico que descreia dos milagres, ainda assim terão de encontrar outra explicação que seja historicamente possível e, conforme diz Wright, isso não é de modo algum fácil. “Ninguém nunca apresentou outras explicações, em dois mil anos de ceticismo sarcástico [...] que possa responder satisfatoriamente como foi que o túmulo apareceu vazio, como os discípulos viram a Jesus e como a vida deles e sua visão de mundo foram transformadas”.²²

Isso significa que, por um lado, o uso da razão humana apenas não pode nos forçar a crer na ressurreição. Há espaço para a dúvida intelectual em

praticamente qualquer evento histórico. Por outro lado, vê-se que a crença na ressurreição de Cristo *não* é um salto no escuro. Ela deixou uma pegada enorme, por assim dizer, na história. É por isso que a ressurreição “coloca aquele tipo de desafio à visão de mundo mais ampliada do historiador e do cientista”. A fé na ressurreição não é fé cega que rejeita a razão humana — ela “transcende, porém, inclui o que chamamos de história e o que chamamos de ciência”.²³

De fato, praticamente nada de importante em que baseamos nossa vida pode ser provado por demonstração. Nossos valores morais, nossas crenças sobre a natureza humana, nossas crenças a respeito do universo material, se foi ele causa de si mesmo ou se foi criado por Deus — todas essas suposições fundamentais acerca da realidade se dão através da combinação do raciocínio, das evidências e da fé.²⁴ É possível *saber*, por exemplo, que os seres humanos têm todos igual dignidade e direitos humanos? Embora haja inúmeras evidências para essa crença, os direitos humanos não podem ser cientificamente provados de tal modo que um cético qualquer seja forçado a aceitá-los. É possível *saber* que a ressurreição aconteceu? Mesmo que você creia, em bases racionais, que a ressurreição de Jesus provavelmente aconteceu, ainda assim é preciso ter fé para ser cristão.²⁵

Uma fé generosa

Portanto, embora Paulo tenha enfatizado o lado histórico e racional do cristianismo, ele não quer dizer com isso que basta simplesmente assentir intelectualmente às doutrinas e princípios. Temos de nos apropriar pessoalmente dessas verdades pela fé. Crer ou não na ressurreição jamais será um processo intelectual. Não somos computadores. Somos seres humanos de carne e osso e, quando confrontamos a ideia da ressurreição,

lidamos com ela não apenas com lógica, mas com toda uma vida de esperanças, temores e compromissos de fé preexistentes. Jamais seremos capazes de aceitá-la até que compreendamos nossa necessidade da graça de Deus.

É por isso que imediatamente depois do resumo de doutrina em 1Coríntios 15.3-8, Paulo acrescenta um testemunho de como essas verdades o mudaram pessoalmente.

Pois sou o menor dos apóstolos, indigno de ser chamado apóstolo, porque persegui a igreja de Deus. Mas, pela graça de Deus, sou o que sou. E a sua graça para comigo não foi ineficaz. De fato, trabalhei muito mais que todos eles, todavia não eu, mas a graça de Deus que está comigo (1Co 15.9,10).

O que foi que fez de Paulo uma pessoa completamente diferente? Por três vezes, ele usa a palavra *graça*. O homem conhecido anteriormente como Saulo não pensava de modo algum que precisasse de misericórdia e de perdão. Ele era, em seu entender, muito mais zeloso da verdade e de Deus do que qualquer outra pessoa que conhecia (Fp 3.6). Contudo, quando a vida o humilhou, e ele encarou suas falhas e sua insuficiência e viu que precisava da graça de Deus, isso o fez abrir os olhos às declarações e às verdades as quais se recusava a ver anteriormente.

Antes de nos tornarmos cristãos, muitos de nós nos imaginamos ser pessoas sinceras em busca da verdade. Achamos que somos pessoas muito boas. Contudo, a maior parte dos cristãos, como Paulo, olham em retrospectiva a sua vida e veem que jamais, de modo algum, buscaram com sinceridade a verdade. Eles queriam uma verdade e um Deus que se conformassem ao seu desejo de estar no controle da sua vida. E, no entanto,

Deus foi até eles, encontrou-os e ajudou-os bondosamente a ver sua cegueira e sua desconfiança injustificável em relação a ele.

Foi isso que aconteceu a Paulo. Ele achava que sabia quem Deus era e quem era Jesus, mas não tinha entendido nada. Há um filme de 1992, *Herói por acidente*, com Dustin Hoffman em que ele faz o papel de Bernie LaPlante. O personagem, correndo risco de vida, salva 54 pessoas de um avião acidentado em chamas. O enredo do resto do filme gira em torno do fato de que Bernie é um tipo nada heroico, sem graça, de tal modo que ninguém acredita no que ele fez. Em vez disso, o público escolhe um sujeito mais fotogênico e atraente e se convence de que foi ele que salvou os passageiros. As pessoas em torno de Bernie LaPlante dizem que ele não poderia ter feito aquilo. Mas ele fez. Elas achavam que o conheciam. Mas não conheciam. Seus olhos estavam cegos por coisas superficiais, por isso não conseguiam enxergar o verdadeiro heroísmo.

Paulo (assim como todos nós) também era cego espiritualmente à natureza da salvação. Ele achava que poderia salvar a si mesmo, que poderia fazer Deus abençoá-lo em razão do seu zelo e justiça. Ele achava que Jesus — aquele carpinteiro sem instrução, sem teto e desempregado que morreu como um criminoso amaldiçoado — não poderia ter sido um Salvador. Tampouco poderia ter ressuscitado dos mortos. Paulo não apenas entendeu tudo errado como, olhando em retrospectiva, ele sabia que *queria* que Deus fosse um Deus que ele pudesse controlar e *queria*, além disso, que Jesus fosse um falso mestre. Com isso, ele seria o piloto da sua vida. Ele não havia buscado a verdade com sinceridade. Merecia ser julgado e condenado por Deus.

Em vez disso, foi confrontado por Deus, perdoado por tudo e Deus o fez apóstolo! Por mais espetacular que tenha sido a reviravolta de Paulo, ele

insiste que, no fim, todos estamos na mesma condição espiritual básica. Diz ele:

Não há justo, nem um sequer. Não há quem entenda; não há quem busque a Deus. Todos se desviaram; juntos se tornaram inúteis. Não há quem faça o bem, nem um sequer (Rm 3.10-12).²⁶

Quando ele diz “não há justo”, ele não quer dizer com isso que não haja milhões de pessoas que, como Paulo, não tenham uma vida moral. O que ele nega, porém, é que, ao fazê-lo, estejam buscando realmente ao Deus verdadeiro. A menos que vejamos nossa cegueira espiritual e nossa necessidade do socorro de Deus, estaremos todos, tal como Paulo, vivendo uma vida boa sobretudo para nós mesmos, que nos permita estarmos no controle dela. Assim procedemos devido à visão distorcida de Deus que criamos a começar do nosso interesse pessoal.

Paulo foi levado a compreender a insuficiência de suas concepções em um encontro visual com Jesus. Para o resto de nós, há outras maneiras de sermos “impactados pela realidade”.

A pandemia da covid-19, em 2020, foi algo que o ser humano moderno, com sua fé na ciência e na tecnologia, não acreditava que pudesse acontecer. Ela trouxe a morte às nossas portas de maneiras que julgávamos impossível nos dias de hoje. As respostas a essa ameaça são variadas. Muitos, para provar seu destemor e liberdade, recusam-se a seguir quaisquer medidas de segurança e de precaução. Outros têm se mostrado extremamente preocupados com sua proteção pessoal sem se importar com os outros. Há brigas terríveis entre pais e professores em relação à reabertura ou não das escolas. Um lado acusa o outro de se preocupar consigo mesmo à custa da vida alheia. Durante a crise, muitas igrejas passaram a fazer os cultos

dominicais e outras reuniões online e, para sua surpresa, o público da internet foi muito maior do que o de membros. Isso quer dizer que ao menos alguns daqueles que estavam ali “dando uma olhada” não haviam pensado anteriormente que precisavam de apoio espiritual. O que todos nós precisamos nestes tempos aterrorizantes é fé na ressurreição.

Em 1527, quando a peste bubônica estava se espalhando pela Europa, o eleitor João (soberano de Lutero) ordenou ao reformador que partisse para salvar sua vida. Em vez disso, Lutero ficou para ministrar aos doentes e moribundos. Por fim, transformou a própria casa em hospital de campo. Em meio a isso, Lutero escreveu uma carta pública “Deve-se ou não fugir da praga mortal”. Trata-se de um documento notavelmente prudente e cheio de nuances, mas, que acima de tudo, demonstrava coragem diante da morte. Ele começa dizendo que alguns cristãos acreditavam que deveriam fugir, ao passo que outros achavam que deviam ficar. Lutero diz que ambos têm razão.

Em primeiro lugar, “fugir da morte [...] é uma tendência natural que foi implantada por Deus e não é proibida [...] Seria apropriado, portanto, buscar preservar a vida e evitar a morte se isso puder ser feito sem prejuízo ao nosso próximo”.²⁷ Lutero diz que arriscar a vida sem necessidade, apenas para, supostamente, demonstrar que não temos medo, é arrogante e imprudente. A vida não nos pertence — ela pertence a Deus — e toda vida humana é preciosa. A Bíblia ordena que os infectados façam quarentena (Lv 13—14), portanto, é errado se recusar a tomar precauções e medidas necessárias para deter a disseminação da doença. Assim, o “distanciamento” e tudo o mais que possa preservar a nossa vida e a vida dos outros é justo e bom.²⁸

Por outro lado, se o cristão se encontrar em situações em que seu afastamento da praga deixe alguém desprotegido, pela mesma razão (o valor infinito da vida humana) deverá dizer: “Cristo não quer que aqueles que são dele, e são frágeis, sejam abandonados [pelos fortes]”.²⁹ Se o enfermo em sua casa, em seu bairro ou cidade não puder ser tratado como deveria, devido ao seu afastamento, então não vá. De modo especial, Lutero disse que ministros, prefeitos, juízes “e outros semelhantes” devem ficar “e permanecer firmes diante do perigo da morte”.³⁰ Ele sabia da desordem em que podiam resvalar as comunidades se os trabalhadores da “linha de frente” abandonassem seus postos para se preservarem. “Abandonar toda uma comunidade [...] expondo-a a todo tipo de perigo, como incêndios, homicídios, insurreições e todo desastre imaginável é um grave pecado”.³¹ Lutero conclui que talvez seja correto fugir da praga, mas também pode ser errado e, portanto, todos devem avaliar sua situação e ninguém deverá condenar o outro pela decisão tomada. Que diferença da combinação de pânico, imprudência e recriminações constantes que observamos em nosso mundo durante a pandemia.

A razão da calma notável, porém, realista de Lutero à praga, deveu-se à ausência absoluta de medo da morte. O medo da morte pode nos levar ao protesto estridente contra medidas de segurança que cerceiam nossa liberdade como forma de superar nossas ansiedades, ou à capitulação a elas em pânico. Se vencermos o medo, porém, ele nos permitirá então formular a grande pergunta com mais objetividade: qual a coisa mais generosa a fazer nas minhas circunstâncias? Faça-a, então.

Lutero explica de onde vem o destemor. O evangelho nos libertou da “verdadeira pestilência espiritual” do pecado e de Satanás pela morte de

Jesus. Agora podemos “meditar” regularmente “[e] com reverência [...] sobre a morte e a ressurreição”.³²

Contudo, só tiraremos força da ressurreição se crermos que ela aconteceu.

Em maio de 1970, quando o presidente Richard Nixon elevou a escalada da Guerra do Vietnã ao enviar tropas americanas ao Camboja, muitos estudantes entraram em “greve” nos campus das universidades. Eu estava na Universidade de Bucknell, onde durante muitos dias os alunos se reuniam no quadrilátero central e, com um microfone aberto, permitiam que qualquer um se aproximasse e falasse. Foi uma época pacífica de discussão e de diálogo intensos. Alguns meses antes, eu tivera uma experiência vital de fé em Jesus e fazia parte de um grupo bastante pequeno, de dez a quinze cristãos, que se sentavam juntos no quadrilátero e ficavam imaginando como começar uma conversa. Por fim, alguém do grupo fez um cartaz e o pendurou. Assim, ao longo do dia, um ou dois de nós nos sentávamos perto dele, próximos da multidão. O cartaz dizia:

A RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO AO ALCANCE DO INTELECTO E DA REALIZAÇÃO EXISTENCIAL.

A maior parte das pessoas ignorou, uma ou duas nos brindaram com uma interjeição qualquer. Contudo, tive diálogos muito interessantes naquela semana. Foi, então, que me dei conta de que aqueles que tinham dúvidas enfrentavam dois problemas: o racional e o “existencial” ou pessoal. Uma moça disse que não precisava de evidências porque nem sequer lhe importava se a ressurreição aconteceu de fato. Ela não precisava de um salvador. Um jovem disse alguma coisa do tipo “mas eu não quero que o universo seja desse jeito e duvido que seja”.

Quando Paulo se encontrou com o Cristo ressurreto, foi para ele um desafio *tanto* racional quanto pessoal. Ele não apenas teve de vencer as sérias dúvidas que tinha de que era possível que houvesse uma ressurreição no decorrer da história e que um ser tão frágil pudesse ser o Messias. Teve também de compreender que sua justiça era insuficiente, que estava espiritualmente perdido e que nada menos do que a morte e a ressurreição do Filho de Deus poderia salvá-lo. Somente quando Paulo, que se achava o máximo, finalmente compreendeu que era o *menor* (1Co 15.9), foi que se tornou alguém grande.

Veja a notável autoimagem que Paulo tinha fundamentada na esperança viva na morte e ressurreição de Cristo para ele. Paulo não diz que era o *menor* dos apóstolos e que agora era o mais bem-sucedido. Também não diz que é um pecador indigno e, portanto, é claro que não fez muita coisa. Não, ele diz que *é* o menor dos apóstolos (e “o pior dos pecadores”, 1Tm 1.16) e, ao mesmo tempo, foi o que mais deu frutos. Conhecemos pouco dessa autoimagem. Para nós, ou pensamos muito bem de nós mesmos ou então não nos temos em grande conta. Paulo consegue manter juntas as duas avaliações, isto é, que em si mesmo é um homem com defeitos e pecador que merece ser rejeitado e, ao mesmo tempo, pela graça de Deus, é amado e produz frutos. Como isso é possível? Como pode Paulo dizer em um lugar “sou o pior dos pecadores” e, em seguida, rir confiante em face da morte, desafiando reis que poderiam dar cabo da sua vida, liderando esse movimento de mudança de vida?

Talvez você pense: “Se eu achasse que era o pior dos pecadores, faltaria pouco para me suicidar”. Se você pensa assim é porque ainda não compreendeu completamente o evangelho. Quando você crê que em Jesus Cristo o Pai o ama e o aceita totalmente, admite então seu pecado e suas

fraquezas sabendo, ao mesmo tempo, que ele o perdoará e o usará apesar disso. É por esse motivo que Paulo tem essa incrível autoimagem. É fantástico. Não há nada parecido.

A ressurreição aconteceu? Sim, mas você só irá aceitá-la se permitir que ela confronte não apenas sua razão e sua cabeça, mas também sua autoimagem e os compromissos do seu coração.

¹ H. Richard Niebuhr, *The kingdom of God in America* (Middletown: Wesleyan University Press, 1988), p. 193. Para uma crítica ampla e aguçada do cristianismo liberal como uma religião substancialmente diferente do cristianismo histórico, veja J. Gresham Machen, *Christianity and liberalism* (1923; nova ed., Grand Rapids: Eerdmans, 2009).

² Para um exemplo recente, veja Eliza Griswold, “Richard Rohr reorders the universe”, *The New Yorker*, February 2, 2020, www.newyorker.com/news/on-religion/richard-rohr-reorders-the-universe.

³ John Updike, “Seven stanzas at Easter”, *Collected Poems 1953—1993* (1993; reimp., New York: Alfred A. Knopf, 2012), loc. 769-87, Kindle. [Tradução em português: <https://pequenascatequeses.wordpress.com/2019/04/22/sete-estrofes-sobre-a-pascoa-seven-stanzas-at-easter-1960/>].

⁴ Veja James D. G. Dunn, *Jesus remembered: Christianity in the making* (Grand Rapids: Eerdmans, 2003), vol. 1, p. 855.

⁵ Tom Holland, *Dominion: how the Christian revolution remade the world* (New York: Basic Books, 2019), p. 6.

⁶ N. T. Wright, *The resurrection of the Son of God: Christian origins and the question of God* (Minneapolis: Fortress, 2003), vol. 3 [publicado em português por Paulus sob o título *A ressurreição do Filho de Deus*]. Para os gregos, o corpo físico era a prisão da alma, que se libertava com a morte. Portanto a vida depois da morte era uma “Via de Mão única”. As almas não retornavam aos corpos — os mortos não ressuscitavam. (Veja as páginas 81-4). Para um amplo levantamento do “judaísmo do segundo templo” — as crenças dos judeus da época de Jesus, consulte as p. 85-208.

⁷ *Ibidem*, p. 699-700. “A crença dos judeus na ressurreição exclui qualquer possibilidade de que a crença [na ressurreição de Cristo] possa ter se gerado espontaneamente do interior do contexto judeus. Quando indagamos aos cristãos primitivos o que ocasionou tal crença, as respostas convergem para duas coisas: [...] o túmulo vazio de Jesus [...] sua aparição às pessoas vivo novamente” (p. 686). “Muitos dos movimentos messiânicos entre cerca de 150 a.C. e 150 d.C terminavam com a morte violenta do fundador. Quando isso acontecia, havia duas opções possíveis a quem tivesse escapado da morte: abandonar o movimento ou encontrar para si um novo Messias. Os seguidores de um profeta morto poderiam, é claro, continuar a crer que ele fora um profeta verdadeiro [...] Contudo, no caso de um pretenso Messias, que devia inaugurar um reino, isso era impossível. Afinal de contas, ninguém esperava uma coisa dessas. Aferrar-se à crença de que a pessoa recentemente executada era, afinal de contas, o Messias, era algo simplesmente impossível” (p. 700).

⁸ “Este acréscimo à linha 1, ‘e que foi sepultado’ [...] destaca o fato de que um cadáver fora posto na sepultura, de modo que a ressurreição que se segue será tomada como realidade objetiva, e não como simples fenômeno ‘espiritual’. Portanto, embora a questão seja acidental no que toca ao apóstolo, esta expressão bastante remota da fé cristã também comprova a realidade das histórias da sepultura vazia”. Gordon D. Fee, *The First Epistle to the Corinthians* (Grand Rapids: Eerdmans, 1987), p. 725.

⁹ Veja Craig A. Evans, *Jesus and the remains of his day: studies in the evidence of material culture* (Peabody: Hendrickson, 2015), p. 109-45.

¹⁰ Peter J. Williams, *Can we trust the gospels?* (Wheaton: Crossway, 2018), p. 134.

¹¹ *Ibidem*, p. 134-35.

¹² Veja Josephus, *Jewish antiquities* 4.219, citado em *Ibidem*, n. 7, p. 134.

¹³ Alguns autores defenderam a tese implausível de que centenas de pessoas podem ter uma ilusão coletiva; veja, porém, Gary Habermas, “Explaining away Jesus’s resurrection: the recent revival of hallucination theories”, *Christian Research Journal* 23, n. 4 (2001): 26-31,47-9, disponível em: www.researchgate.net/publication/228846841_Explaining_Away_Jesus'_Resurrection_the_Recent_Revival_of_Hallucination_Theories, acesso em: 23 ago. 2021.

¹⁴ N. T. Wright, *The resurrection of the Son of God: Christian origins and the question of God* (Minneapolis: Fortress, 2003), vol. 3, p. 413 [publicado em português por Paulus sob o título *A ressurreição do Filho de Deus*]. Para

outra obra que organiza e apresenta um número considerável de evidências históricas sobre a ressurreição, veja Michael R. Licona, *The Resurrection of Jesus: An New Historiographical Approach* (Nottingham, UK: Apollos, 2010)

¹⁵ Ibidem, n. 63, p. 707.

¹⁶ John Polkinghorne, *The faith of a physicist* (Princeton: Princeton University Press, 2016), p. 115.

¹⁷ N. T. Wright, *The resurrection of the Son of God: Christian origins and the question of God* (Minneapolis: Fortress, 2003), vol. 3, p. 605 [publicado em português por Paulus sob o título *A ressurreição do Filho de Deus*].

¹⁸ John Polkinghorne, *The faith of a physicist* (Princeton: Princeton University Press, 2016), p. 114.

¹⁹ N. T. Wright, *Surprised by Scripture: engaging contemporary issues* (New York: HarperOne, 2014), p. 46 [publicado em português por Ultimato sob o título *Surpreendido pelas Escrituras*].

²⁰ Para um bom resumo das evidências baseadas na imagem de Jesus nas narrativas da ressurreição, e de como não se pode medi-las com nenhuma outra visão de mundo existente, veja N. T. Wright, “Resurrection narratives”, in: Kevin J. Vanhoozer, org., *Dictionary for theological interpretation of the Bible* (Grand Rapids: Baker Books, 2005), p. 675-766.

²¹ N. T. Wright, *Surprised by Scripture: engaging contemporary issues* (New York: HarperOne, 2014), p. 46, 50 [publicado em português por Ultimato sob o título *Surpreendido pelas Escrituras*].

²² Ibidem, p. 59.

²³ Ibidem, p. 58.

²⁴ Veja Alister E. McGrath, *The territories of human reason: science and theology in an age of multiple rationalities* (Oxford: Oxford University Press, 2019).

²⁵ Um estudo de caso interessante é o do erudito ortodoxo judeu do século 20, Pinchas Lapide. Depois de analisar as evidências da ressurreição, concluiu: “Aceito a ressurreição de Jesus não como uma invenção da comunidade de discípulos, mas como um evento histórico”. Embora tivesse chegado à conclusão de que a ressurreição acontecera de fato, Lapide não se converteu ao cristianismo. Veja a citação em Pinchas Lapide, *Jewish monotheism and Christian trinitarian doctrine* (Eugene: Wipf and Stock, 2003), p. 59. Veja também Pinchas Lapide, *The resurrection of Jesus: a jewish perspective* (Minneapolis: Augsburg Fortress, 1982).

²⁶ Gustav K. Wiencke, ed., *Luther's works, Devotional Writings II* (Philadelphia: Fortress, 1968), vol. 43, p. 133-4.

²⁷ Ibidem, p. 123.

²⁸ Em uma passagem que soa notavelmente moderna, diz Lutero: “Se no Antigo Testamento o próprio Deus ordenou que os leprosos fossem banidos da comunidade e obrigados a viver fora da cidade para evitar o contágio [Lv 13—14], devemos fazer o mesmo com essa pestilência perigosa, de modo que alguém que se infete fique distante dos demais, ou permita que o desloquem para que receba socorro terapêutico imediato. Em tais circunstâncias, é nosso dever assistir essa pessoa em vez de abandoná-la

em seu apuro, conforme tenho destacado reiteradas vezes anteriormente. Com isso, interrompe-se a tempo o veneno, beneficiando não apenas o indivíduo, mas também toda a comunidade, que pode se contaminar se permitir que um infete os outros. Nossa praga aqui em Wittenberg se deve exclusivamente à imundície. O ar, graças a Deus, ainda é límpido e puro, mas algumas poucas pessoas foram contaminadas em razão do descuido e da preguiça de alguns. Portanto, o diabo se regozija com o terror e a debandada que causa entre nós. Que Deus o frustrate! Amém”. Ibidem, p. 133–4.

²⁹ Ibidem, p. 121.

³⁰ Ibidem.

³¹ Ibidem.

³² Ibidem, p. 137.

CAPÍTULO 2

UMA ESPERANÇA FUTURA



“O tempo é chegado”, dizia ele. “O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas novas!” (Mc 1.15)

A ressurreição de Jesus Cristo aconteceu de fato. Isso, porém, nos coloca diante de uma pergunta inevitável: “E daí?”

A Bíblia registra várias ressurreições milagrosas (1Rs 17.17-24; 2Rs 4.32-37, 13.20,21; Mt 27.52,53; Mc 5.35-43; Lc 7.11-17; Jo 11.39-44; At 9.40, 20.9,10). Elas são todas extraordinárias e comoventes e dão testemunho do poder de Deus. Contudo, a ressurreição de Jesus esgota-se aí, é prova de que Deus existe e de que Jesus é Filho de Deus? Dediquei o primeiro capítulo ao argumento de que a ressurreição é pelo menos isso, mas no restante deste livro me dedicarei a mostrar que ela é infinitamente mais.

É comum os cristãos acreditarem que somente a cruz nos salva dos nossos pecados. Isto porque a ressurreição é entendida como um milagre maravilhoso que provou que Jesus era Filho de Deus, mas nada mais do que isso. Converti-me ao cristianismo quando era estudante universitário e,

olhando agora em retrospectiva, percebo que minha atitude foi a mesma. Ficava feliz em defender a evidência histórica da ressurreição, mas não a via como algo que afetava agora o modo como vivia minha vida cotidiana. Não havia percebido o que Paulo dissera de Jesus, que ele “[ressuscitara] ...para nossa justificação” (Rm 4.25) e que ser cristão é “conhecer Cristo e o poder da sua ressurreição” (Fp 3.10). Esses versículos dizem que a ressurreição de Cristo é uma fonte de salvação, de vida e de poder para nós neste exato momento. Contudo, eu não tinha compreendido a magnitude da promessa.

Foi só quando entrei no seminário em preparação para o ministério que aprendi uma coisa que deveriam ter me ensinado quando recém-convertido. A ressurreição foi de fato uma manifestação milagrosa do poder de Deus, mas não deveríamos entendê-la como uma *suspensão* da ordem natural do mundo. Pelo contrário, ela era o princípio da *restauração* da ordem natural do mundo, o mundo como Deus planejava que fosse. Uma vez que a humanidade deu as costas a Deus, tanto o mundo humano quanto o natural têm sido dominados pelo pecado e pelo mal, pela desordem e pela doença, pelo sofrimento e pela morte. Mas quando Jesus ressuscitou dos mortos, ele inaugurou a primeira etapa do poder do reino vindouro de Deus ao mundo para restaurar e curar todas as coisas.

A ressurreição não significa simplesmente que os cristãos têm uma esperança *para* o futuro, mas que a esperança deles vêm *do* futuro. A mensagem surpreendente da Bíblia é que quando Jesus ressuscitou, ele trouxe o reino futuro de Deus para o presente.¹ Ele ainda não está aqui **completamente**, mas está aqui **substancialmente**, por isso o cristão terá uma vida empobrecida se não se der conta do que está à sua disposição. Paulo ora aos efésios para que “sendo iluminados os olhos do vosso coração, para que saibais [...] qual é a suprema grandeza do seu poder para conosco,

os que cremos, segundo a atuação da força do seu poder, que atuou em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o sentar-se à sua direita nos céus, muito acima de todo principado, autoridade, poder, domínio, e de todo nome que possa ser pronunciado, não só nesta era, mas também na vindoura”. (Ef 1.18-21)

A ressurreição deflagrou o reino de Deus e para que Deus “ilumine os olhos do nosso coração” e nos permita ver os prodígios do que ele nos deu, temos de compreender o que é o reino de Deus.

A profecia do reino

Nas Escrituras hebraicas, Deus aparece como o Rei que reina sobre todas as coisas (Sl 93.1; 103.19). Em certo sentido podemos dizer que todos no universo estão sob o governo divino e, portanto, estão em seu reino. Contudo, os profetas do Antigo Testamento falam de um reino divino futuro que seria fundado no fim da história. Isaías previu que um descendente de Davi (Is 11.1) se levantaria, cheio como ninguém do Espírito de Deus (v. 2,3). Ele reinará, trazendo não apenas justiça aos pobres e aos oprimidos (v. 4,5), mas também unidade entre as nações e as raças (v. 10,11). Contudo, a visão prossegue e fala de coisas ainda mais notáveis. Sob seu domínio:

*O lobo habitará com o cordeiro,
e o leopardo se deitará com o cabrito.
O bezerro, o leão e o animal de engorda viverão juntos;
e um menino pequeno os conduzirá.
A vaca e a urso pastarão juntas,
e as suas crias se deitarão juntas;
e o leão comerá palha como o boi.*

*A criança de peito brincará sobre a toca da cobra,
e a desmamada porá a mão na cova da víbora.
Não se fará mal nem dano algum
em todo o meu santo monte,
porque a terra se encherá do conhecimento do SENHOR,
como as águas cobrem o mar (Is 11.6-9).*

A forma e a linguagem literária são poéticas, mas a mensagem é perfeitamente clara. Esse reino não apenas trará paz política e melhoria social; a própria natureza será curada. A violência e o derramamento de sangue da natureza cessarão, ninguém mais envelhecerá (cf. Is 65.20), não haverá mais doenças e nem morte. Diz uma profecia paralela: “Aniquilará a morte para sempre e, assim, o Senhor Deus enxugará as lágrimas de todos os rostos” (Is 25.8). Isto é o Éden restaurado.

O mundo foi criado por Deus para ser um lugar de harmonia perfeita sob seu governo. Tudo foi tecido de forma coesa entre as partes da criação. Não havia desarmonia entre o corpo e a alma ou entre nossos sentimentos e nossa consciência. Não havia conflito entre indivíduos ou gêneros. O corpo nunca perdia a harmonia entre as partes — não havia algo como a desintegração do corpo por doenças, envelhecimento e morte. Havia também perfeita harmonia entre a humanidade, os animais e o meio ambiente. Não havia nenhum tipo de relacionamento desfigurado.

O pecado, porém, que em seu âmago é a resistência à autoridade real de Deus, violou a unidade entre Deus e a humanidade, o que levou à ruptura de todas as demais relações, à “descostura” da criação. Tudo no mundo — todos os aspectos da vida — está sujeito agora à futilidade e à degradação (Gn 3.17-19; Rm 8.20,21). Nossa relação com Deus, um com o outro, com nós mesmos e com a natureza corrompeu-se. Guerra e crime, racismo e

pobreza, ira e desespero, fome e pragas, envelhecimento e morte são consequências dessa grande desintegração. Deus nos criou para glorificá-lo e desfrutar dele ao máximo, mas no momento em que lhe damos as costas e amamos mais outra coisa do que ele, tudo vem abaixo. Onde Deus não é reconhecido como Rei há trevas e morte.

Os profetas, porém, insistem que um dia o Senhor em pessoa voltará à terra (Is 40.3-5), e ele será chamado “Maravilhoso, conselheiro, Deus forte, Pai eterno, príncipe da paz” (Is 9.6). O Salmo 72 descreve como a presença verdadeira do rei faz com que toda a criação floresça (v. 1-7). O governo real de Deus trará cura completa para a criação, a reunificação da humanidade e o fim da degradação física e da morte (v. 8-14). O célebre hino de Isaac Watts, “Jesus reinará”, baseado no Salmo 72, é um clássico:

*Muitas são as bênçãos onde ele reina;
Com um salto, o prisioneiro se liberta de suas cadeias;
Os cansados encontram repouso eterno,
E todos os necessitados são abençoados.*

*Onde ele manifesta seu poder de cura,
A morte e a maldição desaparecem;
Nele as tribos de Adão ostentam
Mais bênçãos do que as que seu pai perdeu.*

Em seu hino mais conhecido, *Joy to the world* [*Cantai que o Salvador chegou*], Watts parafraseia o Salmo 96. Com uma linguagem impressionante, ele anuncia que o reino de Cristo significa a reversão completa de toda maldição do pecado pronunciada pelo Senhor sobre a

terra em Gênesis 3.18,19 (“Ela te produzirá espinhos e ervas daninhas [...] porque és pó e ao pó tornarás”):

*Pecados e tristezas não mais haverá,
Nem espinhos que infestem o chão;
Ele vem para espalhar suas bênçãos
Onde houver qualquer maldição!*

O reino de Deus, portanto, “significa a renovação do mundo pela introdução de forças sobrenaturais”.² Ele curará o mundo todo e todas as dimensões da vida humana. Do trono do rei que vem flui vida nova e poder, de tal ordem que doença alguma, nenhuma degradação, pobreza, mácula ou sofrimento, resistirá diante dele.

Quase no fim do Antigo Testamento, Daniel acrescenta a tudo o que disseram os outros profetas sobre o reino que nele haverá uma ressurreição física para a vida eterna (Dn 12.1,2). E assim, por volta da época que Jesus anunciou que ele era o Messias, as expectativas eram de que o Messias curasse o mundo, abolisse todo mal e sofrimento e ressuscitasse os crentes à plenitude da vida — uma vida não apenas de quantidade sem fim, mas de qualidade inimaginável, livre dos efeitos desintegradores do pecado.

Jesus, porém, disse a seus ouvintes que, embora o reino de Deus estivesse próximo (Mc 1.14,15), ele não viria de um modo que todos esperavam. O que Jesus lhes disse não poderia ser mais chocante.

Um reino já, mas ainda não

No tempo de Jesus, todos os que acreditavam na vinda do reino de Deus tinham uma ideia firmemente estabelecida de como ele seria. “Vivemos agora na era do pecado, do mal e da morte. Contudo, quando o Messias, o

verdadeiro rei, chegar, essa era desaparecerá completamente e uma nova era do reino de Deus começará”.

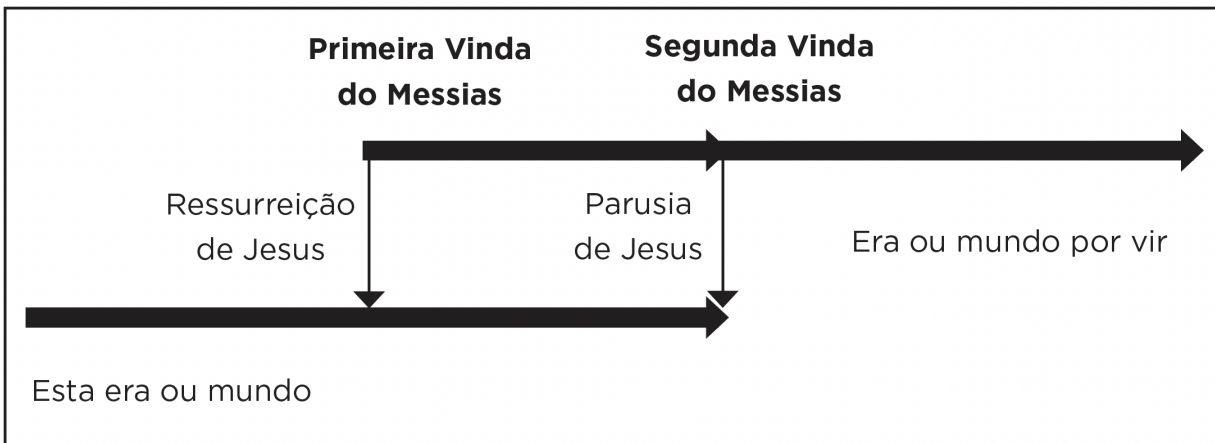
As pessoas achavam, portanto, que o reino de Deus viria da seguinte forma:



Jesus, porém, confundiu todas essas expectativas. Ele disse que era o Messias anunciado pelos profetas (Lc 4.14-20). Ensinou que com ele o reino de Deus havia chegado (Lc 17.20,21). Ele disse que trazia consigo a nova aliança e o Espírito (cf. Jo 6.45 com Jr 31.34 e Is 54.13); disse que crer nele nos liberta da morte (Jo 11.25,26); que o “êxodo” pelo qual Deus libertará toda a criação da escravidão da morte e da degeneração se dará por seu intermédio (Lc 9.31); e que ele estava edificando o novo templo que fora profetizado (Jo 2.19-21). Em outras palavras, Jesus expôs minuciosamente que o reino de Deus, em todos os seus aspectos, havia começado com sua primeira vinda.

Não obstante, Jesus disse também claramente que o reino de Deus *não* havia chegado em toda a sua plenitude. Ele ensinou os discípulos a pedir a Deus em oração pelo reino que havia de vir (Mt 6.10). Ele lhes disse que “o reino que vos foi preparado desde a criação do mundo” não lhes seria dado até o Dia do Juízo (Mt 25.34). Muitas das parábolas de Jesus sobre o reino de Deus acentuam a incompletude dele ou destacam que ele está oculto.

Como ele ainda é futuro, o reino de Deus é como uma semente que cresce na maior parte do tempo sem que a vejamos crescer, invisível aos olhos humanos, mas que crescerá por fim até se tornar a maior das árvores (Mt 13.31-33).



Jesus revelou um reino vindouro muito diferente daquele que era esperado.³

O reino de Deus já está aqui, mas não em sua completude. Não se deve subestimar o quanto ele está presente, porém não se deve igualmente subestimar o quanto ele ainda não se manifestou, quanto dele existe apenas no futuro. Como o reino de Deus está parcialmente presente, e não em sua plenitude, convém esperar cura abundante, mas não total, em todas as áreas da vida.⁴

As implicações disso são significativas. Se acentuarmos demais o “já” do reino em detrimento do “ainda não”, vamos querer soluções rápidas para os problemas e ficaremos desanimados diante do sofrimento e das tragédias. No entanto, podemos do mesmo modo enfatizar exageradamente o “ainda não” do reino em detrimento do “já”. A mudança pessoal pode nos deixar pessimistas demais. Afastamo-nos do mundo, deixando de interagir com

ele, receosos demais de que ele nos “polua”. John Stott sugere mais aplicações.⁵

Conhecimento da verdade. Deus falou. Em uma época em que muitos insistem que não há ninguém que possa saber com certeza alguma verdade, nosso Rei nos deu sua Palavra. Por outro lado, temos de ser humildes em relação à nossa capacidade de compreender perfeitamente a Palavra. Naquelas áreas em que os cristãos têm discordâncias, cabe-nos ser menos triunfalistas. O “ainda não” significa mais caridade nas coisas que não são essenciais, mais humildade, diálogo, tolerância e abertura em áreas de conflitos.

Mudança e crescimento pessoais. O Espírito Santo já está em nós, subjugando nossa natureza caída e nosso egoísmo. Faz parte da presença do reino que sejamos “partícipes da natureza divina” (2Pe 1.3, ESV). O “já” significa mais confiança de que alguém possa ser mudado, que qualquer hábito que nos escraviza pode ser vencido. Por outro lado, porém, nossa natureza decaída permanece em nós e jamais será eliminada até que venha a plenitude do reino. É preciso evitar respostas prontas, e não esperar soluções paliativas imediatas. O “ainda não” requer mais paciência e compreensão com quem está crescendo; significa não ser flexível e nem impaciente com lapsos e falhas.

Mudança e crescimento na igreja. A igreja é a comunidade do Rei. O “já” significa confiança de que Deus pode trazer despertamento e transformação por meio da igreja local. Contudo, o “ainda não” significa que o erro e o mal jamais serão totalmente erradicados dela. Não devemos, portanto, criticar asperamente as igrejas imperfeitas,

tampouco pular impacientemente de igreja em igreja em razão de defeitos que tenhamos descoberto.

Mudança social. Cristo já reina neste momento sobre a história (Ef 1.22s). Através da “graça comum”, ele dá ao mundo as instituições da família e do governo atenuando o mal, e dá consciências fortes, dons de arte, de liderança e de ciência a muitos para que enriqueçam o mundo. Juntamente com problemas e sofrimentos, Deus tem proporcionado a existência de sistemas de saúde mais aperfeiçoados e de avanços médicos, ele tem expandido a defesa dos direitos humanos, a abolição da escravidão, mais proteções para os trabalhadores e assim por diante. O “já” significa que os cristãos podem esperar recorrer ao poder de Deus para mudar condições sociais e comunidades. Por outro lado, porém, o reino ainda não chegou plenamente. Haverá “guerras e rumores de guerras”. O egoísmo, a crueldade, o terrorismo e a opressão persistirão. O cristão não tem ilusão alguma em relação à política, como tampouco aguarda condições utópicas. O “ainda não” significa que os cristãos não confiarão em nenhum programa político ou social que prometa produzir justiça plena aqui na terra.

De modo geral, os que creem que o reino seja *apenas* o “ainda não” se mostrarão extremamente pessimistas e negativos em relação a mudanças nas pessoas, na igreja e na sociedade. Os que creem que o reino *já* está aqui se revelarão extremamente otimistas e ingênuos em relação à possibilidade de despertar, mudança e transformação.

A instrução de Paulo sobre o reino de Deus combina perfeitamente com o ensino de Jesus. Ele se refere reiteradas vezes a Cristo como as “primícias”

(1Co 15.20) e o “primogênito” (Cl 1.18) dos mortos. No Antigo Testamento, as primícias eram a produção inicial de uma lavoura oferecida em ações de graças a Deus. Contudo, o termo significava não apenas que se tratava de uma dádiva, mas também de um “penhor do remanescente”, uma promessa ou “garantia de uma colheita abundante”. Isso significa não apenas que a ressurreição de Jesus aponta para nossa futura ressurreição. Ela a garante.⁶

Na ressurreição temos a presença do futuro. O poder pelo qual Deus, no fim dos tempos, acabará por fim com todo sofrimento, todo mal, toda deformidade e morte, irrompeu na história e está disponível agora — em parte, mas de forma substancial.⁷ Quando nos unimos ao Cristo ressurreto pela fé, esse poder futuro que é suficientemente poderoso para refazer o universo nos alcança.

As liberdades do reino

O que significa isso na prática? O que Cristo ressuscitado nos concede nesta vida presente? É disso que tratará o restante deste livro. Começaremos com a ideia de liberdade. Ser transportado de um reino para o outro, como foram os cristãos (Cl 1.13), significa ser liberto das coisas que antes nos controlavam.

Em primeiro lugar, o Cristo ressurreto, o Rei, nos liberta do temor da culpa e da vergonha. A ressurreição é um sinal poderoso para nossas consciências de que Jesus pagou plenamente a penalidade pelos nossos pecados na cruz. Ela nos dá uma liberdade que a cruz por si mesma não podia nos dar.

Duas ilustrações podem nos ajudar aqui. Se você cometeu um crime e a dívida com a sociedade exige dois anos de prisão, você ficará preso dois

anos. Como você sabe que sua dívida foi paga? Quando as portas que tolhiam seu caminho foram abertas e você saiu livre. A Bíblia diz que “o salário do pecado”, a penalidade por quebrar a lei de Deus, “é a morte” (Rm 6.23). Jesus, porém, assumiu essa penalidade, a maldição da lei, por nós (Gl 3.13) e pagou-a totalmente. Como sabemos que ele pagou de fato a dívida completamente? Porque a porta da morte se abriu, e ele saiu.

Uma segunda ilustração tem a ver com a ideia de recibo. Quando você vai a uma grande loja de departamentos, é possível pagar por uma mercadoria em um caixa localizado bem no interior da loja. Mas e se na hora de sair você for parado por um segurança que o questiona sobre os produtos que você está transportando? Você tira imediatamente o recibo de compras do bolso e lhe diz: “Isto prova que paguei o que devia”. É o que basta para você ir embora. Na ressurreição, Deus estampou “Dívida liquidada” na história e em sua vida. É uma garantia de que a dívida pelo pecado foi paga.

Paulo diz: “E, se Cristo não ressuscitou, a vossa fé é inútil e ainda estais em vossos pecados” (1Co 15.17). Portanto, porque Cristo *ressuscitou*, não estamos “em nossos pecados”. Pelo contrário, conforme diz Paulo mais de cem vezes em suas cartas, estamos *nele*, em Cristo. Nossos pecados foram cobertos e o Pai nos ama “assim como” amou Jesus (Jo 17.23). O Pai nos olha e vê um tesouro. Quanto mais vivermos conscientes disso, tanto mais estaremos livres da culpa do que tivermos feito no passado. Estaremos livres do que dizem as pessoas. Do contrário, nossa identidade se baseará no que elas dizem a nosso respeito, em como estamos passando, em uma série de altos e baixos. À noite, rolamos de um lado para o outro na cama porque alguém nos ofendeu. No dia seguinte, ficamos animados porque fizemos

bem alguma coisa. Contudo, se Cristo ressuscitou e pusemos nele nossa fé, não estamos mais em pecado.

Não importa quem você foi ou o que fez no passado. Pense em Paulo. Como foi seu passado? Ele se lembrava dos gritos de pessoas inocentes e dos semblantes delas quando morreram, como foi o caso de Estevão (Atos 7). Você tem algo parecido com *isso* no seu passado? Mesmo que tenha, não se compara com a graça de Deus. É por isso que, em meio à descrição que faz da ressurreição, Paulo salta rapidamente para a nova verdade segundo a qual “[somente] pela graça de Deus sou o que sou” (1Co 15.10).

Deus disse na ressurreição: “Este pagamento é suficiente. Você *já* terá de pagar por essas coisas novamente. *Já*”. Entende o que isso significa? Onde está seu recibo? Quando você olha para a ressurreição, você diz: “Essa é a maneira de Deus me dizer que jamais terei de pagar por nenhuma dessas coisas de novo?” Não há condenação para os que estão em Cristo Jesus (Rm 8.1).

*Que venha pois rugindo o Acusador
Apontando todas as minhas maldades
Sei que são muitas, uma infinidade,
De nenhuma, porém, se lembra o Senhor!*⁸

Em segundo lugar, assim como traz liberdade da culpa e da condenação, a ressurreição traz liberdade do medo da morte (Hb 2.14-15). O Cristo ressuscitado não apenas nos permite ver nossa ressurreição futura, como também sua ressurreição garante e prova que este será igualmente nosso futuro. Em 1Coríntios 15.23-26, Paulo diz que quando Cristo ressuscitou, ele começou a reinar (v. 24,25) e continuará a reinar até que “todo domínio, toda autori- dade e todo poder” sejam destruídos e até que “tenha posto

todos os seus inimigos debaixo de seus pés. E o último inimigo a ser destruído é a morte” (v. 24-26). O triunfo do Rei sobre a morte se deu parcialmente, não completamente, agora. Embora ainda tenhamos de morrer fisicamente, a morte, não obstante, não pode nos separar de Deus e de seu mundo de amor. De fato, a morte agora se presta apenas a ampliar infinitamente nossa experiência de amor e alegria na presença de Deus.⁹ George Herbert, sobre a morte, entende o que antes fora um “executor” agora é simplesmente “um jardineiro”, “um condutor que transporta nossa alma para além das mais longínquas estrelas e os mais distantes polos”.¹⁰ E, no fim dos tempos, quando o reino tiver chegado em sua plenitude, a morte será completamente destruída. Nesse ínterim, para aqueles que creem no Cristo ressurreto, a morte foi neutralizada. Ela não pode mais nos afastar do amor. Pelo contrário, só poderá nos trazer mais amor do que podemos imaginar.

Em terceiro lugar, a morte e a ressurreição nos libertam de outras “autoridades” que nos escravizariam. Em Colossenses 2, Paulo escreve:

Apagando a escrita da dívida, que nos era contrária e constava contra nós em seus mandamentos, removeu-a do nosso meio, cravando-a na cruz; e, tendo despojado os principados e poderes, os expôs em público e na mesma cruz triunfou sobre eles (Cl 2.14,15).

Quando o mundo viu Jesus morrendo na cruz, viu apenas fragilidade e derrota. Se Jesus era rei, conforme ele dizia, sua campanha parecia ter terminado em completo fracasso. Na realidade, porém, diz Paulo, Jesus triunfou duplamente. Na cruz, ele destruiu nossa “dívida legal” — a dívida que tínhamos com Deus pelo nosso pecado. Esta era a barreira que havia entre nós e Deus, mas foi removida. Assim, “tendo desarmado as

potestades”, Jesus fez um “espetáculo público” da sua derrota. Conforme diz a maior parte dos comentaristas, esta só pode ser uma referência à ressurreição e à ascensão de Cristo.¹¹ A ressurreição mostrou inequivocamente ao mundo que Jesus tinha pagado nossa dívida com a justiça divina, abrindo uma porta para uma vida sem o peso esmagador da autossalvação, permitindo que a presença renovadora de Deus entre na vida dos que o reconhecem como Senhor e Salvador.

Podemos entender essas “potestades e autoridades” tanto cósmica quanto pessoalmente. Até que entremos no reino de Deus, que nos salva pela graça, todos vivemos no reino de falsos deuses a quem recorremos em busca de significado e de segurança, de identidade e sentido. Temos de viver para alguma coisa, e seja o que for, é para isso que vivemos e que justifica nossa existência, essa coisa basicamente nos controla. Conforme diz Rebecca Pippert: “Aquilo que nos controla é de fato nosso Deus [...] Aquele que busca poder é controlado pelo poder. Aquele que busca aceitação é controlado por pessoas a quem deseja agradar. Não controlamos a nós mesmos. Somos controlados pelo senhor da nossa vida”.¹²

Há também falsos deuses culturais. As sociedades transformam em deuses coletivos o poder militar e a guerra, a prosperidade material e o conforto, a sexualidade e o romance, a tecnologia e a ciência, ou o poder do estado. No plano cultural, essas coisas se transformam nas ideologias do nacionalismo, do capitalismo, da liberação sexual, da tecnologia e do socialismo. Cada um deles se torna um “poder e uma autoridade” na nossa vida. Quanto mais os buscamos pensando na felicidade, em significado e segurança, tanto mais nos escravizam. A cruz, em princípio, nos libertou dessas potestades, desses ídolos. Contudo, a ressurreição traz para nossa vida o poder de que precisamos para viver esta liberdade na prática. O

Cristo ressurreto envia o Espírito, que torna Jesus real para nosso coração, de modo que as antigas autoridades e potestades perdem sua influência sobre nós.¹³

Esta mesma liberdade dos ídolos culturais que foi oferecida aos colossenses nos é oferecida hoje. Portanto, a morte e a ressurreição de Jesus nos liberta do domínio de todos os demais reinos. Quando nos arrependemos e cremos (Mc 1.15) e nascemos de novo (Jo 3.3,5), somos transferidos para esse novo reino de liberdade (Cl 1.13).

O veredito do reino

Essas liberdades — das autoridades, da vergonha, da culpa e da própria morte — estão enraizadas em uma grande dádiva que a ressurreição nos traz. Durante toda a vida, recebemos avaliações do nosso comportamento e de nós mesmos. Pais, professores, técnicos, esposo, esposa e amigos nos dão notas boas ou ruins, dão um “*like*”, ou não, distribuem vereditos bons ou maus sobre nossa aparência, inteligência, política e caráter. As boas avaliações são sempre bem-vindas, mas elas não conseguem superar as feridas que as avaliações negativas nos infligem. Acreditamos mais rapidamente nas críticas e a lembrança delas nos atinge com muito mais força do que os elogios.

No último dia, Deus julgará todos os habitantes da terra de acordo com o que fizeram, “segundo suas obras” (Rm 2.6). Contudo, o cristão tem a garantia de que naquele dia “quem [...] crê [...] tem a vida eterna e não vai a julgamento” (Jo 5.24). Nesse dia, ouviremos que Deus nos ama assim como ama seu único Filho (Jo 17.23,24). Ali, finalmente, receberemos o bom veredito que penetrará profundamente em nosso coração subvertendo todos os vereditos maus. Toda culpa e vergonha desaparecerão para sempre.

Contudo, o evangelho nos diz que o cristão não tem de esperar até o fim dos tempos para ouvir essa palavra de cura. Quando cremos em Jesus, somos nesse momento justificados pela fé, perdoados e aceitos (Rm 3.21-24; 2Co 5.21). Quando nascemos de novo, recebemos na verdade o louvor de Deus (Rm 2.29). Como isso é possível? Paulo diz: “Assim, agora justificados pelo seu sangue, muito mais ainda seremos por ele salvos da ira!” (Rm 5.9). Veja como ele faz a ligação da palavra no Dia do Juízo Final com o veredito da justificação que recebemos agora. Michael Horton resume o significado disso:

De acordo com o Novo Testamento [...] a era por vir já irrompeu efetivamente na era presente [...] A ressurreição de Jesus é o começo de todas as ressurreições e [...] *o veredito futuro do último dia é pronunciado no presente.*¹⁴

A razão pela qual somos justificados pela fé à parte das nossas obras se explica pela ressurreição de Cristo, uma vez que através dela somos conectados àquele momento futuro, e desde *já* somos informados de que “já não há condenação alguma para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8.1).

Esta grande dádiva do futuro vem ao nosso encontro e nos liberta da vergonha, da insegurança e da ansiedade que nos leva a servir aos ídolos do dinheiro, do sexo e do poder e nos liberta também do temor da morte e do dia do juízo.

Como pastor, já conversei com pessoas na hora da morte que se dizem culpadas e envergonhadas pelas coisas que fizeram. No entanto, conversei com muito mais gente arruinada pelo remorso por coisas que *não* haviam feito. Elas se deram conta no momento final de que boa parte da sua vida havia sido simplesmente desperdiçada e que seu veredito era negativo. Esse

remorso sobrevém às pessoas não religiosas tanto quanto, senão mais, às pessoas religiosas. Como minha esposa e eu já ultrapassamos os setenta anos, e com o início do meu tratamento contra o câncer, conhecemos pessoalmente esse fardo de pecados de omissão.

Vivemos com esse peso invisível. Quando éramos mais jovens, dizíamos: “Ninguém tem o direito de me dizer como viver! Ninguém tem o direito de me fazer sentir culpado. Quem me julga sou eu”. Contudo, mesmo por essa perspectiva, com o passar dos anos observamos que não vivemos à altura de nossos próprios padrões. O fardo, que mal notamos a princípio, fica cada vez mais pesado com o passar dos anos. No caso das pessoas mais religiosas, esse fardo pode ser de culpa em razão de pecados específicos cometidos; para pessoas não religiosas, pode ser uma sensação menos específica de não ter sido a pessoa que gostariam de ter sido.

Contudo, todo cristão sabe que nosso veredito já é conhecido e, assim, tem sido desde o momento em que nos unimos pela fé ao Cristo vivo, ressurreto. Somos aceitos no Filho amado. Há um episódio célebre em *O peregrino*, de John Bunyan, que se passa quando ele, em sua caminhada, leva nas costas um peso imenso. É o grande peso da autossalvação, que consiste em culpa por pecados específicos e vergonha por saber que jamais alcançará os padrões morais que devia alcançar.

Cristão, com o peso nas costas, correu até um lugar mais elevado, mas não o fez sem grande dificuldade por causa do peso nas costas.

Correu então até que chegou a um lugar íngreme. Ali havia uma cruz e, pouco abaixo, ao fundo, um Sepulcro. Vi então no meu Sonho que chegando ele à cruz, seu Fardo deslizou pelos ombros aliviando-lhe as costas. O Fardo deslizou mais ainda e continuou a escorregar

até chegar à entrada do sepulcro e tendo deslizado para dentro dele, não mais o vi.

Cristão se sentia agora feliz e aliviado [...] Ficou muito surpreso que a vista da cruz o tivesse aliviado do fardo. Olhou, então, e olhou novamente, até que as fontes de sua cabeça manassem água, que lhe escorria pelo rosto [...]

Então Cristão deu três saltos de alegria, e seguiu cantando:

*[...] Bendita cruz! Bendito sepulcro! Seja exaltado
O homem que por mim foi humilhado.¹⁵*

Bunyan nos mostra um homem cujo fardo do pecado e da vergonha é aliviado pela cruz, sendo em seguida consumido pelo túmulo vazio. Seu cântico final de júbilo mostra que ele foi liberto não apenas pela visão da cruz e do túmulo, mas pelo reconhecimento de um homem que suporta o fardo da nossa culpa e vergonha e, então, tendo pagado por ele, ergue-se triunfante para nos dar o perdão e as primícias de uma nova vida ressurreta que não terá fim.

A presença do rei

Ressurreição significa que não seguimos simplesmente os ensinamentos de um líder morto. Pelo contrário, temos comunhão vital e plena de amor com um Senhor vivo. Jesus, o Rei, está presente conosco. Explicitaremos as maneiras pelas quais o experimentamos. No entanto, começaremos pela compreensão de que só podemos ser salvos por um Senhor ressurreto e vivo, não por um que esteja morto. Em Romanos 4.25, lemos que Jesus “foi entregue à morte por causa das nossas transgressões e ressuscitado para a nossa justificação”

(ESV). De que modo um Cristo ressurreto nos salva? O teólogo John Murray, em seu comentário a Romanos, explica.

Em primeiro lugar, diz ele: “A justiça de Cristo pela qual somos justificados (Rm 5.17-19) [...] não pode jamais ser entendida abstraíndo-a dele como se fosse uma reserva de mérito acumulada”.¹⁶ Existe o perigo de que quando os cristãos dizem que são justificados à vista de Deus, isso nos leve a imaginar a justiça como uma espécie de conta bancária de virtude para a qual alguém transfere dinheiro. Desse modo, a salvação se torna um processo mecânico ou mercenário. Em vez disso, diz Murray, “é na união com Cristo [*o próprio*] que somos justificados”. É *em* Jesus que não há condenação alguma (Rm 8.1). Somente quando estivermos unidos a ele, pela fé e pelo Espírito Santo, é que nos tornaremos um Filho de Deus amado e aceito. “Somente como um Senhor vivo é que ele pode ser objeto de fé [...] Somente como aquele que vive pode Cristo [...] ser feito justiça de Deus para nós (1Co 1.30)”. Ser salvo não é receber infusões de poder e/ou pontos de mérito — é recebê-lo, Jesus Cristo, “o Justo” (1Jo 2.1). Nossa salvação é radicalmente pessoal e sobrenatural.

Em segundo lugar, Murray destaca que Cristo está agora diante do Pai como nosso advogado, como nosso representante, de modo que nossas orações por perdão sejam sempre aceitas (1Jo 1.8,9; 2.1,2; Hb 7.25), de tal modo que todas as coisas cooperem para nosso bem e nada nos separe do seu amor (Rm 8.28-30,33-39). Somente um Cristo ressurreto pode interceder por nós. Assim, não somos salvos meramente pela cruz. Pelo contrário, “a morte e a ressurreição de Cristo são inseparáveis”.¹⁷

“Porque se nós, quando éramos inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida!” (Rm 5.10)

Rei no presente e no futuro

Muitas ramificações da família humana estão repletas de lendas de grandes reis do passado os quais, quando governaram, guiaram seu povo a uma era dourada. Quando esses reis governavam com justiça, sabedoria, compaixão, graça e poder, tudo ia bem no mundo. A lenda de Robin Hood gira em torno da proteção da fortaleza até o retorno do rei verdadeiro. *O Senhor dos anéis* é basicamente sobre a restauração da paz, justiça e da prosperidade no momento em que o rei certo assumir o trono. No túmulo do rei Artur está escrito: *Hic iacet Arthurus, rex quondam, rexque futurus* (Aqui jaz Artur, que foi e que será rei). Segundo a promessa, esse rei bondoso que proporcionara “um breve momento de brilho” a Camelot, voltaria um dia para endireitar as coisas.

O que chama a atenção nessas lendas é que o histórico dos reis ao longo do tempo é realmente assustador. É um histórico de tirania e de escravidão. Durante muitos anos, praticamente todos os reinos foram derrubados em favor das democracias. Os cristãos ficaram muito atrás nessas mudanças. Conforme nos disse Eric Nelson, estudioso de Harvard, os estados-nações democráticos surgiram no início da Europa moderna devido à leitura da Bíblia pelos cristãos.¹⁸

Apesar disso, as lendas sobre um rei verdadeiro continuam a ser muito bem aceitas, conforme nos mostram, ano após ano, os grandes sucessos do cinema baseados nessas histórias antigas ou em narrativas parecidas. E, não apenas isso, em países que ainda têm algum tipo de realeza, os membros da família real são idolatrados. Em países como os Estados Unidos, em que não há reis, nós nos encarregamos de criá-los e, para isso, recorremos a atletas, bilionários, supermodelos e astros do cinema. Observamos com frequência como é nociva essa necessidade de criar heróis e celebridades e

isso tanto para os objetos de adulação quanto para os adutores. Contudo, como disse C. S. Lewis, essa necessidade de coroar *alguém* e de adorá-lo continua forte porque “a natureza espiritual, assim como a natureza física, precisa se alimentar; se lhe negarmos comida, ela comerá veneno”.¹⁹ O que ele quer dizer com isso?

Há evidências de que no âmago do coração humano há o desejo de coroar um rei. A Bíblia diz que sabemos, porém suprimimos (Rm 1.18,19), que fomos criados para servir e adorar um rei. A Bíblia nos diz que houve um dia um Rei, e que sua beleza, amor, compaixão, poder e sabedoria eram como o sol que brilha com força total. Se não pudermos servi-lo, *teremos* de edificar nossa vida em torno de alguma coisa e a ela servir. A natureza humana precisa ser satisfeita. Não é uma questão de ser livre ou não. Ninguém é livre — todos servem alguém ou alguma coisa. Em vez disso, a pergunta que se coloca é a seguinte: você está servindo o Rei verdadeiro, que o perdoa e o liberta para ser tudo o que você foi criado para ser? Ou você servirá alguma coisa que jamais o absolverá de suas falhas e jamais poderá preencher seu coração?

Esta é a boa nova: esse Rei voltará e assumirá seu trono, e tudo o que for triste será desfeito. Nós o veremos por fim face a face. E, contudo, “o rei por direito desembarcou disfarçado em sua terra e nos chama a tomar parte em uma grande campanha de sabotagem” contra as forças das trevas.²⁰ Não somos apenas livres, somos combatentes da liberdade a serviço do nosso Rei, que foi e que será.

¹ A tese central deste livro é que a ressurreição de Jesus não foi apenas um milagre surpreendente, mas a inauguração do futuro reino divino em que tudo se submeterá à glória de Deus e, desse modo, será renovado e curado — “uma nova criação”. Há dois “eixos” nesse reino. Isto significa que a glória de Deus no reino do céu desceu à terra, não meramente em uma aparição episódica, ou mesmo no interior de um santuário dentro do templo, mas no povo de Deus. Em segundo lugar, significa que quando Jesus ressuscitou, ele trouxe do futuro a nova criação para o mundo presente, de tal forma que o mundo antigo e a era do pecado e da morte se sobrepõem agora ao novo (Ef 1.21). As duas eras — a presente era de trevas e de pecado e a era por vir, cheia de luz e de bondade — coexistem agora na história humana. Todo ser humano agora pode prosseguir sob o controle da presente era (Ef 2.1) ou ser transferido para a era por vir (Gl 1.4; Cl 1.13). O reino já veio — e, no entanto, virá ainda em sua plenitude no fim da história. Quando nos unimos ao Cristo ressurreto pela fé, somos “ressuscitados com Cristo” pela fé e participamos de forma parcial, porém substancial, dessa presença celestial e do poder e da vida desse reino futuro. Portanto, compreender a ressurreição significa compreender como essa nova vida acontece e (a) nos muda individualmente, (b) cria uma nova “comunidade do reino” chamada igreja e (c) nos capacita a introduzir uma certa reordenação e renovação no mundo desde já.

Embora nem todas as partes da Bíblia falem de um “reino que já veio e que virá” de modo tão frequente quanto nos Evangelhos sinóticos, não obstante esse entendimento básico da estrutura da história da salvação está presente também em outros escritos dos autores bíblicos. Ainda que o Evangelho de João raramente use o termo *reino*, ele se refere, reiteradas vezes, a Jesus como aquele que traz a vida eterna — que é essencialmente a

vida ressurreta que os judeus esperavam no fim dos tempos introduzida agora na história. Embora Paulo não use o termo *reino* com muita frequência em suas cartas, ele fala da “era” presente que continua enquanto Cristo já começou seu governo na “era [...] por vir” (Ef 1.21). Paulo diz que nós, os que cremos, somos libertos da era presente (Gl 1.4) e nos tornamos a nova criação que deriva da era por vir (2Co 5.17; 6.2). Ele ensina, portanto, “a sobreposição das eras”. Em outras palavras, os autores do Novo Testamento partem desse fato fundamental: que o reino de Deus “já” está aqui, mas também “ainda não está” em sua plenitude de renovação do mundo.

Esse entendimento da salvação cristã como algo que não gira meramente em torno do perdão individual, mas também de uma totalidade e da renovação do mundo foi especialmente elaborado pelos teólogos holandeses Geerhardus Vos e Herman Ridderbos, em princípios e meados do século vinte. Digo isto porque nas últimas duas décadas autores como N. T. Wright popularizaram esse entendimento do ensino bíblico, de modo que muitos leitores creem hoje que foram apenas esses autores recentes os responsáveis pela descoberta dessa estrutura do pensamento bíblico, a qual teria passado despercebida pelos teólogos mais antigos. Na verdade, as formulações clássicas dessa estrutura do pensamento bíblico em Paulo são encontradas em Geerhardus Vos, *The pauline eschatology* (1930; reimp., Grand Rapids: Eerdmans, 1972), especialmente p. 36-9. Veja também Geerhardus Vos, *The Kingdom of God and the church* (Nutley: Presbyterian and Reformed, 1971), especialmente a “recapitulação” nas p. 102-3. Para um amplo estudo do pensamento de Paulo sobre as duas “eras”, veja Herman Ridderbos, *Paul: an outline of his theology*, tradução em inglês de John Richard DeWitt (Nutley: Presbyterian and Reformed, 1972),

especialmente p. 44-90. Para um estudo do ensino sobre o reino de Deus nos Evangelhos sinóticos, veja Herman Ridderbos, *The coming of the kingdom* (Philadelphia: Presbyterian and Reformed, 1962) e George Eldon Ladd, *Jesus and the kingdom* (New York: Harper and Row, 1964). Cito essas duas obras mais antigas não porque não haja obras recentes melhores que expliquem essa mesma estrutura, mas porque, diferentemente das obras mais antigas de Vos e Ridderbos, eles com frequência contrapõem o conceito de reino e de nova criação com o ensino reformado da expiação penal substitutiva e da justificação forense. Para uma explicação exaustiva da razão pela qual não há necessidade de contrapor essas duas tradições, veja a obra importante de Michael Horton, *Justification: new studies in dogmatics* (Grand Rapids: Zondervan Academic, 2018), vols. 1 e 2.

² Geerhardus Vos, *The Kingdom of God and the church* (Nutley: Presbyterian and Reformed, 1971), p. 102.

³ Esses mapas da estrutura do reino foram, até onde sei, elaborados originalmente por Geerhardus Vos em seu livro *The pauline eschatology*. Meus diagramas foram fortemente influenciados por eles. Veja Geerhardus Vos, *The pauline eschatology* (1930; reimp., Grand Rapids: Eerdmans, 1972), p. 38. Essa estrutura básica é fundamental para a compreensão da Bíblia e permeia todo o Novo Testamento, embora diferentes autores recorram a palavras distintas para descrevê-la. Nos Evangelhos sinóticos, o termo *reino* é fundamental, embora Paulo use o termo *aeon* ou *era* para comunicar o mesmo ensinamento, isto é, que entre a primeira e a segunda vinda de Cristo as eras se sobrepõem. A formulação clássica de Vos sobre a doutrina paulina das duas eras encontra-se em *Ibidem*, p. 36-41.

⁴ Veja Francis Schaeffer, *True spirituality* (Wheaton: Tyndale, 1971), p. 134.

⁵ Veja John Stott, “The now and the not yet”, in: *The contemporary Christian* (Downers Grove: InterVarsity, 1992), p. 375-92.

⁶ Chamar o Cristo ressurreto de “primícias” é dizer que “a ressurreição de Cristo não é um evento isolado, e é garantia de algo ainda mais estupendo” (grifo meu). Essa citação e outras neste parágrafo não estão na Bíblia. Elas foram tiradas de Roy E. Ciampa and Brian S. Rosner, *The First Letter to the Corinthians*, The Pillar New Testament Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 2010), p. 761.

⁷ Para as ideias desta seção, veja a obra crucial de Herman Ridderbos, *Paul: an outline of his theology* (Grand Rapids: Eerdmans, 1975). Para Jesus como primícias/primogênito da nova criação, veja p. 53-7. “Na proclamação de Paulo, a ressurreição de Cristo representa, na verdade, a irrupção da nova *aeon* no sentido real e histórico-salvífico da palavra e, portanto, não pode ser compreendida segundo categorias forenses, éticas ou existenciais” (p. 55).

⁸ John White, *The fight: a practical handbook for Christian living* (Downers Grove: InterVarsity, 1976), p. 88-9. A citação é de um hino de Samuel W. Gandy.

⁹ Jonathan Edwards, “Heaven is a world of love”, in: Wilson H. Kimnach, Kenneth P. Minkema, Douglas Sweeney, orgs., *The sermons of Jonathan Edwards: a reader* (New Haven: Yale University Press, 1999), p. 242-72.

¹⁰ “Time” (1633) de George Herbert. Veja Helen Wilcock, org., *The english poems of George Herbert* (Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2007), p. 432.

¹¹ Douglas J. Moo, *The Letters to the Colossians and to Philemon*, The Pillar New Testament Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 2008), p. 216.

¹² Rebecca Manley Pippert, *Out of the saltshaker and into the world*, 2. ed. (Downers Grove: InterVarsity, 1999), p. 52-4.

¹³ “Falsos mestres em Colossos, alimentando-se da disseminação de um antigo medo de espíritos celestiais, insistiam com os crentes dizendo que precisavam seguir procedimentos baseados em regras que haviam criado para que fossem libertos do poder desses espíritos”. Em resposta, Paulo insiste que Deus, ao mandar Jesus Cristo à cruz como meio final e definitivo para lidar com o problema do pecado, pôs fim a qualquer poder que esses maus espíritos pudessem ter sobre nós. Essa vitória, celebrada e manifesta na ressurreição e ascensão de Cristo, é o que os crentes precisam compreender que lhes pertence. Douglas J. Moo, *The Letters to the Colossians and to Philemon*, *The Pillar New Testament Commentary* (Grand Rapids: Eerdmans, 2008), p. 216.

¹⁴ Michael Horton, *Justification: new studies in dogmatics* (Grand Rapids: Zondervan Academic, 2018), vol. 2, p. 257,275.

¹⁵ John Bunyan, Cynthia Wall, org., *The pilgrim’s progress: a norton critical edition* (New York: W. W. Norton, 2009), p. 32-3 [publicado em português por Mundo Cristão sob o título *O peregrino*].

¹⁶ John Murray, *The Epistle to the Romans* (Grand Rapids: Eerdmans, 1968), p. 156-7.

¹⁷ *Ibidem*.

¹⁸ Eric Nelson, *The hebrew republic: jewish sources and the transformation of european political thought* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 2011). Nelson rejeita a ideia comumente aceita de que as repúblicas democráticas surgiram como consequência da secularização. Nos séculos 16 e 17, estudiosos cristãos começaram a estudar a constituição de Israel em busca de ideias políticas para sua época. Diz a descrição da obra da Harvard University Press: “Nelson identifica três declarações transformadoras introduzidas na teoria política europeia pelo despertar hebraico: o argumento de que as repúblicas são os únicos regimes legítimos; a ideia de que o estado deveria manter coercitivamente uma distribuição igualitária da propriedade; e a crença de que uma república piedosa toleraria a diversidade religiosa”.

¹⁹ C. S. Lewis, *Present concerns: ethical essays* (London: Fount Paperbacks, 1986), p. 20.

²⁰ C. S. Lewis, “The invasion”, in: *Mere Christianity* (New York: MacMillan, 1958), p. 56 [publicado em português por Martins Fontes sob o título *Cristianismo puro e simples*].

CAPÍTULO 3

UMA ESPERANÇA GLORIOSA



Jesus lhe respondeu: “Não te disse que, se creres, verás a glória de Deus?” (Jo 11.40).

A história da glória de Deus

A ressurreição não só traz o futuro para o presente como traz também o céu à terra. Ela une as pessoas à glória de Deus. Este é um dos temas mais importantes que permeiam a Escritura. Descrivê-lo nos permitirá ver de que maneira os livros da Bíblia convergem para uma mesma história coerente.

A Bíblia começa no Jardim do Éden, um lugar criado por Deus onde ele poderia viver com a humanidade. Mas, por causa do pecado, fomos banidos da presença de Deus — uma espada flamejante foi colocada na entrada do Jardim (Gn 3.24). Era a representação figurativa da verdade segundo a qual a penalidade do pecado é a morte. A volta à presença de Deus estava bloqueada pela justiça. Havia uma dívida a ser paga. Não havia como retornar à presença de Deus sem passar pela espada.

Depois de libertar os israelitas da escravidão no Egito, Deus os levou ao Monte Sinai para que se reunissem com ele. A presença de Deus desceu sobre a montanha e foi seguida de raios e trovões, fogo e uma fumaça espessa, além de um violento terremoto (Êx 19.16-18). Quando Deus se dirigiu ao povo, foi como um clangor de trombeta insuportavelmente alto. Foram advertidos de que não tocassem a montanha, ou então a presença de Deus “irromperia” contra eles e os mataria (Êx 19.19-24). A presença nua e crua de Deus, sem mediações, era insuportável, por isso o povo pedia que Deus *não* lhes falasse, “para que não morramos” (Êx 20.19). Somente Moisés se dispunha a “[se aproximar] da nuvem escura onde Deus estava” (v. 21).

Moisés, porém, não queria menos da presença de Deus; queria mais. Com extraordinária ousadia, pediu: “Rogo-te que me mostres tua glória” (Êx 33.18). Deus, porém, respondeu: “Não poderás ver a minha face, porque homem algum pode ver a minha face e viver” (v. 20). O caminho de volta ao Jardim, à vida com Deus, estava interrompido. A espada do querubim continuava lá. Seres humanos pecadores não suportam a presença de Deus, ela é tão fatal para nós quanto a superfície do sol.

Mesmo assim, Moisés pede que, de algum modo, a “presença” de Deus (literalmente, sua “face”) acompanhe os israelitas em sua jornada (Êx 33.14-17). E, assim, Deus criou no deserto um santuário móvel — o tabernáculo, de onde o povo podia se aproximar para se encontrar com Deus (Êx 25.22).

O tabernáculo era a maneira escolhida por Deus para começar a restaurar o que se havia perdido. Muitos aspectos do Jardim do Éden estão representados no projeto do tabernáculo e, mais tarde, do templo.¹ Tanto a entrada do Jardim do Éden quanto a do tabernáculo estavam voltadas para

o leste (Gn 3.24; Êx 38.13-18). Os querubins, sinais da presença imediata de Deus, guardavam a entrada do Jardim (Gn 3.24) e foram esculpido na entrada do templo (1Rs 6.23-28). Em toda a arquitetura do templo, em suas paredes, pilares, mobiliário e cortinas, havia palmeiras, leões, romãs, animais e flores (1Rs 7.13-26,36; 2Cr 3.5-7) trazendo à mente a lembrança viva do Jardim de Deus. O tabernáculo marcou o restabelecimento inicial da habitação de Deus na terra (Dt 12.4).

A sala de fato do trono do santuário era o santo dos santos. Este era o lugar no mundo em que o “nome” de Deus “habitava”, onde residia sua *shekiná*, a nuvem da glória. Era o lugar em que céu e terra se tocavam. No entanto, o santo dos santos era separado do restante do tabernáculo por uma cortina espessa ou barreira na qual havia um querubim bordado (Êx 26.1). O povo não podia entrar. Só o sumo sacerdote entrava ali uma vez por ano e, mesmo assim, ele tinha de pôr incenso no fogo para criar fumaça o bastante para que não visse coisa alguma que pudesse matá-lo (Lv 16.1-34; veja o v. 13). No santo dos santos ficava a Arca da Aliança, uma caixa de madeira com revestimento de ouro onde estavam guardadas as tábuas dos Dez Mandamentos. Na parte de cima da arca, entre dois anjos esculpido, havia uma peça de ouro puro chamada de “propiciatório”. Ali, no Yom Kippur, o Dia da expiação, o sumo sacerdote oferecia um sacrifício de sangue pelos pecados do povo. Deus só falava de cima do propiciatório (Êx 25.10-22).

As imagens não podiam ser mais claras. Os Dez Mandamentos exigiam obediência, uma obediência e uma santidade da qual nenhum ser humano era capaz. A única maneira de ter comunhão com Deus, de que ele falasse conosco, era por meio da expiação dos pecados. Assim como uma espada de justiça guardava o caminho de volta ao Jardim, o sumo sacerdote também

tinha de passar “sob a espada” com um sacrifício de sangue, em uma expiação simbólica pelo pecado, pagando a penalidade para entrar, ainda que brevemente, na presença de Deus. No final do culto no tabernáculo, Deus abençoava as pessoas com o *shalom*, ou paz (Nm 6.24-27). E, no entanto, a glória da santidade divina permanecia por trás do véu no santuário onde nenhum pecador podia entrar. O tabernáculo deixava Deus mais perto, contudo, mesmo assim ninguém podia ver sua glória e viver.

Quando o rei Davi planejava a construção de um santuário físico, o templo, Deus enviou um profeta para lhe dizer que um de seus descendentes edificaria uma “casa” permanente em que Deus e seu povo finalmente habitariam juntos para sempre (2Sm 5.6-10; 7.1-16). Salomão, filho de Davi, construiu de fato o primeiro templo, mas não era o filho de Davi de quem falava a profecia, porque seu templo foi destruído (1Rs 11.11-13; 2Rs 25.8-11). Durante o exílio, Ezequiel também profetizou um templo novo e um novo Davi que o construiria (Ez 37.24-28,40-43). Ele disse que a glória do Senhor o encheria (Ez 48.35) e que seria tão grande que todas as nações da terra entrariam nele (Ez 37.28).

Contudo, o templo construído depois que os exilados voltaram da Babilônia também não foi a concretização da visão dos profetas. Quando o novo fundamento foi lançado, os mais velhos choraram porque era muito menos esplêndido do que o templo de Salomão, e não mais (Ed 3.12). O novo templo não correspondia ao que fora profetizado (Ag 2.1-8). Aquele seria edificado somente quando o Messias, o novo “Davi”, viesse.

O Novo Testamento pega o fio dessas profecias. O Evangelho de João havia declarado que Jesus Cristo se tornara carne e (literalmente) *tabernaculara* entre nós, e vimos a sua glória (Jo 1.14). Da mesma forma, o livro de Hebreus nos diz que Jesus é “o resplendor da sua glória e a

representação exata do seu ser” (Hb 1.3). Jesus não apenas tem ou traz a glória de Deus — ele *é* a glória de Deus. Ele revela e traz o poder e a beleza de Deus. Quando Jesus expulsou os vendilhões do templo, perguntaram-lhe o que dava a ele o direito de fazer isso. Ele respondeu:

“Destruí este templo, e eu o levantarei em três dias”. Os judeus prosseguiram: “Este santuário levou quarenta e seis anos para ser edificado, e tu o levantarás em três dias?” Mas o templo ao qual ele se referia era o seu corpo. Quando ressuscitou dentre os mortos, seus discípulos se lembraram disso que ele dissera e creram na Escritura e na palavra que Jesus havia falado (Jo 2.19-21, ESV).

Não foi surpresa que até mesmo os discípulos de Jesus não tivessem ideia do que ele estava falando. Ele estava dizendo que quando ressuscitasse, ele *seria* o novo templo, o lugar onde as pessoas encontrariam a Deus. De fato, ele estava dizendo que o antigo tabernáculo e os templos apontavam para ele o tempo todo.

Quando Jesus disse que seu corpo ressurreto era o verdadeiro templo, ele estava dizendo algo do tipo: “Em todos os templos ao redor do mundo, os sacerdotes oferecem sacrifícios e fazem rituais com o objetivo de lançar uma ponte sobre o abismo que você sente existir entre você e Deus. Contudo, eu sou *o* sacrifício que põe fim a todos os sacrifícios. Eu sou *o* sacerdote que põe fim à sua necessidade de sacerdotes. Fui eu que passei sob a espada (Gn 3.24). Sou eu que trago o céu à terra, porque não sou apenas a ponte sobre o abismo que conduz à glória de Deus, eu *sou* a glória de Deus”. Ninguém, é claro, jamais havia dito qualquer coisa parecida com isso antes. Os fundadores de outras religiões construíram muitos templos. Jesus, porém, *é* o templo que põe fim a todos os templos.

Em Mateus 27.51, lemos que no momento em que Jesus morreu, o véu do templo foi rasgado em dois de cima para baixo como se duas mãos poderosas o partissem do alto. Quando morreu, Jesus demoliu o antigo templo e, em sua ressurreição, ele instituiu o templo novo. Ao nos unirmos agora ao Cristo ressurreto pela fé, através do Espírito Santo, a presença da glória da *shekiná* de Deus, que antes estava inacessível atrás do véu, está agora à nossa disposição.

Isso é de extraordinária importância para a igreja, pois significa que o cristão não é basicamente uma pessoa simpática que subscreve certas crenças e códigos. Em vez disso, o cristianismo é uma regeneração radical do coração e uma reorientação da vida. Somos regenerados quando cremos (Jo 3.3), porque agora a mesma presença divina que antes sacudia as montanhas, apavorava as pessoas e matava os seres vivos ao entrar em contato com eles agora vive em nós. Isso significa que ser cristão nos dá acesso à presença de Deus pela oração. O anseio não realizado de Moisés de ver a luz da glória e da face de Deus (Êx 33.18) é agora privilégio nosso (Jo 1.14; 2Co 4.6).

Em outras palavras, ser cristão faz de nós parceiros e participantes com Cristo em sua obra de espalhar, curar e dinamizar o poder do reino pelo mundo. Como Jesus é o templo, nós também somos o templo final, agora como “pedras vivas” nele (1Pe 2.4-10). Como Jesus é o sumo sacerdote, somos “sacerdotes” e podemos nos aproximar de Deus (Hb 4.14-16) e levar outros até ele (Hb 13). Como Jesus é o portão do céu (Jo 1.51, 14.6) estamos ligados ao céu (Cl 2.20; Fp 3.20). Como Jesus é o ungido (Lc 4.18), assim como o templo, assim somos também ungidos (1Jo 2.20). Todas as linhas e temas do templo convergem para Jesus — ele é o sacrifício, o sacerdote e o altar, a luz, o pão, o sangue da purificação, a glória

da *shekiná*. Isto porque todas as promessas de Deus se tornam *sim* em Jesus (2Co 1.20).

Quando Jesus retornar à terra, a nova cidade de Deus será um cubo perfeito (Ap 21.16), tal como o fora o santo dos santos (2Cr 3.8). Essa linguagem escatológica e metafórica nos diz que o mundo inteiro será um gigantesco santo dos santos. A terra toda será novamente o Jardim do Éden. Por quê? Porque estaremos de novo face a face diante dele — outra vez, para sempre.

Nela não vi santuário, pois seu santuário é o Senhor Deus todo-poderoso e o Cordeiro. A cidade não necessita nem do sol, nem da lua, para que nela brilhem, pois a glória de Deus a ilumina, e o Cordeiro é a sua lâmpada (Ap 21.22,23).

Glória para o indivíduo

Quais as implicações dessa realidade estupenda, a saber, que o Cristo ressurreto uniu o céu e a terra?

Moisés teve primeiramente uma experiência da presença de Deus quando se encontrou com o Senhor na sarça ardente (Êxodo 3). Tratava-se de um arbusto que queimava, mas não se consumia, porque aquilo que parecia ser mero fogo físico era, na verdade, a glória de Deus. No Monte Sinai, Moisés viu novamente descerem a glória e o fogo de Deus. Ele queria se aproximar e olhar diretamente o que via. Quando Deus lhe disse, “Não poderás ver a minha face” (Êx 33.20), sabemos o que Moisés queria. Ele não estava em busca simplesmente de um brilho resplandecente. A expressão hebraica “ver a face de alguém” significava ter comunhão íntima com a pessoa.

No Éden, Deus “caminhava” conosco (Gn 3.8) era um termo que indicava amizade e amor. O ser humano foi criado para ter comunhão com Deus assim como os peixes foram criados para viver na água. A presença amorosa de Deus era nossa realização máxima, mas quando a humanidade se desviou de Deus, perdemos precisamente aquilo para o que havíamos sido criados. Fomos criados para desejar o amor e a beleza, e ainda os desejamos, porém distantes de Deus só nos deparamos com substitutos pobres nos quais nosso coração não poderá, por fim, repousar. Moisés, em alguma medida, compreendeu o mesmo que Agostinho compreendera em sua célebre oração a Deus: “Porque [...] fizeste [o ser humano] rumo a ti e nosso coração é inquieto, até repousar em ti”.²

Eis aqui, portanto, o paradoxo por excelência. O maior desastre possível para o ser humano consiste em estar “longe da presença do Senhor e da glória do seu poder” (2Ts 1.9). E, contudo, agora é fatal para nós termos exatamente aquilo para que fomos criados.

C. S. Lewis tenta explicar isso em seu romance de ficção científica *Perelandra*, em que o narrador faz contato com um “eldil” de Marte, um ser de bondade absoluta. E, para sua decepção, o narrador acha a experiência uma tremenda decepção. De repente, ele se dá conta de que, embora tivesse elogiado a si mesmo por ser uma pessoa boa, na verdade, ele “não gostava tanto da ‘bondade’ quanto imaginava”.

Isto é uma experiência verdadeiramente terrível. Enquanto aquilo que tememos é qualquer coisa má, podemos ainda ter esperança de que os bons venham em nosso auxílio. Mas suponhamos que, vencendo todas as dificuldades, chegamos aos bons e verificamos que são aterrorizantes também? Que tal se a própria comida se revelar exatamente aquilo que não podemos comer, e o lar o lugar em que

não podemos viver e a pessoa que nos conforta exatamente aquela que nos causa desconforto? Nesse caso, na verdade, não há salvação possível: foi jogada a última carta [...] Queria que [esse mundo] fosse embora. Queria que fosse maior possível a distância, o abismo, a cortina, o cobertor e a barreira entre mim e [esse mundo].³

Por causa do pecado, a única coisa de que mais precisamos — a presença e a glória de Deus — se torna a única coisa que mais tememos e evitamos. Esta é, de acordo com a Bíblia, a condição humana.

À luz da história do Antigo Testamento, a linguagem que os autores do Novo Testamento usam para descrever a experiência cristã não é senão surpreendente. Em 2Coríntios, diz Paulo:

O Senhor é Espírito, e onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade. Mas, todos nós, [...] refletindo [...] a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, que vem do Espírito do Senhor [...] foi ele mesmo quem brilhou em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo (2Co 3.16-18; 4.6).

Embora não possamos ainda ver o Senhor com nossos olhos físicos, conforme o faremos quando o reino vier em sua plenitude (1Jo 3.1-3), temos à disposição uma visão de fé parcial, porém transformadora, de sua glória que vem pelo evangelho (2Co 4.6). Em oração, pelo Espírito que o Cristo ressurreto nos concedeu quando meditamos na Palavra, é possível desfrutar no coração do sentimento da beleza e da glória de Jesus, que reproduz em nós sua bondade, seu amor, sabedoria, alegria e paz.

O fogo da presença gloriosa de Deus que Moisés viu na sarça ardente e que renoverá o mundo no fim dos tempos veio até nós representado pelas

línguas de fogo sobre a cabeça dos discípulos no dia de Pentecostes (At 2.3). Todo cristão é agora uma pequena sarça ardente, uma nova criação feita à imagem de Cristo, ao contemplar sua glória pela fé.

Glória para a comunidade

Ainda que a Bíblia se refira aos cristãos como templos, cheios do Espírito de Deus (1Co 6.19), ela também entende o coletivo da igreja como templo de Deus. “Vós também, como pedras vivas, estais sendo edificados como casa [templo] espiritual” (1Pe 2.5). O uso do tempo verbal no gerúndio indica que os cristãos, como pedras vivas que são, estão sendo edificados juntos em uma comunidade em torno da presença de Cristo. No meio da comunidade, encontram-se “os poderes do mundo vindouro” (Hb 6.5), uma frase que faz referência não apenas ao céu que virá à terra, mas ao futuro trazido ao presente. A glória de Deus que vem à terra não produz apenas pessoas radicalmente transformadas, mas toda uma nova espécie de comunidade humana — a igreja. Paulo diz: “Nossa cidadania, porém, está no céu” (Fp 3.19,20).

O termo traduzido como “cidadania” é *politeuma*, uma palavra que é mais bem traduzida como “comunidade de nações” ou “colônia”. Trata-se de um corpo politicamente organizado com leis e lealdades que governa o comportamento dos seus cidadãos. Literalmente, ele diz aos cristãos que sua política — a maneira como se comportam na sociedade — deve se basear na vida do “céu”. Filipos era uma colônia romana (At 16.22), porém, este é um termo que não tem mais uma conotação positiva para as pessoas atualmente. Contudo, na época, era um status muito cobiçado. Significava que todos em seu interior eram considerados cidadãos romanos. Seus

privilégios legais — bem como suas leis e obrigações — eram os mesmos que teriam se vivessem em Roma.⁴

Significava que a igreja é uma sociedade alternativa, não apenas um grupo de pessoas perdoadas. Ela é “nação santa [distinta, separada]” (1Pe 2.9), uma contracultura, uma nova sociedade em que o mundo pode ver com que se parece uma dinâmica familiar, práticas empresariais, relações de raça e tudo o mais na vida quando o Espírito começa a curar todos os efeitos do pecado: psicológicos, sociais e físicos. Nesse sentido, a igreja deve seguir os padrões, diretrizes e leis divina, não as do mundo, e mostrar a ele como deve ser uma nova comunidade.

Colônias do céu

Com o que uma “comunidade celestial” se parece na terra? Ela está sempre incompleta, uma obra em andamento, mas há lampejos de glória, de “tesouros em vasos de barro” (2Co 4.7).

O pastor Jeremy Treat visitou Kibera, uma região extremamente pobre de Nairóbi, no Quênia. Ele percorreu o local seguindo o curso de um esgoto a céu aberto que escorria ao longo de proteções feitas de pedaços de madeira e de barro seco. Ele viu muitas crianças nuas brincando no barro seco perto do esgoto. Passou por uma garota de doze anos que, de acordo com seus guias, era prostituta. Sentindo-se perplexo, ouviu os primeiros sons de seu destino. À medida que o volume do som aumentava, viu que se tratava de vozes humanas. Por fim, chegou a uma construção, “pouco mais do que uma cabana”, onde se realizava um culto.

Cerca de setenta pessoas cantavam “a plenos pulmões, louvando a Deus em suaíli”, os braços levantados em adoração. “Lágrimas. Sorrisos. Oração. Louvor”. O que poderia ter dado a essas pessoas, que viviam naquelas

trevas, tanta esperança e até mesmo alegria? Treat escreveu: “Naquela favela tão pobre, eu sabia que o reino havia chegado [...] não ainda [...] na plenitude da promessa futura de Deus, mas ele estava ali, em meio ao sofrimento e à devastação mais horríveis”.⁵

Ele viu que o poder transformador era individual e coletivo. “O reino de Deus estava irrompendo e transformando a vida de pessoas reais. Essa gente não tinha nada, mesmo assim aquelas pessoas sabiam que, em Cristo, tinham tudo”. E, no entanto, elas não estavam simplesmente no limiar de um estado psicológico interno de tranquilidade. “O amor de Deus fora derramado sobre elas e agora transbordava”. Elas não estavam contentes em deixar sua comunidade em um estado de impotência e de miséria. “Durante o dia todo, ouvi histórias de como essas pessoas amavam e serviam outros da comunidade”. Ele concluiu: “O que vi naquela pequena cabana foi um vislumbre do mesmo poder que um dia renovará a criação”.⁶

No fim da década de 40, Francis e Edith Schaeffer foram enviados em viagem missionária à Europa para promover a religião americana de estilo fundamentalista.⁷ Na Europa, Francis teve uma crise de fé deflagrada, parcialmente, pela falta de amor que viu entre os conservadores que defendiam a fé nos círculos eclesiais que frequentava. Depois de um período de dúvidas, ele se recobrou munido de um novo compromisso com a doutrina cristã ortodoxa, mas com o objetivo de criar uma comunidade que era em si mesma um sinal poderoso do reino — uma comunidade que manifestaria a realidade do Deus cristão. Em 1955, eles fundaram um ministério denominado L’Abri (“O Abrigo”) nas proximidades de uma pequena aldeia nos alpes suíços. Tudo começou simplesmente com a filha mais velha do casal, estudante da Universidade de Lausanne, que levava

estudantes para sua casa nos finais de semana onde comiam, faziam caminhadas e debatiam.

Os Schaeffers entraram em contato com algo que ainda não era comum nos Estados Unidos. Os estudantes europeus, em números cada vez maiores, haviam perdido a fé, não apenas na igreja, mas em qualquer crença em declarações universais de verdade. Eles lutavam com “as consequências da guinada pós-moderna” antes mesmo que houvesse uma palavra para isso. Estavam diante de novos tipos de problemas — como encontrar sentido, como encontrar uma base para valores morais e justiça além de uma identidade estável e como lidar com a vergonha que pareciam sentir apesar de tudo. O trabalho dos Schaeffers “consistiu em um amplo esforço de aspectos variados cujo propósito era ajudar uma geração” de jovens céticos alienados.⁸

Eles começaram levando simplesmente as pessoas para casa como convidadas, oferecendo a elas uma hospitalidade extremamente calorosa e cordial. Eles se preocupavam com os interesses dos jovens, não importava seus antecedentes. Ouviam atentamente e não tentavam impor sua teologia ou programa, embora expressassem sempre confiança de que o cristianismo dispunha dos principais recursos para os vários aspectos do dilema humano. Os Schaeffers não partiram de um currículo no qual eles determinavam qual seria o plano; em vez disso, deixavam que os interesses dos estudantes guiassem as conversas. Eles interagiam com as obras, a arte e a cultura em que os estudantes estavam imersos e apresentavam um ensino cristão que dava o que chamavam de “respostas francas a perguntas francas”.

Durante os vinte anos que se seguiram, centenas e depois milhares de jovens passaram por L'Abri, que se expandiu em vários chalés. Durante esse tempo, um grande número de jovens, os mais insuspeitos, se converteram

ao cristianismo. Quando lhes perguntaram que fatores os haviam levado à fé, disseram que fora a singularidade da comunidade.

Ela era singular porque equilibrava verdade e amor. Em praticamente todas as demais comunidades, um indivíduo parecia ter mais privilégios do que outro, disseram. Ou havia uma aceitação inclusiva associada a uma visão relativista das coisas, ou havia uma ortodoxia associada a atitudes excludentes em relação “aos tipos errados de pessoas”. L’Abri, porém, não se encaixava em nenhuma das duas categorias. Ela ostentava uma realidade espiritual que não era possível compreender — a menos que a mensagem do cristianismo no âmago da comunidade fosse realmente verdadeiro.

Até mesmo Frank Schaeffer, que posteriormente rejeitou as crenças cristãs da família, dá testemunho sólido dessa realidade. Por exemplo, os Schaeffers ensinavam a ética sexual cristã tradicional e, no entanto, quando mães solteiras os procuravam, eram mesmo assim acolhidas com amor.

Nossas “mães solteiras” iam às vezes acompanhadas das mães, ou de outra colaboradora, ao hospital de Aigle para o parto. O pecado era pecado, mas como éramos todos pecadores destituídos da glória de Deus, a gravidez não trazia consigo estigma algum. Tampouco se estigmatizava a [...] doença mental.⁹

A hospitalidade de décadas a fio dos Schaeffers custou-lhes caro financeira e espiritualmente, conforme puderam atestar seus convidados e colaboradores. Francis escreveu: “Por volta dos primeiros três anos de funcionamento de L’Abri, todos os nossos presentes de casamento haviam sido destruídos. Rasgaram nossa roupa de cama. Nossos tapetes tinham buracos abertos pelo fogo [...] Levaram drogas para nossa casa. As pessoas

vomitavam nos cômodos”.¹⁰ Frank, filho do casal, testemunha novamente de como aquilo tudo era constrangedor:

Vi que a compaixão de meus pais era coerente [...] Não era a defesa de uma compaixão do tipo que outra pessoa levaria a cabo com dinheiro de imposto, ou à distância; não, eles abriam sua casa. O resultado disso era que as pessoas reunidas em volta da nossa mesa eram uma amostra de humanidade e de habilidade intelectual, havia pacientes mentais e estudantes de Oxford, além de todo tipo de gente necessitada. Meu pai e minha mãe apresentavam argumentos a favor de Deus [...] mas palavra alguma era mais convincente do que sua disposição em pôr em risco as posses materiais, a privacidade e o tempo de que dispunham, às vezes, mediante risco pessoal e sempre com a consciência de que se alguém tirava vantagem deles com tal situação, também isso não tinha importância.¹¹

Veja como são diferentes essas “colônias do céu”. Uma delas era um chalé nos belos alpes suíços tocando a vida de muitas das mentes jovens mais brilhantes da Europa; a outra era um barraco em meio ao esgoto e ao barro tocando os pobres mais pobres da África. A diferença entre as duas é radical, mas ambas são uma coisa só. A sabedoria do mundo criaria uma faculdade na Europa e uma agência de serviço social em Nairóbi. Contudo, as duas seriam simplesmente distribuidoras de produtos, e não comunidades novas e revolucionárias que mudaram vidas de dentro para fora. Tanto o chalé quanto a cabana foram “plantas-piloto”, comunidades do Rei, modificadas pela presença de Cristo e que exibem a beleza das sociedades humanas reorganizadas em torno de sua glória e do seu amor, e não em

torno da nossa glória e poder. Nos dois casos tem-se um vislumbre dos mesmos “poderes do mundo vindouro” que um dia renovarão toda a criação.

Glória para o mundo

No salmo 72, o salmista fala de um rei que reina “até as extremidades da terra” (v. 8) “enquanto existir o sol [...] [e] a lua (v. 5). Esse rei “se [compadecerá] do pobre e do necessitado [...] Ele os [libertará] da opressão e da violência” (v. 13,14). Quando isso acontecer, se dirá: “Bendito seja o Senhor Deus [...] e toda a terra encha-se da sua glória” (v. 18,19). Com o Rei Messiânico, a glória de Deus se manifestará quando a viúva, o órfão, o imigrante e o pobre forem finalmente tratados de forma justa e libertos das forças que os oprimem. Por outro lado, nas culturas do mundo, as pessoas se dedicam a “[fazer] para [elas] um nome” (cf. Gn 11.4). Em outras palavras, vivem para sua própria glória, e não para a glória de Deus, e quando isso acontece o resultado é conflito e exploração. Contudo, quando a glória de Deus encher a terra toda, haverá paz, harmonia e justiça perfeitas.

Se na Bíblia a glória de Deus está tão intimamente associada à retidão e à justiça, e se pela ressurreição recebemos a glória celestial e futura renovadora do mundo, o que isso significa para nosso trabalho no mundo agora?

Geerhardus Vos, em *O reino de Deus e a igreja*, diz que depois da ressurreição de Cristo, “as forças do reino [...] estão em ação”, mas não apenas dentro das quatro paredes da igreja. Ele diz que o propósito do reino consiste em renovar o mundo inteiro, ele “tem como objetivo permear [...] totalmente a vida humana”.¹² Com isso, ele não tem em vista nenhum tipo de tomada de controle teocrático pela igreja. Pelo contrário, ele diz que quando os cristãos fizerem do amor ao próximo e da glória de Deus as

metas mais elevadas de sua ação, se observará nos campos da “ciência [...] arte [...] estado [...] [...] comércio e indústria” mais do que o estabelecimento de relações justas e corretas. As pessoas não progredirão à custa da outra, vivendo para sua própria glória. Em vez disso, elas prosperarão pela mútua dependência e pelo amor. E, quando os cristãos trabalharem sob “a influência controladora do princípio da glória divina”, e não da sua própria glória, “aí poderemos dizer verdadeiramente que o reino de Deus se manifestou”.¹³

Geerhardus Vos adverte novamente de que isso não deve resultar em um esforço triunfalista para, de algum modo, libertar a cultura humana de todas as suas impurezas. Citando várias parábolas, ele diz: “Nosso Senhor deseja deixar claro que [...] só poderá haver separação completa entre o bem e o mal no fim do mundo. Durante a presente era, o reino terá de partilhar das [...] limitações e das imperfeições” existentes no mundo, mas, apesar disso, é possível identificar avanços reais contra o mal e a injustiça.¹⁴ Os cristãos são e continuarão a ser “sal e luz” no mundo. A capacidade do cristão de manifestar o reino de Deus nessas esferas é limitada, porém real.

Se a morte e a ressurreição de Jesus garantissem “apenas” o perdão individual dos meus pecados abrindo o caminho para eu ir para o céu quando morrer, isso já seria uma verdade maravilhosa. Por incrível que pareça, porém, a morte e a ressurreição de Cristo significam muito mais do que isso. Michael Horton discorre sobre como foi crescer em círculos cristãos fundamentalistas que não se davam conta da ideia do reino de Deus e não atentavam para a renovação do mundo todo como propósito da ressurreição: “Quando eu era criança, a salvação consistia [simplesmente] em ‘ir para o céu depois da morte’. É claro que acreditávamos na

ressurreição do corpo e na vida eterna, mas era um pouco confuso: somos salvos pela morte [de Jesus] ou por [sua] ressurreição?”

Quando nos concentramos na cruz, é possível compreender o cristianismo como algo que dá paz e perdão às pessoas. Contudo, quando Horton compreendeu o sentido da ressurreição, afirmou:

Foi libertador saber que Cristo era o princípio (primícias) da nova criação; que, unido a ele [pela fé] [...] tudo o que lhe aconteceu, aconteceu no passado, está acontecendo e acontecerá a mim; e que minha salvação está envolta na salvação de um povo, o Israel de Deus e, em um lugar, na criação renovada em que habita a justiça. Faz uma grande diferença em nosso viver diário pensar que *tudo vai arder* ou que *a criação anseia pela libertação do cativo em que se encontra para partilhar da liberdade dos filhos de Deus* (Rm 8.21).¹⁵

Jesus, a escada que leva a Deus

Vendo Natanael aproximar-se, Jesus referiu-se a ele, dizendo: “Este é um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento!” E Natanael perguntou-lhe: “De onde me conheces?” Respondeu-lhe Jesus: “Antes que Filipe te chamasse, eu te vi, quando estavas debaixo da figueira”. Natanael respondeu: “Rabi, tu és o Filho de Deus, tu és o rei de Israel”. Ao que lhe disse Jesus: “Crês porque te disse que te vi debaixo da figueira? Pois verás coisas maiores do que essa”. E acrescentou: “Em verdade, em verdade vos digo que vereis o céu aberto, e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem” (Jo 1.47-51).

No livro de Gênesis, Jacó enganou seu pai idoso e cego, que lhe concedeu a bênção que cabia ao primogênito, seu irmão Esaú. Quando Esaú descobriu a artimanha, quis matar Jacó, que fugiu então em direção ao deserto. Agora sem abrigo e sem amigos, entrou em desespero. Deitou-se para dormir com a cabeça sobre uma pedra que lhe servia de travesseiro e sonhou (Gn 28.11). No sonho, havia uma escada gigante que se estendia da terra ao céu e havia anjos nela. Na Bíblia, os anjos eram a representação da presença imediata e gloriosa de Deus. Conforme vimos, a glória e a presença de Deus não é algo a que têm acesso os seres humanos pecadores. Quando Isaías viu Deus exaltado nas alturas, ele disse “Estou destruído” (Is 6.1-6).¹⁶ Jacó era um mentiroso e trapaceiro que jamais havia se arrependido das coisas erradas que fizera. Contudo, ali estava diante dele uma escada, uma conexão entre o céu e a terra. Por que Deus viria com sua presença na vida de Jacó? Como *poderia* ele vir com sua presença na vida de Jacó? Como o céu poderia se abrir para ele?

A resposta veio séculos depois. Filipe, discípulo de Jesus, se aproximou de seu amigo Natanael dizendo-lhe que havia encontrado o Messias, “Jesus de Nazaré” (v. 45). “Nazaré!”, zomba Natanael, e pergunta se algo importante poderia vir de um lugar tão atrasado como Nazaré.

Mesmo assim, foi com Filipe ver Jesus. Quando se encontraram, Jesus lhe disse: “Eu te vi, quando estavas debaixo da figueira”. Não temos a mínima ideia do que se passou ali, mas Natanael, sim, e ficou chocado de ver que Jesus sabia. Ele supôs que Jesus tivesse algum poder sobrenatural, tal como um mágico, e disse: “Tu és o rei de Israel”.

E Jesus lhe respondeu: “Ficou impressionado? Digo-lhe com seriedade e verdade que você verá coisas maiores do que essa. Verá o céu se abrindo e os anjos de Deus subindo e descendo sobre *mim*”.

Talvez não tenha havido jamais uma declaração tão extraordinária. Muitas lendas antigas falavam de um *axis mundi* — alguma coisa que ligava o céu e a terra e através da qual um peregrino podia passar, graças a seus esforços e empenho, para o reino divino. Se Jesus tivesse dito “Vou lhe mostrar o portão do céu. Posso lhe mostrar a ligação entre o céu e a terra”, tal teria sido a declaração de um profeta, assim como dos fundadores de outras grandes religiões. Não foi, porém, o que ele disse. Jesus está dizendo: “*Eu sou o axis mundi. A interseção do Céu e da terra se dá em mim. O meu viver e morrer trarão o Espírito da glória ao mundo e à sua vida*”.

“Abriu-se uma fenda nas impiedosas muralhas do mundo”, disse C. S. Lewis, por “nosso grande Capitão”.¹⁷ Ele abriu uma passagem na barreira impenetrável entre nós e Deus. Assim, para todos os nossos Jacós, todos nós que evidentemente arruinamos nossa vida, gente que usa pedras em lugar de travesseiros — há, para nós, esperança infinita. Até mesmo nós podemos ter a glória e o poder de Deus em nossa vida.

¹ Veja Gordon J. Wenham, “Sanctuary symbolism in the Garden of Eden story”, Richard S. Hess, David Toshio Tsumura, orgs., *I studied inscriptions from before the flood* (University Park: Eisenbrauns, 1994), disponível em: www.godawa.com/chronicles_of_the_nephilim/Articles_By_Others/Wenham-Sanctuary_Symbolism_Garden_of_Eden.pdf, acesso em: 23 ago. 2021.

² Agostinho, *Confissões*, 1.1 [publicado em português por Companhia das Letras sob o título *Confissões*].

³ C. S. Lewis, *Perelandra* (New York: Macmillan, 1965), p. 19 [publicado em português por WMF Martins Fontes sob o título *Perelandra: viagem a Vênus*].

⁴ Alec Motyer, *Philippian studies: the richness of Christ* (Chicago: InterVarsity, 1966), p. 58.

⁵ Jeremy Treat, *Seek first: how the kingdom of God changes everything* (Grand Rapids: Zondervan, 2019), p. 19-20.

⁶ Ibidem, p. 20-1.

⁷ Para informações sobre este estudo de caso, veja Barry Hankins, *Francis Schaeffer and the shaping of American evangelicalism* (Grand Rapids: Eerdmans, 2008), especialmente, os capítulos “The making of an american fundamentalist”, “The making of a european evangelical” e “L’Abri” (p. 1-73); e Charles E. Cotherman, *To think Christianly: a history of L’Abri, Regent College, and the Christian Study Center movement* (Downers Grove: IVP Academic, 2020), p. 13-47.

⁸ Charles E. Cotherman, *To think Christianly: a history of L’Abri, Regent College, and the Christian Study Center movement* (Downers Grove: IVP Academic, 2020), p. 17.

⁹ Frank Schaeffer, *Crazy for God: how I grew up as one of the elect, helped found the religious right, and lived to take all (or almost all) of it back* (Cambridge: Da Capo Press, 2007), p. 21.

¹⁰ Francis Schaeffer, “Revolutionary Christianity”, in: *The church at the end of the 20th century* (Wheaton: Crossway, 1994), p. 100-1.

¹¹ Frank Schaeffer, *Crazy for God: how I grew up as one of the elect, helped found the religious right, and lived to take all (or almost all) of it back* (Cambridge: Da Capo Press, 2007), p. 21-2.

¹² Geerhardus Vos, *Kingdom of God and the church* (Nutley: Presbyterian and Reformed, 1971), p. 87.

¹³ Ibidem, p. 87-8. Geerhardus Vos ensina que depois da ressurreição de Cristo, “as forças do reino [...] entraram em ação, [e] a vida do reino [...] encontra expressão no organismo do reino da igreja visível” (p. 87). As forças sobrenaturais do reino se manifestam neste mundo sobretudo na igreja. E Vos prossegue: “Disso, porém, não se segue necessariamente que a igreja visível seja a única expressão externa do reino invisível”. Uma vez que o propósito do reino é renovar o mundo todo, diz ele, segue-se que ele “tem como objetivo impregnar [...] a vida humana por inteiro” (p. 87). O autor se apressa em dizer enfaticamente que o ensino de Jesus não foi “que este resultado deva ser alcançado tornando a vida humana, em todas as suas esferas, sujeita à igreja visível”. Pelo contrário, diz ele, “há uma esfera da ciência [...] da arte [...] da família [...] do estado [...] do comércio e da indústria” e quando o cristão faz seu trabalho de tal modo que “a esfera passa para a influência do princípio da glória [...] divina [...] aí podemos dizer verdadeiramente que o reino de Deus se manifestou” (p. 87-8). “Embora não seja certo separar a igreja visível de coisas como o estado cristão, a arte cristã, a ciência cristã etc., essas coisas, se de fato pertencerem ao reino de Deus, brotarão da vida regenerada da igreja invisível” (p. 88-9).

¹⁴ Ibidem, p. 89.

¹⁵ Michael Horton, “N. T. Wright reconsiders the meaning of Jesus’s death”, The Gospel Coalition, October 10, 2016, disponível: www.thegospelcoalition.org/reviews/the-day-the-revolution-began, acesso em: 23 ago. 2021.

¹⁶ Quando Isaías vê a santidade e a glória de Deus, ele diz que está “destruído” (na versão King James), ou arruinado (New International Version) ou “perdido” (English Standard Version e a maior parte das traduções em português). O termo hebraico significa literalmente ser destruído.

¹⁷ C. S. Lewis, “The weight of glory”, *Theology*, November 1941, disponível em: www.wheelersburg.net/Downloads/Lewis%20Glory.pdf, acesso em: 23 ago. 2021 [publicado em português por Vida Nova sob o título *O peso da glória*].

CAPÍTULO 4

UMA ESPERANÇA SUBVERSIVA



Pelo contrário, Deus escolheu as coisas absurdas do mundo para envergonhar os sábios; e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes. Ele escolheu as coisas insignificantes do mundo, as desprezadas e as que são nada para reduzir a nada as que são, para que nenhum mortal se glorie na presença de Deus. Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual, da parte de Deus, se tornou para nós sabedoria, justiça, santificação e redenção, a fim de que, como está escrito: Quem se gloriar, glorie-se no Senhor(1Co 1.27-31).

O caráter subversivo do reino

Quando Jesus ressuscitou dos mortos, ele trouxe o reino futuro de Deus para o presente e trouxe o céu à terra. Entramos agora no reino pelo arrependimento e pela fé em Jesus, e pelo novo nascimento por meio do Espírito Santo (Jo 3.3,5). Em seguida, somos literalmente “transferidos” do reino deste mundo para “o reino do seu filho querido” (Cl 1.13, ESV). Isto é muito mais do que adotar simplesmente novas crenças e práticas éticas.

Entrar em um reino significa se sujeitar a um novo conjunto de lealdades, crescer em amores novos e se submeter a novos valores diretivos na vida. Depois disso, corações, famílias, relacionamentos, comunidades e campos da cultura humana são curados e retrabalhados à medida que são redirecionados para a glória de Deus e submetidos à autoridade de Jesus, o Rei, pela sua Palavra e Espírito (Sl 72; Cl 1.16-20; Ef 1.9,10).

Isso resume o que vimos até agora. Contudo, ainda não examinamos concretamente de que maneira a mensagem e os valores singulares do reino contrastam com o reino deste mundo e de que modo refazem nossa vida, devagar, mas com firmeza.

Nos dias de Jesus, a mensagem do reino contradizia todas as categorias do mundo. Em nossa época, a fé cristã é vista como algo tradicional, e não como algo radical e subversivo. Nada poderia estar mais longe da verdade. Devidamente compreendida, a mensagem do reino de Deus subverterá as crenças dominantes da nossa cultura. A principal razão para esse equívoco se deve à interpretação segundo a qual a Bíblia seria uma série de histórias sobre como podemos nos salvar por meio de uma existência moral. Ela não é compreendida pelo que é — uma história simples e coerente sobre como Jesus Cristo salva o mundo através da grande inversão. Delinearemos essa história no decorrer dos próximos dois capítulos.

O reino de ponta-cabeça

O mundo esperava que o Messias viesse uma única vez. Jesus, porém, anuncia um Messias que vem duas vezes, o que é algo completamente inesperado: um Messias que vem duas vezes, vem pela primeira vez de modo frágil, e não forte. É por isso que o reino em duas etapas é, do ponto de vista do mundo, um reino de “ponta-cabeça”. O Rei vem de um modo

que inverte os valores do mundo. Ele vem frágil e vem para servir, não com força e energia, ele vem para morrer e nos resgatar.

Há três implicações importantes aqui. Em primeiro lugar, significa que entramos no reino pelo mesmo padrão invertido (de ponta-cabeça). Diferentemente das outras religiões, não alcançamos a salvação reunindo forças para viver uma vida virtuosa. Recebemos a salvação por meio da fragilidade do arrependimento. Em segundo lugar, significa que também vivemos, crescemos e servimos neste reino não por tomar o poder, mas por seguir a Jesus, abrindo mão do poder para perdoar, para sacrificar e para servir. Por fim, vemos o mundo todo de outra maneira. Não valorizamos exageradamente o competente, o confiante e o bem-sucedido. Não nos curvamos diante dos ricos, dos brilhantes e capazes, para satisfazê-los (Tg 2.1-7). Pelo contrário, erguemos aqueles que estão à beira do caminho.

Essa estrutura não só desafia a cultura dominante em que vivemos, como também reformula nossa vida de baixo para cima. Ela o faz primeiramente nos dando a chave para compreendermos como a Bíblia toda faz sentido em seu conjunto.

Os estudiosos têm apontado muitos temas que permeiam a Escritura toda, bem como as etapas da história do relacionamento de Deus com a humanidade. Os conceitos que se repetem são os do reino e da aliança, da adoração e do santuário, do descanso e do sábado, do exílio e do retorno e outros mais. Contudo, passar por todos eles é o tema da grande inversão. G. K. Beale, especialista em Bíblia, chama a isso de “subversão irônica divina da sabedoria humana”.¹ Em uma ironia que impressiona, os eventos narrados são invertidos, virados na direção oposta para a qual esperaríamos que se dirigissem. Assim, Beale diz, Deus lida com os seres humanos de duas maneiras diferentes, mas similarmente irônicas.

Na *inversão retributiva*, os sucessos desejados da vida pecaminosa acabam se transformando em maldições. A liberdade e a recompensa que o pecado parece oferecer se tornam escravidão e maldição. O pecado tem um efeito bumerangue, desse modo os que traem serão traídos, os que mentem serão vítimas da mentira, os que vivem pela espada morrerão pela espada. Em segundo lugar, há a *inversão redentora*, na qual Deus escolhe o fraco em detrimento do rico, o tolo em detrimento do sábio, tendo em vista a salvação do mundo. Deus então salva *por meio da* fraqueza, e não apesar dela. “O fiel parece amaldiçoado, mas à medida que persevera na fé, está na verdade a meio caminho da bênção”.²

A mensagem notável da Bíblia, portanto, é a seguinte: “Todos, em última análise, estão presos à forma de um desses dois [...] princípios de vida”.³ As coisas boas deste mundo entendidas como bênçãos (beleza, poder, conforto, sucesso, reconhecimento), mas que são recebidas sem Deus tornam-se maldições. Você será impelido por elas, e elas o consumirão. Portanto, a coisa mais justa que Deus pode fazer para aqueles que o rejeitam consiste em lhes dar o que desejam (Rm 1.21-25). Contudo, as coisas adversas deste mundo são entendidas como maldições (fraqueza, privações, perdas e rejeições), porém, se recebidas com fé em Deus, se transformam em bênçãos (2Co 4.16,17; 12.10). Todos vivemos em uma dessas fôrmas; estamos, cada um de nós, percorrendo uma ou outra trajetória dessas.

Na economia de Deus, o que está no alto será humilhado e o que está embaixo será exaltado. É como diz Ana: “Os arcos dos fortes estão quebrados, mas os fracos são cingidos de força” (1Sm 2.4, ESV). Os que buscam galgar o poder verão que estão apenas baixando; os que baixam em humildade verão que subiram, “pois todo o que a si mesmo se exaltar será

humilhado, e aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado” (Lc 14.11; cf. Lc 14.7-10).

Podemos resumir da seguinte forma: *há coisas boas neste mundo, há coisas adversas e há coisas que são as melhores deste mundo — o amor, a glória, a santidade e a beleza de Deus. A Bíblia ensina que o caminho na direção das melhores coisas não passa pelas coisas boas; ele passa, geralmente, pelas coisas adversas, conforme Jesus mesmo nos mostra em Filipenses 2.5-11.* Não há mensagem mais contrária à maneira pela qual o mundo compreende a vida ou que mais subverta seus valores.

A grande inversão não apenas desafia as categorias de pensamento do mundo, como é também o guia mais prático para a vida real. Estes princípios de inversão foram profundamente entretecidos no tecido do mundo por seu Criador e Redentor. Estar cegos a eles nos tornará temporariamente arrogantes como os amigos de Jó, os quais estavam convencidos de que alguém, cuja vida fosse ruim, devia ser uma pessoa má. No entanto, esse convencimento raso será temporário, porque o sofrimento na vida é inevitável e, quando nos sobrevém, nossa visão simplista de mundo fará com que mergulhemos em desespero ou cinismo. Se, porém, compreendermos que Deus é o Deus da grande inversão — o Deus que faz brotar a vida da morte, a ressurreição depois da crucificação, o Deus que faz do último o primeiro, e o primeiro, o último — teremos esperança e ânimo. Se nos lembrarmos disso, enfrentaremos qualquer coisa.

No restante deste capítulo, reconstituirei esse enredo bíblico crucial no Antigo Testamento. No próximo capítulo, farei o mesmo com Jesus, encarnação e realização máxima desse enredo.

Os homens que ninguém queria

Em Gênesis, lemos a respeito de culturas em que havia duas “leis de ferro”.⁴ De acordo com uma delas, o valor de uma mulher estava em sua beleza e fertilidade, em quantos filhos ela havia gerado para dar à tribo trabalhadores e soldados. A outra era a lei da primogenitura, que dava ao filho mais velho praticamente todas as propriedades e riquezas da família. Contudo, nas páginas do Gênesis, vemos Deus subvertendo os valores do mundo. Nas gerações que se sucedem, Deus não trabalha com o filho que tem maior poder cultural e status, mas com o filho mais novo. Abel se sobrepõe a Caim, Isaque a Ismael, Jacó a Esaú, José e Judá a Rubem, Efraim a Manassés. Mais tarde, vemos que Deus escolhe Moisés, e não Arão, e Davi, em detrimento de seus irmãos mais velhos.

Esses personagens não eram apenas os filhos mais novos, o que em si mesmo já seria algo notável, mas eram também homens falhos, um fato que os textos da Bíblia nada fazem para esconder. Jacó era um homem que, prejudicado pelo favoritismo do pai que preferia Esaú, se tornou uma pessoa desonesta e manipuladora. Moisés tinha algum tipo de dificuldade na fala. Mais tarde, na Bíblia, Deus escolhe libertadores como Gideão, Jefté e Sansão, cujas vidas eram um amontoado de ruínas decorrentes de decisões tolas e de mau comportamento. A escolha reiterada de homens frágeis assim em várias gerações não pode ser coincidência. Deus age desse modo para melhor demonstrar seu poder de transformar as coisas menos promissoras.

As mulheres que ninguém queria

Outra característica perene do nosso mundo, antigo ou moderno, é que às mulheres bonitas e férteis são concedidos favores, poder, privilégios e, é claro, a atenção dos homens mais poderosos. Esse padrão é de tal modo

persistente que até mesmo nas sociedades mais igualitárias, o corpo e a aparência da mulher ainda são usados como medida do seu valor. As mulheres que protestam acertadamente contra a imposição de tais padrões têm de lutar para não repetir elas mesmas o mesmo comportamento. É algo profundamente entranhado na vida e na cultura humanas.

Aqui, mais uma vez, vemos Deus virando de cabeça para baixo as mesas do mundo muito antes de Jesus virá-las no templo. No Antigo Testamento, observamos Deus operando através de Sara, idosa e fatigada, e não através de Hagar; através de Lia, sem atrativo algum, em vez da bela Raquel, através de Ana e da mãe de Sansão, ambas inférteis.

Deus operou também através de Tamar, Raabe, Rute e Bate-Seba. Todas elas eram intrusas pelos padrões sociais da época. Tamar enganou o sogro e o obrigou a ter relações sexuais com ela. Raabe era uma prostituta, Rute era pagã, membro de uma raça desprezada, e Bate-Seba, esposa de outro homem, viu-se forçada a uma relação adúltera com o rei Davi. Mais uma vez, temos aqui pessoas que, aos olhos das elites culturais, eram moralmente, racialmente e socialmente marginais. Contudo, todas foram incluídas na genealogia de Jesus (Mt 1.1-7) porque eram todas elas ancestrais maternas dele. A salvação do mundo veio através delas. Deus pega as pessoas marginalizadas pelo mundo e as atrai para o centro.

Pessoas a quem todos desprezavam

Em Apocalipse 7, lemos que, no fim, Deus salvará uma grande multidão “de todas as nações, tribos, povos e línguas” (Ap 7.9) e, poderíamos acrescentar, de todas as classes sociais. Deus não tem preconceito de raça ou de classe, e muitos dos que acolhem a fé e são usados por Deus são ricos. Abraão, Jó e José de Arimateia são apenas três exemplos. Contudo, Deus se

preocupa sobretudo em honrar e usar pessoas e grupos de fora das hierarquias temporais de poder.

Em Deuteronômio 7, Deus diz a Israel:

Porque tu és povo santo para o SENHOR, teu Deus. O SENHOR, teu Deus, te escolheu, para que sejas o seu povo particular, dentre todos os que há sobre a terra. O SENHOR não se agradou de vós nem vos escolheu porque fôsseis mais numerosos do que todos os outros povos, pois éreis menos numerosos do que qualquer outro povo; mas o SENHOR vos tirou com mão forte e vos resgatou da casa da escravidão, da mão do faraó, rei do Egito, porque vos amou e quis manter o juramento que havia feito a vossos pais (Dt 7.6-8).

Deus sabe todas as coisas, e ele sabia certamente que os egípcios e, depois, os assírios, babilônios, persas, gregos e romanos ascenderiam ao poderio militar, econômico e cultural do mundo. Será que nenhum deles teria sido um mensageiro melhor para levar sua salvação ao mundo? Por que ele não se revelou a eles? Por que, em vez disso, ele se revelou a Israel, uma nação pequena e provinciana? Nessa passagem extraordinária, Deus não diz aos israelitas que ele os escolhera embora fossem impotentes, mas *porque* eram impotentes foram escolhidos.

Ele não só escolhe a princípio uma nação pequena e impotente de escravos para levar sua salvação ao mundo, como também tira força da sua fraqueza reiteradas vezes, conforme vimos na vida de juízes como Jefté, Gideão e Sansão, aos quais o povo recorria quando, indefesos, buscavam a dependência do Senhor. Quando o profeta Habacuque pediu a Deus que renovasse a sociedade de Israel, que havia se corrompido e estava entregue

à injustiça (Hc 1.1-4), Deus respondeu que permitiria a Israel se enfraquecer ainda mais para que ganhasse nova força (Hc 1.5-11).

E, de fato, coisas terríveis aconteceram a Israel. Os babilônios pilharam Jerusalém e mataram muita gente. Outros foram levados para o exílio na Babilônia para que os judeus que haviam sobrevivido fossem extirpados de sua identidade cultural. Passadas duas gerações, acreditava-se que os israelitas perderiam sua identidade religiosa específica e sua identidade nacional e se tornariam babilônios. Em suma, Israel estava diante da completa exterminação. Os exilados pareciam resignados ao seu destino quando indagaram: “Mas como entoaremos o canto do SENHOR em terra estrangeira?” (Sl 137.4). E, contudo, foi exatamente o que aprenderam a fazer. No exílio, os israelitas finalmente confrontaram seu próprio mal e seu pecado (Dn 9.4-14). Aprenderam também a fazer algo crucial para o futuro do plano redentor de Deus: aprenderam a cantar o cântico do Senhor em terra estrangeira para cultivar a fé e prosperar como minoria religiosa em uma sociedade extremamente pluralista através do culto na sinagoga. Isso não apenas assegurou a sobrevivência de Israel a longo prazo no decorrer dos séculos enquanto nações mais poderosas e grupos nacionais eram extintos, como muitos já observaram, como também a sinagoga se tornou um dos principais modelos para a igreja cristã.

Observamos mais uma vez que o caminho para o alto é o que desce, o caminho da força é o que passa pela fraqueza e que Deus tem um plano e caminha conosco em meio ao nosso sofrimento, fragilidade e desamparo.

O enredo do qual ninguém quer participar

Queremos que o enredo da nossa vida se desenvolva de força em força, de sucesso em sucesso e chegue a termo com uma felicidade sem fim. No

entanto, ao longo de toda a Bíblia, vemos algo completamente diferente: um padrão de narrativa persistente de vida através da morte, ou de triunfo através da fragilidade, que revela o modo pelo qual Deus opera na história e em nossa vida.

Na história de Naamã, o general sírio que tinha lepra (2Rs 5.1-19), os reis da Síria, de Israel e o próprio Naamã não sabiam como se manifestavam a salvação e a bênção de Deus, ao passo que servos e escravos demonstravam sabedoria. Na história de Jonas, encontramos o profeta do Senhor fugindo de Deus e criando uma crise para os marinheiros, mas apesar disso esses homens, supostamente pagãos profanos, demonstraram mais sabedoria, compaixão e fibra moral do que Jonas (Jn 1.1-17). Ele só foi capaz de cumprir a tarefa que Deus lhe dera depois que passou por uma experiência de quase morte (no grande peixe) e ressurreição.

José salvou o Egito e sua família, mas só depois de passar por uma espécie de morte, a “morte” da escravidão, da prisão e do desespero (veja Gn 27-50). Sansão era um homem de força física descomunal, mas também, para dizer o mínimo, de grande imaturidade emocional. Só depois que sua tolice e orgulho o levaram à cegueira e à prisão foi que sua fé finalmente amadureceu. Só depois da experiência da fragilidade foi que ele se tornou forte de verdade para impor aos inimigos do seu povo seu maior triunfo (veja Jz 13—16).

Rute tinha pouca influência social, tal como praticamente todas as mulheres em tempos passados. Natural de Moabe, amava sua sogra, Noemi, e a acompanhou de volta a Israel, onde se viu socialmente indefesa por ser viúva e membro de uma raça desprezada. Ela agiu desse modo para ajudar Noemi, embora soubesse que sua vulnerabilidade a predispunha ao abuso (Rt 2.8-10). Contudo, disposta a “morrer”, Rute não só protegeu

Noemi, como foi também escolhida por Deus para ser mãe do Rei Davi e do próprio Jesus.

A história de Davi e Golias no Antigo Testamento talvez seja a narrativa mais conhecida de como se dá a inversão. O exército filisteu tinha um herói, Golias, que desafiara um guerreiro de Israel para um combate corpo a corpo. A nação de quem fosse derrotado teria de se render e de se submeter ao poder da nação do vencedor. Davi não era um soldado de elite — na verdade, ele nem era soldado. Era um garoto jovem demais para lutar no exército. No entanto, ele venceu, mas não venceu apesar do seu pequeno porte ou de sua fragilidade, mas por causa disso. Sua estatura desprezível fez com que o gigante baixasse a guarda, tornando-se vulnerável a uma pequena, porém letal, pedra arremessada por Davi com sua funda. “Deus [...] tirou força de sua fragilidade juvenil para que conquistasse o gigante musculoso”.⁵ Para que se fizesse entendido, Deus diz ao profeta Samuel, que na ocasião procurava um rei pela aparência física: “Porque o SENHOR não vê como o homem vê, pois o homem olha para a aparência, mas o SENHOR, para o coração” (1Sm 16.7, ESV).

O padrão é claro e predominante. O autor da carta aos Hebreus, ao olhar em retrospectiva os vultos da história de Israel, sintetiza a história deles da seguinte forma:

E que mais direi? Pois me faltará tempo se eu falar de Gideão, de Baraque, de Sansão, de Jefté, de Davi, de Samuel e dos profetas. Estes, por meio da fé, venceram reinos, praticaram a justiça, alcançaram promessas, fecharam a boca de leões, apagaram a força do fogo, escaparam ao fio da espada, da fraqueza tiraram força [...] Algumas mulheres receberam pela ressurreição os seus mortos.

Alguns foram torturados e não aceitaram ser livrados, para alcançar uma melhor ressurreição (Hb 11.32-35).

“Da fraqueza tiraram força”. A quem o autor se refere? A praticamente todo grande personagem da Bíblia. Gideão era o menor da casa de seu pai e sua família era a mais pobre de sua tribo (Jz 6.15). Jefté era um proscrito e filho de uma prostituta (Jz 11.1-33). Mulheres como a viúva de Sarepta (1Rs 17.17-24) e a mulher rica de Suném (2Rs 4.17-37) foram arrancadas das profundezas do seu desespero quando “receberam pela ressurreição seus [filhos] mortos”. Em inúmeros casos, Deus escolhe os fracos e depois os salva, mas não o faz apesar de suas fragilidades apenas, mas por meio delas.

Os autores da Bíblia não nos dão apenas versões de narrativas que seguem esse enredo, mas, com frequência, discorrem diretamente sobre elas. Isaías diz que Deus ama inverter a ordem do mundo, elevar os pobres e rebaixar os poderosos (Is 29.19-21). O salmo 8 diz:

*Da boca dos pequeninos e de bebês
fizeste brotar força,
por causa dos teus adversários,
para fazer calar o inimigo e vingador (Sl 8.2, ESV).*

A libertação e a salvação de Deus triunfarão sobre seus inimigos através de “pequeninos e de bebês” — dos fracos, não dos fortes. Nesse salmo, Davi enxerga a grande inversão em andamento na história, embora não possa ver claramente seu clímax *na* morte e *na* ressurreição do Filho de Deus, em que Jesus “fez brotar força” por sua humilhação e crucificação para despedir uma vez por todas nosso grande inimigo (Hb 2.9, 14; cf. 1Co 15.26).

O povo do evangelho não quer ouvir

Quando Maria ouve do anjo que dará à luz o Messias, exclama: “Derrubou dos tronos os poderosos e elevou os humildes. Aos famintos encheu de bens, e de mãos vazias mandou embora os ricos” (Lc 1.52,53). Esta não é uma declaração categórica de que Deus derruba todo rei e promove todo pobre sem exceção. Maria, porém, olhou em retrospectiva as Escrituras hebraicas e, inspirada pelo Espírito, viu-se como parte do enredo. Tiago, de igual modo, olha em retrospecto o Antigo Testamento e conclui: “Por acaso, Deus não escolheu os pobres para o mundo, a fim de fazê-los ricos na fé e herdeiros do reino que prometeu aos que o amam?” (Tg 2.5).

No fim das contas, Deus salvará pessoas de todas as classes. Apesar disso, a mensagem do evangelho da graça não agrada aos privilegiados e aos poderosos. Temos o instinto de creditar sempre a nós mesmos nossos sucessos da vida. Cremos ter atingido a posição que alcançamos pelo trabalho duro e por nossa fibra moral. Conquistamos tudo o que temos. Qualquer religião que apele naturalmente aos competentes, confiantes e bem-sucedidos respaldará essa compreensão de si mesma. A mensagem que faz sentido para o ser humano é esta: “Controle-se! Ânimo! Seja disciplinado, seja uma pessoa boa, de moral. Conquiste sua bênção e Deus a dará a você”.

A seguinte mensagem não fará sentido para as pessoas e colocará em risco sua autoimagem: “Você é um pecador perdido. Você fez muita coisa errada, mas até mesmo as coisas boas que fez, você as fez em grande medida motivado por seus próprios interesses. Todos os seus esforços, inclusive os esforços religiosos, foram meios de controlar Deus, colocando-o à sua disposição de tal modo que (no seu entender) ele atenda os seus interesses. Tudo o que você tem é dádiva de Deus, e você não o está amando e nem vivendo integralmente para ele como deveria. Se você se

arrependido, será salvo, mas isto exclusivamente por meio exclusivamente da graça imerecida de Deus.”

Este, claro, é o evangelho do Novo Testamento, baseado no que diz todo o Antigo Testamento sobre o caráter de Deus e da natureza humana. Quanto mais poderoso, rico e senhor de si você for, tanto mais ofensiva e impensável será tal mensagem de fé.

Faz mais de trinta anos que moro em Nova York. É uma das maiores concentrações de gente competente, confiante e bem-sucedida do planeta. Não é de espantar, portanto, que a fé cristã seja frágil no centro da cidade, em Manhattan, onde moro com minha família. No entanto, nos bairros, onde moram a classe trabalhadora e os pobres, o cristianismo prospera. Não deveríamos ficar de modo algum surpresos com isso. Certa vez ouvi um cientista social, que não era um homem de fé, dizer a respeito de Nova York que “as elites seculares dizem estar ao lado dos pobres; ironicamente, porém, os pobres estão do lado da fé e, principalmente, do cristianismo dos nascidos de novo”.

É muito justo e imparcial — e também subversivo — da parte de Deus que ele opere com tanta frequência, e com tal constância, entre pessoas que “os bons e os grandes” rejeitam.

¹ Este é o subtítulo de um livro de Gregory K. Beale, *Redemptive reversals and the ironic overturning of human wisdom* (Wheaton: Crossway, 2019). A obra de Beale é crucial para os argumentos deste capítulo. Veja também “Introducing the cruciform ‘great reversal’”, in: Christopher

Watkin, Michel Foucault (Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 2017), p. 77-138.

² Gregory K. Beale, *Redemptive reversals and the ironic overturning of human wisdom* (Wheaton: Crossway, 2019), p. 21.

³ Ibidem, p. 22.

⁴ Veja Robert Alter, *The art of biblical narrative*, 2. ed. (New York: Basic Books, 2011). “De fato [...] o livro todo do Gênesis gira em torno da inversão da lei de ferro da primogenitura” (p. 5).

⁵ “Introducing the cruciform ‘great reversal’”, in: Christopher Watkin, Michel Foucault (Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 2017), p. 91.

CAPÍTULO 5

A GRANDE INVERSÃO



Cristo Jesus, que, existindo em forma de Deus, não considerou o fato de ser igual a Deus algo a que devesse se apegar, mas, pelo contrário, esvaziou a si mesmo, assumindo a forma de servo e fazendo-se semelhante aos homens. Assim, na forma de homem, humilhou a si mesmo, sendo obediente até a morte, e morte de cruz. Por isso, Deus também o exaltou com soberania e lhe deu o nome que está acima de qualquer outro nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai (Fp 2.5-11, ESV).

Vimos o padrão predominante de inversão no Antigo Testamento. Em todas as gerações, Deus trabalhou com homens e mulheres, famílias e nações que ninguém mais queria. Ele não só escolheu os rejeitados e os fracos, como salvou-os vezes sem conta *através* de suas falhas, seu desamparo e seus sofrimentos. Seria Deus um romântico que torce pelos

desfavorecidos? Deus certamente é um Deus de amor, *porém* há mais coisas acontecendo aqui do que mero sentimentalismo.

Esses relatos do Antigo Testamento não são apenas histórias interessantes, mas prenúncios e avisos da salvação final de Deus em Jesus Cristo. Em Jesus, descobrimos não apenas outra reviravolta inesperada, mas a grande inversão. Não há exposição melhor disso do que a registrada em Filipenses 2. O versículo 8 nos diz que Jesus morreu na cruz, e o versículo 9 começa da seguinte maneira: “*Por isso* Deus também o exaltou...”. Deus não ressuscitou Jesus a despeito da sua morte apenas, mas por causa dela. Ele foi rejeitado, condenado, torturado, executado e, portanto, Deus o ressuscitou e o exaltou. A vindicação da ressurreição é tanto a inversão quanto o resultado da condenação da crucificação. As trevas da Sexta-Feira Santa resultam na aurora da Páscoa. É dessa forma que Deus trabalha. Esta é a grande inversão da história e o Novo Testamento dá testemunho disso o tempo todo.

Evangelho de Marcos: servir, e não ser servido

O livro de Marcos é um excelente exemplo.

O Evangelho começa com a citação pelo evangelista da célebre profecia de Isaías 40, segundo a qual o Senhor, um dia, viria encontrar seu povo. Em seguida, ele faz a declaração impressionante de que a vinda de Jesus é o cumprimento das palavras de Isaías (Mc 1.1-4). O Senhor todo-poderoso do universo veio à terra em Jesus Cristo. Na primeira metade do Evangelho de Marcos, o leitor é levado a esperar que Jesus demonstre brevemente sua força e destrua toda oposição. Vemos inúmeras vezes seu poder sobrenatural quando ele cura os enfermos, apazigua a tempestade e alimenta a multidão. Os demônios protestam e se veem impotentes diante dele (Mc 1.24). Era

como se, de repente, as forças do mal que nos oprimem fossem ser subvertidas por Jesus, o Messias.

No entanto, na segunda metade do livro de Marcos, tudo se inverte. Vemos o Messias perseguido por seus inimigos, abandonado por seus amigos e até mesmo por seu Pai na cruz (Mc 15. 34). No meio de tudo isso, Jesus diz a seus ouvintes que ele é um rei que veio não para ser servido, mas para servir (Mc 10.45).

Já na primeira metade de Marcos, porém, há sinais de que Jesus não está agindo como achamos que um libertador deveria agir. Richard B. Hays, estudioso do Novo Testamento da Universidade Duke, destaca que a campanha de Jesus contra o mal “ocorre de um modo misterioso e que ninguém podia imaginar, culminando na cruz”.¹ Ele observa que há três maneiras pelas quais o ministério de Jesus no livro de Marcos é tão incomum e surpreendente.

Em primeiro lugar, diz ele, “[no Evangelho de Marcos], a invasão [...] do mundo por Deus produziu uma inversão: ele reverteu as posições dos que estão dentro e dos que estão fora”. Em Marcos 3, os líderes do povo o rejeitam, mas as pessoas comuns, reunidas em grandes multidões, “se precipitavam para tocá-lo” (Mc 3.9,10). Quem deveria estar à frente, está “atrás”, e quem deveria estar atrás, está na frente.

Os que estão em posição de autoridade e de privilégio rejeitam Jesus e a mensagem; até mesmo os próprios discípulos de Jesus [aparecem constantemente como pessoas] lentas para compreender seu ensino. Outras, porém, gente de posição inferior ou desprezada no mundo social da cultura judaica do primeiro século, acolhem o evangelho com alegria, porque é grande sua necessidade. Os leprosos, os possuídos pelo demônio, a mulher com uma hemorragia (5.25-34), a

mulher sírio-fenícia (7.24-30), os pequeninos (10.13-16), o cego Bartimeu (10.46-52), a mulher anônima que unge Jesus em Betânia para o sepultamento (14.3-9) e o centurião gentio perto da cruz (15.39) são exemplos dados por Marcos de resposta fiel a Jesus. “Muitos dos primeiros serão últimos e os últimos serão primeiros” (10.31). Aqueles de nós que conhecemos a história não devemos subestimar o choque dessa inversão.²

Em segundo lugar, “o Evangelho de Marcos redefine a natureza do poder e o valor do sofrimento”. Jesus escolhe os impotentes em detrimento dos poderosos, mas ele, diferentemente dos revolucionários, não faz com que troquem simplesmente de lugar. O evangelho *redefine* o poder. Hays diz: “Os que exercem poder para dominar outros, para matar e oprimir, são retratados não apenas como vilões, mas, surpreendentemente também como peões de forças além do seu controle”. Herodes (Mc 6.14-29) e Pilatos (Mc 15.1-15) são exemplos de casos a serem estudados.

Observamos que Jesus abre mão de seu poder à medida que se torna um mortal vulnerável e se transforma em vítima de um erro brutal da justiça. No entanto, a aparente impotência de Jesus é, na verdade, poder usado para servir os outros, e não para controlá-los. Sacrificar o poder pelo amor é exercitar o poder do amor para mudar as coisas. Este é, portanto, o verdadeiro poder de Deus: “O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e para dar a vida em resgate de muitos (Mc 10.45). De nenhum outro modo o pecado e a morte poderiam ser derrotados. Hays diz que o adiamento do poder e o sofrimento se tornam “significativos e necessários na operação misteriosa da vontade de Deus”.³

Por fim, Hays diz: “A visão de Marcos da vida moral é profundamente *irônica*”.⁴ A exemplo de Beale, Hays compreende a ironia como declarações

ou eventos que, com o tempo, viram-se para a direção oposta àquela para a qual pareciam convergir. A ironia é sempre surpreendente porque abala as expectativas.⁵ Contrariamente à visão popular, Deus não é apenas um guardião cósmico de leis que destrói o desobediente e derrama bênçãos sobre os que lhe obedecem. Hays diz que reconhecer que Deus opera regularmente por meio de maneiras imprevistas e contrárias à intuição solapa a confiança e leva à humildade e a uma mente aberta.⁶

O Evangelho de Lucas: os últimos serão os primeiros

Lucas é autor do Evangelho que leva seu nome e também do livro de Atos. Nos dois livros, a trama principal é impelida pela inversão. Em Lucas, talvez mais do que em qualquer outro Evangelho, observamos o amor de Jesus pelos párias. “Há últimos que serão primeiros, e primeiros que serão últimos” (Lc 13.30).

Para os judeus, os samaritanos eram uma raça inferior e inimigos, e, no entanto, Jesus os coloca no mesmo nível espiritual dos judeus (Lc 9.54; 17.16) ou até mesmo em nível mais elevado (Lc 10.25-37). A liberdade de Jesus em relação ao tribalismo racista, tão comum na sua época, era explosivo. Um tumulto eclodiu quando ele disse que Deus amava os gentios tanto quanto amava os judeus (Lc 4.25-27).

Os coletores de impostos também eram desprezados. Eles eram geralmente judeus contratados pelo governo romano para coletar impostos do povo e que, amparados pelo poder imperial, extorquiam grandes somas que acabavam indo parar em seus bolsos. Eram vistos acertadamente como colaboradores, muito parecido com os franceses em posição de autoridade e que auferiram lucros pessoais durante a ocupação nazista. Contudo, no Evangelho de Lucas, os coletores de impostos aparecem seis vezes, e

sempre de maneira positiva. Os coletores buscavam avidamente a pregação e o ministério de João Batista e de Jesus (Lc 3.12; 5.27-30; 7.29, 31; 15.1). Zaqueu se converteu a Cristo e foi o coletor de impostos anônimo na parábola de Jesus, não o líder religioso, que “foi para casa justificado” porque compreendera a graça de Deus. “Todo o que se exaltar será humilhado; mas o que se humilhar será exaltado” (Lc 18.9-14).

Jesus demonstrou um interesse especial por crianças, a despeito do argumento de seus seguidores de que elas eram perda de tempo para ele (Lc 18.15-17). Ele foi ao encontro dos leprosos em sua pobreza, em sua doença, à beira da morte e que viviam à margem da sociedade. Contudo, Jesus estendeu a mão e os tocou, preenchendo sua necessidade de contato humano ao mesmo tempo que desafiava as proibições sociais (Lc 5.12-16; 17.11-19).

Lucas documentou o apoio de Jesus às mulheres. Ele menciona treze mulheres que não são mencionadas em nenhum outro lugar. Inclui a história da viúva de Naim (Lc 7.11-17) e as mulheres que ampararam Jesus financeiramente (Lc 8.1-3). Jesus acolhe a “mulher pecadora” que enxugava seus pés com os cabelos (Lc 7.36-50). As mulheres têm papel proeminente nas narrativas do nascimento e da ressurreição.

Por fim, Lucas nos mostrou o quanto Jesus se preocupava com os pobres. Várias vezes Jesus diz que a mensagem do seu evangelho é “boas novas para os pobres” (Lc 4.18; 7.22). Ele exorta seus discípulos não apenas a serem radicalmente generosos com os pobres (Lc 11.41; 12.33; 19.8), mas também a recebê-los em seus lares e famílias (Lc 14.13). Jesus disse que a doação sacrificial da viúva pobre — duas moedas de cobre — valia mais para Deus do que a filantropia dos ricos (Lc 21. 2,3).⁷

“Assim também o Filho do Homem será levantado”

Por que Deus reiteradas vezes escolhe as pessoas menos poderosas e, em seguida, realiza suas obras de libertação através dos que não têm poder e sofrem? As histórias são comoventes porque todos gostam de ver uma mulher esquecida ou um homem menosprezado que vêm debaixo e vencem. E esses relatos do amor de Jesus pelos pobres, pelos marginalizados, leprosos e coletores de impostos são encorajadores porque nós, gente moderna, preocupamo-nos com a justiça. Contudo, é um erro sério imaginar que esses relatos bíblicos estão ali simplesmente para nos inspirar. Pelo contrário, eles estão ali para nos *converter*, nos converter a Cristo (1Co 10.1-4,11). Todas essas pequenas inversões nos remetem à grande inversão, a morte e a ressurreição do Filho de Deus.

Jesus Cristo foi um rei que entrou de forma triunfante em sua cidade (Jo 12.12-19), onde seus seguidores esperavam que ele fosse exaltado e elevado ao trono. Imediatamente depois de sua entrada triunfal, Jesus disse que seria “levantado da terra”, mas para morrer (Jo 12.32,33). Em vez de um trono, ele seria levantado em uma cruz. Outra ocasião em que Jesus afirma que seria levantado para morrer está registrada em João 3.14,15, ele diz:

Assim como Moisés levantou a serpente no deserto, também é necessário que o Filho do homem seja levantado; para que todo aquele que nele crê tenha a vida eterna.

Jesus aludia ao estranho incidente ocorrido durante as perambulações dos israelitas no deserto antes de chegarem à sua pátria, conforme o relato de Números 21. Os israelitas insistiam em se desviar de Deus, então, o Senhor enviou ao arraial serpentes venenosas para morder as pessoas, e

muitos haviam morrido. O povo se arrependeu e pediu a Moisés que invocasse o Senhor para que os curasse. Deus ouviu sua oração e instruiu Moisés para que fixasse a imagem de uma serpente venenosa em um mastro e o pusesse no meio do acampamento. Quem tivesse sido mordido bastaria simplesmente que olhasse para a imagem e viveria. A ironia do remédio era que as pessoas seriam curadas quando contemplassem precisamente a imagem daquilo que as havia feito adoecer. O incidente era sinal de que Deus não apenas removeria a maldição da morte, mas que, de algum modo, traria uma bênção *através* dessa maldição.

Quando Jesus disse que seria levantado em uma cruz *assim como* a serpente fora levantada em um mastro, ele estava se referindo ao que Paulo quis dizer em 2Coríntios 5.21, isto é, Jesus, “Deus o fez pecado” e em Gálatas 3.13: Cristo nos redimiou “fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar”. O “salário [...] do pecado” — a justa maldição e a penalidade pelo pecado — é a morte (Rm 6.23). Na cruz, Jesus se tornou, por assim dizer, exatamente a coisa que nos estava destruindo. Ele foi tratado como se fosse pecaminoso, e por isso foi amaldiçoado e morto em nosso lugar. Agora, é somente quando, pela fé, olhamos para ele na cruz — quando o vemos se tornar o pecado que estava nos matando e assumir a morte que deveria ter sido nossa — é que podemos ser perdoados e curados. Na cruz, Deus transformou a maldição da morte que pesava sobre o pecado em bênção para nós.

O evangelho e a grande inversão

A grande inversão, portanto, nos ajuda a compreender o evangelho. Num artigo em que resume a apresentação do evangelho por Paulo, o estudioso de Cambridge, Simon Gathercole, observou que muita gente localiza

tradicionalmente o evangelho todo na cruz, apresentando-o simplesmente como “Jesus morreu para lhe dar o perdão por seus pecados”. Nessa apresentação do evangelho, a ressurreição não passa de um acréscimo milagroso.⁸ Mais recentemente, surgiram os que, em um esforço para evitar tal elaboração, disseram que o evangelho é simplesmente “Jesus é Senhor”. Esta formulação talvez seja tão simplista como a outra, dando a impressão de que o evangelho obedece apenas a um ensino de Jesus. Certamente, os cristãos procedem assim, porém essa fórmula obscurece o fato de que a salvação de Jesus vem pela graça pura e simples, independentemente de nossos esforços morais.⁹

Depois de analisar algumas apresentações paulinas do evangelho, Gathercole identifica três ideias recorrentes. Em primeiro lugar, temos as boas novas de quem Jesus *é* (Rm 1.3-4). Ele é o filho eterno de Deus, que se humilhou e também se tornou um ser humano, o Messias. Em segundo lugar, temos as boas novas do que Jesus *fez* — ele morreu na cruz e ressuscitou dos mortos (1Co 15.3,4). Por fim, deparamos com as boas novas do que ele *traz*. Quando ressuscitou dos mortos, trouxe consigo a nova criação e o poder do Espírito (Cl 2.13-15; Ef 2.4-7). Gathercole resume assim o evangelho: através da “morte e ressurreição” de “Jesus, o Messias [...] ele expia o pecado e traz a nova criação”.¹⁰

A pesquisa de Gathercole nos mostra que a ideia da grande inversão está no âmago do evangelho. A encarnação, morte e ressurreição de Jesus são boas-novas em razão do amor maravilhoso que ele demonstrou ao trocar de lugar conosco. Ele veio do céu para a terra para que pudéssemos ir da terra para o céu. Ele era rico e se tornou pobre, para que através de sua pobreza pudéssemos nos tornar ricos (2Co 8.9). Ele se tornou pecado para

que nos tornássemos a justiça de Deus nele (2Co 5.21). Sua maldição é nossa bênção (Gl 3.13,14). Esse é o evangelho.

Tolice e fragilidade

A morte e ressurreição de Jesus não apenas traz salvação, como também constitui a refutação por excelência da sabedoria do mundo.

Vamos fazer uma experiência mental. Reuniremos alguns consultores empresariais e políticos que frequentaram as melhores escolas e que trabalharam para as melhores empresas e campanhas e cujos clientes tiveram grande sucesso. Vamos juntá-los todos e fazer-lhes a seguinte pergunta: “Tenho um objetivo. Quero ser, daqui a algum tempo, a pessoa mais influente e famosa que jamais viveu. Nos séculos que virão, quero que haja civilizações construídas com base nos meus ensinamentos, quero estar no centro da vida de centenas de milhões de pessoas. Que devo fazer para atingir esse objetivo?”

Supondo que os melhores consultores do mundo o tenham levado a sério, o que diriam? Será que diriam: “Nasça na obscuridade. Evite se envolver em redes políticas, econômicas ou acadêmicas poderosas. Morra assassinado aos trinta e poucos anos, antes mesmo de escrever um livro”? É claro que não lhe dariam esse conselho. Contudo, esse foi o percurso de Jesus. Ele torna tola a sabedoria deste mundo.

Veja como ele teria falhado fragorosamente se tivesse seguido o conselho do mundo para ser bem-sucedido. E se ele tivesse vindo como filósofo com um grande sistema intelectual de pensamento? Nesse caso, os intelectuais seriam as únicas pessoas que teria ajudado. E se ele tivesse liderado um movimento poderoso de ensino moral tendo por exemplo vivo

ele mesmo? Só seriam beneficiadas as pessoas fortes, capazes e suficientemente bem-sucedidas para imitá-lo.

Em toda a história e nações do mundo, vimos pessoas de todas as classes e condições sociais encontrando paz e poder no evangelho de Jesus. Pessoas pobres não se reúnem nas casas para discutir Platão ou Aristóteles; no entanto, elas estudam e discutem efetivamente a mensagem de Jesus e suas vidas são transformadas por isso. Jesus, quando veio, não disse: “Sou forte e brilhante. Portanto, esforce-se e será como eu”. Jesus Cristo trocou de lugar com você. Ele veio para viver a vida que você deveria ter vivido e morrer a morte que você deveria ter morrido para que pudesse se reconciliar com Deus, ser perdoado e recriado.

É por isso que a mensagem do evangelho é boa para todos e seu poder de transformação continua a crescer por toda a terra. Ele não é só para o sujeito de moral, forte e brilhante. Não importa quem você seja ou o que fez.

Foi por isso que Paulo escreveu:

Onde está o sábio? Onde está o instruído? Onde está o questionador desta era? Por acaso, Deus não tornou absurda a lógica deste mundo? Visto que, na sabedoria de Deus, o mundo por sua própria sabedoria não o conheceu, foi do agrado de Deus salvar os que creem por meio do absurdo da pregação. Pois, enquanto os judeus pedem sinais, e os gregos buscam sabedoria, nós pregamos Cristo crucificado, que é motivo de escândalo para os judeus e absurdo para os gentios. Mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é poder de Deus e sabedoria de Deus. *Porque o absurdo de Deus é mais lógico que os homens, e a fraqueza de Deus é mais forte que os homens* (1Co 1.20-25).

Do ponto de vista do mundo, a morte de Jesus na cruz foi um fracasso total. “Como”, indagaram algumas pessoas, “ele poderia ajudar o mundo se não foi um grande filósofo e mestre? Ele tinha de fundar uma escola de pensamento!” “Como”, indagaram outras, “ele poderia ajudar o mundo sem se tornar um grande general e líder? Ele tinha de fundar um império!” O Messias crucificado era loucura para os gregos e fragilidade para os judeus — não há dúvida, porém, de que a história mostrou que aqueles cétricos do primeiro século estavam errados. A grande inversão é a um só tempo sabedoria *verdadeira* e poder *verdadeiro* e mostra ironicamente que a compreensão que o mundo tem da grandeza é uma fraqueza que leva a guerras e conflitos contínuos. A compreensão que o mundo tem da sabedoria — razão sem Deus — é a coisa mais infrutífera possível. Portanto, “a loucura de Deus é mais sábia do que a sabedoria humana, e a fragilidade de Deus é mais forte do que a força humana”.

Os fundadores das outras grandes religiões mundiais morreram pacificamente, rodeados por seus seguidores e cientes de que seu movimento estava crescendo. Jesus, ao contrário disso, morreu em desgraça, traído, foi negado e abandonado por todos, até por seu Pai.

Outras religiões mundiais ensinam a salvação por meio da elevação até Deus através de boas obras, virtude moral, observâncias rituais e pela transformação da consciência. No cristianismo, ao contrário disso, Deus nos salva descendo até nós. Essa é a grande diferença entre o cristianismo e todos os demais sistemas filosóficos e religiosos.

Tome a sua cruz, desista da sua glória

Quando Jesus nos chama para que tomemos nossa cruz e o sigamos (Mt 16.24), isso significa que para sermos salvos e transformados por sua

Grande Inversão, temos de passar por nossa própria inversão. Assim como ele não realizou nossa salvação por meio do exercício do poder, mas através de perda voluntária, assim também recebemos essa salvação não pela reunião de nossas forças para alcançarmos a perfeição moral, mas pelo reconhecimento de nossa total fragilidade, impotência e necessidade. E, da mesma maneira que sua fragilidade e vergonha eram as únicas formas de obter força e glória reais, assim também nosso arrependimento e admissão de culpa e pecado são as únicas maneiras para alcançarmos confiança e honra elevadas, o conhecimento de que em Cristo somos aceitos e o Senhor de tudo tem prazer em nós.

Há dádivas que não podem ser aceitas sem que se admitam as fraquezas.

Imagine um homem idoso cuja audição esteja falhando, mas que não admita o fato. Ele geralmente se queixa dizendo que são os outros que falam baixo. Por fim, sua esposa consegue que ele faça um teste de audição. O veredito é inquestionável: ele precisa de um aparelho auditivo, mas ao ver o preço do aparelho, leva um susto. “Não temos dinheiro para isso”, diz. Sua esposa, porém, retruca: “Compre o melhor que houver e considere como um presente meu”. Parece ótimo, mas o homem se dá conta de que aceitar tal oferta é o mesmo que admitir sua fraqueza. Seria como dizer: “Muito obrigado pelo presente. Mas, como *sou* idoso, não consigo ouvir o que as pessoas dizem!” Não há como receber certos presentes sem admitir que precisamos deles.¹¹

O evangelho é o presente por excelência e requer tal admissão radical.

Essa humildade e essa disposição de ceder o controle da vida só é possível com a ajuda de Deus. Contudo, tenho observado que as pessoas aceitam ajuda quando veem a beleza do que Jesus fez por elas. A maior

glória consiste em abrir mão da sua glória por outra pessoa. Não há nada mais belo do que alguém que abre mão da beleza para salvar outra pessoa.

Foi crescendo como renovo diante dele, como raiz que sai de uma terra seca; não tinha formosura nem beleza; quando olhávamos para ele, não víamos beleza alguma para que o desejássemos. Foi desprezado e rejeitado pelos homens; homem de dores e experimentado nos sofrimentos; e, como um de quem os homens escondiam o rosto, foi desprezado, e não lhe demos nenhuma importância. Verdadeiramente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou sobre si as nossas dores; e, nós o consideramos aflito, ferido por Deus e oprimido. Mas ele foi ferido por causa das nossas transgressões e esmagado por causa de nossas maldades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele e por seus ferimentos fomos sarados (Is 53.2-5).

João Calvino expressou o belo paradoxo da grande inversão de Jesus da seguinte forma:

Ele foi vendido para nos comprar de volta; foi feito cativo para nos libertar; foi condenado para nos absolver; tornou-se maldição para nos abençoar, foi oferta pelo pecado, para que fôssemos justificados; desfiguraram-no, para que fôssemos belos; ele morreu para que vivêssemos; de modo que, por ele, da fúria faz-se a gentileza; a ira é pacificada, as trevas se transformam em luz, a bonança toma o lugar do medo, o desprezo é desprezado, a dívida é cancelada, o trabalho é atenuado, a tristeza se transforma em alegria, o infortúnio dá lugar à sorte, a dificuldade é mitigada, a desordem perde a vez para a ordem, há unidade em vez de desunião, a ignomínia é dignificada, a rebelião

é sufocada, a intimidação, intimidada, a tocaia é exposta, atacam-se os ataques, resiste-se à força, o combate é combatido, guerreia-se a guerra, a vingança é vingada, a tormenta, atormentada, a maldição, amaldiçoada, o abismo se afunda no abismo, o inferno é imobilizado e a mortalidade se torna imortal. Em suma, a misericórdia tragou toda infelicidade, e a bondade, toda desventura.¹²

¹ Richard B. Hays, *The moral vision of the New Testament: a contemporary introduction to New Testament ethics* (New York: HarperCollins, 1996), p. 89.

² Ibidem, p. 89-90.

³ Ibidem, p. 90.

⁴ Ibidem.

⁵ “Em seu âmago, ‘a ironia diz uma coisa, mas o sentido é outro’. As ironias consistem em três elementos básicos: (1) duas ou mais camadas ou níveis de sentido (um para o observador e outro para a vítima). (2) Uma camada tem o sentido oposto ao da outra (respectivamente, o que é aparente é o oposto do que é real). (3) O observador ou a vítima é [...] surpreendido por ele”. Gregory K. Beale, *Redemptive reversals and the ironic overturning of human wisdom* (Wheaton: Crossway, 2019), p. 22.

⁶ Uma vez que “o modo de revelação de Deus se caracteriza por estar oculto, por ser invertido e guardar uma surpresa [...] não pode haver lugar

para a presunção ou para o dogmatismo”. Ele conclui: “Sendo nossas sensibilidades formadas por essa narrativa [...] aprenderemos a não nos levar tão a sério [...] e a criticar nós mesmos”. Richard B. Hays, *The moral vision of the New Testament: a contemporary introduction to New Testament ethics* (New York: HarperCollins, 1996), p. 90.

⁷ Para um bom resumo (de onde são tiradas muitas referências deste capítulo), veja Donald Guthrie, *New Testament introduction* (Downers Grove: InterVarsity, 1970), p. 90-1.

⁸ Simon Gathercole, “The gospel of Paul and the gospel of the kingdom”, in: Chris Green, org., *God’s power to save: one gospel for a complex world?* (Leicester: InterVarsity, 2006), p. 138-54.

⁹ Ibidem, p. 143. Veja também nesta página as notas 14 e 15.

¹⁰ Ibidem, p. 149.

¹¹ Muito bem, você acertou. Essa história é verdadeira e aconteceu comigo.

¹² Joseph Haroutunian, org., *Calvin: commentaries*, The Library of Christian Classics (Philadelphia: Westminster Press, 1958), p. 69.

CAPÍTULO 6

ESPERANÇA PESSOAL: 1



A ressurreição de Jesus Cristo aconteceu de fato, mas este não é um fato histórico como os demais. Se eu acreditar, ou não, que Júlio César cruzou o Rubicão em 49 a.C., isso não muda minha vida. Crer na realidade da ressurreição, porém, pode transformá-la completamente — mas não por um mero assentimento intelectual. É somente pelo encontro pessoal com o Senhor ressuscitado, e quando nos unimos a ele pela fé, que somos transformados. Só então experimentaremos verdadeiramente a poderosa “esperança do chamado que ele vos fez” (Ef 1.18). O Novo Testamento apresenta cinco estudos de caso de pessoas que conheceram Jesus depois da ressurreição. Quatro deles aparecem nos últimos dois capítulos do Evangelho de João, e o último, a conversão de Paulo, em Atos 9. Juntos, esses capítulos nos dizem como é ter um encontro pessoal com o Cristo ressuscitado.

O encontro de Maria Madalena com Jesus

Maria, porém, ficou em pé, chorando diante do sepulcro [...] Ela se virou para trás e viu Jesus em pé, mas não o reconheceu. Jesus lhe perguntou: Mulher, por que choras? A quem procuras? Pensando ela que fosse o jardineiro, respondeu-lhe: Senhor, se tu o levaste, diz-me onde o puseste, e eu o levarei. Então Jesus lhe disse: Maria! Virando-se, ela lhe disse na língua dos hebreus: Raboni! (que significa Mestre). E Jesus disse-lhe ainda: Não me segures, pois ainda não voltei para o Pai. Mas vai a meus irmãos e diz-lhes que estou voltando para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus. E Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: Vi o Senhor! E relatou as coisas que ele lhe dissera (Jo 20.11,14-18).¹

Quando o Jesus ressuscitado se aproximou dela, Maria Madalena o viu, mas “não o reconheceu” (v.14). Não é de espantar que fosse assim. Já vimos como os discípulos na estrada de Emaús não reconheceram Jesus inicialmente. O corpo ressurreto de Cristo era o mesmo corpo de antes, agora, porém, transformado e aperfeiçoado, de modo que as pessoas que haviam conhecido Jesus não foram capazes de identificá-lo imediatamente quando o viram ressurreto dos mortos.

Mas é provável que não tenha sido só por isso que Maria não pôde identificá-lo. Em sua mente, havia uma narrativa a que ela recorria para interpretar tudo o que se passava. “Levaram o meu Senhor”, ela disse, “e não sei onde o puseram” (Jo 20.13). Por causa disso, ela não foi capaz de reconhecer os anjos e nem mesmo Jesus. Em suas expectativas, não cabiam Jesus e sua salvação, porque elas funcionavam como um filtro, ou tela, que tornava impossível que ela o visse bem na sua frente. Embora estivesse olhando diretamente para ele, não podia vê-lo.

Nisso, Maria Madalena representa toda a raça humana. Lemos em Atos 13.27: “Os que habitam em Jerusalém e as suas autoridades não reconheceram Jesus e, condenando-o, cumpriram as palavras dos profetas”. Não devemos concluir com isso que a cegueira espiritual dos moradores de Jerusalém fosse algo incomum, de modo que Jesus, se tivesse ido a Roma, ou a algum outro lugar, as pessoas ali teriam percebido que ele era o Filho de Deus e Salvador. Não, esse é um problema comum a toda a raça humana.

“Ninguém busca a Deus”, disse Paulo em Romanos 3.10, mas *não* quis dizer com isso que ninguém busca o divino e o transcendental ou a espiritualidade de modo geral, mas que o coração humano quer sempre um Deus que se acomode aos seus desejos, um Deus que possamos controlar, que não desafia nossas avaliações e narrativas pessoais. Qualquer que fosse a ideia de Maria a respeito de Jesus naquele momento, a figura que estava diante dela não se encaixava no que ela tinha em mente. A mensagem da Bíblia é que Deus jamais se acomoda a categorias e conceitos humanos de como ele deveria ser.

Não haveria esperança para nós se Deus esperasse que déssemos o primeiro passo. Estaríamos perdidos se ele, longe de nós e batendo o pé impaciente, esperasse que déssemos conta por nós mesmos de quem ele é e onde está. A menos que nos chame pelo nome, jamais nos aproximaremos dele.

E é isso exatamente o que faz com Maria Madalena. Ele começa fazendo perguntas: “Por que você está chorando? O que você está procurando?” Ele não se aproxima como se fosse um sargento em busca de submissão, como um conselheiro que buscasse um insight. Maria podia ter passado o resto da vida pensando no duplo sentido da pergunta que ele lhe

fez: “Quem você está procurando?” É como se Jesus estivesse dizendo: “Maria, você me ama, mas o que você compreende a meu respeito ainda é muito pouco”.

Por fim, Jesus irrompe em seu coração. Observe a ordem. Não a ouvimos chamá-lo de “Mestre” seguido por seu “Maria!”. Em vez disso, nós o ouvimos chamá-la “Maria!”, ao que então se segue sua perplexidade: “Mestre!” A salvação cristã jamais é uma realização nossa, um prêmio que se obtém depois de uma luta árdua enquanto Deus nos espera. Não, ele vem a nós e nos desperta do nosso sono. É sempre uma dádiva da graça.

*Meu coração a ninguém pertence diante de ti,
Anseio por tua rica graça;
Disto sabendo, se te amo,
Tu debes ter me amado primeiro.²*

Aprendemos também que a fé cristã significa comunhão íntima e pessoal. Tão logo Maria exclama “Raboni [Mestre]!”, Jesus lhe diz: “Não me segures” (v. 17). À primeira vista, trata-se de uma declaração estranha. Para alguns, ele estava dizendo: “Não me toque; sou santo demais”, tal como na época em que Deus falava com Moisés na sarça ardente e lhe disse para que não se aproximasse muito (Êx 3.5). Isso, porém, não explica por que Jesus disse a Tomé posteriormente nesse capítulo que o tocasse (Jo 20.27) e por que deixou que outras mulheres com quem se encontrou abraçassem seus pés (Mt 28.9).

As coisas ficam mais claras quando nos damos conta de que o termo traduzido como “me segures” é um termo que significa pegar com muita firmeza, a ponto de apertar. É mais do que provável que quando Maria se desse conta de que se tratava de Jesus, ela o teria abraçado com toda a sua

força física e emocional, o que não é surpreendente. Em Lucas 8.2, lemos que Jesus havia libertado Maria Madalena de “sete demônios”. Ele a havia libertado do tormento espiritual e emocional. Quando ele morreu, ela achou que o tivesse perdido para sempre, por isso agora estava atônita ao saber que ele estava vivo. É claro que o teria abraçado com toda a sua força. Jesus, porém, diz:

“Não me segures, pois ainda não voltei para o Pai. Mas vai a meus irmãos e dize-lhes que estou voltando para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus”. E Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: “Vi o Senhor!” E relatou as coisas que ele lhe dissera (Jo 20.17,18).

Poderíamos parafrasear da seguinte maneira o que ele disse a Maria Madalena:³ “Maria, sei por que você está me apertando desse jeito. Você estava de luto pela perda do nosso relacionamento, e agora imagina que vai me segurar e jamais se separará de mim, mas você não entende. Quando eu subir para o Pai e me sentar à mão direita dele e enviar o Espírito, então todos, no mundo inteiro, que creem em mim, poderão ter intimidade pessoal comigo. Pelo Espírito, virei até você, comungarei com você em amor, minha presença estará em você. Deixe-me ir para o Pai, e você e, todos os que buscam, terão comunhão comigo muito além do que você possa imaginar”.

A intimidade com o Senhor ressurreto é uma das dádivas dadas aos crentes na ressurreição. Há uma distância infinita entre saber *a respeito* de Deus e conhecer a Deus. Vida eterna é conhecer a Deus pessoalmente (Jo 17.3). Não é abstração. Há uma relação genuína de dar e receber, de falar e de ouvir com o Senhor através da adoração, da Palavra e da oração. E como

Jesus não é um mestre morto, e sim um Salvador ressurreto e vivo, podemos ter tal relação.

Essa intimidade suscita indagações muito práticas. Quando você ora, você sente que está realmente fazendo contato? Você sente a presença de Deus na oração? Você acha que às vezes — nem sempre, nem mesmo rotineiramente, mas com muita frequência — quando você ora, você sente que seus pensamentos sobre a sabedoria de Deus, sua misericórdia e bondade se tornam mais intensos, mais claros, consoladores e prazerosos? Você acha que, às vezes, quando você ora, seus fardos ficam mais leves? Tudo isso está à disposição dos cristãos que desfrutam dessa bênção incomparável: conhecer o Senhor ressurreto.

Há um certo paradoxo no que Jesus diz a Maria. Ele tem de ir embora para ficar mais perto dela do que jamais esteve. Tudo isso é descrito em detalhes em João capítulos 14 a 16. Ali, disse a seus discípulos que os estava deixando e que lhes enviaria o Espírito (Jo 14.17,28) e, contudo, quando o Espírito lhes fosse enviado, ele viria até eles (Jo 14.17,18). Ele disse que o Espírito o “glorificaria” diante deles (Jo 16.14), de modo que vissem sua beleza e grandeza de um modo jamais visto quando ele esteve na terra. Paulo diz que quando contemplamos Jesus pela fé no evangelho, no poder do Espírito, sua glória brilha em nosso coração e nos transforma (2Co 3.7—4.6). Jesus está dizendo: “Quando eu subir para a mão direita do Pai, enviarei o Espírito Santo, e o Espírito Santo me tornará real para vocês. Ele mostrará a vocês minha glória”.

Esta é uma declaração de encorajamento insuperável para nós hoje. Somos tentados a pensar que teria sido muito melhor ter estado presente na ocasião — ter ouvido de fato sua voz, tal como os primeiros discípulos ouviram, e ter tocado sua mão. Jesus, porém, está dizendo que podemos ter

um vislumbre de sua glória e uma intimidade com ele superior à que tiveram seus seguidores quando ele esteve na terra, maior do que se tivéssemos sido acolhidos em seus braços e beijados de verdade por ele.

Embora Maria não tenha reconhecido Jesus, sua paixão por um relacionamento com ele calcado no amor era sinal de que ela compreendera a graça de Deus. A vida de Maria Madalena fora um desastre, mas quando Jesus a escolheu, ela deve ter pensado em seu coração, ou talvez tenha deixado escapar dos lábios “Eu? Muitas vezes andei por esta rua, aos gritos, quase nua, fora de mim. Não posso ser filha de Deus”. Jesus, porém, havia lhe mostrado que pela graça de Deus unicamente, ela, sim, podia ser sua filha. Foi isso o que fez dela quem era.

À medida que compreendemos nossa necessidade de graça, nessa mesma medida a fé explodirá em nossa vida na forma de amor. Diz Gálatas 5.6: “Nem a circuncisão nem a incircuncisão valem alguma coisa; mas sim a fé que atua pelo amor”.

O encontro de João com Jesus

Havia outra pessoa presente à ressurreição em João 20. O texto se refere a ele como “o outro discípulo, a quem Jesus amava” (Jo 20.2). Para a tradição, esse personagem é João, um dos doze apóstolos e autor do Evangelho.⁴

Então Pedro e o outro discípulo saíram e foram ao sepulcro. E os dois corriam juntos, mas o outro discípulo correu mais depressa do que Pedro e chegou primeiro. Abaixando-se, viu os panos de linho deixados ali, mas não entrou. Chegando Simão Pedro, que o seguia, entrou no sepulcro e viu os panos de linho deixados ali. Viu também que o lenço, que fora colocado sobre a cabeça de Jesus, não estava com os panos, mas dobrado em lugar à parte. Então, o outro

discípulo, que chegara primeiro ao sepulcro, também entrou, viu e creu (Jo 20.3-8).

Diferentemente de Maria Madalena, João e Pedro entram no sepulcro vazio e começam a esquadrihá-lo. Observam atentamente as faixas de linho e a capacidade de raciocínio de ambos passa a funcionar a todo vapor. Isso não fica muito claro na tradução em português. Quando o versículo 1 nos diz que Maria *viu* que a pedra da entrada da sepultura fora removida, o termo usado em grego é o mais comum para avistar — *blepei*. Mas o termo grego usado para descrever o modo como Pedro e João olharam o interior da sepultura é *theōreō*, que significa raciocinar, teorizar e ponderar. Em outras palavras, eles não estavam olhando simplesmente. Os dois começaram a “teorizar” a respeito da condição das faixas, começaram a levantar mentalmente hipóteses que explicassem o que tinham visto. Este é o mesmo processo de raciocínio que um cientista usa ao buscar uma hipótese de trabalho que explique um fenômeno.

Para o quê estavam olhando? Em primeiro lugar, viram as faixas de linho *dobradas*, um termo grego que designa uma disposição ordenada. As faixas não foram rasgadas, tampouco formavam um monte desordenado. Viram também que o lenço que cobria a cabeça de Jesus não fora jogado de lado e nem estava em uma pilha com o restante das faixas, mas em um canto à parte perfeitamente dobrado. Por que as coisas que viram os levaram a raciocinar e a fazer deduções? Naquela época, não se vestiam cadáveres com roupas do dia a dia nos funerais. Eles eram envoltos firmemente em longas faixas de pano — hoje diríamos que se pareciam com múmias. Foi por isso que quando Lázaro ressuscitou, Jesus lhe disse: “Desamarrem as faixas e deixem-no ir” (Jo 11.44). Lázaro não poderia ter tirado as faixas que o envolviam sem alguém que o ajudasse.

É por isso que João e Pedro ficaram sem entender o que viam. Por que razão as faixas de linho estariam perfeitamente dobradas? Se inimigos tivessem roubado o corpo, por que haveriam de retirar as faixas de linho, uma vez que o corpo já estaria em estado de putrefação (cf. Jo 11.39)? Por outro lado, se o corpo tivesse sido roubado por amigos, por que haveriam de demonstrar tamanho desrespeito despindo-o e transportando-o nu? Se Jesus voltara à vida por si mesmo, por que as faixas não estavam rasgadas e retalhadas? Além do mais, como poderia um homem seriamente ferido, praticamente morto, ser capaz de removê-las de algum modo e mesmo que o tivesse feito, por que haveria de dobrá-las calma e ordenadamente?

Na mente deles, de forma lenta, mas segura, toda explicação para o que havia acontecido, que não fosse sobrenatural, ia sendo eliminada. Como disse Arthur Conan Doyle pela boca do seu personagem Sherlock Holmes: “Depois de eliminar o impossível, o que sobrar, ainda que improvável, deve ser a verdade”.⁵

O texto nos diz que João pôde chegar a uma conclusão improvável antes de Pedro ou de Maria, a saber, que Jesus fora ressuscitado dos mortos. Diz o versículo 8 que ele “viu e creu”. No Evangelho de João, a palavra *fé* não é meramente um assentimento intelectual, mas fé que vem do coração e que traz salvação.

Portanto, a fé é mais do que raciocínio intelectual e assentimento. Ela é mais do que observar as evidências e decifrá-las, mas não é menos do que isso. A fé inclui a mente — de que outro modo seria um ato da pessoa por inteiro? João, o pensador, se torna a primeira pessoa a crer que Jesus ressuscitara dos mortos. Ele estava aberto às evidências, trabalhou nelas racionalmente, mas não restringiu as coisas ao plano intelectual. Ele não

conclui apenas que Jesus ressuscitara. Ele estava disposto a basear sua vida nisso.

Há uma história a respeito de um sujeito que caminhava sobre uma corda bamba e que demonstrava toda habilidade e destreza perante uma multidão. Ele caminhava sobre uma corda estendida muito alto, repetindo o ato por diversas vezes.⁶ No meio do percurso, ele parava e comia alguma coisa; depois, subia em uma bicicleta e fazia novamente seu trajeto; outras vezes, usava um carrinho de mão. O público não tinha como não ficar extasiado. Ele perguntou às pessoas se acreditavam que ele seria capaz de transportar um peso de cem quilos no carrinho de mão. Ninguém duvidou, todos creram em sua capacidade. Ele perguntou então se haveria um voluntário na plateia. Ninguém se apresentou. As evidências eram bastante sólidas. As pessoas criam de fato no acrobata, mas ninguém estava disposto a confiar a vida a ele.

Pela razão, João chegara à crença racional de que Jesus havia ressuscitado dos mortos. Mas aí ele, por assim dizer, entrou no carrinho de mão. É importante notar que João chegou à fé genuinamente salvadora sem ter visto de fato Jesus ressuscitado. A maior parte dos demais discípulos precisou vê-lo literalmente, mas, conforme veremos, Jesus insiste que as pessoas podem receber a fé transformadora sem passar por tal experiência. É o caso de João, que nos serve de modelo. Ele pensou e depois creu, sem ter visto literalmente o corpo ressuscitado de Cristo. Nós também podemos fazê-lo.

O encontro de Tomé com Jesus

Tomé, chamado Dídimo, um dos Doze, não estava com eles quando Jesus apareceu. Então os outros discípulos lhe disseram: “Vimos o

Senhor!” Ele, porém, lhes respondeu: “Se eu não vir o sinal dos pregos nas mãos e não puser o meu dedo no seu lado, de maneira nenhuma creerei”. Oito dias depois, os discípulos estavam outra vez ali reunidos, e Tomé estava entre eles. Estando as portas trancadas, Jesus chegou, colocou-se no meio deles e disse: “Paz seja convosco!” Depois disse a Tomé: “Coloca aqui o teu dedo e vê as minhas mãos. Estende a tua mão e coloca-a no meu lado. Não sejas incrédulo, mas crente!” Tomé lhe respondeu: “Senhor meu e Deus meu!” E Jesus lhe disse: Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram (João 20.24-29).

Os Evangelhos não nos dizem muita coisa sobre Tomé. Em João 11.16, ele demonstra lealdade a Jesus, embora com uma atitude resignada e fatalista (“Vamos nós também [a Betânia] morrer com ele”). Em João 14.5, depois que Jesus fala de ir para a casa do seu Pai para preparar lugar para os discípulos, Tomé mostra que não compreende coisa alguma do que Jesus vinha dizendo. A partir desses breves vislumbres, concluímos que Tomé era “uma pessoa leal, mas meio sem imaginação e que só agia com base naquilo que lhe transmitia certeza absoluta”.⁷ Seu afastamento dos demais discípulos depois da morte de Jesus (v. 24) não é de surpreender. Um comentarista acredita que “a morte de Jesus foi uma realidade de tal ordem que Tomé teve de se isolar para tentar compreendê-la. Por isso, quando Jesus aparece aos discípulos na noite da Páscoa, Tomé não está entre eles”.⁸ Quando ouve os outros dizerem que viram Jesus, ele não fica impressionado.

Em vez de aceitar o testemunho dos amigos, Tomé estipula condições para crer. Ele insiste que se não pudesse tocar com o dedo os lugares nas mãos de Jesus onde os pregos foram introduzidos, e se não pusesse a mão no lado de Jesus onde a lança o ferira, não creria. Ele sabia que ninguém

que fosse ferido de tal maneira poderia sobreviver. Portanto, se pudesse ver e mesmo tocar um corpo vivo que tivesse sido ferido desse modo, então ele seria capaz de crer que não estava diante de um impostor ou de um espírito, mas de Cristo.

Tomé é o mais célebre dos céticos dos tempos antigos e, como tal, serve praticamente de duplê para os céticos seculares de hoje. Muitos duvidam da ressurreição, tal como Tomé, com base no temperamento e na razão. É provável que Tomé se revelasse uma pessoa “sensorial” nos testes de Myers-Briggs. Indivíduos com temperamentos sensoriais dão mais atenção à realidade física, aos fatos e as evidências sólidas, e Tomé tem milhões desses “descendentes” atualmente. Muitas outras pessoas hoje em dia têm objeções filosóficas à doutrina da ressurreição. “Os mortos simplesmente *não* podem voltar à vida”, dizem. Conforme vimos no capítulo 1, Tomé e os demais judeus daquele tempo tinham uma objeção semelhante, embora fosse formulada de forma um pouco diferente: “Uma pessoa morta no meio da história não pode voltar individualmente à vida”. Tomé também pode representar o cético moderno de outra maneira. Obviamente, ele admirava e amava Jesus — ele tinha sido discípulo. Mas é provável que precisamente por esse motivo Tomé tivesse receio de ter muita esperança. Enquanto os outros discípulos diziam “Ele está vivo!”, Tomé possivelmente dizia: “Não me encham de esperança. Dói demais”.

Todas essas razões e motivos criam hoje barreiras à fé para o homem moderno. Você pode ter uma visão de mundo segundo a qual esse tipo de coisa não pode acontecer, um temperamento que tende ao ceticismo, ou mesmo ao cinismo, ou um coração que teme a decepção.

A despeito disso tudo, porém, a passagem mostra Tomé abandonando a dúvida mais profunda entre os discípulos e se deslocando na direção da

profissão de fé mais elevada já registrada pelo Evangelho. Por fim, ele exclama: “Meu Senhor e meu Deus!” (v. 28), uma coisa impressionante para um judeu dizer a qualquer ser humano. Esse incidente é considerado o clímax do Evangelho de João. O maior cético se tornou o maior dos crentes. Aconteceu como se segue.

Em primeiro lugar, Tomé recebeu o testemunho dos apóstolos. Nesse sentido, ele estava na mesma situação que estamos hoje. Ele ouvira os relatos das testemunhas oculares que haviam visto Jesus. Esses relatos eram de pessoas que viviam naquela época, enquanto você e eu temos esses relatos à disposição no Novo Testamento. Uma boa maneira para o homem contemporâneo dar esse passo, além de ler os relatos dos Evangelhos, consiste em consultar *A ressurreição do Filho de Deus*, de N. T. Wright, e *Jesus and the eyewitnesses* [Jesus e as testemunhas oculares], de Richard Bauckham.⁹ Este autor prova que os Evangelhos não têm as marcas da tradição oral ficcional, e sim do depoimento de testemunhas oculares.

Portanto, Tomé tinha em primeiro lugar as mesmas evidências dos testemunhos oculares que hoje temos. Em segundo lugar, porém, Tomé precisava entender que Jesus não ressurgira meramente dos mortos, mas que ressuscitara por *ele*.

Quando Jesus apareceu a seguir no meio dos discípulos, ele se virou na direção do cético e, estendendo as mãos, disse: “Ponha o dedo aqui — estenda as mãos! Veja aqui o meu lado — ponha o dedo nele!” Tomé respondeu imediatamente: “Meu Deus e meu Senhor!” O que o levava tão decisivamente à fé? Apesar da proposta, não há indicação alguma no texto que Tomé tenha feito efetivamente o que Jesus lhe pedira que fizesse, isto é, pôr as mãos em suas feridas. O que foi então que derrotou suas dúvidas? Diz Leon Morris:

É possível que tenham sido as *palavras* de Jesus mais do que qualquer coisa que instilaram convicção, porque mostravam que Jesus estava perfeitamente ciente de quais eram as exigências de Tomé. Como foi que soube disso, se não porque estivera despercebidamente [com Tomé]?¹⁰

Este é o argumento de Morris: como Jesus sabia das exigências de Tomé? Será que algum dos discípulos sabia onde Jesus estava hospedado e foi ao seu encontro dizendo-lhe “Deixe-contar o que Tomé disse!” É claro que não. Jesus sabia de tudo porque estava sempre caminhando, despercebido, ao lado de Tomé. Ele ouvira como Tomé se recusara a crer em seus amigos. Viu o cinismo e o medo no coração de Tomé e, mesmo assim, foi até ele conforme solicitado.

Jesus estava dizendo a Tomé: “Sei das suas dúvidas, de todos os seus temores, de todas as promessas quebradas e de todas as suas falhas. Sondei você profundamente, e continuo a amá-lo. Estou aqui para ajudá-lo”. Tomé fora humilhado pela graça de Jesus e, subitamente, suas feridas ganharam um novo sentido. Inicialmente, queria ver as feridas de Jesus como evidências do seu poder. Agora, queria vê-las pelo que eram de fato — evidências do amor de Jesus, do seu amor sacrificial por ele. Jesus, na verdade, estava dizendo: “As feridas não são simplesmente evidências de que estou vivo. Elas são prova de que morri por você, de que sua dívida foi integralmente paga e que o poder da morte sobre você foi destruído”.

Como simples milagre, a ressurreição é espetacular, e as evidências a seu favor são extraordinárias. Mas é quando a vemos não como mera manifestação de poder sobrenatural, mas como clímax da história da nossa salvação, como derrota final dos nossos dois maiores inimigos, o pecado e a

morte, é que a ressurreição se torna mais convincente. Foi isso o que aconteceu a Tomé.

Tomé teve tratamento especial?

Por fim, Jesus diz: “Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram” (v. 29). Jesus está dizendo, basicamente, que não precisamos vê-lo com nossos olhos físicos para chegarmos à fé plena na ressurreição e que muda nossa vida. Isso é verdade, conforme vimos no caso de João. Por que, então, Jesus se mostra a Tomé? Por que ele teve tratamento especial?

É preciso lembrar que Tomé era apóstolo, e aqueles primeiros apóstolos foram enviados para ser os primeiros mestres e evangelistas. Uma das marcas de um apóstolo era seu treinamento pessoal com Jesus e o testemunho ocular de sua ressurreição. Assim, Tomé requer *efetivamente* um tratamento especial. Jesus está garantindo aqui sua qualificação como apóstolo.

Embora Jesus diga que não precisamos ter a mesma experiência de testemunha ocular que Tomé teve para que creiamos, temos de fazer a mesma descoberta que Tomé fez. Precisamos ver Jesus pacientemente em ação na nossa vida para nos levar para perto de si.

No conto de fadas *O cavalo e seu menino*, de C. S. Lewis, o personagem principal, Shasta, está tentando escapar de uma terra estranha e voltar para casa, em Nárnia. Tudo, porém, parece dar errado durante sua viagem. Ele depara o tempo com leões selvagens que o ameaçam de várias maneiras. A certa altura de sua jornada, ele se vê em meio à neblina e sente que uma presença o guia. Uma voz começa a conversar com Shasta. Ele fala de sua jornada e diz: “Mas não foi falta de sorte ter encontrado tantos leões?”

— Havia um leão apenas — disse a Voz.

— Como assim? O que você quer dizer? [...]

— Eu sou o leão.

Shasta escancarou a boca e não disse nada. A voz continuou:

— Fui eu o leão que o forçou a encontrar-se com Aravis. Fui eu o gato que o consolou na casa dos mortos. Fui eu o leão que espantou os chacais para que você dormisse. Fui eu o leão que assustou os cavalos a fim de que chegassem a tempo de avisar o rei Luna. E fui eu o leão que empurrou para a praia a canoa em que você dormia, uma criança quase morta, para que um homem, acordado à meia-noite, o acolhesse.¹¹

Nessa história, C. S. Lewis recorda sua viagem pessoal em direção à fé desde quando era ateu. À medida que você se aproxima da fé, percebe que o Deus em quem você agora acredita jamais é passivo. Jesus está vivo, ele ressuscitou e está empenhado em buscar você. A exemplo de Tomé, é possível que você descubra, para sua surpresa, que ele estava caminhando ao seu lado o tempo todo.

¹ Exploro outros aspectos do encontro de Jesus com Maria em João 20 em meu livro *Encounters with Jesus: unexpected answers to life's biggest questions* (New York: Dutton, 2013). Veja “The first Christian”, p. 82-102 [publicado em português por Vida Nova sob o título *Encontros com Jesus: respostas inusitadas aos maiores questionamentos da vida*].

² Josiah Conder, “Tis not that I did choose thee” (hymn), 1836.

³ A estratégia de interpretação que uso nesses versículos está bem resumida em Andreas J. Köstenberger, John, Baker Exegetical Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Baker Academic, 2004), p. 569: “A reação dela é totalmente natural; contudo, mais uma vez revela um equívoco. Aparentemente, Maria está determinada a não perder pela segunda vez o que lhe exigira um esforço tão grande para encontrar. No entanto, não deve segurar Jesus que ainda não subiu, uma vez que ‘sua morada permanente com ela não será na carne, conforme ela supõe [...] mas no Espírito’ (Lee, 1995, p. 42)”.

⁴ O argumento tradicional da autoria joanina do Evangelho tem um forte fundamento. Os líderes da igreja primitiva atribuíam unanimemente o Evangelho ao apóstolo João, entre eles Ireneu, cujo mentor, Policarpo, fora discípulo de João. Muitos estudiosos modernos discordam dessa visão. Não podemos entrar nesse tipo de discussão aqui. Para um bom resumo e defesa do ponto de vista tradicional, veja D. A. Carson, *The Gospel according to John* (Grand Rapids: Eerdmans, 1991), p. 68-81. Para o que pretendemos aqui, é importante observar que até mesmo alguns que negam a autoria joanina do Evangelho creem, não obstante, que ele foi escrito por uma testemunha ocular dos eventos. (Veja Richard Bauckham, *The testimony of the beloved disciple: narrative, history, and the theology of the Gospel of John* [Grand Rapids: Baker Academic, 2007].)

⁵ Sir Arthur Conan Doyle, “The sign of the four”, in: *Sherlock Holmes: The complete illustrated novels* (New York: University of Life Library, Carlisle Media, 2018), p. 170.

⁶ Qualquer pessoa com acesso a um navegador de internet descobrirá rapidamente que o personagem desta história é Charles Blondin, acrobata francês que atravessou a Garganta do Niágara sobre uma corda em 30 de junho de 1859. Não foi possível confirmar se o incidente em questão aconteceu de fato. As inúmeras variações da história indicam possivelmente que não procedem de uma fonte histórica oficial. Contudo, a história serve perfeitamente como ilustração da diferença entre fé mental e a confiança que vem do coração.

⁷ Bruce Milne, *The message of John: here is your king!*, The Bible Speaks Today (Downers Grove: IVP Academic, 1993), p. 302.

⁸ Ibidem, p. 302.

⁹ Richard Bauckham, *Jesus and the eyewitnesses: the gospels as eyewitness testimony*, 2. ed. (Grand Rapids: Eerdmans, 2017).

¹⁰ Leon Morris, *The gospel according to John*, The New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1995), p. 753.

¹¹ C. S. Lewis, *The horse and his boy* (1954; New York: HarperCollins, 2002), p. 175-6 [publicado em português por WMF Martins Fontes sob o título *As crônicas de Nárnia*].

CAPÍTULO 7

ESPERANÇA PESSOAL: 2



O encontro de Pedro com Jesus

Pedro se encontrou com o Cristo ressurreto diversas vezes. Ele estava com os demais discípulos — uma vez sem Tomé e outra vez com ele — quando Jesus apareceu a eles (Jo 20.19-29). Jesus também apareceu a Pedro quando este estava só (Lc 24.34; 1Co 15.5). É possível que tenha havido outros encontros: “[Jesus] apresentou-se vivo também a eles, com muitas provas incontestáveis, aparecendo-lhes por quarenta dias e falando das coisas referentes ao reino de Deus” (At 1.3). João 21, porém, nos fala de um diálogo notável entre Pedro e o Cristo ressurreto.

Sete dos discípulos — Pedro, Tomé, Natanael, Tiago e João, além de dois outros discípulos cujos nomes não são citados (Jo 21.2) — haviam pescado a noite toda no mar da Galileia, mas não haviam pegado nada. Ainda estavam no mar quando Jesus apareceu na praia.

Mas logo ao amanhecer, Jesus estava na praia. Todavia, os discípulos não sabiam que era ele. Disse-lhes, então, Jesus: “Filhos, não tendes nada para comer?” Eles lhe responderam: “Não”. E ele lhes disse:

“Lançai a rede à direita do barco, e achareis”. Então lançaram a rede e não conseguiam puxá-la por causa da grande quantidade de peixes. Então aquele discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: “É o Senhor!” Ouvindo Simão Pedro que era o Senhor, amarrou sua túnica à cintura, porque estava despido, e lançou-se ao mar. Mas os outros discípulos vieram no barquinho, arrastando a rede com os peixes, porque estavam a cerca de apenas duzentos côvados da terra. Ao desembarcarem, viram ali pão e um peixe sobre brasas (Jo 21.4-9).

Lemos em Lucas 5 outro episódio da pescaria dos discípulos que é a um só tempo semelhante e diferente deste. Nos dois casos, os discípulos estavam a bordo de um barco pescando; eles haviam trabalhado a noite toda, mas não pegaram nada. Nos dois casos, Jesus lhes diz que lancem as redes de volta na água, e nas duas ocasiões o resultado foi uma pesca milagrosa. Em Lucas 5, porém, Pedro respondeu dizendo: “Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador” (v. 8). Aqui em João 21, ele faz o oposto. Ele pula na água e nada com esforço até a praia na tentativa de se aproximar de Jesus o mais depressa possível.

As declarações de Jesus Cristo, se ouvidas verdadeiramente pelo que são, não suscitam jamais respostas moderadas. Jesus afirmou ser o Senhor Deus do universo, que tinha vindo à terra para se entregar por nós, para que pudéssemos viver para ele. Trata-se de uma convocação de lealdade total. Só nos resta fugir aos gritos extravasando nossa ira e temor ou correr na direção dele com alegria e amor e cair aos seus pés dizendo-lhe: “Sou teu”. Nada entre uma e outra coisa faz qualquer sentido. A menos que você esteja fugindo dele ou correndo em sua direção, não saberá quem ele é de fato. Pedro fez as duas coisas. Por causa da instrução que recebeu do Jesus

ressurreto, Pedro agora sabe o suficiente sobre o evangelho da graça para entender que não tem nada o que temer diante da presença divina de Jesus. Contudo, há muita coisa inconclusa entre Pedro e seu Salvador.

Jesus confronta Pedro

Depois da refeição na companhia dos discípulos, Jesus levou Pedro para uma caminhada na praia.

Jesus perguntou a Simão Pedro: “Simão, filho de João, tu me amas mais do que estes?” Ele respondeu: “Sim, Senhor; tu sabes que te amo”. Jesus lhe disse: “Cuida dos meus cordeiros.” E Jesus voltou a perguntar-lhe: “Simão, filho de João, tu me amas?” Ele respondeu: “Sim, Senhor; tu sabes que te amo”. Jesus lhe disse: “Pastoreia as minhas ovelhas.” E pela terceira vez lhe perguntou: “Simão, filho de João, tu me amas?” (Jo 21.15-17).

Para compreender o que Jesus está fazendo, é preciso que nos lembremos da magnitude do fracasso de Pedro. Ele havia insistido energicamente que, se todos os outros abandonassem Jesus, ele *já* jamais o abandonaria, mesmo que isso significasse sua prisão e morte (Jo 13.37; Mt 26.33-35). Contudo, depois que Jesus foi preso e os outros discípulos fugiram, perguntaram publicamente a Pedro por três vezes se ele era um dos discípulos de Jesus (Lc 22.54-62; Mc 14.66-71). Ele teve três oportunidades de se identificar com seu Senhor, mas o negou todas as três vezes. Talvez, uma dessas vezes se deva a um lapso momentâneo, uma debilidade temporária, mas não há desculpas para três vezes.

Da terceira vez que negou Jesus, Pedro proferiu maldições (Mc 14.71). Ele estava em pânico. Queria provar que não era discípulo de Cristo porque

não queria ser preso. E a melhor maneira de provar aos circunstantes que não era seguidor de Jesus era proferir uma maldição sobre o nome de Jesus.¹ Naquela cultura de culpa e honra, lealdade era tudo e nenhum discípulo de verdade jamais faria tal coisa com seu mestre. Pedro o fez para se salvar, mas quando o galo cantou, a verdade terrível deve ter lhe ocorrido. Ele *não* era um discípulo verdadeiro de Cristo.

Pense em alguém a quem você deve tudo e imagine deixá-lo desamparado para que morra, para que assim você possa escapar salvando a própria pele. Como alguém poderia se perdoar por uma coisa desse tipo? Pedro teria algum modo de voltar atrás? Sim, e Jesus mostra a ele e a nós como fazê-lo.

Em primeiro lugar, Jesus fez com que Pedro percorresse de novo seus passos. Ele o levou até um local onde havia brasas (Jo 21.9). Pedro havia negado Cristo três vezes em torno de uma fogueira (Lc 22.54-62). Além disso, Jesus perguntou três vezes a Pedro se ele o amava. Três vezes — o mesmo número de vezes que Pedro o havia negado. É óbvio, para quem quer que tenha lido os Evangelhos e observado o caráter de Jesus, que não se tratava de um esforço para humilhar Pedro. Jesus queria que ele visse a si mesmo, que compreendesse a si mesmo. Isso ficou claro quando Jesus lhe perguntou: “Você [ainda diz que] me ama *mais do que estes?*” (v. 15). Jesus retorna não apenas ao comportamento de Pedro, mas ao erro por trás dele em seu coração que o levou às faltas cometidas. Jesus não está cutucando a ferida com uma faca — pelo contrário, ele usa a faca como um cirurgião para chegar ao que está na raiz do problema de Pedro.

O problema de Pedro era o que Miroslav Volf, teólogo de Yale, chama de “falsa identidade”.

Em seu livro *Exclusão e abraço*, Volf conta a história bíblica de Caim e Abel. Ele indaga: Por que Caim matou seu irmão mais novo? Sua resposta é que a identidade de Caim fora “construída’ [...] em relação a Abel [...] Ele era notável em relação a Abel”. Caim obtivera seu senso de valor ao se colocar acima do irmão. Contudo, quando Abel começou a superá-lo, Caim teve de negar tal realidade, porque sua autoestima era inteiramente dependente da certeza de que era melhor do que Abel. “Ou Caim reajustava radicalmente sua identidade, ou ele eliminava Abel”. O homicídio, diz Volf, não era decorrência de alguma compulsão violenta irreprimível. Pelo contrário, era o resultado da lógica fria de “um eu pervertido para manter sua falsa identidade”. Os fatos do caráter e da vida de Abel ameaçavam a autoimagem de Caim e, por isso, disse ele em seu coração: “Abel não pode continuar a existir”.²

Tal como Caim, a identidade de Pedro se baseava no pressuposto de sua superioridade em relação aos discípulos. Pedro disse a Jesus que ele era o mais apaixonado e leal de todos. Ele não baseava sua identidade no grande amor de Jesus por ele, mas no grande amor que tinha por Jesus. Em outras palavras, embora Jesus fosse o mestre de Pedro, Pedro era seu próprio salvador.

Toda identidade baseada no desempenho próprio superior ao dos demais produzirá ao menos dois resultados: fragilidade e hostilidade. Em primeiro lugar, haverá uma profunda insegurança e uma incapacidade de ver a si mesmo. Pedro, a despeito das admoestações objetivas que Jesus lhe fizera acerca de seu erro futuro (Mt 26.34; Mc 14.30; Lc 22.34), não tinha noção alguma do perigo que corria. Por que não? Porque se você basear seu valor pessoal na bravura, e ao olhar para o coração o que vê é covardia, *terá* de pôr isso para fora e negar o que viu, ou não lhe restará um eu. E, isso se

aplica a qualquer identidade que não esteja enraizada no amor imerecido de Jesus, quer seja um amor tradicional, baseado na aprovação da família, ou um amor ocidental, baseado na realização individual. Qualquer identidade dessas é sempre frágil e radicalmente temerosa, resultando em negação e falta de autoconsciência.

Em segundo lugar, haverá hostilidade em relação aos que são diferentes. Se sua identidade for a do seguidor mais apaixonado de Jesus, terá de se irar e até mesmo recorrer à violência com alguém que se oponha ao seu Senhor. Quando Jesus foi preso, Pedro foi o único discípulo que recorreu à violência. Ele sacou da espada e cortou a orelha de uma pessoa. Este era Pedro, que se apresentava como o mais importante e o mais fiel seguidor de Cristo, fazendo exatamente o oposto do que Cristo fazia. Jesus, ao morrer por seus inimigos, disse: “Pai, perdoa-lhes”. Contudo, Pedro, a exemplo de Caim, tinha a identidade baseada em seu desempenho, em ser mais esclarecido e melhor do que aqueles infiéis, ele tinha de atacar as pessoas que Jesus buscava salvar. Quando uma falsa identidade se vê ameaçada, o resultado é sempre mais hostilidade.

As histórias de Caim e de Pedro tocam fundo e, de modo incômodo, os crentes americanos de hoje em dia. Vivemos em um país em que a questão racial está na ordem do dia. Há discussões acaloradas sobre os avanços, ou não, feitos pelos Estados Unidos em torno do racismo. Embora haja debates em torno de questões específicas, os cristãos, melhor do que ninguém, deveriam saber a profundidade com que o racismo está enraizado na natureza pecaminosa da humanidade. A filosofia e a antropologia modernas discorrem sobre a criação de uma identidade através do *outramento*. Quando tratamos como “outro” um grupo de pessoas, nós as tratamos como forasteiras e estranhas e reforçamos o que entendemos que sejam suas

fraquezas e males em um esforço para provar para nós mesmos e para outros, como somos comparativamente superiores. Um exemplo bíblico clássico é o do homem na parábola de Jesus que ora no templo: “Ó Deus, graças te dou porque não sou como os *outros* homens, ladrões, injustos, adúlteros, nem mesmo como este publicano” (Lc 18.11).

Temos aqui o caso de alguém que está literalmente tratando uma pessoa como “outro”. Ele não está usando a categoria de raça, mas a da moralidade e da política. Ele cria uma identidade positiva que é nobre, boa e verdadeira comparando-se com outros pelos quais demonstra desprezo. Conforme já disseram muitos pensadores contemporâneos, quando criamos uma identidade menosprezando outros grupos, ficamos dependentes deles sob vários aspectos. Ironicamente, o “outro” se torna parte de quem somos. É *preciso* que fiquem onde estão para que se encaixem nos estereótipos que atribuímos a eles. E se algo ameaça nossa visão unidimensional e negativa deles, sentimos balançar nossos fundamentos. Foi isso que levou Caim a matar Abel e foi também a razão pela qual Pedro reagiu com violência. Sua falsa identidade foi abalada e, em vez de mudá-la e de lhe atribuir outro fundamento, partiu para o ataque de quem a punha em perigo.

Embora o homem, em Lucas 18, não esteja submetendo ao “outramento” pessoas de uma raça diferente para com isso construir sua própria identidade, sabemos a frequência com que se fez isso na história do mundo e dos Estados Unidos. De acordo com o Projeto de Justiça Igualitária [Equal justice initiative], de Bryan Stevenson, houve 4.400 linchamentos raciais, nos Estados Unidos, entre o período da Reconstrução e a Segunda Guerra Mundial, uma média de mais de um linchamento por semana durante mais de setenta e cinco anos.³ Essas explosões violentas contra “o outro” são desdobramentos terríveis e trágicos do padrão

estabelecido por Caim. Se sua raça e cultura, ou seu desempenho moral, sua política, ou qualquer outra coisa que não seja o amor de Deus for o fundamento básico do seu valor próprio, quando alguém ameaçar essa autoimagem positiva, você não será capaz de ouvi-lo ou de aprender com ele. Sua reação será o ataque.

Jesus restaura Pedro

Pedro entristeceu-se por Jesus ter lhe perguntado pela terceira vez: “Tu me amas?” E respondeu-lhe: “Senhor, tu sabes todas as coisas e sabes que te amo”. Jesus lhe disse: “Cuida das minhas ovelhas. Em verdade, em verdade te digo que, quando eras mais moço, te vestias a ti mesmo e andavas por onde querias. Mas, quando fores velho, estenderás as mãos e outro te vestirá e te levará para onde não queres ir”. Com isso ele se referiu ao tipo de morte com que Pedro glorificaria a Deus. E, havendo dito essas coisas, ordenou-lhe: “Segue-me” (Jo 21.17-19).

Pedro construíra seu valor próprio a partir de uma fidelidade a Jesus maior do que a dos demais. Quando Jesus diz: “Amas-me *mais* do que estes?” Pedro responde simplesmente: “Senhor, tu sabes que te amo”. Ele começa a rejeitar a antiga identidade. Em seguida, Jesus pergunta três vezes se ele o ama, uma vez para cada uma das vezes que ele o negou. Como ele responde?

Vejamos o que Pedro *não* faz. Ele não dá nenhuma desculpa. Não fica na defensiva e não joga a culpa em outra pessoa. Não diz: “Bom, sim, sei que falhei em meu amor pelo Senhor, mas o Senhor precisa entender que...”. Tampouco ele faz referência a alguma grande obra que tenha feito

para provar o quanto ama *de fato* Jesus. Ele não diz: “Sim, neguei o Senhor, foi terrível. Lembre-se, porém, de todas as outras vezes que o servi”. Isso seria o mesmo que retomar a velha falsa identidade. Ele também não se humilha. Não diz o quanto é indigno, castigando-se na tentativa de expiar os próprios pecados. Não, ele diz simplesmente: “Senhor, eu te amo”. Em outras palavras, “Sei que o neguei três vezes, mas mesmo assim quero ter um relacionamento com o Senhor baseado no amor. Não tenho desculpas. Sei que falhei”.

Pedro está nos mostrando o que Paulo chama em 2Coríntios 7.10 de “tristeza segundo a vontade de Deus” e arrependimento verdadeiro, em vez de “tristeza segundo o mundo”. A primeira cura, restaura e nos transforma permanentemente; a segunda, embora acompanhada com frequência de emoção intensa, é uma coisa passageira. A tristeza segundo o mundo é uma forma de autopiedade, em que a pessoa que sofre se sente incomodada com os efeitos dolorosos do pecado em sua vida, com a vergonha diante dos outros e especialmente com o perigo para sua autoimagem, que ainda se baseia em ser uma pessoa boa e virtuosa. Na tristeza segundo o mundo, lamentamos as consequências do pecado pensando em nós. No verdadeiro arrependimento, lamentamos o pecado pelo pecado em si, pela forma como ele ofendeu e fez sofrer nosso Criador e Redentor. Na tristeza centrada em si mesma, jamais odiamos o pecado em si mesmo, por isso, quando as consequências dele refluem, o pecado volta a rugir ferozmente dentro de nós como nunca antes. O verdadeiro arrependimento é alimentado pela dor de ter ferido a quem amamos, esse amor intensificado por Cristo torna o pecado odioso e aí começa a perder seu poder sobre nós.

Então, Pedro se arrepende. A resposta de Jesus é nada menos do que chocante. Todas as vezes que Pedro responde a Jesus impelido pelo

arrependimento amoroso e humilde, Jesus, por sua vez, pede a ele que “alimente” e “cuide” de suas ovelhas, que é seu povo. Pedro está sendo chamado não para que passe por um estágio de provação. Ele está sendo chamado para ser líder.

De que maneira tais fracassos e fraquezas podem se tornar caminho para a grandeza e a liderança? Isso seria impossível na estrutura da antiga identidade de Pedro. Também faz pouco sentido para o mundo, onde o líder é alguém competente, confiante e bem-sucedido. No mundo, confiança e paz interior crescem na proporção direta das nossas realizações. Quanto melhor fizermos alguma coisa, tanto mais sentiremos que somos pessoas melhores e mais dignas de sermos amadas. Jesus, porém, convida Pedro para um tipo de identidade completamente distinto, do tipo que Paulo subscreveria: “Pois, quando sou fraco, então é que sou forte” (2Co 12.10).

Não se trata de uma identidade baseada na realização, mas na graça. Como Jesus pôde propor tal coisa a Pedro? Por que ele não exige que Pedro salde sua dívida de alguma maneira?

Pedro talvez tenha pronunciado maldições sobre Jesus para se salvar; Jesus, porém, tomou sobre si as maldições que Pedro, você e eu merecemos para nos salvar. “Cristo nos resgatou da maldição da lei, tornando-se maldição em nosso favor” (Gl 3.13). A identidade cristã se baseia, em última análise, no entendimento da magnitude do amor imutável de Deus por nós. Conhecemos essa dinâmica segundo a qual quanto mais admiramos alguém, tanto mais essa admiração nos satisfaz e nos preenche. “O louvor aos que dele são dignos excede toda recompensa”.⁴ Portanto, o conhecimento do perfeito amor de Deus por nós e o prazer de Jesus em nós pode nos transformar, e nos transformará, como nenhuma outra coisa é capaz de fazê-lo.

Jesus está dizendo mais ou menos o seguinte a Pedro: “Sua identidade estava baseada de tal modo em sua bravura, sabedoria e bondade pessoais que meu amor por você parecia simplesmente um salário que lhe fora pago. Agora, porém, você entende seu pecado e se voltou para mim, agora seu fracasso, imerso em minha graça e meu perdão, fará de você um líder. Por que quem poderá falar melhor à vida das pessoas se não alguém que conheça por fim seu próprio coração? Quem será melhor líder do que aquele que se deixa humilhar pela graça de Deus e, no entanto, ao mesmo tempo, é confirmado por meu amor livre e gratuito?”

O modo automático com que está programado o coração humano consiste em crer que é o *esforço* que nos conecta com Deus, porém o evangelho diz que é a *fraqueza* que faz essa ligação. Somente à medida que você entende que é fraco é que será forte.

O encontro de Paulo com Jesus

Mas, seguindo ele viagem e aproximando-se de Damasco, de repente, uma luz resplandecente, vinda do céu, o cercou. E, caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” Ele perguntou: “Quem és tu, Senhor?” O Senhor respondeu: “Eu sou Jesus, a quem persegues; mas levanta-te e entra na cidade; lá te será dito o que precisas fazer”. Os homens que viajavam com ele, ouvindo a voz, caíram emudecidos, mas não viram ninguém. Saulo levantou-se do chão e, abrindo os olhos, não enxergava coisa alguma; então, guiado pela mão, foi conduzido a Damasco. E ficou três dias sem enxergar, sem comer nem beber (At 9.3-9).

Neste nosso estudo de caso de fé na ressurreição, voltamos ao livro de Atos, à conversão de Paulo.

Antes de analisarmos este caso, cabe aqui uma palavra de advertência. A história da conversão de Paulo é surpreendente. Há uma luz visível e uma voz audível do céu. Ele foi literalmente lançado ao chão. Alguém poderia dizer: “Vejam, é *disso* que estou falando! Se Deus quer entrar em minha vida, vai ter de ser assim”. Felizmente, porém, temos o restante do livro de Atos. Em Atos 8, lemos sobre a conversão de um ministro das finanças etíope que chegou à fé através de um simples estudo bíblico com Filipe ao ler o livro de Isaías (At 8.30-36). Em Atos 16, lemos sobre uma mulher de negócios importante, Lídia, que ouvira Paulo falar sobre o evangelho de Jesus Cristo durante um grupo de oração feminino. Lemos que “o Senhor lhe abriu o coração para acolher as coisas que Paulo dizia” (At 16.13,14). Só isso. Nenhum milagre, nenhuma visão, só diálogo.

A ilustração moderna mais conhecida dessa verdade aparece no contraste entre Billy Graham e sua esposa, Ruth Bell Graham. Em 1934, o evangelista Mordecai Ham foi a Charlotte, na Carolina do Norte, para uma série de pregações de onze semanas pela manhã, à tarde e à noite no “tabernáculo” de piso de serragem erguido às pressas na periferia da cidade. Embora as reuniões de avivamento e as grandes multidões que compareciam aos eventos fossem a notícia do momento na cidade, Billy Graham, então com dezesseis anos, “não queria saber de ninguém que se apresentasse como evangelista”.⁵ Ele disse aos amigos e à família que não iria ouvi-lo. Um amigo, porém, que havia ido a uma pregação, disse-lhe que o pregador era um “guerreiro”, que pregava como jamais ouvira alguém pregar antes. Intrigado, o jovem Billy acomodou-se furtivamente nos fundos para ouvir o evangelista. Ele ficou chocado com a objetividade do

pregador. Embora a família Graham tivesse frequentado as igrejas metodista e presbiteriana, “nunca tinha ouvido um sermão sobre o inferno”.⁶ Ele falou também sobre o pecado de um modo tão convincente que Billy teve de passar a limpo o que pensava de si mesmo. Por fim, depois de participar de várias reuniões, Billy Graham fez o que chamou de “um giro de 180 graus” e se converteu.⁷

Ruth Bell, por sua vez, foi criada por missionários presbiterianos na China. Ela não se lembrava de uma época em que não tivesse sido crente. Os anos de sua infância transcorreram de tal modo que ela aprendia uma depois da outra as várias crenças cristãs e sempre acolhia com fé o conhecimento que lhe chegava e o que conseguia compreender na época. Chegou um momento em que ela conhecia suficientemente o evangelho para pôr sua fé nele, mas não se lembrava exatamente quando fora esse momento. “Tive momentos de ‘crise’, mas nunca em relação à minha salvação, porque não me lembro de nenhum momento em que eu não o tivesse amado e confiado nele. Na verdade, minhas lembranças mais remotas são de um amor e de uma gratidão profunda por ele ter me amado e morrido por mim”.⁸

Quando Lucas, autor de Atos, registrou esses estudos de caso de conversão, ele nos convidava a observarmos o que há de comum em todos eles. Nem todos eram surpreendentes. Nem todos seguiam um conjunto fixo de passos. Em todos os casos, o *como* da conversão era diferente, mas o *que*, o resultado, era o mesmo. Em todos os casos, as pessoas mudaram de dentro para fora. Portanto, não devemos ler a história de Paulo pensando em aprender como Jesus se revela às pessoas, mas para aprender a respeito da profunda mudança de vida que sempre ocorre depois que ele se revela.

Um Deus que não foi inventado por nós

Paulo achava que sabia como Deus era e como ele não era. Paulo sabia, por exemplo, que Deus não podia se tornar um ser humano, portanto todas essas declarações de que Jesus era o Senhor não podiam ser verdadeiras. Paulo ouvira também o discurso final de Estevão (registrado em At 6 a 7), em que este dissera que o templo, o sacerdócio e o sistema de sacrifícios se tornariam obsoletos por Jesus. Para Paulo, isso era impensável. “Isso tornaria irrelevantes livros inteiros da Bíblia”, ele deve ter pensado, “e Deus jamais faria tal coisa”. Não, Deus era um Deus que favorecia homens extremamente religiosos, de moral elevada e muito disciplinados como Paulo, homens que seguiam as regras e regulamentos ao pé da letra.

Paulo, a exemplo de todos nós, cria em um Deus que respaldava a pessoa que ele já era, que desejava ser e que desprezava todos os que ele desprezava. Há quem queira uma divindade que esmague os imorais e os sem religião, ao passo que outros desejam um Espírito de amor que acolha a todos e não julgue ninguém; outros ainda querem crer em um universo sem Deus nenhum. Nossas crenças sobre Deus, ou a falta delas, são impelidas tanto (ou mais) por nossos desejos e necessidades pessoais do que pela razão. Aldous Huxley, ateu célebre, foi sincero quando disse: “Eu tinha motivos para não querer que o mundo tivesse um sentido [...] O filósofo que não encontra sentido algum no mundo não está exclusivamente preocupado com um problema de metafísica pura. Ele está preocupado também em provar que não há uma razão válida pela qual ele, pessoalmente, não possa agir da forma como deseja”.⁹ Mas não incomodemos os ateus. Há muito mais gente que crê em Deus do que descrentes e é preciso que nos lembremos da declaração surpreendente de Paulo de que nenhum de nós, sem a intervenção e o auxílio do Espírito

Santo, jamais buscaríamos o Deus verdadeiro da Bíblia (Rm 3.10-12). Criamos para nós mesmos uma divindade personalizada, como Paulo fizera.

Certamente, um Deus a quem criamos pode às vezes nos consolar, tal como um vestido ou um terno feito sob medida para nós nos deixa confortáveis. No entanto, esse Deus não pode desafiá-lo quando você precisa ser desafiado, e jamais pode transformá-lo. Pense nas pessoas profundamente inseguras do seu valor, gente que luta com sentimentos de inadequação. O que fará dessas pessoas seres equilibrados, que não padecem de dúvidas debilitadoras sobre si mesmos? Lemos em 1João 3.20: “Pois, se o coração nos condena, Deus é maior que nosso coração”. Isto, porém, pressupõe que você tenha um Deus que está *aí*, que é real e pode lhe dizer coisas nas quais você não deseja acreditar. Como seu Deus poderá vencer a convicção profunda do seu coração de que você não vale nada, se ele não passa de uma criação, de uma extensão dos desejos do seu coração?

O Deus da Bíblia é um Deus que nós, modernos, jamais poderíamos ter inventado, um Deus santo, que não negligencia simplesmente o pecado e a culpa (Êx 6.7), que é fogo consumidor (Dt 4.24; Hb 12.29). É porque ele é tão santo e justo que foi necessário que Cristo assumisse a maldição que merecíamos para que pudéssemos receber a bênção que ele merece (Gl 3.10-14). Somente este Salvador, com as marcas dos cravos e feridas ainda visíveis, é que pode chegar e dizer aos crentes: “Vocês se sentem condenados? Pois não estão! Sentem-se indignos? Pois não são!” Somente este Deus, que não é produto dos seus anseios, é que pode reprogramar profundamente a consciência que você tem de si mesmo e fazer de você algo novo.

O desejo mais profundo do seu coração é um Deus que não seja apenas produto dos anseios e necessidades do seu coração.

Como homem moderno, C. S. Lewis sabia que o Deus com quem se encontrara na Bíblia não podia ser invenção sua:

A realidade, com efeito, é algo que ninguém poderia adivinhar. Este é um dos motivos pelo qual acredito no cristianismo. É uma religião que ninguém poderia adivinhar. Se ela nos oferecesse o tipo de universo que esperaríamos encontrar, eu acharia que ela havia sido inventada pelo homem. A religião, porém, cristã não é nada daquilo que esperávamos; apresenta todas as mudanças inesperadas que as coisas reais possuem. Deixemos de lado, portanto, todas as filosofias pueris e suas respostas simplistas. O problema não é nada simples, e a resposta tampouco.¹⁰

Aí começa a conversão. Talvez você tenha crido em Deus a vida toda, mas você se converte quando começa a se dar conta de que está lidando com um Deus que não é do jeito que você gostaria que fosse. Ele é do jeito que é. Há coisas nele que dão medo, coisas que inquietam, coisas que são difíceis de aceitar. Bem, agora você está no caminho certo. Enquanto você não estiver brigando com um Deus assim, seu Deus será aquele ser unidimensional que você criou, não o Senhor do céu e da terra que o criou. E a menos que você tenha um Deus que lhe diga coisas que você não quer que sejam verdadeiras, você jamais será transformado quando ele lhe disser coisas que são boas demais para ser verdade como, por exemplo, que ele o perdoa, que você ressuscitará ou que ele o adotará.

Portanto, um Deus “indomado”, vivo e real é a primeira exigência para uma grande mudança de vida que vem com a conversão. Você está se aproximando desse Deus quando começa a se dar conta de que não importa

tanto o que você pensa a respeito dele quanto o que ele pensa de você (Gl 4.9).

Uma Bíblia coerente

Quando Paulo indagou, “Senhor, quem és tu?”, a resposta a essa pergunta arrasou todo o seu modo de pensar: “Eu sou Jesus”.

Paulo tinha motivos para crer que o cristianismo não podia ser verdadeiro. Ele sabia que a Bíblia ensinava que há um Deus apenas, contudo esses cristãos adoravam um homem como se fosse Deus. Além disso, a Bíblia dizia que o Messias seria um descendente de Davi que “castigará a terra com a vara de sua boca”, ele reunirá seu povo e derrotará todos os seus inimigos (Is 11.1-16). Jesus, porém, foi crucificado e nunca tomou o poder, portanto não era possível que fosse o Messias. A Bíblia diz que todo aquele que for executado por um crime e pendurado em um madeiro será amaldiçoado (Dt 21.22,23). Jesus não morreu simplesmente; ele morreu uma morte vergonhosa de criminoso. Deus estava claramente rejeitando e abandonando Jesus e não confirmando-o como Rei. Não é de espantar que Paulo tenha chegado à conclusão de que a Bíblia condenava os ensinamentos do cristianismo.

Foi então que, na estrada de Damasco, Paulo foi confrontado com o fato irrefutável de que Jesus havia ressuscitado. Transcorridos três dias apenas, ele começou a pregar a Bíblia nas sinagogas dizendo “que Jesus é o Filho de Deus” (At 9.20). Ele tinha começado a repensar a Bíblia toda à luz do fato da ressurreição. Ao recorrer ao restante dos ensinamentos de Paulo e tomando-os como guia, é possível recuperar certos traços de pensamentos que devem ter brotado em sua mente durante aqueles três dias de trevas.

Seu pensamento deve ter seguido um curso mais ou menos como este: uma vez que Jesus foi amaldiçoado e rejeitado por Deus, sendo depois ressuscitado e vindicado por Deus, disso se segue que ele deve ter morrido e deve ter sido amaldiçoado *no lugar de outra pessoa*. Seria possível que ele estivesse absorvendo a maldição da lei por nós, em nosso lugar (Gl 3.10-13)? Isaías falou de fato do Messias como uma figura de força que julgaria o mundo, mas ele também escreveu sobre um estranho personagem, o Servo sofredor, que foi “ferido por causa das nossas transgressões” e “esmagado por causa das nossas maldades” (Is 53.5). Seriam o Servo e o Rei messiânico a mesma pessoa (Rm 10.16,17)? E quanto a todos aqueles sacrifícios de animais diariamente no templo? O sangue de animais não pode, por si só, expiar o pecado humano. Seria possível, então, que todo o sistema sacrificial fosse apenas um indicador que apontava para o cordeiro da Páscoa derradeira, um homem que tira o pecado (1Co 5.7)? E quanto à promessa feita a Abraão de que através de um de seus descendentes todas as nações da terra seriam abençoadas (Gn 12.3)? Seria assim que as coisas se dariam (Gl 3.14), por intermédio de Jesus?

Para Paulo, a Bíblia era uma série de leis e de histórias morais que nos diziam como viver, de modo que assim pudéssemos merecer a bênção de Deus. Quando, porém, ele compreendeu o fato inarredável da ressurreição de Jesus, começou a reler a Bíblia dentro de uma estrutura centrada em Cristo e tudo parecia diferente. A Bíblia não era uma série de fábulas de Esopo que nos ensinava a viver uma vida boa. Em vez disso, ela era uma história única e coerente, uma história maravilhosa e verdadeira, sobre as maneiras pelas quais Deus estava trazendo a salvação ao mundo, maneiras que culminavam todas elas em Jesus Cristo.

A partir do momento que Paulo começou a olhar as coisas à luz de Jesus ressuscitado e vindicado por Deus, a Bíblia se tornou coerente e tudo no mundo e em sua vida parecia diferente.¹¹ Certamente, ele não elaborou todas as implicações disso em três dias. Também não equacionou todas as respostas às suas objeções originais ao cristianismo. No momento, porém, em que ele se deu conta de que Jesus havia ressuscitado, sabia que tinha de haver respostas a todas essas objeções. Desse modo, ele creu em Cristo, começou a pregar e passou a trabalhar nos detalhes enquanto seguia em frente.

Devemos nos comportar da mesma maneira. Pense em todas as objeções ao cristianismo no que se refere à repressão sexual ou ao registro de injustiças da igreja. Algumas dessas coisas, se verdadeiras, significam que Jesus pode não ter ressuscitado dos mortos? Esta é a primeira pergunta, e a mais importante, a se fazer. Já examinamos integralmente as evidências da ressurreição? Na verdade, todas as nossas objeções dependem disso. Se ele não ressuscitou dos mortos, quem se importa com o que a Bíblia diz sobre o sexo ou sobre a história da igreja? Contudo, se ele ressuscitou *de fato* dos mortos, disso se segue que o cristianismo e o evangelho são verdadeiros e, embora não tenhamos ainda soluções para todas as demais objeções, podemos seguir em frente sabendo que há respostas para essas perguntas.

Se você estiver examinando o cristianismo, comece analisando a vida de Jesus conforme ela nos é apresentada nos Evangelhos, especialmente na ressurreição. Não comece, como fazem as pessoas hoje em dia, perguntando se o cristianismo combina com quem você é. Se houve ressurreição, então existe um Deus que o criou para si e, em última análise, sim, o cristianismo combina com você quer você consiga compreender isso agora ou não. Se Cristo for real e tiver ressuscitado, então, assim como Paulo, embora ele não

tivesse resposta alguma para quaisquer uma dessas perguntas, você terá de dizer: “O que queres que eu faça, Senhor?”

Uma relação de lei e de amor

Quando Paulo indaga, “Quem és tu, Senhor?”, Jesus diz por duas vezes que ele é aquele “a quem tu persegues”. Como pode esse personagem celestial de brilho ofuscante ser alguém a quem Paulo estava ferindo? Por que Jesus não disse: “Por que você *os* está perseguindo”, e sim, “Saulo, Saulo, por que *me* persegues?” (v. 4).

Nessas primeiras palavras que Paulo ouviu de Jesus havia um insight muito profundo que marcou o restante da vida, do ministério e da teologia de Paulo. O apóstolo aprendera que ser cristão significava muito mais do que simplesmente adotar outro conjunto de crenças e práticas na esperança de que Deus o favorecesse e atendesse às suas orações. As palavras apontam para um relacionamento infinitamente mais profundo e mais rico do que isso. Jesus Cristo dizia ter uma *união* tão íntima com seu povo a tal ponto que as coisas que lhes aconteciam, aconteciam a ele também e, portanto, por implicação, o que havia de verdade a seu respeito, era verdade também para seu povo.

Nas cartas de Paulo, ele diz que os cristãos estão “em Cristo” ou “no Senhor” ou “nele” mais de 160 vezes. Em Romanos 6.1-4, Paulo diz que morremos e fomos “sepultados com ele”. Em Efésios 2.6, o apóstolo diz que quando Jesus Cristo foi ressuscitado dos mortos e se sentou à mão direita de Deus, “[Deus] nos ressuscitou com ele, e com ele nos fez assentar nas regiões celestiais em Cristo Jesus”. Paulo não está se referindo a uma coisa que acontecerá, porque ele usa o tempo passado. O cristão se acha de tal

modo unido a Cristo que, quando ele morreu, ressuscitou e subiu ao céu, o mesmo se passou conosco. Essa união tem dois aspectos importantes.

Em primeiro lugar, estamos unidos a ele legalmente. Aos olhos de Deus, somos tão livres da penalidade do pecado quanto se tivéssemos nós mesmos morrido na cruz. Somos “justificados pela fé” (Rm 3.28) e nos tornamos perfeitamente justos em Cristo, embora, em nós mesmos, sejamos falhos e pecaminosos (Fp 3.9). Depois que morreu, Jesus foi elevado a um lugar de honra tal que, se crermos nele, Deus nos tratará como se tivéssemos feito tudo o que Jesus fez. Eles nos recompensa como se fôssemos tão importantes quanto Jesus.

Contudo, essa união não é apenas legal, ela é também vital e espiritual. Deus, que é Espírito, vem para dentro de nós, conforme fez quando Paulo se converteu (At 9.17). Nós nos tornamos partícipes da natureza divina de Deus (2Pe 1.4) e, portanto, estamos tão unidos a ele quanto uma mão está unida pelo sistema nervoso à cabeça. Por isso, Jesus pode dizer em relação ao seu povo: “Quando você toca neles, toca em mim”.

A ideia de uma união que é legal e, ao mesmo tempo, vital e pessoal não nos é estranha. É célebre a expressão de Martinho Lutero de que quando pomos a fé salvadora em Cristo, nossa fé “une a alma a Cristo assim como a noiva está unida a seu noivo”. O casamento é uma relação baseada na lei e no amor. Lutero destaca que um marido que se casa com uma mulher assume suas dívidas e a mulher, por sua vez, partilha agora de sua riqueza, de igual modo nosso pecado e morte recaem sobre ele e sua justiça e glória nos são concedidas (2Co 5.21). Portanto, conclui Lutero, “pela aliança de casamento [...] a alma que confia em Cristo [...] está livre de todos os pecados, está segura contra a morte e o inferno e recebe a justiça eterna, a vida e a salvação”.¹² Vemos aqui a forma pela qual o legal e o vital se

conectam e fortalecem um ao outro. Quanto mais tivermos a garantia da nossa aceitação legal, tanto mais livre estará nosso coração do temor e da vergonha, e quanto mais ele for atraído ao nosso Salvador em amor cheio de contentamento, tanto mais desfrutaremos do seu amor derramado generosamente em nosso coração pelo Espírito (Rm 5.5).

Para compreender o aspecto legal da nossa relação, pense no breve diagnóstico que o pastor David Martyn Lloyd-Jones usou para entender onde uma pessoa estava espiritualmente. Ele dizia: “Vou lhe fazer uma pergunta: você é cristão?” Normalmente a pessoa respondia: “Bom, estou tentando ser”. Quando a pessoa respondia desse jeito, Lloyd-Jones sabia que ela não compreendia o primeiro princípio do que significava ser cristão. O cristianismo é um status e uma união, é como ser adotado ou ser casado, e não uma recompensa que você ganha com base no que realizou. Ou você é casado ou não é, ou você é cristão ou não é.

Para compreender o aspecto vital da nossa relação, pense nas perguntas feitas pelos líderes do Grande Avivamento na Inglaterra, comandado por John e Charles Wesley. No século 18, praticamente todo o mundo no país ia à igreja, porém os pregadores do Grande Avivamento desafiam seu público com uma pergunta: eles eram convertidos?¹³ Estavam espiritualmente vivos ou viviam apenas de acordo com princípios éticos? Eles tinham um relacionamento vivo com Deus? Os pregadores do Grande Avivamento organizavam seus seguidores em sociedades que se reuniam nas casas. “O objetivo das sociedades consistia principalmente em proporcionar uma comunhão em que [sua] nova vida e experiência espirituais podiam ser salvaguardadas e desenvolvidas”.¹⁴ Em um dos manuais escritos para os líderes das sociedades, perguntas como as que se seguem tinham de ser respondidas semanalmente:¹⁵

Em que medida Deus foi real para o seu coração esta semana? Até que ponto sua segurança e certeza do perdão e do amor paternal de Deus foram claros e vívidos?

Você tem experimentado períodos específicos de deleite em Deus? Você sente realmente sua presença em sua vida, sente que ele lhe concede seu amor?

A Escritura para você é viva e ativa? Há promessas bíblicas que lhe são extremamente preciosas e encorajadoras? Quais são elas?

Sente que Deus o está desafiando ou que ele o está chamando para algo através da Palavra? De que formas?

Você se sente liberto para compreender e admitir que há outras maneiras pelas quais você peca contra Deus e os demais? Diante da sensibilidade cada vez maior de sua própria pecaminosidade, a graça de Deus está igualmente se tornando mais gloriosa, tocante e consoladora?

Essas perguntas ajudavam a fazer a distinção entre crer em um Deus remoto e ter um relacionamento vivo com um Deus vivo. Em tal relacionamento, baseado na graça de Cristo, há um intercâmbio real de conhecimento e de amor, por isso Deus o desafiará, consolará, chamará, ensinará e o guiará.

Jesus ressuscitou dos mortos, por isso podemos ser legalmente justificados (Rm 4.25) e ter a vida regenerada (Rm 8.10,11). Em suma, podemos nos converter e viver uma vida convertida.

Nosso encontro com Jesus

Não é possível ter esperança em Deus em tempos de medo sem ter um encontro pessoal com o Senhor ressuscitado. Passamos em revista cinco relatos do modo com isso pode acontecer. Olhando para eles agora em retrospectiva, observamos que variam significativamente, o que nos serve de lição final.

Jesus adota enfoques diferentes para corações e temperamentos diferentes. Não há um padrão, não há cinco passos para se tornar cristão que todos tenham de seguir. Alguns disseram que Maria Madalena era uma pessoa sensível, que João era do tipo pensador e Tomé, um pragmático. Essas são todas simplificações exageradas, mas Jesus reconheceu que havia diferenças de temperamentos e foi ao encontro das pessoas tocando-lhes em suas necessidades. Ele se aproxima de Maria Madalena e de Tomé e conversa com eles pessoalmente, mas deixa sozinhos João e Pedro para que pensem e descubram as coisas por si mesmos. Ele dá a todos aquilo de que têm necessidade, no momento que surge a necessidade. Portanto, não devemos comparar nosso percurso até Cristo com os dos outros dizendo: “Quando cheguei à fé, não foi como você chegou. Será que sou mesmo convertido?” Jesus derrubou Paulo com uma reprimenda, mas pronunciou com ternura o nome de Maria Madalena.

Jesus está nos dizendo o seguinte: “Conheço você pessoalmente. Seu percurso será só seu. Não será necessariamente como o da pessoa a seu lado. Quero que você siga a *mim*, não a ela”. Já perto do final do Evangelho de João, Pedro aponta para outro discípulo e pergunta ao Senhor o que acontecerá futuramente a ele. Jesus se recusa a responder e lhe diz: “Que te importa? Segue-me tu” (Jo 21.22). Portanto, não se compare com outros.

Fixe os olhos em Jesus e percorra o caminho que ele preparou exclusivamente para você (Hb 12.1,2).

¹ Veja Richard Bauckham, *Jesus and the eyewitnesses: The gospels as eyewitness testimony*, 2. ed. (Grand Rapids: Eerdmans, 2017), p. 170. Bauckham cita R. T. France e R. E. Brown e diz que também apoiam essa interpretação.

² Miroslav Volf, *Exclusion and embrace: a theological exploration of identity, otherness, and reconciliation* (Nashville: Abingdon Press, 1996), p. 95-6 [publicado em português por Mundo Cristão sob o título *Exclusão e abraço*].

³ Veja “Equal Justice Initiative”, in: *Lynching in America: confronting the legacy of racial terror*, 3. ed. (s.d.), disponível em: <https://eji.org/reports/lynching-in-america>, acesso em: 23 ago. 2021.

⁴ J. R. R. Tolkien, *The two towers*, (New York: Houghton Mifflin Company, 1987), p. 848 [publicado em português por Harper Collins sob o título *As duas torres*].

⁵ Billy Graham, *Just as I am: the autobiography of Billy Graham* (San Francisco: HarperSanFrancisco, 1997), p. 25.

⁶ Ibidem, p. 27.

⁷ Ibidem, p. 29. A “volta de 180 graus” é o nome do capítulo da autobiografia de Billy Graham que descreve sua conversão sob o ministério

do evangelista Mordecai Ham.

⁸ Ouvi pessoalmente Billy Graham explicar esse fato a respeito de sua esposa. A citação de Ruth Bell Graham está disponível em vários lugares da internet, por exemplo: faithinwriting.com/Tradition/Family/index.htm, acesso em: 23 ago. 2021.

⁹ Huxley acrescenta: “Para mim, a filosofia da falta de sentido era essencialmente um instrumento de libertação, sexual e política”. Aldous Huxley, *Ends and means* (London: Chatto and Windus, 1946), p. 273.

¹⁰ C. S. Lewis, “The invasion”, in: *Mere Christianity* (New York: MacMillan, 1958), p. 33 [publicado em português por Martins Fontes sob o título *Cristianismo puro e simples*].

¹¹ O parágrafo correspondente é baseado na meditação de D. A. Carson, de 22 de julho, sobre Atos 9 em *For the love of God*, (Wheaton: Crossway Books, 1998), v. 1.

¹² Martin Luther, *The freedom of a Christian*, tradução em inglês de Mark D. Tranvik (Minneapolis: Fortress, 2008), p. 62-3.

¹³ Veja D. Bruce Hindmarsh, *The evangelical conversion narrative: spiritual autobiography in early modern England* (Oxford, UK: Oxford University Press, 2008); e D. Bruce Hindmarsh, *The spirit of Early evangelicalism: true religion in the modern world* (Oxford, UK: Oxford University Press, 2017).

¹⁴ D. M. Lloyd-Jones, “Introduction”, in: William Williams, *The experience meeting* (Vancouver, BC: Regent College Publishing, 2003), p. 5.

¹⁵ Atualizei a linguagem das perguntas. Veja as perguntas com a redação original em *Ibidem*, p. 34-6, 39-41.

CAPÍTULO 8

ESPERANÇA PARA VOCÊ



Ele vos deu vida, estando vós mortos nas vossas transgressões e pecados [...] Mas Deus, que é rico em misericórdia, pelo imenso amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossos pecados, deu-nos vida juntamente com Cristo (pela graça sois salvos), ressuscitou-nos juntamente com ele e com ele nos fez assentar nas regiões celestiais em Cristo Jesus, para mostrar nos séculos vindouros a suprema riqueza da sua graça, pela sua bondade para conosco em Cristo Jesus (Ef 2.1,4-7).

Vimos que a ressurreição de Cristo oferece recursos inigualáveis de esperança e de confiança em face do medo. Vou me deter nos capítulos finais em medos concretos e maneiras específicas pelas quais essa esperança nos permite enfrentá-los. Temos medo do sofrimento, da morte e do futuro. Sentimos medo em tempos de inquietações sociais e de sublevações. Contudo, o que a ressurreição vence é o medo de que não sejamos capazes de enfrentar todos os demais medos. A ressurreição não promete que todas as circunstâncias da vida se dissiparão suavemente, porém nos dá

efetivamente a esperança de que poderemos nos transformar no tipo de pessoa apta a lidar com o que nos sobrevenha.

Ressuscitado com cristo

Em Efésios 2, Paulo diz que não apenas *seremos* ressuscitados fisicamente no fim dos tempos, mas que *já* ressuscitamos espiritualmente, no momento que cremos em Cristo como nosso Salvador e Senhor ressuscitado. Na verdade, Paulo acrescenta que já subimos espiritualmente aos céus. “[Deus] nos ressuscitou juntamente com ele, e com ele nos fez assentar nas regiões celestiais em Cristo Jesus” (Ef 2.4-6).

Essa declaração mostra como são profundas as mudanças quando alguém se torna cristão. Não se trata de virar uma página nova e de se esforçar mais para viver uma boa vida. Não se trata apenas de estar filiado a uma nova sociedade religiosa. Pelo contrário, trata-se de ser transportado de um reino para outro. Significa estar unido a ele no Espírito Santo e aos poderes do reino vindouro, de tal modo que “pelo novo nascimento, pela nossa regeneração, somos unidos ao Senhor Jesus Cristo, e nos tornamos partícipes e membros da sua vida em todas as bênçãos que dele procedem”.¹

Especificamente, o cristão ganhou vida espiritual embora estivesse morto. Imagine que você esteja em uma sala cheia de gente e você sobe ao pódio para falar. Diante do microfone, você se inclina um pouco para frente e começa a falar normalmente, certo de que o microfone levará o som da sua voz até o fundo da sala. No entanto, nada acontece. O microfone não havia sido ligado, e você diz “está desligado”. Mas se alguém apertar um botão, o microfone é ligado e, agora, você pode usá-lo porque está pronto para transportar sua voz. Da mesma maneira, nossa ressurreição espiritual nos “liga” e nos torna “vivos para Deus” (Rm 6.11). Estávamos mortos,

“desligados”, para ele, mas agora o Espírito nos capacita a ouvir a verdade sobre Deus.²

Essa ressurreição espiritual ocorre quando cremos que Jesus Cristo morreu e ressuscitou para nossa salvação. Contudo, com base nessa verdade objetiva, um princípio de vida futura, celestial, é introduzido em nós e nos afeta subjetivamente. Passamos a desfrutar de prenúncios de nosso estado futuro final, uma liberdade para mudar e ser como Cristo, uma percepção da realidade, da glória e do amor de Deus em nosso coração, bem como uma solidariedade nova, baseada no amor, com nossos irmãos e irmãs em Cristo.

Ressurreição espiritual significa que estamos, em um certo sentido, vivendo no céu quando ainda estamos na terra, que estamos vivendo no futuro quando ainda estamos no presente.

Estamos com Cristo [nas esferas celestiais] [...] por isso já desfrutamos de um pouco da vida do céu desde já. O apóstolo [Paulo] fala sobre partilhar das primícias; ele se refere a um antegozo. A grande colheita não aconteceu ainda, mas as primícias já estão disponíveis [...] Os vislumbres da glória! [...] Devíamos ter esses vislumbres de vez em quando. Devíamos ouvir de vez em quando um pouco da música; devíamos ter alguma sensação da vida que viveremos lá.³

Isaac Watts disse isso da seguinte maneira em um hino:

Da colina de Sião

Brotam doçuras santas aos milhares

Antes de chegarmos aos campos celestiais

E de caminharmos por suas ruas de ouro.⁴

No restante deste capítulo, examinarei alguns desses prenúncios, dessas “doçuras santas” à nossa disposição em virtude da ressurreição de Cristo.

Ressurreição e experiência

Archibald Alexander, professor fundador do Seminário Teológico de Princeton, dedicou anos de reflexão à compreensão da relação entre o que se tem chamado de grandes “objetividades” do cristão, isto é, a doutrina na qual se deve crer, os sacramentos do batismo e a ministração da ceia do Senhor, as práticas éticas a serem seguidas e as subjetividades do encontro espiritual. Seu *Thoughts on religious experience* [Reflexões sobre a experiência religiosa], de 1844, apresenta uma ilustração interessante:

Há dois tipos de conhecimento religioso que, embora estejam intimamente ligados como causa e efeito, podem, não obstante isso, ser diferenciados. São eles o conhecimento da verdade conforme, revelada nas Santas Escrituras, e a *impressão* que essa verdade produz [...] quando corretamente compreendida.

O primeiro tipo pode ser comparado à inscrição ou imagem [em relevo] em um selo, o outro à impressão deixada por ele na cera. No momento em que a impressão ocorre de forma nítida e distinta, é possível compreender mais satisfatoriamente ao contemplá-la, a inscrição verdadeira gravada no selo, mais do que se olharmos diretamente para o próprio selo. Portanto, constata-se que nada tende mais a confirmar e a elucidar as verdades da Palavra do que a experiência interna de sua eficácia no coração.⁵

O cristianismo é uma fé que se baseia na crença em realidades e verdades históricas, mas é também a união espiritual com Cristo por meio

da ressurreição. Portanto, cultivar a sã doutrina é absolutamente essencial e, no entanto, insuficiente ao mesmo tempo. Analisaremos se a verdade tem plasmado os afetos habituais do nosso coração e as práticas da nossa vontade e do nosso caráter. Em Efésios 1, vemos novamente esse elo entre verdade e experiência por meio do Espírito e da ressurreição. Paulo ora por seus leitores:

[...] sendo iluminados os olhos do vosso coração, para que saibais qual é a esperança do chamado que ele vos fez, quais são as riquezas da glória da sua herança nos santos e qual é a suprema grandeza do seu poder para conosco, os que cremos, segundo a atuação da força do seu poder, que atuou em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o sentar-se à sua direita nos céus, muito acima de todo principado, autoridade, poder, domínio e de todo nome que possa ser pronunciado, não só nesta era, mas também na vindoura (Ef 1.18-21).

À primeira vista, a oração levanta dúvidas. Certamente, os leitores de Paulo já sabiam intelectualmente que têm uma esperança futura e uma herança gloriosa à sua espera, então pelo que ele está orando? A expressão “olhos do vosso coração” nos dá uma pista para a resposta. Paulo queria que seus amigos fossem além de mero assentimento mental. Ele queria que as verdades que tinham na mente os enchessem de alegria, amor, confiança, paz, consolo e poder. Isso era possível porque os cristãos estão unidos àquele que presentemente reina sobre a era atual e a era por vir ao mesmo tempo (v. 21), portanto, ele pode trazer os poderes dos tempos finais para o nosso coração e para nossa vida agora.

Em Efésios 3, Paulo fez a mesma oração. Ele pediu a Deus que “[...] sejais interiormente fortalecidos com poder pelo seu Espírito. E que Cristo habite pela fé em vosso coração, a fim de que, arraigados e fundamentados em amor, vos seja possível compreender, juntamente com todos os santos, a largura, o comprimento, a altura e a profundidade desse amor e, assim, conhecer esse amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que sejais preenchidos até a plenitude de Deus” (Ef 3.16-19). Já sabemos que o cristão é morada de Cristo (Ef 2.22) e nele o cristão chegou à plenitude (Cl 2.9,10). Embora essas coisas fossem objetivamente verdadeiras para seus leitores, Paulo pede ao Espírito que torne essas verdades tão espiritualmente reais, tocando-lhes o coração, que mudem a forma como vivem o dia a dia. Estas são orações, portanto, voltadas para a experiência com base no que recebemos por meio da ressurreição de Cristo.⁶

Talvez nenhum pensador cristão tenha acentuado tanto a presença do futuro na experiência cristã quanto o teólogo britânico seiscentista John Owen. Citando os ensinamentos de 1Coríntios 13.12 e 1João 3.2,3, Owen disse que a maior bênção da era vindoura era a “visão beatífica”, isto é, ver a Cristo face a face com nossos olhos físicos. No entanto, ele observou também que 2Coríntios fala de ver a glória de Cristo agora. Em outras palavras, uma parte pequena, porém, extraordinária da alegria por excelência está à nossa disposição. “Owen volta reiteradas vezes ao conceito de contemplação da glória de Deus pela fé agora [...] [em] antecipação e consumação da visão beatífica [no céu]”.⁷ Caminhamos por fé, e não por vista (2Co 5.7) e, no entanto: “Todos nós, com o rosto descoberto, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, que vem do Espírito” (2Co 3.18) e “Deus, que disse: ‘Das trevas brilhará a luz’, foi ele mesmo quem brilhou em

nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo” (2Co 4.6).

Esses versículos nos ensinam, disse Owen, que há duas maneiras de contemplar a glória de Jesus, uma delas é pela fé; a outra, pela visão direta na eternidade. Portanto, não devemos crer simplesmente nas doutrinas da pessoa, do ofício e da obra de Cristo. Cabe-nos aprender como contemplar a glória de cada uma delas, sentir no coração sua beleza, sua grandeza e maravilha. Isto acontece hoje pela obra do Espírito e, embora a experiência seja infinitamente inferior à visão final, não obstante, seremos transformados na imagem da sua glória à medida que, paulatinamente, viermos a amá-lo acima de todas as demais coisas.⁸

Owen dá orientações importantes para a contemplação da glória de Cristo agora. Em primeiro lugar, contemplamos sua glória quando meditamos na sabedoria do evangelho, a Grande Inversão. Ele cita o apóstolo João, segundo o qual os discípulos viram a glória de Jesus quando ele esteve na terra. Owen pergunta:

Eles “contemplaram sua glória” (Jo 1.14). Que glória é essa de Cristo que eles contemplaram [...]? Não era a glória de sua condição externa, como a glória de um rei que contemplamos [...] uma vez que ele caminhou na condição de homem de posição humilde [...] Não tinha a ver também com a forma externa da carne da qual era feito [...] porque não tinha nela aspecto ou beleza alguma que o tornassem desejável [Is 52.14; 53.2-3] [...] Não era [...] a glória eterna essencial de sua natureza divina o que se propõe, pois esta homem algum deste mundo pode ver, e aquilo que alcançamos com a vista depois já não sabemos mais do que se trata [...] Era a sua glória, porque ele era “cheio de graça e de verdade”. Eles viram a glória

dessa pessoa [...] na ministração da graça e da verdade [o evangelho] [...] Esta foi a glória que o Batista viu quando disse [...]”Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29s) [...] Restringindo-se essa sua glória exclusivamente ao evangelho”.⁹

Uma vez que a “visão de fé” de Jesus não é uma visão literal, física, de seu corpo ressurreto, como podemos ter certeza de que *o* estamos vendo, e não a um Jesus que é produto do gosto e da criatividade da nossa imaginação? Owen disse que é possível ter certeza se tivermos o cuidado de restringir nossa meditação ao que a Bíblia diz a respeito de Jesus. “A glória do nosso Senhor Jesus Cristo que é revelada na Escritura [...] [é] [...] o objeto principal da nossa fé, do nosso amor, prazer e admiração [...] O único guia verdadeiro [não é] a fantasia e a imaginação [mas] a revelação da Escritura”.¹⁰

Houve vezes em que Owen tentou expressar o inexprimível e descrever a contemplação da glória de Cristo. Faltaram-lhe palavras. Contudo, “há no crente verdadeiro uma antevisão e um antegoço dessa condição gloriosa”.¹¹ Às vezes, as ideias do texto bíblico rompem os compartimentos do intelecto, por assim dizer, e se tornam como que luz que permite ver ou alimento para comer. As verdades se tornam tão doces e tão fortalecedoras quanto um banquete. A mente participa em profundidade, porque muitas vezes é possível enxergar todo tipo de coisa em um versículo ou em uma palavra específica que antes passou despercebido, porém o efeito se faz sentir no coração e na alma, e não só na mente. Para Owen, esses períodos de doçura e de luz eram apenas episódicos e amenos, mas, ainda assim, resultavam em mudança de vida. As experiências “elevadas” que talvez busquemos, admitia Owen, eram poucas e raras.

Há ocasiões em que, pela Palavra e pelo Espírito, penetra em seu coração um sentimento da glória incriada de Deus, que brilha em Cristo, e assim afeta e sacia as almas com alegria inefável [...] Estes deleites, de fato, são raros e, em grande medida, de curta duração. Contudo, é em razão da indolência e das trevas dentro de nós que somos privados do desfrute de mais visitas dessa graça, e que as alvoradas da glória não brilhem tanto em nossa alma.¹²

Ressurreição e mudança

A experiência cristã não é um fim em si mesma, uma forma de ter emoções empolgantes. O propósito da salvação divina é que “[sejamos] conformes à imagem do seu Filho” (Rm 8.29). Como se dá de fato a mudança concreta e duradoura? Em Efésios e Colossenses, Paulo fez menção de um processo em duas etapas que culmina em mudança de vida permanente.

[Despi-vos] do velho homem, do vosso procedimento anterior, que se corrompe pelos desejos maus e enganadores, e a vos renovar no espírito da vossa mente, e a vos revestir do novo homem, criado segundo Deus em verdadeira justiça e santidade (Ef 4.22-24).

Já que fostes ressuscitados com Cristo, buscai [“voltai vossos corações para”, NIV] as coisas de cima, onde Cristo está assentado à direita de Deus. Pensai nas coisas de cima e não nas que são da terra; pois morrestes, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, que é a nossa vida, manifestar-se, também vos manifestareis com ele em glória. Portanto, eliminai vossas inclinações carnis: prostituição, impureza, paixão, desejo mau e avareza, que é idolatria (Cl 3.1-5).

Entendo muito pouco de carros, mas em uma de minhas raras incursões em pesquisas automotivas, aprendi que existe um motor de combustão interna que requer apenas dois tempos, um ascendente (de compressão) e outro descendente (de combustão) para completar o ciclo de potência. Isto fará girar o virabrequim colocando o veículo em movimento.

Em Efésios, Paulo faz referência também a dois “tempos”, “despindo-vos do velho homem” e “revestindo-vos do novo homem”, o que resulta em justiça e santidade de caráter. Em Colossenses, ao se referir ao mesmo processo, ele recorre a termos um pouco diferentes. O cristão deve “fazer morrer” a velha natureza e “voltar o coração para o alto”, onde “[vossa] vida está escondida com Cristo em Deus”. Nas duas passagens, o apóstolo estava escrevendo sobre o descarte ou morte de alguma coisa e a vivificação ou fortalecimento de alguma coisa.

Não podemos deixar de notar que, mais uma vez, essa dinâmica de mudança segue o modelo da grande inversão. Assim como não poderia haver salvação sem a morte e a ressurreição de Jesus, assim também a salvação não pode nos transformar e operar em nossa vida sem uma prática constante de morte e ressurreição.

Em primeiro lugar, há o que chamaremos de tempo descendente de “matar o pecado”. Tanto em Efésios quanto em Colossenses, as coisas que estão sendo mortas são *epithumia*, desejos desordenados, escravizadores (traduzidos como “desejos enganadores”, em Efésios 4.22, e “desejos maus [...] idolatria” em Colossenses 3.5). Em Colossenses 3.2, lemos que o ser humano sempre pensa nas coisas que são da terra. Nós dependemos delas, construímos nossa vida sobre elas e só temos olhos para elas, em vez de olharmos para Deus em busca de identidade, sentido, salvação e amor. Com isso elas se tornam ídolos, coisas que *temos* de ter para acolher com alegria a

vida. Os ídolos sempre nos dominam. Eles criam desejos de temor, de ira, de ambição e de vícios que são desordenados e difíceis de controlar. *Temos* de ter ídolos para ter identidade, valor próprio ou sentido e, por isso, trabalhamos exageradamente, exploramos, mentimos, prejudicamos e abusamos de outros e até de nós mesmos, para alcançar aquilo para o que nosso coração está voltado. O tempo descendente é um esforço de lançar fora da nossa vida os ídolos, de desconectar nosso coração deles, de enfraquecer ou de eliminar seu domínio sobre nós.

Em segundo lugar, existe o que chamamos de tempo de “voltar o coração” para o alto. Isto significa elevar a mente e o coração na direção das “coisas do alto” e, de modo especial, para o próprio Jesus. O desejo do coração de ter alguma fonte suprema de amor e de sentido não pode ser apagado ou eliminado — nós fomos criados assim. Portanto, não é possível pôr abaixo simplesmente um amor supremo; ele tem de ser *reposto* por outro mais poderoso.¹³ É só quando inflamamos o coração com amor por Cristo pela meditação sobre ele, conforme Cristo se revela na Palavra e no evangelho, é que nos libertamos dos ídolos escravizadores.

Esses dois tempos são contínuos e inseparáveis; um depende do outro. Você não pode retirar as afeições desordenadas do coração por meio de poder, aprovação, conforto e controle concentrados em um objeto sem mostrar ao coração um objeto maior, mais desejável e belo: Jesus. Só então o pecado perderá seu poder de atração, e só então você passará a ser livre. Por outro lado, sem a segurança e a consciência de que somos aceitos por Cristo, a admissão do nosso pecado será traumática demais. Se nosso valor próprio depende de sermos boas pessoas, e não de Cristo, então nós, assim como Pedro, não seremos capazes de admitir nossas falhas ou pecados.¹⁴ Quanto mais conhecermos o amor de Cristo, tanto mais fácil será confessar

nosso pecado, e quanto mais confessarmos nosso pecado, tanto mais preciosa e maravilhosa será a graça de Jesus.

Erros a respeito de crescimento e de mudança

Quando as pessoas ouvem pela primeira vez sobre o processo de crescimento descrito por Paulo, elas geralmente se apressam a tirar conclusões erradas.

Em geral, o primeiro erro é achar que matar o pecado é “simplesmente dizer não” ao mau comportamento ou simplesmente se arrepender e pedir perdão pelos pecados. É claro que o cristão deve fazer as duas coisas, mas elas não são o que há de mais importante no horizonte desse processo de crescimento. O tempo descendente diz respeito não apenas ao comportamento, mas sobretudo aos hábitos do coração e aos padrões da mente e das emoções que nos tornam propensos a pecar. Isso significa identificar atitudes secundárias de autocomiseração, de amargura, de autoindulgência ou de ansiedade que nos deixam prontos para comportamentos pecaminosos específicos. Há quem peque por covardia e por não se manifestar quando deveria. Outros pecam por serem hostis e por falarem sem pensar e de modo imprudente.

Todos têm alguma expectativa do tipo “se eu conseguir *tal coisa*, então minha vida terá valor; serei uma pessoa digna de ser amada”. Aqueles para quem “tal coisa” é poder não se importam de ofender as pessoas para consegui-lo, mas para quem essa “tal coisa” é aprovação, não ousam fazê-lo. Seja o que for que ponhamos no coração no lugar de Jesus e da sua salvação, isso determinará como nos sentimos e como nos comportamos. Para eliminar os desejos desordenados que procedem dos nossos ídolos, não basta simplesmente nos arrependermos dos pecados cometidos. É preciso

identificar e debilitar as raízes e estruturas do nosso coração de tal modo que seus padrões de pecado deixem de se reafirmar.

Um segundo erro é bem parecido com o primeiro. Achamos que “voltar o coração” significa apenas trabalhar duro para viver. Com isso, a ênfase recai novamente sobre o comportamento, e não sobre o coração, que precisa ser retrabalhado. Certamente, o restante de Colossense 3 fala da prática do amor, da paciência, do autocontrole e do perdão. Não foi isso, porém, o que Paulo quis dizer quando falou de “voltar a mente para as coisas do alto”. Isto quer dizer voltar os *afetos* do coração, os desejos mais profundos do coração, para Jesus (cf. Cl 3.1,2). Como disse John Owen, é meditar sobre a glória de quem Jesus é e sobre o que ele fez até que ele comece a atrair e inclinar seu coração na direção dele. Só então seu coração não se fixará mais em outras coisas. Seu objetivo é substituir seus ídolos nos recantos mais profundo do coração por Jesus Cristo, aquele que é fascinante por inteiro.¹⁵

Parece tudo esotérico demais, mas há uma maneira muito prática de começarmos. Pense na breve expressão que Paulo usa no versículo 4, isto é, que Cristo é “nossa vida”. Use-a como instrumento de autoanálise. Quando você estiver abatido, ou tentado, quem sabe irado, ou perplexo, pergunte a si mesmo: “Será que fiz de uma coisa qualquer ‘minha vida’? Isto é, será que coloquei alguma coisa no centro da minha vida que não deveria estar lá?” Para “voltar o coração para as coisas do alto”, olhe para aquela coisa e diga: “Você não é minha vida. Somente Cristo é minha vida. Você é uma coisa boa, mas não preciso de você para ter vida e alegria. Cristo é minha vida e minha alegria”.

Nesse momento, você estará inoculando um antídoto bem no meio de suas emoções negativas. É um antídoto que diz: “Sou seu filho amado, em quem ele se compraz. O que mais posso querer?” Esse antídoto depois de

inoculado começa a atenuar o medo, o desespero ou a raiva, além de torná-lo menos propenso a pecar.

O último erro que as pessoas cometem nesse processo é que elas pensam que ele exige que você se sinta culpado, que faça uma crítica feroz de si mesmo para que, envergonhado, melhore o comportamento. Nada poderia estar mais longe da verdade.

Já fomos ressuscitados e estamos assentados nos lugares celestiais. Conforme vimos, toda essa linguagem é para dizer que somos amados e perdoados, aceitos e certos da salvação como se já tivéssemos morrido e estivéssemos literalmente sentados no céu. Agora, não há nenhuma condenação para nós (Rm 8.1). A condenação que merecíamos foi lançada no coração de Cristo. Ele a absorveu, pagou por ela e, agora, ressuscitado, é nosso mediador e intercessor perante o trono do universo (Hb 7.25; 1Jo 2.1-3). Tudo isso está por trás da declaração segundo a qual “vossa vida está escondida com Cristo em Deus” (Cl 3.3). Esta é a base da morte para o pecado e para a vida de justiça que começa com nossa mudança agora e que nos fará chegar sem mácula e sem mancha no dia final.

Matar o pecado requer de fato arrependimento, mas há um arrependimento que nos liberta e um outro tipo de “tristeza do mundo” que nos torna piores (2Co 7.10). Este último tipo de tristeza decorre rigorosamente do temor ao castigo. A atenção deve estar voltada para o que nossa ação fará por nós. O alarme e a tristeza que nos sobrevêm são basicamente formas de autopiedade. Podemos nos humilhar e confessar, porém nossa motivação consiste em escapar do sofrimento e tentar impressionar a Deus, aos outros e a nós mesmos de que não merecemos ser punidos demais. Em tudo isso, estamos mais preocupados com as consequências do pecado do que com o pecado em si. Isso significa que uma

vez passadas as consequências, o pecado estará tão entranhado em nossos afetos como sempre esteve. Não mudaremos.

Há outro tipo de arrependimento e de tristeza pelo pecado que Paulo chama de “tristeza segundo a vontade de Deus” e que leva à mudança e à purificação genuínas (2Co 7.10). Ele diz quem nutre esse tipo de arrependimento: “Deus jamais me lançará fora. Veja o que ele fez para que nunca tivesse de me condenar. Veja quanto custou ao meu Salvador garantir esta graça para mim! Como eu poderia rejeitar esse amor e essa beleza trocando-os por outra coisa?” Esta é a dolorosa convicção do pecado, mas ela não vem misturada ao temor servil. Você sabe que ele jamais o abandonará (Hb 13.5). Isto o liberta para se concentrar não tanto em si mesmo, mas no modo como seu pecado entristece seu amoroso Salvador. Esse tipo de tristeza faz com que você odeie não a si mesmo, mas ao pecado que o desonra. Com isso, fica genuinamente enfraquecido o domínio do pecado sobre você. “Se ele me amou como me amou”, você diz em seu coração, “como posso ainda ter alguma coisa a ver com o mal?” Agora você está a caminho de uma mudança duradoura.

Ressurreição e prática

Em 1988, dois cristãos, ministros ordenados, concorreram à presidência dos Estados Unidos. Um deles, Jesse Jackson, era um candidato liberal; o outro, Pat Robertson, conservador. Os dois citavam a Bíblia como base das suas posições ao mesmo tempo que “defendiam visões diametralmente opostas de moralidade cristã”. Embora não houvesse nenhum candidato cristão à presidência em 1992, os republicanos recorriam à Bíblia para respaldar a plataforma de “valores familiares” que defendiam enquanto os democratas e Bill Clinton falavam sobre uma “nova aliança” e de sua plataforma de justiça

racial e econômica.¹⁶ Richard B. Hays, da Universidade Duke, começa seu clássico *The moral vision of the New Testament* [A visão moral do Novo Testamento] com o exemplo da eleição de 1988. Ele observou que os candidatos contavam com alguma garantia por trás de suas declarações. Os partidos estavam trabalhando por algumas coisas que tinham amparo no ensino ético da Bíblia, mas ignoravam também elementos importantes do texto bíblico. Hays concluiu que nenhum deles fazia realmente justiça a tudo o que a Bíblia chama o ser humano para fazer. “Há muito mais nuances” na ética do Novo Testamento “do que deixa transparecer a simples polaridade entre conservadores e liberais”. Hays advertiu que os americanos, em especial, têm “acolhido acriticamente as categorias do discurso popular dos Estados Unidos [...] sem submetê-los a um escrutínio crítico à luz de uma leitura mais detida da Bíblia”.¹⁷

O exemplo de Hays nos serve de admoestação de que podemos ler a Bíblia seletivamente e ter nossas opiniões sequestradas pelas tendências políticas do momento. Como evitar tal coisa? Mais uma vez, voltamo-nos para a ressurreição. Temos discorrido sobre como a ressurreição nos proporciona os recursos para a mudança e a experiência internas do coração. Contudo, a ressurreição também nos dá uma estrutura de trabalho para a prática cristã ética.

Hays estabelece alguns princípios de identificação de princípios cristãos éticos na Bíblia. Em primeiro lugar, diz ele, a Bíblia toda deve servir de base para nossas ideias morais, e não apenas aquela parte de que mais gostamos. Em segundo lugar, ele diz que a Bíblia nos dá orientação moral não apenas na forma de “regras”, ordens ou proibições diretas de comportamento específicos, mas também através de “princípios” e de “paradigmas”.¹⁸ Um exemplo de regra é a proibição do divórcio, exceto no caso de adultério (Mt

19.9), ou de abandono irremediável (1Co 7.15). Exemplos de princípios são os dois grandes mandamentos de Jesus de amar acima de todas as coisas e de amar ao próximo como a nós mesmos (Mc 12.28-31). Diferentemente da regra, o princípio requer sabedoria e raciocínio em sua aplicação. Você sabe se cometeu ou não adultério. É mais difícil saber se você tem demonstrado amor ou não.

São exemplos de paradigma moral a parábola do Bom Samaritano (Lc 10.29-37) e as lições que Paulo tira do comportamento de Israel no deserto (1Co 10.1—11.1). O caráter de Deus é paradigmático. O Salmo 145 nos diz que Deus ama tudo o que criou (v. 9), ele está perto dos abatidos (v. 14), e alimenta todos os seres vivos (v. 16), porém julgará e punirá os ímpios (v. 20). O comportamento de Deus revela uma compaixão notável com declarações resolutas de justiça. O caráter de Deus serve como paradigma para nós? Certamente que sim. “Sede santos como eu sou santo” (1Pe 1.16; cf. Mt 5.48). Quando Deus veio à terra em Jesus Cristo, seu caráter se tornou visível para nós na vida de um ser humano. No fim, ele nos salvou pela morte e ressurreição, que se tornaram um paradigma por excelência para nossa vida.

A ética da grande inversão

Para Hays, todas as regras, paradigmas e princípios éticos convergem para o que ele chama de “imagens focais” centrais e bíblicas, em que as tais imagens aludem “à cruz e à nova criação”, ou o que temos chamado de grande inversão. Diz ele:

A morte de Jesus na cruz é o paradigma maior da fidelidade a Deus neste mundo [...] A morte de Jesus é [...] um ato de amor generoso [...]

Os autores do Novo Testamento empregam coerentemente o padrão da cruz precisamente para convocar os que têm poder e privilégios para que abram mão deles por amor aos fracos [...] *A nova criação [é] o poder da ressurreição em meio a um mundo não redimido* [...] No tempo presente, já se vê a nova criação, mas apenas prolepticamente.¹⁹

Todas as regras, princípios e paradigmas morais são aspectos deste tema bíblico central, a Grande Inversão, o modo profundo de salvação de Deus em que ele salva pela morte da rejeição, da fraqueza e do sacrifício e, no entanto, por sua morte, ele nos eleva, resgatando-nos dos nossos pecados e faz de nós algo maior.

De que maneira a cruz e a ressurreição apuram o foco da orientação moral da Bíblia?

Em primeiro lugar, a grande inversão nos ajuda a compreender a obediência às *regras* morais à luz do evangelho, não como meio de salvar a nós mesmos, mas como forma de imitação, contentamento e semelhança com aquele que nos salvou por sua morte e ressurreição. Compreendemos, por exemplo, que todo ato de obediência a Deus é uma “morte” seguida de uma ressurreição. De acordo com Elisabeth Elliot, sempre que duas vontades se cruzam, “alguém tem de morrer. A vida requer incontáveis ‘pequenas’ mortes, ocasiões em que temos a oportunidade de dizer não ao eu e sim a Deus”.²⁰ Para ela, todas as vezes que obedecemos a Deus e renunciamos ao direito à autodeterminação, negamos o controle sobre nossa própria vida. Contudo, acrescenta Elliot, “não morremos simplesmente para que estejamos mortos. Deus não haveria de querer isso [...] *Morremos para viver*”. E prossegue:

Uma semente cai na terra escura e morre. De sua morte brotam inúmeras vidas. Conforme disse São Francisco em sua oração: “É dando que se recebe; é perdoando que se é perdoado; e é morrendo que se vive para a vida eterna”. Para isso, é preciso ter fé [...] Não ter fé neste caso resulta certamente em ressentimento e, em seguida, em repressão. A destruição prossegue indefinidamente.²¹

É imprescindível que leiamos as regras morais da Bíblia, conforme faz Elliot, por meio da imagem focal da grande inversão. Se pensarmos nas regras morais como meios de prosseguir de força em força a fim de conquistar nossa salvação, ficaremos arrasados ao nos darmos conta de que, com frequência, a obediência não funciona dessa maneira. É preciso que estejamos convencidos de que são a morte e a ressurreição de Jesus que nos garantem a salvação, e que agora, a obediência é a forma de nos conformarmos à imagem daquele a quem amamos. Se não entendermos isso, conforme diz Elliot, só nos resta o desespero. Em vez disso, é fundamental que compreendamos os atos de obediência como uma pequena morte que nos conduz à nova vida, a um novo entendimento, a novos níveis de confiança em Deus, a um novo crescimento em amor, à paciência, humildade e autocontrole. E sobretudo a uma nova intimidade e comunhão com Deus.

Em segundo lugar, Hays diz que a grande inversão dá conteúdo e definição aos *princípios* morais da Bíblia.

Muita gente diria que o princípio do *amor* é a principal diretriz ética para o cristão. E Jesus certamente diz que todas as regras morais, toda a lei de Deus, se resumem ao amor de Deus e ao amor pelo próximo (Mc 12.28-31). Contudo, Hays diz que o termo *amor* foi degradado na linguagem popular, de modo que a coisa “amorosa” a fazer consiste simplesmente em

não desagradar as pessoas ou não exigir nada delas. Disseram-lhe, por exemplo, que pressionar os cristãos para que tomem como padrão a generosidade financeira radical, um dos princípios morais do Novo Testamento, “não seria caridoso”.²² O problema é que se removermos o conceito de amor da ideia focal da cruz e da ressurreição de Jesus, nós o esvaziaremos de qualquer conteúdo. Ele será o que quer que sejamos.

Outros, diz Hays, diriam que a *libertação* é o tema moral básico da Bíblia, porém os problemas aqui são semelhantes. Em linguagem popular, libertação agora tem um sentido quase que completamente político, e os que apelam à Bíblia em seus esforços para libertar as pessoas de várias injustiças políticas com frequência perdem contato com a “ênfase neotestamentária no poder de Deus como único fundamento de esperança e de liberdade”.²³ O conservadorismo secular luta pela libertação do indivíduo do poder do estado enquanto que o progressismo luta pela libertação dos grupos oprimidos pelo poder do estado. É fácil para o cristão que fala em libertação ser mais influenciado por uma dessas visões políticas do que pela Bíblia. A libertação entendida à luz da grande inversão parece muito diferente de qualquer uma dessas ideologias.

Em suma, sem a grande inversão como lente pela qual se deve compreendê-los, os termos *amor* e *libertação* acabarão marcando o cristão com o entendimento que o mundo tem da moralidade, e não com o entendimento que tem da Bíblia.

Por fim, a grande inversão mantém juntas a cruz e a ressurreição em um todo de vasto alcance. Só a *cruz*, como paradigma isolado, poderia levar a uma atitude de ascetismo ou mesmo de masoquismo e de pessimismo, ao passo que a *ressurreição* apenas poderia levar ao triunfalismo, o que Lutero chamou de “uma teologia da glória”. A cruz ou a ressurreição, uma abstraída

da outra, encoraja narrativas simplistas, porém, conforme Hays, a imagem bíblica é a da grande inversão:

[Ela] transmite ao cristão [...] [uma] singular capacidade de alegria simultaneamente com o sofrimento e, [contudo], de impaciência com as coisas como elas são [...] Em Cristo, sabemos que os poderes da era antiga estão condenados ao colapso, e a nova criação já começa a despontar. No entanto [...] todas as tentativas de determinar a presença irrestrita do reino de Deus estão sujeitas ao juízo [desta] ressalva: não antes do tempo, não ainda. Portanto, [a nova criação] profere juízo sobre nossa complacência, bem como sobre nosso desespero arrogante.²⁴

Em seguida, diz Hays, tal como Elisabeth Elliot, que quando amamos os outros sacrificialmente, nós o fazemos no poder da ressurreição, sabendo que pode haver — e haverá — redenção e cura através da presença do Espírito Santo. Contudo, ele alerta contra um tipo de evangelho da prosperidade que vê no sucesso o resultado do nosso sacrifício. “A morte de Jesus traz consigo a promessa da ressurreição, porém [esse] poder [...] está nas mãos de Deus, e não na nossa. Nossas ações, por conseguinte, devem ser julgadas não por sua eficiência mensurável na produção de resultados desejáveis, mas por sua correspondência com o exemplo de Jesus”.²⁵ A grande inversão nos impede de afundar nosso navio no otimismo ingênuo ou no pessimismo incorrigível.

Desse modo, a grande inversão reúne e coloca em foco as inúmeras diretrizes morais da Bíblia. Ela nos impede de descambarmos para o moralismo ou para o relativismo. Também impede que privilegiemos de modo privado e individualista nossa renovação moral. Isso acontecerá não

pelo embate entre espadas, mas por meio de obras sacrificiais de serviço, que é a marca da dinâmica de inversão da cruz e da ressurreição. Asseguramos a verdadeira liberdade e o bem do próximo através do sacrifício de nossas liberdades e bens.

A morte e a ressurreição de Jesus são a base não apenas da prática moral cristã, mas também do crescimento espiritual interno que nos permitirá realizar nossa missão no mundo.²⁶

¹ D. Martyn Lloyd-Jones, *God's Ultimate Purpose: an exposition of Ephesians 1.1 to 23* (Grand Rapids: Baker Book House, 1978), p. 71. Para muitas das reflexões deste capítulo, veja esses sermões de Lloyd-Jones, bem como Martyn Lloyd-Jones, *God's way of reconciliation: studied in ephesians chapter 2* (Grand Rapids: Baker Book House, 1972).

² Ilustração de Ibidem, p. 90.

³ Ibidem, p. 103.

⁴ Isaac Watts, "Come ye that love the Lord" (hino), 1649.

⁵ Archibald Alexander, *Thoughts on religious experience* (Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1967), p. xvii.

⁶ Para mais informações sobre a experiência cristã na oração, veja Timothy Keller, *Prayer: experiencing awe and intimacy with God* (New York: Penguin Books, 2014), p. 143-86 [publicado em português por Vida Nova sob o título *Oração: experimentando intimidade com Deus*].

⁷ Suzanne MacDonald, “Beholding the glory of God in the face of Jesus Christ: John Owen and the ‘reforming’ of the beatific vision”, in: Kelly M. Kaptic, Mark Jones, orgs., *The Ashgate research companion to John Owen’s theology* (Surrey: Ashgate, 2012), p. 142.

⁸ O texto chave é John Owen, *Meditations and discourses on the glory of Christ* (1684). Esta foi a última obra publicada de Owen. Como estava enfraquecido e perto de morrer, ele se voltou para a promessa e a prática de contemplar a glória de Cristo e se preparar para a morte. Estou fazendo o mesmo. As melhores versões dessa obra são John Owen, *The glory of Christ: his office and grace* (Fearn, Ross-shire, Scotland: Christian Heritage Books, 2015) texto integral em inglês contemporâneo; John Owen, *The glory of Christ*, abrev. por R. J. K. Law (Edinburgh: Banner of Truth, 1994); e o texto original, John Owen, William H. Goold, org., *The works of John Owen* (Edinburgh: Banner of Truth, 1965), v.1, p. 274– 464.

⁹ John Owen, *The glory of Christ: his office and grace* (Fearn, Ross-shire, Scotland: Christian Heritage Books, 2015), p. 44-5.

¹⁰ Ibidem.

¹¹ Ibidem, p. 49.

¹² Ibidem.

¹³ Veja o sermão clássico de Thomas Chalmers, “The expulsive power of a new affection”, disponível em: www.monergism.com/thethreshold/sdg/Chalmers,%20Thomas%20%20The%20Expulsive%20Power%20of%20a%20New%20Af.pdf, acesso em: 23 ago. 2021.

¹⁴ O texto clássico sobre o que estamos chamando aqui de tempo de “matar” está em John Owen “On the mortification of sin in believers”, in: William H. Goold, org., *The works of John Owen* (Edinburgh: Banner of Truth, 1967), v. 6, p. 2-88. Os textos clássicos sobre o que estamos chamando aqui de tempo de “elevação” estão em John Owen, “On the grace and duty of being spiritually minded”, in: William H. Goold, org., *The works of John Owen* (Edinburgh: Banner of Truth, 1967), v. 7; e John Owen, *Meditations and discourses on the glory of Christ* (1684).

¹⁵ Veja o exemplo de John Owen sobre como meditar sobre Jesus como “totalmente desejável” (Ct 5.16) em John Owen, Kelly M. Kopic, Justin Taylor, orgs., *Communion with the triune God* (Wheaton: Crossway, 2007), p. 181-2.

¹⁶ Richard B. Hays, *The moral vision of the New Testament: a contemporary introduction to New Testament ethics* (New York: HarperCollins, 1996), p. 1-2.

¹⁷ Todas as citações neste parágrafo são de *Ibidem*, p. 2.

¹⁸ *Ibidem*, p. 209. Os “quatro modos hermenêuticos de apelo moral” de Hays são chamados de “regras”, “princípios”, “paradigmas” e “mundo simbólico”. Ele define o “mundo simbólico” como a forma pela qual a Bíblia “cria as categorias perceptivas pelas quais interpretamos a realidade”, em especial, pelo modo como representa a condição humana e a natureza e pela forma como retrata o caráter de Deus (p. 209). Usarei o termo visão de mundo no lugar de *mundo simbólico* porque creio que se trata de um termo mais reconhecível.

¹⁹ Ibidem, p. 197-8.

²⁰ Elisabeth Elliot, *Passion and purity* (Grand Rapids: Baker, 2013), p. 73.

²¹ Ibidem, p. 73.

²² Richard B. Hays, *The moral vision of the New Testament: a contemporary introduction to New Testament ethics* (New York: HarperOne, 1996), p. 202.

²³ Ibidem, p. 203.

²⁴ Ibidem, p. 197.

²⁵ Ibidem.

²⁶ Outro pensador para quem a base da ética é a grande inversão foi o falecido professor da Universidade Duke, Allen Verhey. [Veja Allen Verhey, *The great reversal: ethics and the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1984)]. Contudo, o pensador mais destacado e influente no que diz respeito à importância da ressurreição para a moralidade cristã é Oliver O'Donovan, especialmente em seu clássico *Resurrection and moral order: an outline for evangelical ethics*, 2. ed. (Grand Rapids: Eerdmans, 1994). A tese básica de O'Donovan é que “a ética cristã depende da ressurreição de Jesus Cristo dos mortos” (p. 13), pois evita que nos tornemos “moralistas ou antinomianos” (p. 11), e tampouco oferece algum tipo de “território médio” abstrato (p. 12). A ressurreição e a redenção do corpo de Jesus – em vez de levar simplesmente o espírito de Jesus para o céu — é uma nova afirmação da ordem criada. “Talvez fosse possível, antes da ressurreição de Cristo [...],

que alguém imaginasse se a criação não teria sido uma causa perdida. Se a criatura agisse consistentemente para desfazer sua própria criação, e então a partir de si mesma desfazer a criação do restante que foi criado, isso não significaria que a obra das mãos de Deus era falha além da esperança de concerto? Talvez fosse possível, antes que Cristo ressuscitasse dos mortos, esperar [...] a redenção *a partir da* criação, em vez da redenção *da* criação [...] Quando o evangelho é pregado sem a ressurreição [...] a cruz e a ascensão, destituídas do seu centro, entram em colapso e se tornam símbolos de um outro mundo gnóstico. [Contudo, depois da ressurreição, sabemos] que a vida no homem na terra é importante para Deus; ele deu a ela sua ordem [...] No momento que compreendermos isso, entenderemos como [...] isso requer [...] tanto uma negação de tudo o que ameaça se tornar desorganizado e um progresso na direção de uma vida que vai além dessa ordem sem negá-la” (p. 14-5). O’Donovan prossegue e diz que uma ética centrada na ressurreição evita os graves erros tanto do racionalismo iluminista quanto do dualismo religioso. O projeto iluminista consistiu no esforço de *não* recorrer à fé ou à revelação para discernir normas morais. Antes, devíamos usar nossa razão para examinar o mundo natural e discernir princípios morais (às vezes chamados de “lei natural”). Contudo, não podemos simplesmente extrair valores morais da natureza em sua presente condição decaída. Em *Pilgrim at tinker creek* (New York: HarperCollins, 1974), Annie Dillard descreve com clareza a crueldade animal e a natureza violenta do processo evolucionário comum. Não é possível descobrir indutivamente uma “ordem moral” simplesmente contemplando a natureza desassistidos da razão humana. Por outro lado, muito da religião é de caráter dualista, em que o espiritual é bom e o material, maligno. O dualismo concebe a salvação como uma fuga

permanente deste mundo material rumo a um paraíso totalmente espiritual para sempre. Em vez disso, a ressurreição afirma a bondade da criação original e nos reveste do poder do Espírito de modo que, ao obedecermos às diretrizes morais de Deus, começamos, ainda que de forma parcial, porém genuína, a curar os relacionamentos rompidos do mundo caído.

CAPÍTULO 9

ESPERANÇA PARA OS RELACIONAMENTOS



Mas quando deres um banquete convida os pobres, os aleijados, os mancos e os cegos; e serás bem-aventurado, pois eles não têm com que te retribuir. A tua retribuição será na ressurreição dos justos (Lc 14.13,14)

A morte de George Floyd pelas mãos de um policial de Minneapolis, no dia 5 de maio de 2020, deflagrou protestos no mundo todo contra a injustiça racial. Estima-se que mais de quinze milhões de pessoas nos Estados Unidos tenham participado desses protestos no início de julho, tornando-os facilmente os maiores da história do país.

Ela foi também o estopim de uma intensa discussão sobre a questão racial. Logo ficou claro que não dispomos de um vocabulário comum que nos permita ter um debate. No momento que escrevo, não se tem notícia de um debate nacional. Em vez disso, muitos proponentes de visões bastante distintas afirmam sua posição perante o mundo e depois denunciam e rejeitam uns aos outros.

Antes que as manifestações contra o racismo se tornassem o centro das atenções, o movimento #MeToo contestava a cultura americana pelo tratamento que homens investidos de poder davam às mulheres. Preocupações desse tipo já não despertam tanto o interesse do público no momento que escrevo, mas é uma situação temporária. A realidade que se impõe é que na cultura ocidental há uma inquietação e uma insatisfação tremendas com todo tipo de relacionamento social, entre as classes econômicas, raças e nacionalidades e os sexos.

Na morte e ressurreição de Jesus, o cristão tem os recursos para a transformação dos relacionamentos sociais, o que pode ser um sinal poderoso para um mundo atento. Nos próximos dois capítulos, analisarei como seria essa comunidade de relacionamentos transformados.

Ressurreição e raça

O livro de Gálatas se preocupa com a dificuldade de fazer com que judeus e gentios vivam juntos como iguais na igreja. As divisões raciais eram profundas e havia muitas suspeitas, desrespeito e desconfiança de ambos os lados. Paulo tratou da questão de duas maneiras.

Em Gálatas 2, ele confrontou Pedro. Os judeus sempre se recusaram a comer com gentios, que consideravam espiritualmente impuros. Pedro havia recaído em costumes anteriores ao cristianismo, recusando-se a comer na companhia de seus companheiros cristãos gentios. Comer junto era símbolo de amizade e de igual consideração, por isso a ação de Pedro sobrepunha sua identidade racial à identidade comum que partilhava com os crentes gentios em Cristo. Seu comportamento “racializava” os gentios. Isto é, ele decidira ignorar quem eles eram em Cristo, preferindo dar atenção à sua diferença racial e étnica.

A primeira reação de Paulo a esse erro está em Gálatas 2.11-16, em que ele diz que o comportamento de Pedro era a negação do evangelho da justificação pela fé apenas. Pedro precisava se lembrar, disse Paulo, de que não fora a moralidade que o tornara aceitável perante Deus, mas a justiça de Cristo exclusivamente. Como, então, a raça poderia tornar alguém mais aceitável?¹ “Deus não entrou em comunhão com você por causa de seu pedigree cultural”, Paulo está dizendo a Pedro, “como você espera então ter comunhão com as pessoas com base no pedigree cultural delas?”

Depois, perto do fim da epístola, Paulo tratou da questão das relações raciais de outro modo. O apóstolo fez uma declaração que, de acordo com muitos estudiosos, é um resumo da argumentação da carta toda: “Pois nem a circuncisão nem a incircuncisão são coisa alguma, mas, sim, o ser nova criação” (Gl 6.15). “Circuncisão e incircuncisão” é uma metáfora das diferenças que vinham tumultuando a igreja. Quando Paulo diz que tais distinções não significam coisa alguma, ele não está falando de forma irrestrita. Em outro lugar, ele expressa amor e orgulho por sua herança judaica (cf. Rm 9.1-5). O que Paulo quer dizer é que as distinções raciais e culturais, embora sejam bens admiráveis, nada são em comparação com a nova criação.

Conforme discutimos anteriormente, a nova criação é o mundo renovado, trazido para o presente, em que a morte, o sofrimento, as lágrimas, o pecado e a vergonha foram derrotados (Is 25.7-8). Em seu comentário sobre Gálatas, Herman Ridderbos escreve sobre a expressão *nova criação* no versículo 15:

Nova inclui tudo o que foi concedido em Cristo e através dele, a nova realidade do reino de Deus. Através de Cristo, essa coisa nova não é meramente um dado escatológico futuro (Ap 21.1-5,3.12; Mc 14.25),

mas já está presente, já está *no* homem. Esta nova criação é, antes de mais nada, uma dádiva, mas que traz consigo uma tarefa. É isto [...] portanto, a única coisa que importa.²

Pela ressurreição de Cristo, temos agora a nova criação, mas conforme diz Ridderbos, ela “traz consigo uma tarefa”. É preciso que vivamos à luz da ressurreição e do mundo futuro, um mundo futuro em que as diferenças raciais, circuncisão ou incircuncisão, não gerem mais tensão, ódio ou violência. Em uma expressão vívida de igualdade racial diante de Deus, o Senhor dirá naquele dia final: “Bendito seja o Egito, meu filho, Assíria, obra de minhas mãos, e Israel, minha herança” (Is 19.25). Isaías 60.11,12 fala da cidade de Deus no fim dos tempos e diz que “as riquezas das nações [serão] trazidas a ti, e seus reis [serão] conduzidos com elas”.³ A imagem aqui retrata a singularidade cultural das riquezas, esplendores e glórias das nações transportadas para a nova criação. E em Apocalipse 21.24, 26 fica claro que esses “reis da terra” o estão fazendo voluntariamente, movidos por um desejo de adoração e de dar glórias a Deus.⁴

Essas visões da era final mostram que nossas distinções raciais e culturais são parte da boa criação de Deus e tão importantes que serão transpostas para a nova criação; não serão erradicadas, mas purificadas de todas as distorções pecaminosas, assim como nossos corpos, com suas distinções, serão transportados e purificados de toda fragilidade e degradação. O povo de Deus no novo mundo não será homogêneo, mas consistirá em “todas as nações, tribos, povos e línguas” (Ap 7.9). Haverá um *único* povo (Ap 5.9), porém marcado por essas diferenças. Contudo, essas diferenças apenas tornarão maior nossa unidade e mais bonita a nova humanidade em toda a sua glória.

Dando testemunho da raça

“Em Cristo Jesus [...] não há judeu nem grego” (Gl 3.26-28). Em Gálatas, Paulo exorta os cristãos a que vivam à luz da ressurreição, para não falar da doutrina da justificação, e de tal modo que as elevadas barreiras e preconceitos que há no mundo entre raças e povos sejam removidas. Há dois modos de fazê-lo.

Larry Hurtado, em seu estudo sobre o cristianismo primitivo, afirma que os esforços de Paulo tiveram algum grau de sucesso. Ele observou que o cristianismo primitivo partiu o elo normalmente rígido entre a etnicidade do indivíduo e sua religião. Antes do advento do cristianismo, a pessoa “nascia dos seus deuses” porque todo povo, cidade, lugar, guilda de profissionais e o estado em geral tinham deuses próprios. Se você nascesse em um lugar específico ou em um povo em particular, a adoração desses deuses era uma das maneiras pelas quais você participava da comunidade.

Os cristãos, porém, criam que havia apenas um Deus e todos deviam adorá-lo a despeito de sua raça, etnicidade, nacionalidade, vocação ou de qualquer outro status humano. A implicação radical era que sua fé em Deus não dependia simplesmente de sua etnicidade — ela era mais fundamental para quem você era do que sua etnicidade. A fé lhe dava um vínculo mais profundo com os demais cristãos do que qualquer um que você tivesse com sua raça. Com isso criou-se a primeira comunidade de fé multirracial e multiétnica. De acordo com Hurtado:

As distinções étnicas, sociais e de sexo [entre os cristãos] devem ser entendidas como algo que foi radicalmente relativizado, isto porque todos os crentes, seja qual for sua etnia, sexo ou classe social, agora são “um em Cristo Jesus”. Contudo [...] Paulo não lidou com essas distinções como se tivessem sido eliminadas de fato. Assim, por

exemplo [...] ele insistia em se referir a si mesmo orgulhosamente como membro do seu povo ancestral, um “hebreu” e um “israelita” [...] mas insistia também que “em Cristo” [...] essas distinções não deviam mais ser levadas em conta na *definição* dos crentes conforme haviam sido empregadas anteriormente.⁵

O cristianismo não destruiu a identidade nacional da pessoa conduzindo-a ao deserto para que fizesse parte de uma comunidade nova e exclusiva que viveria à parte do resto do mundo. Também não lhe deu um conjunto detalhado de regras sobre como se vestir e o que comer, com quem se associar e quem evitar — regras que a afastavam completamente de sua cultura. Não, se você fosse judeu, grego ou asiático e se tornasse cristão, continuava a ser definitivamente judeu, grego ou asiático. No entanto, sua identidade mais fundamental estava agora situada em outro lugar, e lhe dava um distanciamento crítico em relação à sua cultura, o que lhe permitia avaliar melhor seus pontos fortes e fracos. Isso lhe deu também elos profundos com os cristãos de outras culturas e raças, gente que poderia lhe dar insights aos quais ela não poderia ter acesso de outro modo.

É preciso que o cristão moderno reconheça que esses recursos extraordinários de entendimento, cura e unidade raciais continuam em grande medida ignorados. O novo eu (Ef 4.22,23), enraizado no amor e na obra de Cristo, e não em nossa raça, cultura e realizações, é algo de que [o cristão] deve *se revestir*. Só então ele será capaz de superar a “hostilidade” natural entre as raças (Ef 2.14). Paulo não estaria exortando os crentes a se revestir do novo eu ou a superar as hostilidades raciais se isso se desse automaticamente com o cristão. A pessoa pode ser um cristão de fé e *não* ter se despido de sua velha identidade com seus desejos idólatras, entre eles a

inclinação humana natural de idolatrar nossa cultura, e com isso se sentir superior aos demais.

E se eu, homem branco já de uma certa idade, prestar atenção ao que me diz uma jovem irmã em Cristo afro-americana sobre a dificuldade que é viver em uma sociedade dominada por brancos? Como devo reagir? Há um instinto dentro de mim que me leva a responder da maneira como meus pais e avós e a maior parte das pessoas com quem cresci teria respondido. Eles seriam educados e agradáveis externamente e não diriam nada que fosse negativo; por dentro, porém, desprezariam suas queixas. Diriam: “Claro, ainda existe preconceito por aí, mas não é nada comparável com o que havia no passado. Este é um país livre, se você se esforçar bastante, prosperará e ficará tudo bem”. Portanto, só me restaria sorrir e esperar que aquela conversa desagradável terminasse logo.

Poderia ainda me lembrar de que meu velho eu, por causa de suas idolatrias, tende a se autojustificar e a bancar o cego para muitas das mesmas coisas que ela está me dizendo. Posso me lembrar de dizer a meu novo eu que, primeiramente, sou cristão, depois é que sou homem branco, por isso devo tratar esta irmã em Cristo como uma igual e como uma pessoa por meio de quem Deus fala comigo. Isso não significa que não posso usar minhas faculdades críticas para discutir e até mesmo debater. Contudo, até mesmo um novo eu cristão imperfeito, que se assumiu apenas parcialmente, e que está radicado no amor e na graça de Cristo, permite que a pessoa seja menos defensiva e mais pronta a se arrepender. Há uma nova abertura e humildade que tornam possíveis tais diálogos e aprendizados. Com toda a gritaria e a raiva em torno dessas questões, não sei de um jeito melhor daqui para frente para que milhões de cristãos se revistam do seu novo eu e comecem a ouvir.

Outra forma para que os cristãos sejam sal e luz no que diz respeito à questão racial em nossa cultura polarizada consiste em prosseguir com a multiplicação das igrejas multiétnicas. A igreja do Novo Testamento era maravilhosamente multiétnica e isso, conforme observamos, foi um fenômeno radical. Hoje, à medida que nossas sociedades ocidentais têm uma população cada vez mais multiétnica, isso não significa que as pessoas de diferentes raças e culturas estejam efetivamente se misturando. Há estudos segundo os quais até mesmo em bairros de população fortemente multiétnica diferentes grupos se reúnem predominantemente em encontros, associações e instituições homogêneas. As igrejas multiétnicas, nas quais a liderança e a comunidade são diversas e trabalham juntas em contato próximo, podem servir de testemunhas da comunidade para o seu entorno em uma demonstração de como Cristo pode nos unir.

Não sejamos rigorosos demais aqui. Há inúmeras comunidades humanas e regiões do mundo inteiro que são monoétnicas. Nem todo bairro local é etnicamente diverso e nem toda igreja cristã pode ser multiétnica. Contudo, em um mundo globalizado e móvel, há cada vez mais lugares em que há diversidade, especialmente nas áreas urbanas e metropolitanas. Em um mundo tão polarizado por raça, tribo e classe, não há maior testemunho do poder do evangelho e da realidade da nova criação do que quando os crentes se entregam à árdua tarefa de fundar igrejas multiétnicas. Trata-se naturalmente de um assunto muito importante, e não é de modo algum tarefa fácil, mas há bons recursos para as igrejas que desejam dar testemunho do poder do evangelho dessa maneira.⁶

Ressurreição e classe

Em Lucas 14, Jesus estava em um banquete e “[viu] como os convidados escolhiam os primeiros lugares à mesa” (v. 7). Naquela cultura, quanto mais perto a pessoa estivesse do anfitrião, maior a manifestação pública da sua importância, bem como a importância daqueles com quem conversavam. Esta era uma antiga versão do *networking*, a rede de contatos, em que o propósito dos jantares e festas era cultivar relações que ajudassem o indivíduo em sua escalada social. As pessoas se associavam a quem lhes abrisse portas as quais, por sua vez, esperavam favores seus e acesso à *sua* rede de contatos. O objetivo, conforme diria o sociólogo Pierre Bourdieu, era a ampliação mútua do capital social, cultural, econômico e “simbólico”.⁷

Jesus, porém, disse a seus discípulos que se eles fossem convidados para tal festa, “*não* deveriam se assentar no lugar de honra”, mas escolher um assento inferior ou mais distante das pessoas de maior honra e prestígio. Era uma coisa surpreendente de dizer. Seus ouvintes devem ter se perguntado qual seria então a vantagem de comparecer à festa. O sistema de festas acompanhadas de jantar, uma importante instituição social naquela cultura, fora criado para ajudar as pessoas a fazer contato com outras de status social superior para as quais o indivíduo poderia prestar favores mutuamente vantajosos.

Jesus, pelo contrário, aponta para o princípio divino da inversão. Ele diz que seus seguidores deveriam se lembrar de que “todo o que a si mesmo se exaltar será humilhado, e aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado” (Lc 14.11). Jesus não está dizendo que seus discípulos deveriam só tentar *parecer* humildes, de modo que consigam crédito por serem virtuosos. Pelo contrário, ele está lhes dizendo que não entrem de modo algum nesse jogo, que não usem a hospitalidade e os eventos sociais para esse fim.

Em seguida, ele direciona seus seguidores para que façam algo ainda mais contracultural, e até mesmo mais contestador do *status quo*:

Disse também ao que o havia convidado: “Quando deres um jantar, ou uma ceia, não convides teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem os vizinhos ricos, para que não aconteça que eles também te convidem, e recebas isso como retribuição. Mas quando deres um banquete convida os pobres, os aleijados, os mancos e os cegos; e serás bem-aventurado, pois eles não têm com que te retribuir. A tua retribuição será na ressurreição dos justos” (Lc 14.12-14).

Aqui vemos Jesus rompendo completamente com o modelo transnacional e autocentrado de relações sociais no qual o mundo esteve baseado durante séculos até os dias de hoje. Sem essa conclusão, o conselho de Jesus para que não busquemos os lugares de maior honra poderia ser entendido como uma maneira sutil de nos adequarmos ao modelo do mundo. A ideia seria a seguinte: “Aja com muita humildade e nunca pareça estar ascendendo socialmente, pois essa é a melhor maneira *de* ascender”.

Contudo, nos versículos 12 a 14, Jesus disse aos discípulos que deviam se esforçar para fazer amizade com as pessoas e servi-las, gente que jamais poderia abrir portas para você ou convidá-lo para sua mansão, ou aumentar o número de clientes e negócios da sua empresa. A razão pela qual o cristão vive de um modo tão radicalmente distinto tem uma explicação: a ressurreição! “Embora essas pessoas não possam pagá-lo, você receberá seu pagamento na ressurreição dos justos”. A glória, a riqueza, a felicidade e o amor da ressurreição final e do mundo renovado serão infinitas, incontáveis vezes maiores e o recompensarão muito mais por quaisquer sacrifícios pela justiça nesta vida.

Não devemos perder de vista as implicações disso. Jesus está criticando duramente um aspecto importante da cultura romana, e está proibindo os discípulos de fazer parte de sua injustiça sistêmica. Diz o estudioso da Bíblia Joel B. Green:

A ética da reciprocidade era fundamental para a estabilidade política do império. Tratava-se de um sistema de contribuição e obrigação que submetia todas as pessoas, do imperador de Roma à criança na província mais distante, a uma teia intrincada de relações sociais [...] As contribuições, por uma definição não escrita, jamais eram “livres”, sendo feitas e recebidas mediante condições explícitas ou implícitas.

Green explica que pessoas abastadas jamais convidariam um pobre para uma refeição, já que sua presença colocaria em risco o status social do anfitrião, os demais à mesa sentiriam que seu tempo foi desperdiçado e o pobre ficaria constrangido por não ter condições de oferecer algo em troca. Isto, porém, prejudicava sistematicamente os que ocupavam posição inferior na ordem social. Eles estavam para sempre excluídos dos tipos de conexões e de recursos que os ajudariam a progredir. Jesus não só critica a injustiça do sistema existente, como também direciona seus seguidores para que criem uma nova instituição social, do tipo que levante as pessoas em vez de empurrá-las para baixo. Jesus “constrói uma nova visão de vida”.⁸ Ele conclama seus discípulos a que convidem para suas casas os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos. Isso faria com que os cristãos tivessem contato direto com pessoas a quem a cultura lhes havia ensinado a evitar, deflagrando desse modo uma generosidade substancial.

Jesus acrescenta, no versículo 14, que experimentarão a “bênção” divina os que usarem de generosidade incalculável para com os de status inferior.

Mesmo aqui, porém, Jesus não dissera às pessoas que dessem para que fossem abençoadas. Ele está dizendo que somente serão abençoados aqueles que se derramarem pelos outros *sem* se preocupar em receber algo em troca, simplesmente em uma reação de alegria pelo modo como Deus já lhes havia dado todas as coisas possíveis.⁹

Ressurreição e riqueza

Em Lucas 14, Jesus aplicou a grande inversão para transformar as relações de classe do cristão. De modo semelhante, em 2Coríntios, Paulo aplicou a grande inversão à atitude dos crentes em relação à sua riqueza.

Não digo isso como quem dá ordens, mas para provar a sinceridade de vosso amor, mediante a comparação com a dedicação de outros. Pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, tornou-se pobre por vossa causa, para que fosseis enriquecidos por sua pobreza (2Co 8.8,9).

Observe que Paulo *não* deu uma “regra” ou ordem a seus leitores. Ele tinha uma a seu dispor, a regra bíblica do “dízimo”, 10% da renda anual da pessoa, que deveria ser separado para oferta a uma causa beneficente (Dt 12.5,6; Ml 3.8-12; Mt 23.23). Em vez de uma regra, porém, ele lhes deu o que Hays chamaria de um paradigma. Assim como Jesus nos enriqueceu e ao mundo através de sua pobreza, assim também nós, da plenitude do amor e da alegria, o imitamos. O efeito de um paradigma é maior do que o de uma regra.

Em primeiro lugar, a regra não lida com a razão subjacente da nossa falta de generosidade. Guardamos nosso dinheiro para nós mesmos movidos por orgulho ou temor, mas o evangelho — a grande inversão —

nos traz à mente que temos a totalidade das riquezas genuínas, a única herança que não pode fenecer ou ser roubada, e tudo pelo custo infinito devido a Cristo. Isso dará segurança ao nosso coração onde houver ansiedade, e o fará derreter onde houver arrogância. Em segundo lugar, o paradigma não nos deixa fora de perigo. E se formos tão ricos que 10% de dízimo não requeira sacrifício da nossa parte? Portanto, temos de dar mais, até que nossa oferta se torne o sacrifício que foi a renúncia pessoal de Jesus.

Jesus insistiu que vivêssemos nossa vida agora não meramente pelo cumprimento de uma regra no âmbito da velha criação, mas que procurássemos viver, tanto quanto possível, de acordo com a vida que viveremos na nova criação, “a ressurreição dos justos” (Lc 14.14).¹⁰ Não vivamos de acordo com o espírito desta era, de honra escassa, em que todo relacionamento tem em vista vantagens para nossa riqueza ou status. Em vez disso, vivamos de acordo com a nova criação, apesar dos sacrifícios e das perdas que possam nos sobrevir, lembrando-nos de que ao vermos pela primeira vez Jesus em nossos novos corpos, com novos olhos, seremos inundados de gozo e esplendor inimagináveis (1Jo 3.2,3; 2Co 3.16-18). A fé na ressurreição deveria ser o fim do cálculo nas relações. Deveria ser o fim do monólogo interior constante e semiconscente: “Eu gosto dessa pessoa? Eles me valorizam e me agradecem o tanto que mereço? Essa pessoa vale meu tempo?” Deveria ser também o fim da mesquinha com que lidamos com nossa riqueza e nossos bens.

A ressurreição e os relacionamentos desfeitos

A grande inversão e a nova criação transformam também a forma como lidamos com o conflito.

Em 1Coríntios 6.1-6, Paulo se dirige aos cristãos que procuravam os tribunais e entravam com ações uns contra os outros. Ele os repreende, porém, sua exortação não se baseia exclusivamente na ordem de Jesus de perdoar uns aos outros (Mt 18.35). Paulo disse: “Ou não sabeis que os santos julgarão o mundo? E se o mundo será julgado por vós, como sois incapazes de julgar as coisas menores?” (v. 2). Gordon Fee, estudioso da Bíblia, observa:

Temos aqui um exemplo claro da estrutura “já, mas ainda não” da teologia paulina. As realidades futuras, as quais para Paulo são tão certas quanto o próprio presente, condicionam tudo o que a igreja é e faz no presente [...] Aqui ele se refere ao juízo *final* sobre “o mundo” em geral, o sistema de coisas completamente contrárias a Deus que virão com o juízo de Deus, nas quais seu povo de algum modo estará envolvido [...] [Ele está] tentando censurá-los justamente por causa daquelas ações. Essas questões são “triviais”; nada acrescentam à luz do juízo escatológico. Essa gente está simplesmente em busca das coisas erradas.¹¹

Paulo não estava dizendo que as ações jamais se justificam, ou que a justiça não é importante. O que ele disse foi que a vingança, a pressa em litigar e o interesse pessoal são parte do espírito deste mundo. Se, em vez disso, os cristãos viverem à luz da futura “ressurreição dos justos”, a qual, segundo Jesus, “recompensará” por tudo, eles ficariam conhecidos por sua disposição em se reconciliar, em abrir mão mutuamente de direitos e perdoar.

Em Romanos 2.1-10, Paulo proibiu os cristãos de “julgarem um ao outro”. Uma vez mais, seu chamado à tolerância e à generosidade com o

opponente está alicerçado no futuro. Ele diz que somente Deus tem conhecimento suficiente e o direito moral de determinar o que uma pessoa merece. No “dia da ira [...] de Deus [...] ele retribuirá a cada um segundo suas obras” (v. 5,6). Viver na luz desse grande dia quando a justiça perfeita for feita e as coisas forem endireitadas é como viver uma vida livre da necessidade de pagar às pessoas ou de guardar rancor.

Pedro diz: “Ao ser insultado, não retribuía o insulto, quando sofria, não ameaçava, mas entregava-se àquele que julga com justiça” (1Pe 2.23). Quando Jesus foi acusado e condenado injustamente, ele não teve uma explosão de raiva e não pagou seus acusadores com insultos e denúncias contra eles. Também não se entregou a longos discursos para se justificar e defender sua reputação. Quando foi julgado, testemunhou calma e sucintamente da verdade (cf. Jo 18.23), não porque fosse algum estoico que houvesse aprendido o distanciamento emocional. Pelo contrário, “entregava-se” ao Juiz verdadeiro. Como sabia que o Juiz do Universo o aceitava, Jesus não se sentia emocionalmente derrotado pelo que os tribunais humanos diziam a seu respeito. E em vez de tentar dar aos malfeitores o que mereciam, confiou em Deus para que o fizesse, em vez de tentar aplicar-lhes um castigo por conta própria.

Quando um cristão perdoa o próximo, há várias maneiras de olhar para Jesus. No futuro, ele se manifestará como Juiz do mundo. Portanto, podemos confiar nisso que sabemos: seja o que for que aconteça agora, Jesus acertará todas as contas e corrigirá todas as coisas de um modo que nós mesmos jamais poderemos fazer. Olhamos também para o passado. Foram *nossos* pecados que puseram Jesus na cruz, e, no entanto, ele os perdoou de bom grado. Desse modo, perdoemos também os que pecam contra nós. Se o fizermos, descobriremos que o perdão terrivelmente difícil

de perdoar, assim como a morte, resultará no futuro na ressurreição, em nova liberdade e paz. A ressurreição, portanto, passada e presente, é a chave do perdão e da reconciliação dos relacionamentos desfeitos.

Como comunidade, os cristãos devem ser testemunhas para o mundo atual da nova criação mostrando que podemos, pelo poder do Espírito, resolver nossos conflitos e curá-los.

A ressurreição e os relacionamentos sexuais

Uma última categoria social à qual a ressurreição se dirige é a dos relacionamentos sexuais.

Temos analisado como a ressurreição e a nova criação passaram a modelar nossas atitudes no tocante à raça e aos relacionamentos sociais. O ensino bíblico acentua a igualdade racial e a justiça social e, aos ouvidos modernos, boa parte disso poderá soar como algo mais ou menos “liberal”. Contudo, quando observamos de que maneira a ressurreição afeta nossa compreensão da sexualidade, os resultados parecerão “conservadores” para muitos. Comecei esta seção com um lembrete da ideia de Richard Hays de que a igreja de hoje tende a adotar as categorias do discurso político americano, em vez de pensar de acordo com categorias bíblicas. Apesar das sensibilidades contemporâneas, não há contradição entre o que a Bíblia diz sobre raça e classe e o que a Bíblia diz sobre sexo. Ela aplica a lógica interna da grande inversão igualmente a ambos.

Em 1Coríntios 6, Paulo advertiu: Vocês não sabiam que [...] nem imorais [...] nem avarentos [...] herdarão o reino de Deus? (1Co 6.9,10). Uma vez mais, Paulo apela aos coríntios para que andem no presente de acordo com o reino futuro de Deus (v. 9), e não com o espírito deste mundo. Conforme vimos em 1Coríntios 6.1-6, ele aplicou essa ideia

primeiramente ao modo como lidamos com as disputas pessoais, mas passou a lidar em seguida com os relacionamentos sexuais. Não são apenas os “avarentos” e os “que cometem fraudes” que estão em desacordo com a futura nova criação, mas também os “imorais” (v. 9). Nos versículos 12 a 20, o apóstolo passa a discutir exaustivamente a moralidade sexual.

O ensino cristão sobre o sexo é algo extremamente controverso no ocidente hoje. Quando comparamos as regras e os códigos de comportamento cristãos com os costumes da cultura moderna no que diz respeito ao sexo, eles parecem ser rígidos e nocivos. As pessoas raramente se detêm na lógica fundacional por trás das regras — o que Hays chama de princípios, paradigmas e visão de mundo. Foi o que Paulo fez na passagem. Quando estava bem no meio de sua apresentação das regras sobre o comportamento sexual, ele examina o que há por trás das regras e apela para a ressurreição de Jesus (1Co 6.14) e para nossa união espiritual com Cristo através das primícias da nova criação (1Co 6.15,19).

Em 1Coríntios 6, Paulo expôs uma regra comportamental muito clara para o sexo: “Fugi da *porneia* [imoralidade sexual]” (v. 28). O termo *pornos* é traduzido geralmente como “imoralidade sexual” nas traduções modernas, mas isso também é muito geral e não transmite o sentido preciso e claro que tinha para Paulo e para os leitores do Novo Testamento. A palavra significava intimidade sexual fora de um relacionamento matrimonial, não se tratava apenas de adultério, mas também de sexo antes do casamento. “*Porneia* era um termo que podia ser usado para descrever toda uma série de configurações sexuais impróprias: incesto, prostituição, [sexo antes do casamento], homossexualidade”.¹²

A condenação bíblica da *porneia*, conforme destacam Kyle Harper e Larry Hurtado, era uma *das* marcas características da igreja cristã primitiva,

conforme se vê em Mateus 15.19; Marcos 7.21; Atos 15.20; Romanos 1.29; 1Coríntios 6.9,10,18; Gálatas 5.19; Efésios 5.3-5; Colossenses 3.5; 1Tessalonicenses 4.3; 1Timóteo 1.10 e Hebreus 13.4.¹³ Paulo não disse simplesmente: “Eis aqui uma boa ideia: evitem a *porneia* tanto quanto puderem”. Ele disse para *fugirmos* dela — ficar livre dela a todo custo. Em Atos 15, o Concílio Apostólico expede uma lista bastante abreviada de imperativos morais a serem seguidos pelos cristãos, tantos gentios quanto judeus, em qualquer cenário cultural. Um deles prescreve que se evite a *porneia* (At 15.20). Para os apóstolos, a ética sexual cristã era parte inegociável da ortodoxia, uma das crenças fundamentais do cristianismo.¹⁴ O que os cristãos ensinavam e praticavam sobre a sexualidade era uma implicação tão necessária do evangelho e da ressurreição quanto a preocupação que se devia ter com os pobres e com a igualdade entre as raças. Assim, fica impossível argumentar, como muitos tentam fazer, que o ensino bíblico sobre o cuidado com os pobres está correto, mas o que a Bíblia diz sobre o sexo está ultrapassado e deveria ser rejeitado. Para que se tenha uma ideia mais clara a esse respeito, veja como Paulo apela a princípios por trás da regra que ordena “não a *porneia*”:

Mas o corpo não é para a imoralidade, e sim para o Senhor, e o Senhor, para o corpo. Deus não somente ressuscitou o Senhor, mas também nos ressuscitará pelo seu poder (1Co 6.13,14).

Aqui Paulo confronta a ideia greco-romana de que o corpo é um receptáculo relativamente desimportante da alma imortal. Segundo essa perspectiva, o sexo era meramente um apetite físico, nada de maiores consequências, “nada demais”. Contra isso, Paulo disse que a ressurreição de Jesus prova que o corpo físico é de extrema importância, que Jesus morreu

para redimir não apenas nossa alma, mas nossos corpos também (Rm 8.23). Portanto, nosso corpo *é* parte de quem somos, e pertence ao Senhor, que morreu e ressuscitou para redimi-los, por isso devemos honrar nosso Salvador com nosso corpo. Isso, é claro, suscita a indagação: “Muito bem, como honramos a Deus com nosso corpo?” Paulo prossegue:

 Ou não sabeis que quem se une a uma prostituta torna-se um corpo com ela? Como se disse, os dois serão uma só carne (1Co 6.16).

O apóstolo estava citando Gênesis 2.24, em que Deus leva Eva a Adão e os dois se tornam “uma só carne”. Desde os tempos mais remotos, os comentaristas judeus e cristãos reconheceram que “uma carne” não se referia apenas à união sexual. O termo era uma metonímia. A união física dos corpos de duas pessoas apontava para a união completa de todos os aspectos da vida de ambas: espiritual, emocional, social, econômico e legal. A união sexual foi criada por Deus para aprofundar e refletir a união pela vida toda do casamento e somente a união pela vida toda do casamento dava direito à união sexual.

Quando Paulo disse a seus leitores do sexo masculino que todo ato sexual, inclusive com uma prostituta, tornava-os uma só carne com sua parceira, ele não estava sendo legalista querendo afirmar com isso que estavam automaticamente casados. Pelo contrário, ele estava dizendo que quando alguém faz sexo fora do casamento incorre no esquecimento desastroso da razão mesma de ser do sexo. Ele estava dizendo mais ou menos o seguinte:

 “A monstruosidade da relação sexual fora do casamento é que aqueles que cedem a ela estão tentando isolar um tipo de união (a união sexual) dos demais tipos concebidos para, juntamente com ela,

compor uma união total. A atitude cristã não implica que haja algo de errado com o prazer sexual, não mais do que com o prazer de comer. Significa que não se deve separar esse prazer e tentar obtê-lo isoladamente [à parte das outras coisas que o completam], assim como ninguém pode desfrutar dos prazeres do paladar sem engolir e digerir, como se bastasse mastigar as coisas e cuspi-las reiteradas vezes”.¹⁵

A ressurreição nos ensina que o corpo físico não é um pedaço vulgar de carne, ele é importante. Deus nos criou almas inteiras, encarnadas, de tal modo que seja lá o que for que façamos com o corpo, somos afetados espiritual e integralmente. A união física foi criada para dar sentido e fortalecer um compromisso e uma aliança permanentes para a vida toda entre os cônjuges. O sexo é o meio ordenado por Deus por meio do qual duas pessoas abrem mão de sua independência e dizem uma à outra: “Pertença a ti de modo completo e permanente”. O estudioso Anthony Thiselton faz a seguinte observação sobre 1Coríntios 6.12-18:

*Longe de desvalorizar o sexo, o que ocorre é exatamente o oposto. Nessa área, Paulo estava muito à frente dos pressupostos culturais do primeiro século ao perceber que o ato sexual requer intimidade e o compromisso pessoal da pessoa toda; não é a mera manipulação de alguma função “periférica” do corpo [...] No contexto de união igualmente com Cristo e de união física, a questão é de “entrega” total de si àquele a quem pertencemos.*¹⁶

Thiselton está certo quando diz que Paulo atribui ao sexo um valor muito além de qualquer coisa que se conhecia na antiguidade. Não é, como nos tempos antigos e na mente de muitos hoje, simplesmente um apetite e

um prazer físico. Também não é, tal como na cultura moderna, uma espécie de bem de consumo ou meio de autenticidade pessoal. Trata-se de um modo sem igual de comunicação entre duas pessoas que estão se entregando uma à outra em todos os aspectos. Contudo, essa valorização elevada do sexo não para por aqui.

Sexo e salvação

No final de 1Coríntios 6, Paulo escreveu:

Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? [...] Mas quem se une ao Senhor é um espírito com ele [...] Fugi da imoralidade sexual [...] Ou não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que habita em vós, o qual tendes da parte de Deus? (1Co 6.15, 17, 18, 19).

Paulo afirmou que o sexo deve ser o indicador de uma união para a vida toda com um cônjuge terreno. Aqui, o apóstolo diz que ele deve ser também um indicador de nossa união com Cristo, nosso cônjuge celestial, pela vida toda. Isto é, nossa união espiritual com Cristo deve ser modelo da união sexual entre os seres humanos. Vamos analisar três aspectos da nossa união espiritual com Jesus e suas implicações.

O passo inicial rumo à nossa união com Cristo foi sua entrega pessoal. “Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela” (Ef 5.25). O Filho de Deus se tornou vulnerável ao tormento e à morte. Perdeu sua glória, sua imortalidade e sua vida por nós. O segundo passo rumo à nossa união consiste em responder entregando-nos total e exclusivamente a ele e a nenhum outro deus. Nossa união com ele foi selada por uma aliança, é irrevogável e exclusiva.

Por fim, o que há de maravilhoso em nossa união é que não se trata de uma união entre dois seres iguais, como dois seres humanos ou duas pessoas divinas da Trindade. O milagre da nossa salvação consiste em uma união íntima e pessoal entre dois seres radicalmente distintos, Deus e o homem. Um abismo aparentemente intransponível entre o divino e o humano foi transposto. Dois seres infinitamente distantes foram reunidos.¹⁷

Estamos agora em posição de ver que as “regras” cristãs da sexualidade que, à primeira vista pareciam limitadas, estão fundamentadas no caráter mesmo da nossa salvação. Como somos salvos em uma união exclusiva e permanente, fruto de uma aliança, o sexo está reservado apenas para os que se casam. Como nossa salvação produz uma unidade não do que é igual, mas do que é profundamente diferente, assim o casamento deverá ser a união entre macho e fêmea. Para o pensamento secular, o sexo é uma forma de prazer e de satisfação pessoal do indivíduo. Para o cristianismo, o sexo é uma forma de conectar sua vida ao amor divino que renuncia a si mesmo e que está no âmago do universo e no sentido da história. Jesus morreu para entrar literalmente em uma união irrevogável conosco. Nós “morremos” figurativamente quando nos arrependemos e cedemos o controle da nossa vida comprometendo-nos incondicionalmente com ele. Estas mortes, porém, resultaram em ressurreição, espiritual agora, mas física e cósmica futuramente.

Portanto, a sexualidade cristã, aparentemente restritiva, baseia-se em uma visão elevada e rica do que é o sexo e do que ele pode ser. A ética sexual é modelada pelo mesmo paradigma que dá forma ao nosso posicionamento sobre raça, pobreza e injustiça: a Grande Inversão em que Jesus Cristo se entregou por nós e nos salvou. Ele veio para a liberdade maior, para si mesmo e para nós, e o fez abrindo mão de sua liberdade.

Portanto, no casamento chegamos a uma liberdade e a um amor inacessíveis aos que não sacrificarem sua independência e não fizerem um compromisso para a vida toda. As culturas modernas nos ensinam que só devemos entrar em relações que nos deem mais vantagens do que custos, a fazer sexo se houver prazer e realização para nós sem que para isso tenhamos de incorrer em compromissos de longo prazo. Essa compreensão transacional dos relacionamentos se baseia em um entendimento completamente distinto do propósito humano e até mesmo da realidade, e não no relato bíblico de um mundo criado por um Deus amoroso que se entrega a si mesmo.

Em *O problema do sofrimento*, C. S. Lewis diz que quando Jesus Cristo foi crucificado, ele estava fazendo o que o Pai, o Filho e o Espírito Santo sempre fizeram, de certa forma, no íntimo da Trindade: um cedendo ao outro, buscando não a própria glória, mas a glória dos demais. Há *no coração de Deus* outra *orientação* profunda:

Na dádiva de nós mesmos, mais do que em qualquer outra coisa, entramos em contato não só com toda a criação, mas com todo o ser. Pois [Jesus] também se dá a si mesmo em sacrifício; e isso não apenas no Calvário, pois quando foi crucificado ele “fez debaixo das intempéries de suas províncias remotas o que fizera em seu lar na glória e com alegria”. Desde antes da fundação do mundo, ele entrega a divindade gerada de volta à divindade geradora, em obediência.¹⁸

Em seguida, Lewis explica que o princípio de “perder-se a si mesmo para se encontrar”, de abrir mão da independência pessoal para encontrar o amor e a liberdade mais profundos, permeia a criação de cima a baixo. “Na dádiva de nós mesmos, mais do que em qualquer outra coisa, entramos em contato não só com toda a criação, mas com todo o ser”. E prossegue:

Desde o superior até o mais inferior, o ego existe para que dele abdicemos e, por essa abdicação, se torne tanto mais um verdadeiro “eu”, para que dele abdicemos ainda mais e, assim, para sempre. Esta não é uma lei celestial à qual possamos escapar mantendo-nos terrenos, nem uma lei terrena da qual possamos fugir sendo salvos. O que está fora do sistema de autoentrega não é terreno, nem natural, nem “vida comum”, mas simples e absolutamente inferno.¹⁹

Se o mundo foi criado por um Deus com base nesse princípio, o da Grande Inversão, então não é de espantar que os relacionamentos sexuais do mundo moderno sejam tantas vezes decepcionantes e egoístas. Eles são contrários à “corrente” de um universo criado por Deus que nos salva por meio do sacrifício e da ressurreição.

Sob muitos aspectos, a revolução sexual moderna é surpreendentemente retrógrada. É um retorno à visão que imperava no mundo romano, isto é, a de que o sexo é basicamente um apetite físico e que, portanto, foge à realidade e ao que é saudável confiná-lo ao casamento apenas. No entanto, desde o movimento #MeToo até o ritmo decrescente de atividade sexual no casamento e à taxa de natalidade, pode-se dizer que a mentalidade moderna em relação ao sexo está nos prejudicando enquanto sociedade.

Como pastor que exerce o ministério em Manhattan há quase três décadas, já vi centenas de pessoas que participaram da revolução sexual moderna a deixarem para trás e encontrar maior sabedoria, segurança e liberdade na visão e prática cristãs da sexualidade. Isso não se traduz em nenhum movimento social, pois a religião, de modo geral, continua em declínio nas sociedades ocidentais. Contudo, espero que, apesar dessa tendência, muitos em nossa cultura ocidental, exaustos e frustrados,

decidam reavaliar a visão cristã do sexo que foi resolutamente extirpada de nossa sociedade em nome da realização e da liberdade.

¹ Estou ciente do argumento segundo o qual “raça” é um conceito moderno, que trabalha o antigo conceito de etnicidade e o subordina aos tópicos relativos às raças — “branquitude”, “negritude”, “morenidade” — no intuito de classificá-los em uma hierarquia que vai do superior ao inferior. Creio que se trata de um estudo que tem muito a nos ensinar. Contudo, há quem diga, com base nesse estudo, que não podemos chamar de “racistas” nenhum autor ou personagem bíblico conforme compreendemos a palavra hoje. De acordo com essa visão, o racismo é uma invenção moderna e não pode ser aplicada à parte alguma da Bíblia. Apesar de um enorme respeito pelo conceito de que a modernidade criou uma forma de racismo peculiar e cultural extremamente poderosa, Bill Melone diz que o racismo e a “racialização” já existiam em tempos antigos e, especificamente, que Pedro fora de fato culpado de racismo em Gálatas 2. (Veja Bill Melone, “The tribe of Ishmael: whiteness and Christian identity”, *Mere orthodoxy*, March 24, 2020, disponível em: <https://mereorthodoxy.com/whiteness-christian-identity>, acesso em: 23 ago. 2021). Diz Melone: “O conceito de raça se caracteriza, sobretudo, por categorias hierárquicas, absolutas e desencarnadas, portanto, racializar grupos sociais é (1) vê-los de acordo com uma escala que vai da supremacia à inferioridade, e (2) organizá-los em categorias completamente à parte uma da outra e que não podem se misturar, tudo isso (3) por meio da reimaginação das identidades desconectadas de corpos reais. Portanto, podemos dizer que Pedro

‘racializou’ os gentios ao tratá-los de acordo com esses três elementos?
Melone diz que “sim”.

² Herman N. Ridderbos, *The epistle of Paul to the churches of Galatia*, The New International Commentary on the Old and New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1953), p. 226.

³ John Oswalt, *The book of Isaiah 40—66* (Grand Rapids: Eerdmans, 1998), p. 547-8.

⁴ Grant R. Osborne, *Revelation* (Grand Rapids: Baker, 2002), p. 763.

⁵ Larry W. Hurtado, *Destroyer of the Gods: early Christian distinctiveness in the roman world* (Waco: Baylor University Press, 2016), p. 93.

⁶ Veja Irwyn Ince, *The beautiful community: unity, diversity, and the church at its best* (Downers Grove: InterVarsity, 2020); Manuel Ortiz, *One new people: models for developing a multiethnic church* (Downers Grove: InterVarsity, 1996); George Yancey, *One body, one spirit: principles of successful multiracial churches* (Downers Grove: InterVarsity, 2003); e Efrem Smith, *The post-black and post-white church: becoming the beloved community in a multiethnic world* (Hoboken: Jossey-Bass, 2012).

⁷ Veja David Swartz, *Culture and power: the sociology of Pierre Bourdieu* (Chicago: University of Chicago Press, 1998); e David Swartz, *Symbolic power, politics, and Intellectuals: the political sociology of Pierre Bourdieu* (Chicago: University of Chicago Press, 2013).

⁸ Joel B. Green, *The Gospel of Luke*, The New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1997), p.

550-1.

⁹ “É fundamental o reconhecimento da estrutura da bem-aventurança, ou do pronunciamento da bênção, no v. 14a. De acordo com Jesus, o estado de bem-aventurança consiste no fato de que a pessoa dá sem a expectativa (ou esperança!) de retorno. É verdade que, de acordo com 14b, a bênção tomará a forma escatológica da ‘retribuição’ divina, porém Jesus não aconselha as pessoas a que pratiquem a generosidade ingênua *para com isso* receber o favor divino. Lucas já havia deixado claro que a generosidade humana decorre da gratidão pela misericórdia expansiva de Deus (Lc 6.36). A isso ele acrescenta agora que a generosidade genuína e incalculável pelos de condição humilde não ficará sem recompensa”. Ibidem, p. 554.

¹⁰ Veja N. T. Wright, “Resurrection of the dead”, in: Kevin J. Vanhoozer, ed., *Dictionary for the theological interpretation of the Bible* (Grand Rapids: Baker Books, 2005), p. 676-8.

¹¹ Gordon D. Fee, *The First Epistle to the Corinthians*, The New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1987), 233–34.

¹² Kyle Harper, *From shame to sin: the Christian transformation of sexual morality in late antiquity* (Cambridge: Harvard University Press, 2013), p. 89.

¹³ Larry W. Hurtado, *Destroyer of the Gods: early Christian distinctiveness in the roman world* (Waco: Baylor University Press, 2016), p. 155-75.

¹⁴ Harper destaca que a inclusão da *porneia* no Decreto Apostólico de Atos 15 mostra a importância e o “poder incomum do termo para condensar

toda uma gama de expectativas sobre o uso do corpo”. Kyle Harper, *From shame to sin: the Christian transformation of sexual morality in late antiquity* (Cambridge, EUA: Harvard University Press, 2013), p. 90.

¹⁵ C. S. Lewis, *Mere Christianity* (New York: MacMillan, 1958), 81 [publicado em português por Martins Fontes sob o título *Cristianismo puro e simples*].

¹⁶ Anthony C. Thiselton, *The First Epistle to the Corinthians: a commentary on the greek text*, New International Greek Testament Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 2000), p. 474.

¹⁷ O amor que o Deus judeu sentia por seu povo escolhido — tão diferente de tudo o que se vira nos deuses insensatos [do paganismo] havia muito que despertara nos gentios sentimentos de inveja [...] Agora [...] com a vinda de Cristo [...] os judeus haviam deixado de ser os únicos ‘filhos de Deus’”. Tom Holland, *Dominion: how the Christian revolution remade the world* (New York: Basic Books, 2019), p. 86. No decorrer de todo o seu livro, Holland mostra que o relacionamento amoroso entre Deus e seu povo era algo que as religiões orientais não ofereciam (uma vez que Deus é essencialmente impessoal) e as religiões ocidentais também não (uma vez que os deuses eram volúveis demais e não se importavam com as preocupações humanas).

¹⁸ C. S. Lewis, *The problem of pain* (New York: HarperCollins, 1996), p. 157 [publicado em português por Vida sob o título *O problema do sofrimento*].

¹⁹ *Ibidem*, p. 157-8.

CAPÍTULO 10

ESPERANÇA DE JUSTIÇA



Deus, porém, nos prometeu um novo céu e uma nova terra, onde a justiça reinará (2Pe 3.13, CEV)

No capítulo anterior, analisamos de que modo a Bíblia faz a ligação entre a ressurreição e a nova criação e os relacionamentos sociais específicos de raça, classe, riqueza e sexo. Contudo, em nossos dias, em que o tópico da justiça está à frente de inúmeras discussões culturais, queremos mostrar o que a Bíblia diz de mais importante sobre o que é a justiça e como a ressurreição nos ajuda a defini-la e a promovê-la.

Ressurreição e justiça

Quando Jesus ressuscitou dos mortos, com ele veio o primeiro sinal do poder de Deus, que renovará a terra no fim da história. A Bíblia nos diz que, nesse tempo, Deus não salvará indivíduos apenas e desprezará o mundo como se fosse uma casca ou um refugio sem importância. Pelo contrário, “a própria criação [será] libertada do cativeiro da degeneração,

para a liberdade da glória dos filhos de Deus” (Rm 8.21). Os efeitos do pecado do mundo — a degeneração total — serão curados. Não apenas haverá libertação física da doença, do envelhecimento e da morte, como haverá também libertação social da pobreza, da guerra, do racismo e do crime que infestam hoje nosso mundo, bem como libertação psicológica do medo, da culpa, da vergonha e do desespero que hoje nos infectam. Todas as coisas serão finalmente reparadas, serão plenamente endireitadas. Nós seremos renovados, mas receberemos também um mundo renovado no qual viveremos com Cristo em nosso corpo ressurreto. Será, finalmente, como diz Jonathan Edwards, “um mundo de amor”. Na terra, o que geralmente passa por amor é o uso instrumental e egoísta de pessoas desejáveis que supram nossas necessidades egocêntricas e invejosas de poder e de controle. Na nova criação, conheceremos Jesus, a fonte infinita de amor. Amaremos uns aos outros em consideração a ele e em consideração aos outros. Todos os relacionamentos, portanto, serão finalmente corretos e justos.¹ Assim, 2Pedro 3.13 diz que os novos céus e a nova terra serão cheios de *dikaiousune* — justiça.

A ressurreição e a nova criação, portanto, terão grande influência sobre a compreensão cristã da maneira como analisamos as várias formas de degeneração que vemos na criação à nossa volta atualmente. Uma das maneiras pelas quais a natureza “geme” por causa da degeneração são os relacionamentos injustos. O cristão não deve ser passivo em face da injustiça. Se todo o conserto do mundo se desse apenas no futuro, haveria pouco para fazermos, a não ser viver vidas de moralidade e santidade pessoais, sentarmos à sombra e esperar. Contudo, conforme aprendemos no decorrer deste livro, ressurreição significa que o poder libertador e saneador de Deus está aqui agora, por intermédio do Cristo ressurreto e de sua

presença em nossa vida através do Espírito Santo. Não fomos salvos para ficarmos seguros; fomos salvos para servir.²

Grande inversão e justiça

Se há algo claro no tratamento que a Bíblia dá ao reino de Deus o tempo todo é que este é um reino de justiça. Em Lucas 4.18,19, Jesus nos diz que a vinda do reino consiste em “proclamar as boas novas aos pobres” e “libertar os oprimidos”. Quem são os pobres a quem Jesus se refere? Os conservadores tendem a interpretar esse texto em termos rigorosamente espirituais — ele diz respeito tão somente aos pobres ou oprimidos *espiritualmente*. Contudo, tal interpretação não faz justiça à atenção notável que Jesus dá aos excluídos e aos pobres, conforme pudemos observar ao passarmos em revista o Evangelho de Lucas. Os de tendência mais à esquerda, as palavras de Jesus se referem inteiramente aos pobres e oprimidos do ponto de vista econômico e social — ele veio para uma revolução: rebaixar os ricos e elevar os pobres. Se, Jesus, porém, veio sobretudo como um revolucionário político para libertar os pobres da pobreza econômica, é difícil explicar por que gastou seu tempo pregando em vez de montar uma campanha militar ou política.

A resposta é que a salvação de Jesus é para todos, para quem queira passar pela pobreza espiritual do arrependimento e da fé. Portanto, o “pobre” a quem Jesus salva é antes de mais nada o “pobre em espírito” (Mt 5.3) — os que estão dispostos a admitir sua falência espiritual, o fato de que até mesmo suas boas ações se devem a razões menos do que boas, e que só podem se salvar exclusivamente pela graça generosa e livre. Os ricos que se tornarem espiritualmente pobres desse modo serão salvos, e os

economicamente pobres que não se humilharem desse modo não serão salvos.

Portanto, o paradigma da grande inversão requer que sejamos salvos através da pobreza espiritual seguida das riquezas espirituais em Cristo. Contudo, essa experiência abre os olhos dos crentes para as necessidades dos economicamente debilitados e pobres à nossa volta. O livro de Tiago, depois de nos lembrar de que somos salvos pela graça, e não pelas boas obras, declara em seguida que tipo de boas obras vêm naturalmente de um coração que sabe que foi salvo através exclusivamente da caridade e da graça divinas. “Se um irmão ou irmã estiverem necessitados de roupas e do alimento [...] e não lhes derdes as coisas necessárias para o corpo, que vantagem há nisso? Assim também a fé por si mesma é morta, se não tiver obras” (Tg 2.14-17). Jonathan Edwards enfatiza que se alguém tiver sido verdadeiramente salvo pela Grande Inversão — ao admitir sua pobreza espiritual — terá inevitavelmente empatia pelo pobre:

Vejam o quanto Deus fez por nós [...] Cristo nos amou e teve misericórdia de nós quando éramos pobres; para ajudar, não se poupou e verteu até mesmo o próprio sangue por nós sem nenhum queixume. Não achou que fosse muita coisa negar-se a si mesmo [...] para nos tornar ricos e nos revestir de trajes reais quando estávamos nus; para nos saudar no banquete à sua mesa com pratos apetitosos e caríssimos quando tínhamos fome; para nos tirar do monte de esterco e nos colocar no meio de príncipes, para que nos tornássemos herdeiros do trono da sua glória, e assim nos dar o prazer da máxima riqueza e plenitude por toda a eternidade [...] Tendo em vista todas essas coisas, não haverá nada mais vil do que o desejo de partilhar dessas dádivas e, ao mesmo tempo, ser incapaz de dar algo que alivie

um vizinho pobre sem se lastimar! [...] Que teria sido de nós se Cristo de tal modo tivesse resguardado seu sangue, recusando-se a oferecê-lo, quanto resguardam tantos homens seu dinheiro e seus bens?³

O paradigma da grande inversão nos leva à fé pessoal, mas o faz de um modo tal que nos orienta a amar o pobre e o debilitado, como Cristo nos amou.

A cidade de Deus e a justiça

Assim, o cristão que anseia pela plenitude do reino — pela ressurreição final e pelos novos céus e nova terra — deve se preocupar com a realização da justiça aqui e agora. Contudo, como sabemos com que se parecerá a justiça naquela cidade definitiva de Deus? As poucas passagens bíblicas que descrevem o novo mundo (Is 60—66; Ap 21—22) nos dão vislumbres de tirar o fôlego, mas poucos detalhes. Existe algo na Bíblia que nos indique como será a futura justiça divina?

Pouco antes de Deus dar aos filhos de Israel os Dez Man-damentos pela segunda vez perto do fim da vida de Moisés (Dt 5.1-21), Moisés explicou que a obediência de Israel à lei divina servirá de testemunho ao mundo. Diz ele:

Eis que eu lhes tenho ensinado estatutos e juízos, como o Senhor, meu Deus, ordenou-me, para que vocês os cumpram na terra que passarão a possuir. Portanto, guardem e cumpram essas leis, porque isto será a sabedoria e o entendimento de vocês aos olhos dos povos que, ouvindo todos esses estatutos, dirão: “De fato, este grande povo é gente sábia e inteligente”. Pois que grande nação há que tenha deuses

tão chegados a si como o Senhor, nosso Deus, todas as vezes que o invocamos? E que grande nação há que tenha estatutos e juízos tão justos como toda esta lei que hoje eu lhes proponho? (Dt 4.5-8).

Um dos propósitos de Deus é que seu povo seja uma testemunha *coletiva* perante o mundo incrédulo, perante as “nações” em torno de Israel. Um povo obediente à lei não era apenas um conjunto de indivíduos morais. Eles constituíam uma contracultura, uma sociedade humana alternativa, e isto porque a lei mosaica fora marcada por duas coisas extraordinárias. Em primeiro lugar, ela criou um povo sábio e com entendimento (v. 6) e, em segundo lugar, criou uma sociedade justa (v. 8). Quando o texto se refere a uma lei como “juízos tão justos”, ele traduz aí tanto *mishpat* quanto *tzedeqah*, os dois termos hebraicos mais frequentemente usados na Bíblia para justiça.

Israel, ao guardar da lei, lideraria outras sociedades a uma autocrítica. Esta é uma declaração notável, porque “no mundo antigo as nações estavam habituadas a pensar que tinham deuses e [...] instituições superiores [...] A repetição da expressão ‘esta grande nação’ [...] traz consigo ecos específicos de falas do rei Hamurabi, o grande legislador da Babilônia”.⁴ Aqui, porém, a Bíblia diz que se o povo obedecer à lei, as nações em seu entorno, apesar de seus pressupostos de superioridade cultural, concluirão que Israel descobriu a sabedoria e a justiça que elas haviam buscado em sua própria lei, mas não foram capazes de concretizar. Verão que a sociedade de Israel é sábia e justa porque o Senhor está mais próximo de Israel do que seus deuses estão delas. E, assim, o impacto da observação da lei — se cumprida como deve ser — seria, em última análise, evangelístico. Jerusalém, de modo especial, seria uma comunidade urbana que revelaria a sabedoria e a justiça às nações. O impacto teria também um efeito de atração — “a alegria de toda a terra” (Sl 48.2).

Portanto, a cidade de Jerusalém, se seus cidadãos obedecessem a Deus, seria um testemunho do evangelho. A Jerusalém terrena, em sua vida comunitária, seria um indicador da paz e da justiça perfeitas da Nova Jerusalém, a cidade de Deus a ser constituída na terra no fim dos tempos (Ap 21—22). Seria essa uma ideia meramente veterotestamentária? De forma alguma. Jesus disse a seus discípulos que fossem “luz do mundo” como uma “cidade erguida sobre uma colina”. “Assim resplandeça a vossa luz diante de outros, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai, que está no céu” (Mt 5.14,15, ESV).

Esse foi exatamente o mesmo chamado que Moisés fez a Israel em Deuteronômio 4. Os cristãos devem ser “uma cidade”. Uma cidade não é apenas uma coleção de indivíduos, mas uma sociedade. O chamado de Jesus vem em meio ao Sermão do Monte, em que Jesus reedita os Dez Mandamentos e diz aos discípulos como viver, como cuidar dos pobres, como ser generoso com sua riqueza, como amar o próximo. Se os crentes forem uma contracultura de justiça e de paz, se tornarão uma testemunha atraente para o mundo, um aperitivo e vislumbre da Nova Jerusalém, quando toda a vida humana por inteiro será curada pela presença e pelo senhorio de Cristo.

Vislumbres da cidade

Desse modo, tanto Moisés quanto Jesus nos dizem que a vida da comunidade que crê deve refletir a justiça e a paz da cidade derradeira de Deus. Isso significa que o cristão, hoje, ao recorrer ao Antigo e ao Novo Testamentos, deve buscar a justiça bíblica como testemunha do evangelho.⁵ A justiça da Bíblia é marcada por pelo menos quatro aspectos.

1. Justiça é tratamento igual para todos

A lei mosaica dizia: “Tereis a mesma lei tanto para o estrangeiro como para o natural” (Lv 24.22). Tratava-se de um padrão radical e singular, especialmente se comparado às leis das culturas vizinhas. Deve haver igual tratamento a despeito não apenas de raça e nacionalidade, mas também de classe. Por exemplo, há proibições reiteradas de suborno (cf. Is 1.23). O suborno prejudicava o pobre e até os que não tinham muitas posses. Sempre que o suborno e as propinas forem uma característica sistêmica do governo, da jurisprudência ou do comércio, quem tiver menos dinheiro não será tratado da mesma forma que aqueles com muito dinheiro.

Por trás da ênfase na igualdade havia o ensino de Gênesis 1.27, em que o todo ser humano é criado igualmente à imagem de Deus. Para outras sociedades, as pessoas de diferentes raças eram praticamente gente de outra espécie. Para os gregos e os romanos, os bárbaros eram sub-humanos ou, no mínimo, de natureza própria para a escravidão. A Bíblia, porém, diz: “O rico e o pobre se encontram, o SENHOR fez tanto um quanto o outro” (Pv 22.2). O conceito da imagem de Deus está por trás do ensino chocante de Jesus em Mateus 5.22, segundo o qual, insultar o outro, chamá-lo de “tolo”, “idiota”, equivale a cometer homicídio, é um ataque à sua dignidade. Em Tiago 3.9, lemos que amaldiçoar uma pessoa criada à imagem de Deus é um pecado grave, lemos também do grande mal que é tratar as pessoas diferentemente com base em sua riqueza (Tg 2.1-7). Todo indivíduo sobre a face da terra, a despeito da sua raça, classe, sexo, capacidade e comportamento, deve ser tratado com igual imparcialidade e respeito.

2. Justiça é generosidade radical

A Bíblia estabelece o conceito de propriedade privada em termos contundentes. O oitavo mandamento considera injustiça qualquer tipo de roubo, e Êxodo 21.16, Deuteronômio 24.7 e Levítico 19.11 proíbem o sequestro, que consiste na usurpação dos direitos de um ser humano em detrimento de sua pessoa e de seus bens legalmente adquiridos. Por outro lado, Deus lembra seu povo que ele é o dono de todas as coisas (Sl 24.1; 115.16) e que nós somos mordomos dos seus bens (1Cr 29.14: “Porque tudo vem de ti, e nós só damos o que vem das tuas mãos”). Em última análise, *não* conquistamos nossa riqueza, nós a recebemos como dádiva. Se tivéssemos nascido em outro lugar e em outro tempo, ou em condições sociais e físicas diferentes, todo o nosso árduo trabalho pouco teria produzido. “E o que tens que não tenhas recebido?” (1Co 4.7). Assim, o direito que temos sobre nossos bens não é absoluto. Deus chama aqueles que dispõem de maior quantidade de bens materiais para que compartilhem voluntariamente com os pobres e os mais vulneráveis da sociedade.

Como a terra e seus produtos pertencem no fim das contas a Deus (Lv 25.23), os direitos sobre a propriedade e a riqueza não eram absolutos. Havia o princípio da colheita. Ninguém tinha permissão de colher *toda* a produção de sua lavoura. Parte da produção não era colhida para que os pobres a “colhessem” (Lv 19.9,10, 23.22). Em outras palavras, nenhum proprietário poderia tirar o máximo de lucro possível da produção da terra. Havia também o ano sabático. Todo sétimo ano, todas as dívidas eram perdoadas e apagadas. Se um homem ou uma família tivessem contraído uma dívida vultosa, eram obrigados a trabalhar em regime de servidão para pagar o que deviam. Contudo, no ano sabático, todos eram libertos e tinham as dívidas perdoadas (Dt 15.1-18). Eram ordenanças sem iguais entre as culturas do mundo. Não são compatíveis com o socialismo mais

rigoroso e nem com o *laissez-faire* capitalista. Craig Blomberg diz que, em vista disso, a lei mosaica “faz uma crítica severa implícita ao (1) estatismo que menospreza o precioso tesouro do enraizamento pessoal e (2) ao individualismo desimpedido que dá garantias ao indivíduo à custa da comunidade”.⁶

No Sermão do Monte, Jesus amplia o ensino bíblico sobre a generosidade ao lidar com os hábitos do coração que nos impedem de partilhar nossos bens com outros. Ele fala do dinheiro como ídolo que servimos achando que o patrimônio pessoal pode contribuir com nosso valor pessoal (Mt 6.21, 24). Contudo, ele sabe também que o temor e a ansiedade podem ser a motivação por trás do acúmulo mesquinho de riqueza em busca de proteção pessoal (Mt 6.25-34). Ele alerta para a ganância e como ela pode distorcer a maneira pela qual encaramos a vida (Mt 6.22,23). Diferentemente de muitos críticos das classes poderosas, Jesus fala a seus corações e lhes mostra como mudar.

3. Justiça é defesa para quem não tem poder

A Bíblia nunca diz “Defenda os ricos e poderosos” pelo simples motivo de que eles não precisam que ninguém faça isso por eles. No entanto, a Bíblia diz efetivamente: “Fale em favor daqueles que não podem se defender, garanta justiça para os que estão aflitos [...] Sim, fale a favor dos pobres e desamparados” (Pv 31.8,9). Disse Jeremias: “Livrai da mão do opressor aquele que está sendo explorado por ele. Não façais nenhum mal e nenhuma violência ao estrangeiro, nem ao órfão, nem à viúva; não derrameis sangue inocente neste lugar” (Jr 22.3). Aqui, Jeremias separa grupos de pessoas que não podem se proteger como outros dos maus tratos sofridos. Zacarias 7.9-10 lista quatro desses grupos que precisavam de

atenção especial naqueles tempos remotos: viúvas, órfãos, imigrantes e os pobres. É preciso que os crentes se preocupem de verdade em ajudá-los. Lemos em Provérbios 22.22,23: “Não explore o pobre só porque tem oportunidade” e diz o Salmo 41.1: “Bem-aventurado é o que dá atenção ao pobre”.⁷ O termo *atenção* aí implica estudo longo, cuidadoso e planejamento estratégico.

No Sermão do Monte, Jesus conclama seus discípulos a que deem aos pobres, e chama tal doação de “retidão” — *dikaiosune* — justiça (Mt 6.1: “Evitem praticar suas obras de justiça diante dos outros para serem vistos por eles”). Em outros lugares, Jesus se torna um defensor quando desafia os fariseus por terem “amor ao dinheiro” (Lc 16.14) e denuncia os escribas por “[devorarem] as casas das viúvas” (Lc 20.47), isto é, por tirarem vantagem de sua situação financeira e legal precária.

4. A justiça é responsabilidade coletiva e individual

Justiça significa dar às pessoas o que é delas por direito. Para os pobres e oprimidos, significa defender seus direitos como seres humanos criados à imagem de Deus. Contudo, significa também fazer com que aqueles que cometem injustiças sejam responsabilizados pelo que fizeram. Isso suscita a questão de como se dá a injustiça, e a Bíblia indica que ela ocorre tanto diretamente (individualmente) quanto indiretamente (de forma sistêmica e coletiva).

Às vezes, Deus atribui coletivamente a responsabilidade a famílias, grupos e nações pelos pecados de outras pessoas, embora elas não os tenham cometido pessoalmente. Daniel se arrependeu dos pecados cometidos por seus ancestrais — que se recusaram a ouvir os profetas e desobedeceram às suas ordens (Dn 9.5,6) — embora não haja evidência

alguma de que ele pessoalmente tenha praticado essas coisas. Em 2Samuel 21, Deus responsabilizou Israel pela violência injusta que o rei Saul cometera contra os gibeonitas, ainda que Saul estivesse morto há anos. Para alguns, essa responsabilidade coletiva era exclusiva de Israel, mas em Amós 1—2, 1Samuel 15.2 e Deuteronômio 23.3-8, Deus responsabiliza a geração atual de uma nação pagã pelos pecados cometidos por seus ancestrais. Para Pedro, todos os que estavam presentes em Jerusalém à época da perseguição de Jesus foram responsáveis por sua morte (At 2.14,23,26), embora apenas um pequeno número de pessoas a tivesse realmente perpetrado (v. 23). Isso significa que foram responsáveis porque a crucificação não teria acontecido se a maioria tivesse se pronunciado e protestado.

A Bíblia também reconhece que há maneiras socialmente institucionalizadas de vida que favorecem os poderosos e oprimem um grupo específico, embora muitos dos que participam do sistema e o apoiam não tenham a intenção deliberada ou consciente de prejudicá-lo. No capítulo 9, analisamos o sistema de patrocínio romano que operava nos banquetes e na hospitalidade (Lc 14). Ele excluía sistematicamente os pobres e ajudava os ricos — e aos que tinham relações com eles — a se tornarem mais ricos e mais amplamente relacionados. Jesus se recusou terminantemente a permitir que seus discípulos participassem disso. De igual modo, Paulo proibiu os cristãos de participarem da escravidão baseada em sequestro (1Tm 1.8-11), embora fosse uma instituição rentável para os que dela se serviam.

Apesar da realidade da responsabilidade coletiva e do mal sistêmico, a Bíblia atribui o peso maior à responsabilidade individual. Embora, conforme vimos, Deus condene grupos pelos pecados dos indivíduos (Js 7; Nm 14), a Bíblia deixa claro que na jurisprudência humana “os pais não

serão mortos por causa dos filhos, nem os filhos por causa dos pais; cada um morrerá pelo próprio pecado” (Dt 24.16). Sim, nossos pais e famílias poderiam nos ensinar e nos encorajar a irmos na direção do mal, mas podemos resistir a eles e é nossa responsabilidade fazê-lo. Ezequiel 18 é um estudo de caso do que pode acontecer se pusermos ênfase demais na responsabilidade coletiva. O resultado será o fatalismo e a irresponsabilidade.⁸ Ezequiel se opõe a essa ideia e, no fim, somos totalmente responsáveis por nossos pecados, e nossa salvação perante Deus depende do que fazemos como indivíduos.

Portanto, em se tratando de responsabilidade pela injustiça, a Bíblia reconhece a complexidade do assunto. A realidade do pecado coletivo não anula a responsabilidade moral individual, assim como a responsabilidade individual não rejeita a realidade do mal coletivo. A justiça bíblica me ensina que sou responsável por meus pecados, embora possa ser cúmplice, responsável e participe dos pecados e injustiças de outras pessoas.

Riqueza da análise social bíblica

Uma das coisas mais impressionantes do relato bíblico acerca da injustiça é sua riqueza de análise. No ocidente individualista moderno, há uma forte propensão para a crença de que somos totalmente produto de nossas escolhas individuais. Se somos pobres ou ricos isso se deve ao nosso comportamento. Segundo essa visão, não há pecado senão pecado voluntário, consciente e pessoal e, portanto, nenhum tipo de culpa ou responsabilidade para qualquer outro tipo de mal. Os ocidentais e, especialmente os americanos brancos, sentem pouca responsabilidade pelo impacto dos sistemas sociais — tais como a exclusão sistemática de pessoas de outras raças do programa de aquisição de hipotecas e de casas próprias

nas cidades do Norte,⁹ as leis de segregação racial (*leis Jim Crow*) no Sul e a própria escravidão — desde que não tenham participado deles individual e pessoalmente. Robert Bellah fez a descrição e a crítica clássicas desse ponto de vista.¹⁰

Não podemos, porém, como tem feito a teoria social marxista, ser igualmente reducionistas na outra direção, isto é, insistir que a pobreza e o crime jamais são o resultado de escolhas morais pessoais, mas sempre produto das estruturas sociais. Isso fez com que um socialista como o renomado advogado americano, Clarence Darrow, dissesse que não há diferença entre a condição moral de um assassino da prisão de Cook County e um cidadão honrado fora dela, que as forças sociais os colocam onde estão, sendo que suas escolhas individuais foram completamente determinadas por elas.¹¹ Conforme disse Charles Taylor em entrevista recente, as visões não religiosas da natureza humana reduzem nosso comportamento a um fator mecânico capaz de explicar tudo e de ser administrado e controlado.¹² Elas tendem a explicar o comportamento humano pela evolução e pela neuroquímica ou pela cultura e pela construção social ou por algum outro fator mecânico.¹³

A Bíblia, pelo contrário, diz que somos criados à imagem de um Deus triúno (Gn 1.26-28) que é a um só tempo um e três (Mt 28.19), que somos seres individuais e comunitários ao mesmo tempo. Somos também a um só tempo materiais e espirituais (2Co 5.1-10). Não somos moldados apenas pela fisiologia, por nossos gostos pessoais, ou pelas influências sociais, mas também por forças espirituais, do bem e do mal, dentro de nós e à nossa volta (Ef 6.10-13; Rm 7.14-25).

Portanto, condições injustas como a pobreza são produzidas por ações individuais ou por estruturas sociais sistêmicas injustas? As duas coisas, diz a

Bíblia, mas há mais do que isso em questão. Em Provérbios 10—12, deparamos com várias declarações segundo as quais a falta de responsabilidade pessoal pode levar o indivíduo à pobreza. Assim, lemos em Provérbios 10.4: “As mãos preguiçosas empobrecem o homem, porém as mãos diligentes lhe trazem riqueza”. Declarações semelhantes sobre a irresponsabilidade como causa da pobreza permeiam esses capítulos (cf. Pv 12.27). Contudo, em Provérbios 13.23, lemos: “A lavoura do pobre produz alimento com fartura, mas por falta de justiça ele o perde”.¹⁴ Em suma, a Bíblia não reduz a pobreza e a injustiça a ações e escolhas individuais *ou* a estruturas sociais sistêmicas. Existem as duas dimensões, mas a Escritura vai além delas e fala da injustiça como decorrência do pecado, do mal no coração e no mundo. Não somos meramente o individual e o social, somos também alma e corpo. De fato, o termo *mundo* (*kosmos*), no Novo Testamento, tem uma realidade material (conforme se vê em Deus que ama o mundo dos seres humanos, Jo 3.16) e uma realidade espiritual, uma tendência inevitável de fabricar deuses artificiais das coisas criadas (1Jo 2.15,16). A visão bíblica da justiça atribui todo o peso à responsabilidade pessoal e às estruturas sociais baseando-se no rico entendimento da vida humana que vai muito além das outras visões de mundo.

Não é de espantar que, por sermos seres tão complexos, nenhuma explicação científica seja capaz de dar conta plenamente de quem somos e de como a vida humana deve ser vivida. Não surpreende, portanto, que a ressurreição seja uma boa nova tão impactante, porque é a cura para a degradação e a corrupção de *toda* a criação (Rm 8.21) — de todos os relacionamentos partidos — espiritual, social, moral, psicológico, racial, econômico, cultural e físico. Todas as demais visões de justiça restringem o

problema ao social, ao pessoal ou ao moral. Contudo, por meio de Cristo há uma nova criação a caminho (Is 65.17-25).

Justiça prática

Como o cristão pode fazer justiça na prática? De que maneira a explicação da justiça bíblica exposta aqui pode ajudar os crentes a ser “sal e luz” no mundo, uma cidade sobre a colina?

Em primeiro lugar, o cristão pode ser um agente ativo de mudança evitando ao mesmo tempo a polarização política e a animosidade que gera a paralisia e bloqueia a mudança completa. Em *Vexed: ethics beyond the tribe* (Irritado: ética para além da tribo),¹⁵ James Mumford fala de “acordos de pacotes éticos” que os partidos políticos atuais impõem a seus membros. Se você simpatiza com alguma plataforma dos democratas ou dos republicanos e decide apoiá-la, será pressionado a apoiar *toda* a linha seguida pelo partido. Conforme vimos, a justiça bíblica não se encaixa bem nessas categorias. Ela, muitas vezes, cruza a fronteira entre uma e outra e mistura elementos que no mundo secular parecem “conservadores” e “liberais”. O cristão não está obrigado a soluções rígidas e simplistas. Para mudar o sistema de escolas de má qualidade nas comunidades pobres talvez seja preciso confrontar os democratas com regras para os sindicatos de professores e os republicanos com políticas fiscais exclusivamente locais que amparem as escolas. Embora a Bíblia nos ordene a cuidar dos pobres e acolher os imigrantes, ela não diz exatamente de que modo fazer. Conforme vimos, os princípios da “equidade geral” expostos na Bíblia devem ser aplicados diferentemente em tempos e lugares diversos. Isso requer sabedoria e nuance, e não programas políticos doutrinários.

Em segundo lugar, é preciso que o cristão esteja disposto a se identificar como crente em seu trabalho de cooperação com outros em prol da justiça, tratando os aliados e parceiros como iguais. Um dos principais pontos negativos da nossa sociedade secular é que não dispomos mais de fontes morais que sustentem nossos ideais morais, tais como os direitos humanos e a atenção ao pobre. As crenças cristãs nos conferem forte motivação para fazer sacrifícios monetários e de poder necessários à criação de uma sociedade mais humana e justa, porém tais incentivos estão cada vez mais ausentes do mundo secular. A pergunta mais difícil para quem trabalha a favor da justiça no âmbito secular é a seguinte: “Quero alívio para *minha* necessidade, mas por que devo me sacrificar para atender às necessidades de pessoas as quais nem sequer conheço?” Quando o cristão se identifica como crente, sem justiça própria ou superioridade, e paga os custos pessoais para fazer justiça, ele serve aos amigos e ao seu Senhor. Ele dá testemunho da obra de Deus em sua vida e ajuda o mundo a ver que *há* fontes morais suficientes para motivar a difícil obra de fazer justiça e lhe dar sustentação.

Em terceiro lugar, proponho por todas as razões expostas acima que o cristão trabalhe de modo especial pela justiça localmente e em questões específicas, em vez de participar de “discussões nacionais” mais amplas. Em muitas partes do mundo ocidental, nossas instituições políticas nacionais não funcionam mais para a criação de leis através de compromissos que envolvam um grande contingente de pessoas e de eleitores. Em vez disso, foram transformadas em “plataformas” para que líderes falem às suas bases e impulsionem seus programas, em vez de cooperarem de algum modo com outros legisladores e líderes.¹⁶ De modo geral, é possível obter mais resultados se os cristãos se concentrarem em uma questão local básica, como escolas públicas ou o sistema de justiça criminal, ou moradias racialmente

segregadas, ou disparidades na atenção à saúde, ou muitos outros projetos nos quais é possível avançar.¹⁷

Justiça da ressurreição

Ressurreição significa que Deus não desistiu totalmente do mundo.¹⁸ A ressurreição de Cristo afirma a importância da vida material real. “[Deus] gosta da matéria. Ele a inventou”, disse C. S. Lewis.¹⁹ Contudo, além disso, ela dá sentido ao sofrimento e dá esperança de que através do sofrimento virá a cura. A ressurreição é garantia de que essa renovação é certa, e é também uma convocação para que o cristão trabalhe contra o que é errado e injusto. “Porque o cristianismo é uma religião combativa [...] Para ele, muita coisa deu errado no mundo que Deus criou e que Deus insiste, muito enfaticamente, em consertar”.²⁰ N. T. Wright disse isso muito bem quando escreveu:

A mensagem da ressurreição é que este mundo importa! Que as injustiças e os sofrimentos do presente mundo devem agora ser administrados com as novas de que a cura, a justiça e o amor venceram [...] Se a Páscoa significa que Jesus Cristo ressuscitou apenas em sentido espiritual — isso [então] diz respeito apenas a mim e à descoberta de uma nova dimensão em minha vida espiritual. Contudo, se Jesus Cristo ressuscitou verdadeiramente dos mortos, o cristianismo se torna boas novas para o mundo todo — novas que aquecem nosso coração *exatamente porque não se limitam a aquecê-los apenas.*

A Páscoa significa que em um mundo onde a injustiça, a violência e a degradação são endêmicas, Deus não está preparado para tolerar tais coisas

— e que trabalharemos e planejaremos com toda a energia de Deus, para introduzir a vitória de Jesus sobre todas essas coisas. Se excluirmos a Páscoa, Karl Marx provavelmente terá razão de acusar o cristianismo de ignorar os problemas do mundo material. Exclua-se a Páscoa e Freud estará provavelmente correto ao dizer que o cristianismo é a realização do desejo. Sem a Páscoa, é provável que Nietzsche tenha acertado quando disse que o cristianismo era para os fracos.²¹

Se, porém, a Páscoa aconteceu de fato, são as teorias seculares de Freud, Marx e de Nietzsche que acabarão por fim na lata de lixo da história.

¹ Veja Jonathan Edwards, “Sermon fifteen: heaven is a world of love”, in: *The works of Jonathan Edwards*, WJE Online, Jonathan Edwards Center, Yale University, disponível em: <http://edwards.yale.edu/archive?path=aHR0cDovL2Vkd2FyZHMueWFsZS5lZHUvY2dpLWJpbi9uZXdwaGlsby9nZXRvYmplY3QucGw/Yy43OjQ6MTUud2plbw==>, acesso em: 23 ago. 2021.

² Este é um dos principais temas dos escritos de I. Lillias Trotter. Veja o seu *Parables of the cross* (Orland Park: Oxvision Books, 2014).

³ Jonathan Edwards, “Christian charity or the Duty of charity to the poor, explained and enforced”, *Bible Bulletin Board*, disponível em: www.biblebb.com/files/edwards/charity.htm, acesso em: 23 ago. 2021.

⁴ J. G. McConville, *Deuteronomy: Apollos Old Testament commentary* (Leicester: 2002), p. 104.

⁵ A lei mosaica tinha como objetivo esclarecer todas as nações incrédulas quanto à verdadeira sabedoria e à verdadeira justiça (Deuteronômio 4). Isso certamente significava que ela podia ser aplicada, até certo ponto, a todas as culturas e que, portanto, era reflexo da sabedoria e da justiça atemporais de Deus. Contudo, isso queria dizer que o cristão deveria obedecer a toda a lei mosaica? Muitos insistem que, depois da vinda de Jesus, nada no Antigo Testamento é obrigatório para os crentes. Outros depreendem uma ética no Antigo Testamento como se o advento de Jesus não tivesse feito diferença alguma.

Ao longo da história, talvez não tenha havido melhor equilíbrio entre essas duas coisas do que o encontrado na Confissão de Fé de Westminster, documento confessional protestante do século 17 (adotado posteriormente pela Igreja da Escócia e pelas igrejas presbiterianas do mundo todo). No capítulo 19, a confissão discorre sobre três tipos de lei no Antigo Testamento. Há, inicialmente, amplas leis morais, como os Dez Mandamentos. Em segundo lugar, as leis civis e judiciais de Israel, tais como leis da colheita ou do serviço militar ou de pagamento de salários e assim por diante. Por fim, existem leis “cerimoniais” que diziam respeito à adoração no tabernáculo — os sacrifícios de animais e as inúmeras regras cerimoniais que definiam “pureza” e adequação para aquela adoração. A Confissão ensina que as leis cerimoniais não são obrigatórias, tendo sido todas elas cumpridas em Cristo. A Confissão conclui também que os Dez Mandamentos ainda são obrigatórios para nós, conforme indicam Romanos 13.8-10 e 1João 2.3,4, bem como a exposição que Jesus fez dos Dez Mandamentos no Sermão do Monte. Mas e quanto às leis civis e jurídicas?

A Confissão diz que essas leis foram dadas a Israel “como um corpo político, e que expiraram juntamente com o Estado daquele povo”

(Confissão de Fé de Westminster 19.4.) Isso não significa que o povo judeu não exista mais, mas que o “Estado” — a forma específica de uma monarquia que tinha a Lei Mosaica como constituição — não existe mais. Além disso, as leis civis e judiciais eram aplicações detalhadas da lei moral a uma economia e uma cultura agrárias que também, em grande medida, não existem mais. A Confissão diz que essas leis “a nada mais obrigam hoje, exceto o que sua *igualdade geral* exija”. Trata-se de uma perspectiva de gradação extraordinária. A “lei judicial” de Israel nessa forma plena e detalhada não nos obriga a coisa alguma. Há, todavia, princípios gerais de “igualdade” ou de justiça por trás de cada uma dessas leis que, como deixa implícito Deuteronômio 4, podem ser usados a cada século ou a cada geração para criticar sua própria sociedade.

A Confissão cita passagens do Novo Testamento em que Paulo baseia suas exortações aos cristãos precisamente em leis civis não obrigatórias em seus elementos específicos. Em 1Coríntios 9.8-10, Paulo usa o princípio básico de Deuteronômio 25.4 (“Não amordaçarás a boca do boi quando ele estiver debulhando”) para requerer o apoio dos cristãos aos que trabalham no ministério. Outro exemplo é a aplicação que 2Coríntios 8.13-15 faz da “igualdade” básica de Êxodo 16.18 — regras para a coleta do maná — no tocante ao modo como o cristão deve contribuir sacrificialmente com os que passam necessidades. É correto supor que a Confissão, como documento reformado e calvinista, seguia a orientação de Calvino para a interpretação do Antigo Testamento, tendo o reformador seguido a mesma estratégia no que diz respeito às leis judiciais.

Os batistas e muitos outros resistiram ao modo como as confissões presbiteriana e anglicana dividem a lei do Antigo Testamento em três categorias distintas. Eles têm razão quando se queixam que as fronteiras

entre esses grupos nem sempre são claras. Contudo, formou-se um consenso nos últimos cinquenta anos entre estudiosos ortodoxos e conservadores da Bíblia de muitas denominações e tradições que as leis civis e judiciais do Antigo Testamento refletem princípios de justiça que apontam para o futuro e que cabe a nós descobrir meios de incorporá-los ao nosso tempo e lugar. Para excelentes perspectivas contemporâneas sobre esse tópico, veja Walter Kaiser, *Toward Old Testament ethics* (Grand Rapids: Zondervan, 1983); e Christopher J. H. Wright, *Old Testament ethics for the people of God* (Downers Grove: InterVarsity, 2004). Veja também William W. Klein, Craig L. Blomberg, e Roberts Hubbard Jr., *Introduction to Biblical Interpretation*, 3. ed. (Grand Rapids: Zondervan, 2017), p. 443-51. Klein et al. são batistas e rejeitam a divisão tríplice e obrigatória de presbiterianos e anglicanos e creem, observa Blomberg a respeito da lei veterotestamentária, que “seus princípios deveriam ter aplicação em todas as culturas” e que deveríamos buscar “valores transculturais”.

Se a Jerusalém dos tempos do salmista e de Moisés haveria de ser “a alegria de toda a terra” porque seu modelo de justiça e de qualidade de vida cultural eram cruciais para atrair as nações para a glória de Deus, podemos supor que, sob determinados aspectos, intermitentes e parciais, as leis da Jerusalém terrena apontavam para a justiça perfeita da Jerusalém celestial, a cidade derradeira de Deus. Portanto, podemos buscar orientações e princípios na lei do Antigo Testamento — sempre observando a maneira pela qual ela é usada no Novo Testamento — para nos orientar na produção de justiça hoje.

⁶ Craig Blomberg, *Neither poverty nor riches: a biblical theology of possessions* (Leicester: Apollos, 1999), p. 46.

⁷ O primeiro texto, de Provérbios, reproduz a tradução da Good News Translation (GNT) e o segundo, dos Salmos, da English Standard Version (ESV).

⁸ John B. Taylor, *Ezekiel: an introduction and commentary* (London: Tyndale, 1969), p. 147.

⁹ Richard Rothstein, “The black lives next door”, *The New York Times*, August 15, 2020, disponível em: www.nytimes.com/2020/08/14/opinion/sunday/blm-residential-segregation.html, acesso em: 23 ago. 2021.

¹⁰ Robert Bellah et al., *Habits of the heart: individualism and commitment in american life* (Berkeley: University of California Press, 2007). Um dos argumentos básicos de Bellah é que uma cultura pode ser oficialmente secular e individualista se houver grandes contingentes de pessoas religiosas cujas convicções morais sejam capazes de compensar a erosão, de outro modo inevitável, das comunidades e famílias, bem como a tendência em direção ao egoísmo.

¹¹ Clarence Darrow, “Crime and criminals: address to the prisoners in the Chicago jail”, Bureau of Public Secrets, 1902, disponível em: www.bopsecrets.org/CF/darrow.htm, acesso em: 23 ago. 2021.

¹² Charles Taylor, *Avenues of faith: conversations with Jonathan Guilbault* (Waco: Baylor University Press, 2020), p. 5-7.

¹³ Para um ensaio seminal acerca desse assunto, veja, do teólogo holandês Herman Bavinck, *Christian Worldview*, de 1913, org. com tradução em inglês de Nathaniel Gray Sutanto, James Eglinton e Cory C.

Brock (Wheaton: Crossway, 2019) — só recentemente traduzido do holandês. Apesar de escrever há mais de um século, Bavinck já se deparava com as duas forças do materialismo científico iluminista e da “protodesconstrução” do pensamento de Friedrich Nietzsche. Bavinck diz que todas as visões de mundo seculares têm três características: (1) são reducionistas ou “mecânicas” e buscam explicar a vida segundo alguma condição material. (2) São forçadas a demonizar como raiz do mal alguma coisa boa da criação divina. (3) São também forçadas a valorizar ou idolatrar como salvação alguma parte decaída e imperfeita da criação. Bavinck mostra de que modo essas explicações inadequadas não são capazes de unir nossa cabeça e coração — como pensamos sobre a vida humana a partir do que conhecemos intuitivamente a seu respeito.

¹⁴ Provérbios 13.23: “A lavoura do pobre produz alimento com fartura, mas por falta de justiça ele o perde”. [Veja Bruce K. Waltke, *Book of Proverbs: chapter 1—15* (Grand Rapids: Eerdmans, 2004), p. 549-50]. “A lavoura do pobre produz” se refere a uma terra tão produtiva que produz frutos mesmo quando não foi arada. “Alimento com fartura” significa que o pobre está trabalhando arduamente pensando na ceifa de alimentos. Portanto, por que são pobres? “Mas por falta de justiça ele [...] perde [o alimento] [em hebraico, *lo mishpat*]”. Aqui, portanto, há três causas possíveis da pobreza: ambiental, pessoal e social. De acordo com Provérbios, às vezes a pobreza é causada por escassez de recursos, às vezes por irresponsabilidade pessoal. Contudo, vemos aqui que a pobreza pode ser causada simplesmente pela injustiça, sem que o pobre seja de modo algum culpado por isso.

¹⁵ James Mumford, *Vexed: ethics beyond political tribes* (London: Bloomsbury, 2020).

¹⁶ Veja Yuval Levin, *A time to build: from family and community to congress and the campus, how recommitting to our institutions can revive the american dream* (New York: Basic Books, 2020). Veja especialmente o capítulo 3, “We the people”, p. 45-68.

¹⁷ Este capítulo não deve ser usado para inferir que o trabalho da igreja reunida consiste sobretudo em ativismo social e serviço social. Pelo contrário, as tarefas primordiais da igreja consistem, entre outras, na adoração, no ensino da Palavra, na administração do batismo e da ceia do Senhor, na evangelização e no discipulado. Se a igreja conquistar pessoas para a fé e discipulá-las na fé bíblica na nova criação e na ressurreição, e em tudo o que o evangelho implica, ela produzirá um fluxo contínuo de crentes que servem como “sal e luz” no mundo (Mt 5.13-16), fazendo justiça e boas obras e amando o próximo como na parábola do Bom Samaritano (Lc 10.25-37). A experiência mostra que, em geral, os presbíteros da igreja não têm capacidade para governar uma igreja e operar empresas de desenvolvimento comunitário, de moradias a preço acessível, centros de reabilitação de drogados, escolas etc. A primeira responsabilidade da igreja institucional é evangelizar e discipular através da Palavra de Deus. Esse discipulado e treinamento, porém, devem motivar e preparar o cristão para fazer justiça em sua cidade e em seu mundo, ou não será fiel à Palavra e ao evangelho.

¹⁸ O'Donovan, *Resurrection and the moral order: an outline for evangelical ethics* (Grand Rapids: Eerdmans, 1986).

¹⁹ C. S. Lewis, “The Practical Conclusion”, in: *Mere Christianity* (New York: MacMillan, 1958), p. 50 [publicado em português por Martins Fontes *Cristianismo puro e simples*].

²⁰ Ibidem, p. 31.

²¹ N. T. Wright, *For all God's worth: true worship and the calling of the church* (Grand Rapids: Eerdmans, 1997), p. 65-6.

CAPÍTULO 11

ESPERANÇA DIANTE DO SOFRIMENTO



De muito boa vontade me gloriarei nas minhas fraquezas, a fim de que o poder de Cristo repouse sobre mim [...] Pois, quando sou fraco, então é que sou forte (2Co 12.9,10)

A grande inversão não é apenas a maneira pela qual o cristão é salvo, também pode ser, nas palavras de Christopher Watkin, “uma dinâmica” que “se abre para um ritmo de vida, uma ética e uma maneira de olhar para o mundo e de viver nele”.¹ Quando recorremos à ressurreição como forma de “olhar para o mundo e de viver nele” há uma mudança importante na maneira como enxergamos e vivenciamos as dificuldades e os sofrimentos da vida.

O sermão e a cidade

Nos livros de Êxodo e de Deuteronômio, deparamos com Moisés subindo a montanha para se encontrar com Deus e depois o vemos descer com os Dez Mandamentos, que criaram uma nação que deveria viver de tal modo que o

resto do mundo pudesse contemplar a glória de Deus (Dt 4.5-8). Jesus também subiu uma montanha para se encontrar com Deus e orar (Lc 6.12); depois ele desceu, escolheu seus doze discípulos (Lc 6.13-16) e, ensinando a palavra, começou pelas Bem-Aventuranças (Lc 6.17-20). Seu objetivo era lançar o fundamento de uma nova comunidade, uma “contracultura”.²

Conforme vimos no último capítulo, o sermão de Jesus cria uma “cidade na colina”, uma sociedade humana alternativa que aponta na direção da Cidade de Deus que encherá a terra no fim dos tempos. Em todas as cidades, o cristão sempre está em uma cidade alternativa. De acordo com John Stott, “Não vos assemelheis a eles” (Mt 6.8) era um tema fundamental do sermão de Jesus. Às vezes, ele faz um contraste entre seus discípulos e as pessoas religiosas. Assim, em Mateus 6.1-18, Jesus critica o modo como as pessoas religiosas oram e dão aos pobres de uma maneira hipócrita. Em outras partes do sermão, ele contrasta seus discípulos com os gentios pagãos. Em Mateus 5.44-47, ele critica o modo pelo qual uma cultura que privilegia a vergonha e a honra se dedica a se vingar dos inimigos e, em Mateus 6, o modo como as pessoas se preocupam com a prosperidade e as posses materiais, e como ficam obcecadas por elas.

Com [Jesus] raiou a nova era e o governo de Deus irrompeu na história. “Arrependei-vos”, ele exclamava, “porque o reino de Deus está próximo”. O Sermão [...] é a mais completa exposição possível [...] da contracultura cristã. Aqui deparamos com um sistema cristão de valores, de critério ético, de devoção religiosa, de atitude em relação ao dinheiro [de sexualidade, de poder], de estilo de vida e de rede de relacionamentos [...] Essa contracultura cristã é a vida do reino de Deus, uma vida humana plena de fato, mas vivenciada sob o governo divino.³

Quem estuda o Sermão do Monte sabe que ele tem duas versões, uma em Mateus e outra em Lucas. Os estudiosos discutem as diferenças entre as duas versões; muitos, porém, assinalam que não há contradições e que Jesus, muito provavelmente, expôs esse material mais de uma vez. Para nossos propósitos neste capítulo, a versão do sermão em Lucas trata mais diretamente de como o cristão deve reagir diante das dificuldades.

Então, olhando para os discípulos, disse: “Bem-aventurados sois vós, os pobres, porque o reino de Deus é vosso. Bem-aventurados sois vós que agora tendes fome, porque ficareis satisfeitos. Bem-aventurados sois vós que agora chorais, porque havereis de rir. Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, quando vos expulsarem da companhia deles, vos insultarem e rejeitarem o vosso nome como indigno, por causa do Filho do homem. Alegrai-vos nesse dia e exultai, porque a vossa recompensa no céu é grande; pois os antepassados deles fizeram o mesmo com os profetas”. Mas ai de vós que sois ricos, porque já recebestes a vossa consolação. Ai de vós que agora estais satisfeitos, porque passareis fome. Ai de vós que agora estais rindo, porque vos lamentareis e chorareis. Ai de vós, quando todos vos elogiarem, porque os antepassados deles fizeram o mesmo com os falsos profetas” (Lc 6.20-26).

“O Reino de Deus” aparece na primeira sentença (v. 20). O termo *reino* nos faz pensar em um país, porém a palavra no grego original não é usada para se referir principalmente a um reino, mas a um *reinado*, uma forma de administrar e de organizar uma sociedade de pessoas. Quando chega um novo chefe ao setor em que você trabalha, ou quando um novo supervisor passa a comandar sua equipe, o jeito de fazer as coisas muda. O novo líder tem um conjunto diferente de valores, prioridades e ênfases. Portanto, Jesus

está dizendo: “Quando você crê em mim, entra no meu reino. Direi agora a você quais são os valores do meu reino em oposição ao reino deste mundo”. Ele apresenta quatro valores de cada um dos reinos:

O MUNDO: COISAS BOAS		REINO DE JESUS: COISAS DIFÍCEIS	
<i>Riqueza</i>	Poder	<i>Pobreza</i>	Fragilidade
<i>Completude</i>	Conforto	<i>Fome</i>	Privação
<i>Risos</i>	Sucesso	<i>Choro</i>	Perda
<i>Elogios</i>	Reconhecimento	<i>Ódio</i>	Exclusão

Vamos analisar primeiramente o conjunto de valores do mundo. Jesus fala de pessoas ricas, satisfeitas, que riem e são populares (“sois elogiados”). O primeiro termo designa o poder porque, no fim das contas, é nisso que se resumem riqueza e pobreza: diferentes graus de poder que afetam e controlam os outros. O segundo diz respeito ao conforto. São pessoas que estão satisfeitas, têm tudo o que desejam: comem nos melhores restaurantes, usam as roupas mais finas, moram em casas belíssimas. O terceiro termo, *risos*, em grego significa vangloriar-se. Jesus não está se referindo especificamente à felicidade, e sim ao sucesso. São pessoas que competiram, venceram e que se vangloriam disso. Atribuem exclusivamente a si mesmas o nível elevado que alcançaram. Tripudiam sobre os demais e lhes dizem: “Eu venci; você, não”. Por fim, Jesus fala de pessoas que são “elogiadas” por todos. São pessoas que granjearam aplausos, reconhecimento e, possivelmente, se tornaram celebridades.

Em seguida, Jesus faz uma lista dos valores do seu reino. A vida das pessoas “bem-aventuradas” vai em direção precisamente oposta à vida dos

que são do mundo. Podemos parafraseá-la da seguinte forma: o reino de Deus é marcado pela fragilidade, privação, perda e exclusão. São essas as condições das pessoas destituídas de poder, de satisfação dos desejos materiais, de realização e popularidade.

Essas listas deixaram atônitos os ouvintes de Jesus, porém não são menos surpreendentes para nós hoje. Quem gostaria de fazer parte de um reino desses? À primeira vista, Jesus parece estar dizendo que todo aquele que for bem-sucedido não pode fazer parte do reino de Jesus, somente os destituídos e pobres. Contudo, conforme vimos, Deus chama e inclui os ricos em seu reino. Pense em Abraão e Jó, no Antigo Testamento e em José de Arimateia, no Novo Testamento. Michael Wilcock, em seu comentário a Lucas, foi muito feliz no resumo que fez:

Na vida do povo de Deus, o que se vê antes de tudo o mais é uma notável *inversão de valores* (Lc 6.20-26). Valoriza-se o que o mundo considera digno de pena, e suspeita-se do que para o mundo é desejável.⁴

Jesus não está insistindo diligentemente conosco para que busquemos a fragilidade, a privação ou a exclusão. Também não está dizendo que devemos ser imprudentes e passivos em relação às forças do mundo que podem nos ferir. O livro de Provérbios nos encoraja a evitar comportamentos que possam resultar em pobreza, decepção e perda. Pelo contrário, Jesus está nos dizendo que muito em breve toparemos com a fragilidade, a privação ou a exclusão, porque é assim o mundo em que vivemos. Contudo, quando nos depararmos com essas coisas, responderemos de um modo tal que das maldições brotarão bênçãos, e da morte a vida.

Coisas boas e coisas difíceis

Uma forma de compreender o ensino de Jesus consiste em pensar nas duas listas como “coisas boas” e “coisas difíceis”. Riqueza, satisfação, sucesso e reconhecimento são coisas realmente boas, e o oposto delas, difícil de suportar. Contudo, as pessoas do mundo olham para essas coisas como se fossem seu “consolo” mais profundo (v. 24), um termo grego, *paraklesis*, que também se refere ao consolo e à realização que o Espírito Santo, o “paráclito”, nos dá (Jo 14.26; 15.26; 16.7). É claro que crentes e incrédulos buscam o sucesso profissional, mas na compreensão que o mundo tem da realidade, a vida sem isso é completamente sem sentido e intolerável. O coração e a identidade delas dependem totalmente dessas coisas. Elas são aquilo que ostentam (Jr 9.23,24) e disso extraem o máximo sentido e consolo. Portanto, quando as coisas boas se vão e as coisas difíceis tomam seu lugar, a vida basicamente se esvai.

A parábola de Jesus sobre Lázaro e o homem rico (Lc 16.19-31) é exemplo disso. Lázaro (um nome que significa “Deus me ajuda”) é o único personagem que tem nome nas parábolas que Jesus contou. Jesus o faz para com isso apontar na direção de uma realidade invisível que só se torna visível na vida depois da morte. De acordo com a visão do mundo, os pobres pertencem a uma massa anônima cujo lugar de sepultamento se perdeu ao longo da história, ao passo que os ricos constroem para si um nome e são sepultados em uma tumba monumental. Contudo, depois que morre, Lázaro sobe ao céu enquanto o rico desce ao inferno, “invertendo assim o anonimato normal da pobreza e a importância individualizante da riqueza”.⁵ Existe aqui uma lição evidente. O homem rico não tem nome porque era rico e nada mais. Ele construíra uma identidade em torno do poder que tinha. Ou era rico ou não era ninguém. Sem sua riqueza, sem as coisas

boas, não restava eu nenhum. Lázaro, porém, tinha uma vida cheia de coisas difíceis, mas se tornara um homem de fé e de virtude. Pode ser que as coisas difíceis o tenham levado a Deus, onde se encontrou.

As coisas boas, se recebidas sem fé em Deus, escravizarão, decepcionarão ou de algum modo se transformarão em armadilha. Conforme disse David Foster Wallace, se você adorar qualquer coisa que não seja um Deus de verdade, “ela o devorará vivo”.⁶ Quando a Bíblia diz que fomos criados à “imagem” de Deus (Gn 1.27), ela quer dizer, entre outras coisas, que fomos feitos para que fôssemos espelhos que, diante da glória de Deus, refletem essa glória, crescem na semelhança de Deus quando o adoramos, servimos e o satisfazemos. É para isso que fomos feitos. Se, em vez disso, nossa alma tem a “face” voltada para qualquer outra coisa, se amamos algo mais do que a Deus, contrariamos aquilo para o que fomos feitos e, por assim dizer, a natureza do universo. O resultado é sempre o inverso do que o mundo espera e busca. O poder resulta em fragilidade; o sucesso sem Deus, na verdade, é fracasso, e o tempo o revelará. “Aos famintos encheu de bens, e de mãos vazias mandou embora os ricos” (Lc 1.53).

Coisas difíceis e coisas melhores

Coisas boas recebidas sem Deus se tornam maldição. Por outro lado, as pessoas que recebem coisas difíceis *com* fé em Deus descobrirão que as aparentes maldições, na verdade, são bênçãos. Em muitos casos, essa inversão não ocorre nos limites desta vida (conforme nos ensina Lc 16). Muitos cristãos olham hoje em retrospectiva as coisas difíceis e veem como Deus trabalhou sua bênção na vida delas por meio da fraqueza e dos problemas. Por isso, para o cristão, as coisas difíceis são mesmo difíceis, não

são coisas que se busquem. Nós, porém, fomos armados com essa grande verdade, a saber, que quando recebidas com fé em Deus, as coisas difíceis resultam em coisas melhores.

Em seu discurso de paraninfo em Harvard, “Os benefícios adicionais do fracasso”, J. K. Rowling delineia uma dinâmica vista com frequência segundo a qual é somente através do fracasso que aprendemos lições cruciais sobre a natureza humana, sobre nossos pontos fortes e fracos, sobre a profissão que exercemos, as quais são a base do sucesso futuro. Contudo, a promessa do reino é muito mais do que isso.

A promessa de Jesus para os que o seguem pela fé é que as coisas difíceis resultarão em coisas melhores. Ele passa a nomeá-las.

COISAS DIFÍCEIS	COISAS MELHORES
Fragilidade	<i>Reino de Deus</i>
Fome	<i>Satisfação</i>
Choro	<i>Riso</i>
Ódio	<i>É grande a recompensa no céu</i>

O reino de Deus é a primeira coisa melhor que Jesus menciona. A cidadania no reino se dá no momento em que você coloca sua fé em Cristo (Cl 1.13; Ef 2.9; Fp 3.20). Isso significa, tal como se lê em 1Pedro 1.4, que temos uma “herança” de glória à nossa espera. Paulo diz que nossas aflições neste mundo, as coisas difíceis que enfrentamos, nos renovam interiormente, espiritualmente e “nos preparam um peso eterno de glória acima de qualquer comparação” (2Co 4.17, RSV). A linguagem é provocadora. “Glória” na Bíblia significa beleza, importância, grandeza e poder, entre outras coisas. As coisas difíceis que enfrentamos nos impelem a

uma maior dependência de Deus, que nos aperfeiçoa desde já na direção de um amor, alegria, paz, paciência, bondade, humildade e autocontrole aprofundados. Portanto, temos desde já um vislumbre da futura beleza gloriosa de caráter. E essa glória futura, que segundo Paulo esgota nossa imaginação (é “incomparável” a tudo o que conhecemos), está garantida àqueles que fazem parte do reino de Deus.

A última entre as melhores coisas que Jesus menciona dirigindo-se aos perseguidos: “Vossa recompensa no céu é grande”. Aqui, rompemos os limites da sabedoria ordinária do mundo de que “os fracassos nos ensinam lições” e de que “sempre há uma luz no fim do túnel”. Esses ditados comuns simplesmente não funcionam em face das inúmeras tragédias terríveis que se abatem sobre as pessoas todos os dias. Declarações desse tipo tornam trivial o sofrimento, uma vez que muitas coisas difíceis que experimentamos são terríveis demais para que uma análise de custo-benefício deste mundo encontre compensação para elas. Contudo, e se existir um céu, um céu que seja um “mundo de amor”, infinitamente mais gratificante e glorioso do que o momento mais maravilhoso de sua vida terrena? A citação muito conhecida de Teresa de Ávila estabelece um parâmetro: “Do céu, até a vida mais infeliz se parecerá como uma noite em um hotel desconfortável”.⁷ Ela poderia perfeitamente ter dito “milhares de vidas infelizes”.

Não só muitos males terríveis serão compensados depois que esta vida se acabar, como também, conforme estipula o princípio, todas as coisas difíceis, envoltas na fidelidade àquele que fez o mesmo por nós, resultarão em grande bem e glória. Com as experiências de fragilidade, nós nos fortalecemos de um modo que, do contrário, não seria possível, libertando-nos de alianças escravizadoras e encontrando uma nova liberdade. Só teremos alegria perfeita (“risos” e “plenitude”) no dia em que o virmos face a

face e, no entanto, já nesta vida experimentamos uma satisfação nova e mais profunda tanto mais vivermos para Cristo e para os outros do que para nós mesmos.

Para C. S. Lewis

Esse princípio rege a vida inteira, do começo ao fim. Entregue-se, pois assim você encontrará a si mesmo. Perca a sua vida para salvá-la. Submeta-se à morte, à morte cotidiana de suas ambições e dos seus maiores desejos e, no fim, à morte do seu corpo inteiro: submeta-se a ela com todas as fibras do seu ser, e você encontrará a vida eterna. Não guarde nada para si. Nada que você não deu chegará a ser verdadeiramente seu. Nada que não tiver morrido chegará a ser ressuscitado dos mortos. Se você buscar a si mesmo, no fim só encontrará o ódio, a solidão, o desespero, a fúria, a ruína e a podridão. Se buscar a Cristo, o encontrará; e, junto com ele, encontrará todas as coisas.⁸

O cristão vê então que, em Jesus, o caminho para o alto é o que desce, o caminho para o verdadeiro poder consiste em abrir mão do poder para servir, o caminho para as verdadeiras riquezas consiste em ser radicalmente generoso com tudo o que você tem, e o caminho para a felicidade duradoura não consiste em buscar tanto sua felicidade, mas principalmente a felicidade dos outros. Foi assim que ele salvou o mundo e mudou sua vida, e agora é seu o modo de ver e de viver.

Deus quis que fosse para sempre

O sermão de Jesus não é o único lugar que a ressurreição é aplicada para nos ajudar a enfrentar os reveses e as dificuldades da vida. As histórias de

Jacó e de José, que ocupam grande parte do livro de Gênesis, são dois dos melhores exemplos da promessa mais famosa da Bíblia “todas as coisas [...] cooperam para o bem dos que amam a Deus” (Rm 8.28, NASB).

Jacó havia sofrido com o claro favoritismo que o pai dispensava ao irmão, Esaú. Em um esforço para adquirir o amor e a herança que vinham com a bênção paterna, Jacó recorreu à mentira, à fraude e a outras maneiras de obter poder sobre os outros. Quando, porém, constituiu família, infligiu o mesmo sofrimento aos filhos, demonstrando flagrante preferência e amor mais profundo por seu filho José em detrimento dos outros onze irmãos. Isso levou os irmãos a nutrir um profundo ressentimento e inveja, mas distorceu também a visão que José tinha de si mesmo. Sua arrogância e a importância que dava a si mesmo se manifestaram em seus sonhos de supremacia, sonhos que ofenderam até mesmo seu pai (Gn 37.10).

José e as inversões de Deus

Por fim, seus irmãos venderam secretamente José como escravo a mercadores árabes, que o venderam no Egito ao capitão da guarda pessoal do faraó. Ali ele foi falsamente acusado de estupro, tornando-se assim não apenas um escravo, mas também prisioneiro na masmorra do rei, temendo pela vida. Contudo, no fundo daquele lugar escuro, José estava mudando. “Quando estava preso, a palavra do Senhor depurou José [...] (Sl 105.19, 22). Deus usou então as circunstâncias para que ele cresse em Deus”.⁹ A arrogância que destruiria sua vida e a dos que estavam à sua volta fora destruída.

A habilidade de José de interpretar o sonho de faraó resultou na sua libertação da prisão e na promoção a primeiro-ministro no reino egípcio. Ele organizou então ali um programa de ajuda humanitária que não apenas

salvou milhares de cidadãos durante a grande fome, mas salvou também a vida de sua família. No processo de confrontação com os irmãos, narrado em Gênesis 42—45, eles se arrependeram e se reconciliaram com José.

Depois da morte de Jacó, seus irmãos se aproximaram dele receosos de que José ainda guardasse rancor, mas ele lhes disse:

Não temais. Por acaso estou no lugar de Deus? Certamente planejastes o mal contra mim. Porém Deus o transformou em bem, para fazer o que se vê neste dia, ou seja, conservar muita gente com vida (Gn 50.19,20).

José não inventou desculpas para seus irmãos, o pecado deles foi deliberado. Eles “planejaram” destruí-lo. Contudo, na economia de Deus, o mal que lhe infligiram foi, na verdade, um meio de cura para a falha de caráter de José, o que fez dele uma pessoa magnânima. Suas ações também foram usadas por Deus para tirar José de Canaã e colocá-lo onde pudesse fazer um bem maior pelo mundo em geral e por sua família em particular. Assim como Jesus, José “venceu ao ser vencido”.¹⁰ A “ressurreição” de José em um lugar de grandeza e de influência redentora (“a salvação de muitas vidas”) só foi possível pela morte de todas as suas esperanças e felicidade que nutria nas masmorras do Egito.

José resumiu toda a sua vida quando disse: “Certamente planejastes o mal contra mim. Porém Deus o transformou em bem”. Ao fazê-lo, ele aplicou inadvertidamente o padrão da salvação de Jesus a si mesmo. Nós, porém, sabemos que quando cremos em Jesus, estamos unidos pela fé à sua morte e ressurreição (Cl 2.12; Rm 6.4; Ef 2.6), e assim o modelo paradoxal da vida de Jesus se torna fundamental para a compreensão de nossa vida e de nossa história.

Pense um pouco no tipo de recurso que temos à disposição. Se subirmos a um ponto alto de uma montanha, teremos uma visão muito melhor de onde estamos. Lá embaixo, no vale, talvez tenhamos feito uma curva indevida e nos perdemos, mas de cima vemos exatamente onde estamos e para onde temos de ir. Lá em baixo, “no vale” da nossa vida, é difícil ver o que se passa, especialmente, quando as decepções, os fracassos e o sofrimento nos sobrevêm. Existe uma tendência de lidar com essas coisas em um espectro que vai do otimismo ao pessimismo. Para os otimistas, os problemas são anomalias temporárias. Eles têm certeza que as coisas não ficarão como estão, que o mundo, basicamente, é um lugar seguro, que se vivermos corretamente, tudo irá bem. Eles têm a tendência de “dar um tempo ao tempo”, por assim dizer, até que as coisas mudem. Para os pessimistas, o mundo é um lugar lúgubre. Na visão de vida deles, “a vida é dor [...] Quem disser outra coisa é porque está vendendo algo”¹¹ e “as pessoas vão apunhalá-lo pelas costas. Não se pode confiar nas pessoas. Não se pode confiar na vida”. Para o pessimista, os problemas da vida não são anomalias, são o normal. Lá embaixo, “no vale”, sem a perspectiva que o evangelho traz, nossa atitude em relação ao sofrimento vai de uma ponta à outra do espectro. É ou/ou: ou a vida está indo bem e, portanto, Deus é bom, ou a vida vai mal e, portanto, Deus é mau ou não existe.

José tinha, porém, com a ajuda de Deus, saído do vale e subido a montanha. De lá, ele podia ver que tanto otimistas quanto pessimistas estão em parte certos, porém, fundamentalmente errados. O sofrimento *não* é normal. Deus *é* um Deus bom, tal como presente o otimista. O Senhor criou o mundo originalmente sem o mal, sem o sofrimento e a morte e está movendo a história para fazer com que as coisas se endireitem novamente. Ele estava disposto a pagar um preço infinito na cruz para que isso

acontecesse. Por outro lado, o sofrimento *não* é anômalo. Como a humanidade se desviou de Deus, o mundo agora se tornou um lugar tenebroso, conforme pressentem os pessimistas. As pessoas que têm uma vida boa não devem esperar uma vida de boas circunstâncias, tal como Jesus não esperou.

A perspectiva divinamente inspirada de José reunia duas coisas que a perspectiva meramente humana não pode esperar reunir. Diz ele, com efeito: “Há muita dor na vida”, mas diz também “Deus é bom”. Ele sabe disso porque a bondade de Deus, de modo geral, chega até nós através de experiências revestidas de dificuldades e de fragilidades, e algum dia o sofrimento e o mal desaparecerão para sempre.

Jacó e os braços cruzados de Deus

Perto do fim da história de José, testemunhamos também o fim da vida de Jacó. Pouco antes de seu pai morrer, José levou os dois filhos até Jacó. Ele pediu que o pai abençoasse o mais velho, Manassés, e o mais novo, Efraim (Gn 48.1-22). Os dois jovens nasceram no Egito de mãe egípcia e, depois das mortes de Jacó e de José, era provável que outros israelitas dissessem que os filhos de José não deveriam estar entre os herdeiros legais de Jacó. José queria que Jacó abençoasse os dois para que não restasse dúvida alguma sobre o assunto. Quando José e seus filhos se aproximaram de Jacó, este expôs novamente a aliança de Deus, que prometera dar aos descendentes de Jacó uma terra e uma bênção (v. 3,4). Jacó disse então que, embora Manassés e Efraim tivessem nascido no Egito, ainda assim, eles seriam contados entre os seus descendentes e receberiam uma porção de sua herança (v. 5-7). Era isso o que José queria e foi atendido.

Depois, José se aproximou do pai juntamente com os filhos, aproximando Manassés da mão direita de Jacó e Efraim de sua mão esquerda. A mão direita era o lugar de maior honra. José esperava que o filho mais velho recebesse a bênção maior e a assumisse a liderança da família. Para a surpresa de todos, Jacó cruzou deliberadamente os braços e pôs sua mão direita sobre a cabeça de Efraim (v. 14). José não gostou, mas imaginou que seu pai estivesse simplesmente cometendo um erro porque sua vista já não era boa, ou talvez suas faculdades mentais já não fossem mais as mesmas. Parafrazeando José, ele disse: “Pai, o senhor se confundiu, *este* é o filho que deve receber a bênção maior. Este é o certo e aquele é o errado” (v. 18). Jacó, porém, retrucou: “Sei *exatamente* o que estou fazendo, José. O filho que você acha que é o errado, na verdade, é o certo” (veja o v. 19). Jacó resistiu à pressão da família e às normas culturais e abençoou o filho mais novo, em vez de abençoar o mais velho.

É claro que Jacó agiu sob o insight profético de Deus, pois ele disse: “Mas o seu irmão mais novo será maior do que ele, e a sua descendência será maior do que ele” (v. 19). Contudo, é importante observar que, Hebreus 11.21, escolhe a bênção de Jacó dada aos filhos de José como o primeiro ato de fé em sua vida (“Pela fé, Jacó, quando estava para morrer, abençoou cada um dos filhos de José e adorou, apoiado sobre a extremidade do seu bordão”). Isso significa que há muito mais coisas acontecendo aqui do que simplesmente uma profecia sobre o futuro dos dois jovens.

Jacó reconheceu finalmente a estratégia de ‘braços cruzados’ de Deus, a forma como o Senhor vira de cabeça para baixo a compreensão que o mundo tem de grandeza e de status. Na economia do mundo, o primeiro será primeiro e o último será último; na economia do evangelho, o primeiro será último e o último será primeiro. Este é o segredo para que se

compreenda os caminhos de Deus no mundo, que são totalmente tolos para o pensamento humano. Reiteradas vezes, Deus escolhe trabalhar no mundo através do que o mundo considera mais frágil.

Isso não ocorre simplesmente porque “Deus prefere os pobres coitados”; antes, há algo de profundo em Deus e na forma como ele redime o mundo. Nos Evangelhos, quando Jesus, o Messias, surge, ele nasce de pais pobres em uma manjedoura. Não tem partido político e nem poder militar. Em várias ocasiões, Jesus escolhe o marginal, a prostituta, o coletor de impostos, o pagão, as mulheres e as crianças para serem seus discípulos e rejeita os que têm traquejo social, os que têm moral, os religiosos e os cidadãos de bem. Por fim, em seu ato máximo de salvação, ele se entrega para ser espancado e morto. Em todo caso, a salvação se dá exatamente em oposição à lógica do mundo. Deus sempre age contra as expectativas, pondo suas mãos no “filho errado”, resistindo ao sistema do mundo.

Esse é, de fato, o ponto alto da fé e da vida de Jacó. Finalmente, ele (assim como José) faz um retrospecto da vida e identifica o padrão paradoxal de força que brota da fraqueza e como Deus sempre esteve com ele, mesmo quando parecia estar ausente. Um comentarista faz a seguinte observação sobre a passagem de Gênesis 48: “Há uma ironia sutil no fato de que esta é uma situação tal como aquela em que Jacó usou de malícia em sua juventude. Uma vez mais a bênção do primogênito é destinada ao irmão mais novo, mas não há agora nenhum esquema desleal ou que deixe posteriormente um sabor amargo. Trata-se de uma lição objetiva dada por uma reação silenciosa e em fé”.¹²

Em toda a sua vida, Jacó sentira a necessidade de “ajudar” Deus em seus propósitos através de estratégias e de mentiras que lhe dessem vantagens e poder, tudo para conseguir a bênção do seu pai. Agora Jacó viu que isso

estava completamente errado, que Deus nos abençoa pela fidelidade na fraqueza.

Por isso, já no fim da vida, Jacó instruiu gentilmente José a aceitar os caminhos da livre graça de Deus e de sua salvação contrária à intuição. Ele faz uma retrospectiva de vida e não diz mais, “Tudo está contra mim!”, como dissera uma vez (Gn 42.36). Isso era o mesmo que dizer “Tudo está cooperando para que o mal me sobrevenha”. Parecia-lhe que Deus estava nos bastidores, trabalhando o tempo todo para prejudicá-lo e torná-lo infeliz. Agora ele diz que Deus tem sido seu pastor “durante toda a minha vida até este dia” (Gn 48.15), e diz inclusive que o anjo do Senhor “me tem livrado de todo mal” (Gn 48.16). Isto é o oposto completo de sua declaração anterior. Agora, ao se lembrar dos seus sofrimentos (a fuga de sua pátria, o ardil de Labão, a morte prematura de Raquel, a perda de José), ele tem a audácia de dizer que em tudo ele estava sendo “pastoreado” e “guardado de todo mal”. Ele entende que Deus estava trabalhando nos bastidores para o seu bem, por amor.

Alegria no sofrimento

Não desperdice suas tristezas

O padrão da grande inversão também fica evidente nos Salmos.

O Antigo Testamento está cheio de garantias de que Deus não abandonará seu povo em tempos de tensões e de sofrimentos. Um bom exemplo disso é o Salmo 30.1-5. Disse o salmista: “Clamei a ti e tu me curaste” (v. 2). Em seguida, ele se volta para a congregação e diz a ela “Cantai louvores ao SENHOR”, porque com Deus “o choro pode durar uma

noite, mas o cântico de júbilo vem de manhã” (v. 4,5). Ele lhes assegurou que a alegria virá depois que a tristeza se for.

Contudo, há indícios, no Antigo Testamento, de algo mais, de uma alegria que vem *através* da tristeza, e não simplesmente apesar dela. No Salmo 126, lemos: “Os que semeiam em lágrimas colherão com cânticos de júbilo [...] trazendo consigo seus feixes” (v. 5,6). As imagens são formidáveis. A semente sendo semeada são *lágrimas* e *pranto*. Eles estão plantando suas lágrimas e recebendo uma colheita de alegria.

Isso significa que há uma maneira de chorar e há uma tristeza que dá frutos e frutos que trazem consigo uma alegria profunda. É inevitável neste mundo que choremos, mas *semeamos* nossas lágrimas? Desperdiçamos nossas tristezas ou sabemos chorar? Se um semeador simplesmente jogasse sua semente em um lugar, não haveria colheita alguma. Portanto, o simples desabafo de uma tristeza pode não produzir frutos em nossa vida ou na vida dos que nos rodeiam. “Sair chorando, levando consigo sementes para semear” significa algo mais do que apenas externar nossas tristezas. Somos todos chamados a semear nossas lágrimas, e não desperdiçá-las.

O Salmo 126 não diz claramente como semear nossas lágrimas, mas talvez não seja preciso. O saltério todo está repleto de orações chamadas de “lamentos”. Ele nos dá exemplos numerosos de pessoas que levam a Deus sua dor e seu sofrimento, orando em meio a ele, evitando com isso a ira, a autocomiseração e o desespero que podem envenenar o coração e nos tornar pessoas amargas e mais insensíveis, em vez de sábias e melhores.

Assim, o ensino é que há uma tristeza que *produz* alegria. É no Novo Testamento que fica claro o porquê e como isso é possível.

Alegria inefável

O livro da Bíblia que talvez aplique com maior clareza o padrão mencionado anteriormente ao sofrimento é a segunda carta de Paulo aos Coríntios. No primeiro capítulo, Paulo discorre sobre as grandes tribulações e dificuldades pelas quais ele e seus companheiros passaram na Ásia.

Irmãos, não queremos que ignoreis a tribulação pela qual passamos na Ásia, porque foi muito acima das nossas forças, de tal modo que chegamos a desesperar da própria vida. Na verdade, tínhamos sobre nós a sentença de morte, para que não confiássemos em nós mesmos, mas, em Deus, que ressuscita os mortos (2Co 1.8,9).

Dessa fraqueza surgira uma nova força, nova confiança, coragem e a paz que vem da confiança em Deus, e não em nossas próprias capacidades. Contudo, este não é o único fruto que brotou das lágrimas de Paulo. Ele disse a seus leitores que “o Deus de toda a consolação [...] que nos consola em toda a nossa tribulação com que nós mesmos somos consolados por Deus” (2Co 1.3,4). Só porque Paulo sofreu é que ele pôde receber o consolo divino, “uma manifestação concreta da graça de Deus, uma intervenção divina”,¹³ que em outro lugar aparece como “a paz [...] que excede todo o entendimento” (Fp 4.7). Somente os problemas podem fazer com que confiemos em Deus de tal modo que deflagre a vinda do seu consolo. E esse consolo é o Espírito Santo que enfatiza no coração as declarações e promessas da sua Palavra, de modo a fazer com que a presença, o amor e o poder de Deus se tornem reais para nós (cf. Jo 16.12-14). Contudo, quando recebemos essa consolação, não devemos guardá-la para nós apenas. “Se somos atribulados, é para vossa consolação, a qual produz perseverança, para que suportéis as mesmas aflições que nós também sofremos (2Co 1.6). Paulo poderia prosseguir e chegar à conclusão de que uma das razões pelas

quais coisas ruins acontecem a ele se deve ao fato de que Deus pode usá-lo na vida de outros, ajudando-os a encontrar o mesmo consolo divino que muda a vida, depura e é enriquecedor. Das fraquezas de Paulo veio a força e não apenas para ele, mas para muitos outros.

Depois, em 2Coríntios 4.8,9, Paulo trata do assunto mais profundamente e explica como a tristeza pode produzir alegria sob a mão de Deus. Disse ele: “Sofremos pressões de todos os lados, mas não estamos arrasados; ficamos perplexos, mas não desesperados; somos perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos”. De onde vem tamanha tenacidade?

Por isso não nos desanimamos. Ainda que o nosso exterior esteja se desgastando, o nosso interior está sendo renovado todos os dias. Pois nossa tribulação leve e passageira produz para nós um eterno peso de glória, acima de toda comparação, de valor eterno, pois não fixamos o olhar nas coisas visíveis, mas naquelas que não se veem; pois as visíveis são temporárias, ao passo que as que não se veem são eternas (2Co 4.16-18, ESV)

Embora externamente seu corpo estivesse envelhecendo e “se desgastando”, interiormente, porém, ele estava sendo renovado e se fortalecendo a cada dia, principalmente, *através* de suas aflições. Sabemos alguma coisa das “leves” tribulações de Paulo a partir da lista por ele compilada em 2Coríntios 11.23-29. Entre outras coisas, encontramos ali prisões, açoites públicos (ao menos cinco deles) e espancamentos. Eram apenas “momentâneos” e “leves” em comparação com a glória eterna e infinitamente sólida que ele sabia que o aguardava.

Contudo, há dois motivos pelos quais ele nunca desanimou em face dos sofrimentos. Um deles é que os sofrimentos o estavam *renovando*. Eles o estavam transformando em alguém mais semelhante a Cristo, que encontrava em Deus sua alegria, sua paz no amor de Deus, seu significado no chamado divino. Mais e mais seu coração estava ancorado nas coisas que não podiam ser abaladas ou tomadas dele. Ele estava crescendo em amor, alegria, paz, paciência, humildade, autocontrole e no fruto do Espírito (Gl 5.22,23), e nada fazia crescer mais essas coisas em seu interior do que suas aflições e o conhecimento de si mesmo e a confiança em Deus que produziam.

Além disso, porém, essas coisas o estavam *preparando* para esse futuro, a glória eterna. A palavra traduzida como “preparando” não significa que os sofrimentos conquistam a glória. Pelo contrário, trata-se de uma palavra que indica um processo de cultivo, um meio pelo qual alguém é cada vez mais bem preparado para experimentar e receber alguma coisa. Paulo está dizendo que seus sofrimentos não apenas o estão fortalecendo interiormente agora, mas o estão preparando para uma alegria e uma glória inimagináveis. Como assim? O próximo versículo nos dirá. A renovação e a preparação acontecem quando olhamos não para as coisas que se veem, mas para “aquelas que não se veem”.

Isso nos remete ao que Paulo diz em 2Coríntios 3.18, isto é, pela fé, não com nossos olhos literais (cf. 2Coríntios 5.7), podemos apesar de tudo contemplar “a glória de Deus na face de Jesus Cristo” ao meditarmos em tudo o que ele fez por nós no evangelho (2Co 4.6, ESV). E, quanto mais admiramos e adoramos sua beleza e sua glória, tanto mais isso nos transforma “gradativamente à sua imagem gloriosa” (2Co 3.18, ESV). Ao fazê-lo em meio ao sofrimento, olhando não para o que se vê (onde o mal

está), mas para a grandeza e a glória de Cristo e para o que ele tem feito por nós, isso nos transforma em sua imagem. Faz brotar uma alegria interior que não se baseia na mudança de circunstâncias.

Vimos como John Owen analisou essas passagens de 2Coríntios dizendo que é possível ter uma “visão de fé” da glória de Jesus aqui e agora. John Owen teve no mínimo tantas aflições na vida quanto Paulo. Ele teve onze filhos e sobreviveu a todos, bem como à sua primeira mulher. Na “Grande Expulsão” de 1662, Owen, juntamente com outros ministros puritanos, foi demitido de sua igreja e de seu emprego. Em todas as suas tribulações, foi sustentado pelas promessas de 2Coríntios 3 e 4. Ele viu que suas fraquezas o levaram a orar, no que encontrou prazer e alegria que de outro modo jamais teria encontrado. Disse ele: “Se estivermos satisfeitos com ideias vagas a seu respeito, veremos que nenhum poder transformador nos será comunicado. Quando, porém, apegamo-nos a ele de todo o coração e nossa mente se enche de pensamentos a seu respeito e [...] nos deleitamos [...] nele, então, o poder espiritual fluirá dele purificando nosso coração, aprofundando nossa santidade, fortalecendo nossas virtudes e, por vezes, enchendo-nos de alegria inexprimível e cheia de glória”.¹⁴

Aqui há, de fato, alegria que nasce da tristeza. Owen sabe que esta é a promessa do Salmo 126. E acrescenta: “Nenhum pensamento sobre Cristo, portanto, que proceda da fé e esteja acompanhado de amor e deleite, se perderá. Os que semeiam esta semente retornarão com seus feixes”.¹⁵

Meu poder se aperfeiçoa na fraqueza

Perto do fim dessa carta, Paulo insistiu que não apenas a tristeza produzia maior alegria, e a fraqueza dava maior força, como também que não havia outra maneira de se obter tais coisas. O apóstolo fez referência a uma

realidade crônica e dolorosa em sua vida, seu “espinho”, e de como ele havia pedido a Deus que o removesse. Deus, porém, lhe dissera: “A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2Co 12.9). Olhando em retrospectiva, Paulo se deu conta de que seu sofrimento era a única coisa que o impedia de ser “arrogante” (v. 7), e que a humildade interior, a sabedoria, a alegria e a força são inacessíveis, exceto através de experiências de fragilidade que finalmente nos levam a depender da graça de Deus.

Portanto, da tristeza pode brotar a alegria e da fraqueza, força. Que ótima ideia! Mas como Paulo tinha certeza de que isso funcionaria? Ele nos diz bem no meio do capítulo 2 de 2Coríntios. Depois de expor todas as suas tribulações, o apóstolo diz que ele e seus companheiros de ministério

[trazem] sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo. Pois nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nosso corpo mortal. De modo que em nós atua a morte, mas em vós, a vida [...] *Sabemos que aquele que ressuscitou o Senhor Jesus também nos ressuscitará com ele e nos apresentará convosco* (2Co 4.10-14, ESV).

O princípio da alegria produzida pela tristeza e da força pela fraqueza funciona porque Jesus ressuscitou dos mortos. Segundo Paulo, como a ressurreição de Jesus aconteceu, o sentido da história é precisamente o de que a redenção brota da injustiça; e a vida nasce da morte.

A resposta para o cristão é muito mais clara do que fora para o salmista. No evento central da história do mundo, o sofrimento de Jesus não abriu caminho apenas para a alegria: ele a produziu. Sua agonia e suas lágrimas

foram substitutivas. Ele tomou sobre si nosso castigo. Assim, suas lágrimas foram a semente derradeira em meio a lágrimas e produziram a colheita derradeira em meio à alegria. Suas lágrimas e seu sangue nos redimiram. Ao nos lembrarmos delas e do seu sofrimento, choramos e nos entristecemos, mas de outra maneira.

Não nos entristeceremos em meio à culpa não resolvida. (“Sei que, apesar de estar sofrendo, Deus não me abandonou, uma vez que Jesus foi abandonado *em meu lugar* na cruz”).

Não nos entristeceremos imersos na autocomiseração e na ira. (“Sei que ele suportou tristeza muito maior do que eu jamais experimentarei, e o fez sem merecer, e tudo por mim! Portanto, sou capaz de suportar este sofrimento muito menor por ele”).

Não nos faltará paciência em nosso sofrimento. (“Sei que seu sofrimento e morte não fizeram sentido para seus seguidores, e meu sofrimento não faz sentido para mim. Contudo, o Senhor estava trabalhando nele para que houvesse alegria e redenção e, de algum modo, sei que está trabalhando nisso”). É olhando como suas lágrimas produziram alegria que seremos capazes de evitar que nossas aflições nos esmaguem, nos deixem amargurados e nos destruam. Por isso, nossas tristezas produzirão em nós caráter, paciência, humildade, amor e sabedoria (cf. Rm 5.1-5).

Assim como a fraqueza e a vergonha de Jesus são o único caminho para a verdadeira força e glória, assim também nosso arrependimento e a admissão da culpa e do pecado constituem a única maneira de chegarmos à confiança e à honra mais elevadas: o conhecimento de que em Cristo somos aceitos e de que o Senhor de tudo tem prazer em nós.

¹ Christopher Watkin, *Michel Foucault*, Great Thinkers Series (Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 2018), p. 81.

² Veja John Stott, *The message of the Sermon on the Mount: Christian counterculture* (Downers Grove: InterVarsity, 1978) [publicado em português por ABU sob o título *A mensagem do Sermão do Monte*]. O termo “contracultura” é tirado do subtítulo.

³ Ibidem.

⁴ Michael Wilcock, *The savior of the world: The message of Luke's Gospel*, The Bible Speaks Today (Downers Grove: InterVarsity, 1979), p. 86.

⁵ John Nolland, *Luke 9.21—18.34*, Word Biblical Commentary (Dallas: Word, 1993), v. 35b, p. 828.

⁶ David Foster Wallace, “Commencement address”, May 21, 2005, transcrição disponível em inglês: <https://web.ics.purdue.edu/~drkelly/DFWKenyonAddress2005.pdf>, acesso em: 23 ago. 2021 [disponível em português: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-liberdade-de-ver-os-outros/>, acesso em: 23 ago. 2021].

⁷ É impossível atribuir com certeza a autoria dessa declaração à figura histórica de Santa Teresa D'Ávila (1515—1582). No entanto, é bem conhecida e citada com frequência.

⁸ C. S. Lewis, “The New Men”, in: *Mere Christianity* (New York: MacMillan, 1958), p. 174-5 [publicado em português por Martins Fontes sob o título *Cristianismo puro e simples*].

⁹ Gregory. K. Beale, *Redemptive reversals and the ironic overturning of human wisdom* (Wheaton: Crossway, 2019), p. 118.

¹⁰ Ibidem, p. 120.

¹¹ William Goldman, “The Princess Bride”, in: *Four Screenplays with Essays* (New York: Applause Books, 2000), p. 324.

¹² Derek Kidner, *Genesis: an introduction and commentary* (Downers Grove: InterVarsity, 1967), p. 212 [publicado em português por Vida Nova sob o título *Gênesis: introdução e comentário*].

¹³ Paul Barnett, *The Second Epistle to the Corinthians*, The New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1997), p. 73.

¹⁴ John Owen, *The glory of Christ*, abrev. por R. J. K. Law (Edinburgh: Banner of Truth, 1994), p. 115.

¹⁵ John Owen, “The grace and duty of being spiritually minded”, in: W. Goold, org., *Works* (London: Banner of Truth, 1965), vol. 7: *Sin and grace*, p. 347.

CAPÍTULO 12

ESPERANÇA PARA O FUTURO



A pedra que os construtores rejeitaram, essa se tornou a pedra angular. Foi o SENHOR quem fez isso, e é maravilhoso aos nossos olhos (Sl 118.22,23)

Como é possível ter esperança em tempos de medo? Este livro está sendo escrito em meio a Covid-19, porém, muita gente acredita que há várias “crises monumentais” ocorrendo ao mesmo tempo.¹ A pandemia é uma só. Fazer com que o vírus deixe de ser uma grande ameaça à vida exigirá a superação de muitos obstáculos e pode levar anos, isso se não irromper outra pandemia antes que a atual desapareça. A globalização e a tecnologia só aumentam o perigo dessas epidemias. E ainda que este livro seja lido daqui a vários anos, quando os temores destes tempos provavelmente terão esmaecido, haverá outras épocas de crises adiante. Há recessões ou depressões econômicas cíclicas. Na maior parte das nações ocidentais, a polarização política se tornou mais intensa do que nunca e promete continuar assim durante décadas. Ondas de protesto contra injustiça racial e

apelos de mudança social nunca foram tão fortes. Contudo, conforme vimos, há pouco consenso em relação ao futuro.

Escrevo este livro com receio de que o sentimento de medo, pessimismo e ansiedade que nosso mundo passa atualmente não se dispersará tão cedo.

Ninguém pode viver sem esperança, mas como é possível ter esperança? Não é algo que diga respeito apenas ao indivíduo. Como pode uma sociedade viver sem esperança em relação ao seu futuro? Durante séculos, a cultura ocidental teve sempre muita esperança em relação ao futuro, uma fé muito concreta no progresso histórico que lhe tem sido de grande valia para a prosperidade de sua civilização. Recentemente, porém, essa esperança dá sinais de esmaecimento, e com sérios desdobramentos.

A ascensão da esperança cultural

Há tempos, os americanos creem que a geração seguinte à sua terá uma vida melhor, econômica, tecnológica, social e pessoal, do que a da geração anterior. Contudo, essa ideia de progresso histórico linear não existia na maior parte das demais culturas. Todas as culturas antigas, fossem elas chinesa, babilônia, hindu, grega e romana, tinham perspectivas diferentes. Para algumas, a história era cíclica; para outras, a história era um lento declínio de eras de ouro passadas.

O modelo cíclico era muito comum. De acordo com essa perspectiva, a história passava por ciclos rítmicos que desembocavam em uma conflagração e, em seguida, em um novo começo. A isso os gregos chamavam de *palingenesia*. A mitologia nórdica acreditava no Ragnarok, uma grande batalha futura em que muitos dos deuses e todos os seres humanos morreriam e aí então o mundo começaria novamente com um novo conjunto de deuses e uma nova raça humana. Para o confucionismo, o

mundo se recriava constantemente pela interação de duas energias primordiais, yin e yang. Muitos poetas da antiguidade, tais como Hesíodo e Ovídio, referiram-se à história humana como um longo declínio, de uma era de ouro a outra de prata e, assim por diante, até o presente.

A ideia de que a história está se movendo na direção de um progresso e de um aperfeiçoamento contínuos da condição humana simplesmente não existia.²

Foi então que surgiu o cristianismo. Conforme diz Robert Nisbet em seu livro *História da ideia de progresso*, os pensadores cristãos “deram à ideia de progresso um séquito grande e dedicado no Ocidente, bem como um poder absoluto que o conceito de outro modo não teria [na ausência das crenças cristãs] adquirido”.³ Os gregos achavam que o acúmulo do conhecimento humano levava a um aperfeiçoamento moderado e temporário da condição humana, mas apenas entre uma e outra conflagração. Os filósofos cristãos, porém, “eram favoráveis à ideia de progresso com novos atributos que estavam destinados a lhe dar uma força espiritual desconhecida de seus predecessores pagãos”.⁴

Esses novos atributos eram poderosos e duradouros. Os cristãos acreditavam na unidade da humanidade, que a raça humana estava se movendo rumo a um destino comum e glorioso. Eles não acreditavam em múltiplos recomeços do mundo. Criam que haveria um único julgamento final depois do qual todas as coisas seriam endireitadas. Esse ponto final maravilhoso era uma necessidade histórica, porque era o clímax de “um desvelamento que se deu ao longo de longas eras de um projeto presente desde o início da história humana” sob um Deus soberano que estava direcionando as eras todas para esse clímax. Por fim e, talvez mais importante, o cristão tinha uma “confiança no futuro que [era] [...] deste

mundo em sua orientação em comparação com o mundo *a seguir*". Ele não acreditava simplesmente no céu ou em uma vida depois da morte como em outras religiões. Diferentemente dos demais, o cristão esperava uma "era de ouro de felicidade *na terra* [...] em que o Cristo ao retornar seria soberano".⁵

Foi somente no mundo ocidental, portanto, que a ideia de progresso histórico deitou raízes profundas e animou o pensamento e a vida das pessoas.

O estágio crucial seguinte na história da ideia de progresso aconteceu no Iluminismo europeu, quando a esperança cristã se secularizou. A partir de cerca de 1750 a 1790, muitos dos principais pensadores da cultura ocidental se afastaram da religião de modo geral e do cristianismo em particular. Contudo, não se afastaram da crença no progresso histórico. Pensadores tão diversos quanto o Marquês de Condorcet, Auguste Comte, Karl Marx, John Stuart Mill e Herbert Spencer começaram um processo de "secularização da ideia de progresso, distanciando-a de sua longa relação com Deus, fazendo dela um processo histórico ativado e mantido por causas estritamente naturais".⁶

Não demorou muito, a amputação da esperança histórica do contexto da crença cristã pareceu fortalecer tal esperança. A Bíblia ensinava que a história estava sob o controle de Deus, e que ele a estava guiando para um fim de completa paz e justiça, alegria e vida. Ela não ensinava, porém, que as sucessivas gerações experimentaríamos mais prosperidade, paz, conforto e bem-estar do que as gerações anteriores. A natureza "linear" da esperança cristã não é uma sucessão contínua de eras cada vez melhores. A versão secularizada da esperança histórica, porém, prometia exatamente isso.

Talvez, o clímax da ideia secular de progresso tenha sido alcançado no pensamento de três personagens do século 19. Para Georg Wilhelm Friedrich Hegel, a história do mundo consistia em uma série de grandes estágios ascendentes. Todo estágio novo decorria de uma síntese de forças concorrentes da era anterior. Quando duas forças conflitivas de uma era se reconciliavam, davam origem a uma nova era relacionada com o passado “assim como o homem está relacionado à criança e a planta à semente”.⁷ Para Karl Marx, a história também se movia inevitavelmente na direção de mais justiça para contingentes maiores de pessoas através da luta de classes entre os trabalhadores (o proletariado) e os proprietários (a burguesia). Por fim, Charles Darwin ensinava que todas as formas de vida estavam progredindo através da adaptação biológica. Fazia sentido inferir dessa ideia (conforme fez a maior parte das pessoas na época) que a sociedade estava evoluindo e se tornando cada vez melhor.⁸

E, assim, as sociedades ocidentais entraram no século 20 com uma esperança confiante na história. As pessoas acreditavam que o futuro seria melhor do que o passado e que a vida seria melhor para seus filhos do que fora para seus pais.

A perda da esperança cultural

Desde o começo do século 20 até o presente, a ideia secular de progresso está em declínio. Nisbet disse que a esperança secular da história se baseara em várias premissas, dentre elas a “convicção de nobreza e até mesmo de superioridade da civilização ocidental”, bem como a “fé na razão e no tipo de conhecimento científico e especializado que só pode provir da razão”.⁹ Tais crenças, porém, foram dolorosamente testadas desde o começo do século.

O período de 1900 a 1950 testemunhou não apenas duas guerras mundiais, mas uma gripe pandêmica de alcance mundial e a Grande Depressão. Foram coisas que o progresso da razão humana e o progresso da civilização ocidental deviam ter sido capazes de deter, mas não conseguiram. Muitos pensadores iluministas haviam se voltado para a ciência e se distanciaram da religião porque, assim se acreditava, a fé religiosa levava ao dogmatismo, a disputas, guerras e violência. Através da razão e da ciência, chegaríamos ao consenso de como viver uma vida boa juntos. Os pensadores iluministas acreditavam que fazer guerras, explorar raças e classes era simplesmente irracional, e que todos os que fossem sensatos entenderiam isso e estariam de acordo. Contudo, depois de duas guerras mundiais e de episódios reiterados de genocídio étnico, ficou claro que a razão e a ciência não eram capazes de mudar o que quer que fosse na natureza humana, que levava à violência e à opressão.

A perda de fé na ideia secular de progresso resultou, para alguns, em duas guerras mundiais. H. G. Wells, escritor britânico renomado, escreveu *A short history of the world* [Uma breve história do mundo] em 1922. A Primeira Guerra Mundial já havia abalado a fé de muitos, mas Wells mantinha a esperança na razão e na ciência ao dizer que a mesma ciência que nos dera a capacidade de destruir uns aos outros também nos daria a capacidade de usar esses poderes para promover a paz e a justiça.

A ciência dotou [a humanidade] de poderes tais que ela jamais tivera antes. E o método científico do pensamento destemido, da afirmação totalmente lúcida e do planejamento criticado à exaustão, que lhe deu esses poderes incontroláveis, lhe dá igualmente a esperança de controlá-los [...] Por enquanto, mal ingressamos nos primeiros instantes da aurora da grandeza humana [...] Alguém duvida de que

no presente nossa raça irá além da concretização das nossas mais ousadas imaginações, de que ela alcançará paz e unidade, de que [...] os filhos do nosso sangue e vida viverão em um mundo de maior esplendor e encanto do que qualquer palácio ou jardim que conhecemos, indo de força em força em um círculo cada vez mais amplo de aventura e realização?¹⁰

Wells põe de lado o fiasco da ciência e da razão que não conseguiram evitar a Primeira Guerra Mundial dizendo que a solução é simplesmente mais método científico. Ele termina o livro com a passagem lírica acima, que expressava perfeitamente a fé secular na razão e bondade humanas e, portanto, no progresso inevitável.

Por volta de 1939, porém, Wells havia finalmente começado a perder a fé à luz do que ele via como evidências avassaladoras contra ela:

A destruição injustificável de casas, a caça implacável de pessoas decentes enviadas para o exílio, o bombardeio de cidades desprotegidas, o massacre, a mutilação a sangue frio de crianças e de indivíduos pacíficos e indefesos, estupros e humilhações obscenas e, principalmente, o retorno deliberado e organizado da tortura, do tormento e do pavor mentais a um mundo do qual tais coisas pareciam ter sido praticamente banidas, por pouco não me deixam alquebrado o espírito.¹¹

Em 1945, pouco antes de sua morte em agosto daquele ano, Wells escreveu seu último opúsculo, *Mind at the end of its tether* [A mente no limite da paciência]. A maior parte dos horrores da Segunda Guerra Mundial, entre eles o lançamento da bomba atômica e as mortes nos campos de concentração nazistas, ainda não tinham vindo à luz quando

Wells escreveu esse ensaio. Contudo, o que o preocupa no livro é que a humanidade falhara como espécie mais elevada do planeta e que o futuro seria sinistro durante muitos séculos até que outra espécie tomasse nosso planeta. “Uma série de eventos impõe ao observador a constatação de que a história humana já chegou ao fim e que o *homo sapiens*, conforme ele gosta de chamar a si mesmo, [...] saiu de cena [...] Ele tem de dar lugar a outro animal mais bem adaptado para enfrentar a sina que se abate cada vez mais rapidamente sobre a humanidade”.¹²

Embora não tenha ocorrido nenhuma Terceira Guerra Mundial, em meados do século crescia o ceticismo em relação à ideia de progresso. A literatura se tornou mais sombria no tocante às perspectivas humanas, conforme se observa na obra de autores existencialistas como Jean-Paul Sartre e Albert Camus, cujo romance *A peste* descreve a decadência da vida humana na direção de uma derrota sem fim na luta contra a morte.

Surge no início dos anos 1960 uma nova escola de pensamento conhecida como “pós-estruturalismo” ou “pós-modernismo”. Talvez o melhor resumo da guinada pós-moderna entre os intelectuais ocidentais seja a obra de Jean-François Lyotard *A condição pós-moderna*. Lyotard diz que nossa era não aceita mais “metanarrativas”, “os grandes discursos” que se propõem não apenas a explicar tudo o que acontece, mas também a dar respostas a todos os nossos problemas. Para Lyotard, a metanarrativa fundamental da cultura ocidental se traduz na emancipação pela ciência, porém, diz ele acertadamente, embora essa narrativa possa tomar uma forma liberal que leve ao socialismo e uma forma conservadora que leve ao fascismo, o século 20 mostrou que se trata, seja de que modo for, de um fracasso.¹³

Lyotard, porém, não parou na esperança secular de progresso científico. Ele criticou em seguida a crença no progresso de qualquer tipo e disse que se tratava apenas de uma forma que as pessoas investidas de poder tinham para mantê-lo. “O Estado recorre à narrativa da liberdade todas as vezes que assume o controle direto do treinamento das ‘pessoas’ [...] com o objetivo de direcioná-las no caminho do progresso”.¹⁴ Era o que Nisbet também achava: “A mesma ideia de progresso inexorável e necessário que se vai desvelando, [...] poderia também servir aos fins do poder absoluto, utópico, político e racista”.¹⁵

Por exemplo, os liberais que assumem o controle da educação pública e insistem que todos deveriam ser capazes de se definir e de se expressar sexualmente estão impondo uma compreensão ocidental e individualista de identidade sobre os demais. Ao fazê-lo, marginalizarão as interpretações mais tradicionais de humanidade e sexualidade como “psicologicamente nocivas” e “socialmente opressivas”. O que é isso senão uma forte movimentação de poder por parte do Estado, enaltecendo grupos privilegiados e marginalizando grupos desprestigiados, tudo em nome do progresso científico? E, é claro, se fizermos tudo isso valendo-nos da ideia de que tal progresso histórico é inevitável porque a história está se movendo inexoravelmente nessa direção, disso se segue que nosso acúmulo de poder parece justificado. Estamos simplesmente acompanhando o fluxo do progresso.

Lyotard foi um pensador pós-moderno de toda uma geração de filósofos pós-modernos que enxergava atrocidades tanto à esquerda quanto à direita (p. ex., a União Soviética e a Alemanha nazista) tudo feito sob a reivindicação de progresso histórico. Michel Foucault, em obras como *História da loucura na era clássica* (1961) e *A ordem das coisas* (1966) rompeu

completamente com Hegel e Marx e seu progressismo. Para Foucault, não havia uma sequência de estágios ascendentes, mas uma série de rupturas em que uma nova era é diferente das anteriores, diferentes sobretudo em relação a quem tinha mais poder e quem tinha menos, mas não necessariamente melhor.¹⁶

Um renascimento da esperança?

Embora a maior parte dos acadêmicos e intelectuais do Ocidente estivessem perdendo a esperança no progresso histórico, havia uma espécie de renascimento do progresso em nível popular em duas áreas sociais em especial. A primeira delas se dava na esfera da política liberal. No decorrer das últimas duas décadas, muitos dos que estavam do lado esquerdo do espectro político haviam rejeitado o termo *liberal* e adotado o termo *progressista* para descrever a si mesmos. Especialmente os democratas nos Estados Unidos começaram a justificar suas políticas, ou sua oposição a certas políticas, com base em que havia um movimento irreversível da história na direção de sua visão de sociedade justa.

Em um discurso sobre terrorismo, o presidente Obama disse: “Meus compatriotas americanos, estou convencido de que seremos bem-sucedidos nessa missão porque estamos do *lado certo da história*”.¹⁷ Em um artigo para a *Atlantic* sobre esse uso, David Graham assinalou que Obama usara a expressão “lado certo da história” quinze vezes e “lado errado da história” pelo menos treze vezes. O ex-presidente Clinton usou as expressões “lado direito” e “lado errado” da história de vinte a trinta vezes, e sua equipe outras vezes mais. Políticos não usam esse tipo de linguagem a menos que tenham evidências que ela atrai as pessoas. Na extremidade esquerda do espectro político, a ideia de progresso histórico em direção a uma sociedade

mais livre e justa era em si mesma tranquilizadora. Líderes democráticos se referiam a políticas das quais não gostavam como “regressivas” e se referiam a pensadores de que gostavam como “à frente do seu tempo”.¹⁸ Essa linguagem procura reviver a crença secular, sem Deus ou sem qualquer influência divina, de que a história era inevitável, por si mesma, movendo-se na direção de maior liberdade, prosperidade e esclarecimento.

A outra área, além da política, que buscou reviver a ideia secular de progresso foi o mundo da tecnologia. Margaret O'Mara escreveu no *The New York Times* sobre “A igreja do tecno-otimismo”. Com isso ela se referia “à crença de que a tecnologia e os tecnólogos estão construindo o futuro [...] Coloque um computador em cada mesa e viabilize a comunicação em rede, acreditava [o Vale do Silício] e, assim, seria possível remediar os fracassos e as injustiças da sociedade”.¹⁹ Um levantamento das apresentações de marketing que as empresas de tecnologia fizeram de seus produtos revelará em numerosas declarações confiantes sobre “mudar o mundo” e inúmeras declarações desafiadoras de que as mudanças que estavam introduzindo seriam irresistíveis porque eram parte da trajetória inevitável do progresso.

Essas vozes, porém, são contestadas por muitos, não porque apontem para as guerras mundiais e o Holocausto, como se viu em meados do século, mas porque assinalam de que modo muitos de nossos problemas espinhosos atuais são *causados* pelo avanço da tecnologia. Um deles é a mudança climática que nos espreita. Outro é a perspectiva de que pandemias, velozes e destrutivas, são mais prováveis devido à globalização da economia por meio da tecnologia. E, se na próxima pandemia e em outras semelhantes que virão, a taxa de fatalidade for de 10%, em vez da taxa muito menor da covid-19?

No artigo, “O caso perturbador do otimismo tecnológico”, James Krier e Clayton Gillette ressaltam que a tecnologia moderna traz consigo mudanças tão velozes que seus efeitos nocivos só serão descobertos quando forem irreversíveis, e serão tão impetuosos que os resultados serão catastróficos. Carcinógenos e mudança climática são apenas dois exemplos dados pelos autores.²⁰ Críticos da tecnologia como Kara Swisher, do *The New York Times*, aponta outros perigos das mídias sociais e das “big tech”. Ela se diz frequentemente alarmada com o modo pelo qual as grandes empresas dizimaram o negócio de notícias e criaram uma situação cultural em que os cidadãos não sabem em quem acreditar. Além disso, criaram ferramentas que acabam completamente com a privacidade e criam um estado de vigilância, além de fazer com que muitas indústrias do varejo convirjam na direção de amontoar mais riqueza nas mãos de uns poucos.²¹

Assim, à medida que nos aproximamos do fim do primeiro quartel do século 21, apesar da retórica nos campos da política e da tecnologia, a perda cultural da esperança é palpável e crescente. Os filmes de ficção científica não nos dão mais cenários otimistas do futuro. Os jovens, ao entrar na fase adulta, têm menos probabilidade de se casarem, de ter filhos ou de votar. Todas essas coisas são indicadores de falta de esperança. Todos os estudos feitos com indivíduos da Geração Z mostram que eles estão muito mais pessimistas em relação ao futuro e a si mesmos do que as gerações mais velhas.

Harlow Shapley, cientista ilustre de Harvard falecido em 1972, listou cinco fatores que poderiam destruir a civilização ocidental:²² os quatro primeiros seriam guerra nuclear ou terrorismo, fome ou escassez de alimentos, catástrofe climática ou topográfica e pragas ou pandemias. Ele resalta que o avanço tecnológico nos ajudou apenas com a questão dos

alimentos, nas outras três áreas, conforme Krier e Gillette haviam predito, os avanços tecnológicos, na verdade, pioraram nossas perigosas perspectivas futuras.

É interessante observar que Shapley listou o “tédio” como quinto fator capaz de nos destruir. Nisbet explica que o tédio aumenta à medida que perdemos a esperança de progredir e se torna uma das coisas que corroem ainda mais o progresso. “Em outras palavras, esse estado mental [o tédio] está cada vez mais disseminado e há uma indiferença crônica em relação a valores, buscas, liberdades e obrigações ordinárias. O presente se torna uma cena constituída pelo absurdo, pelo irrelevante e demoníaco. E assim também o passado e, é claro, o futuro”. Nisbet acrescenta em seguida: “Conforme G. K. Chesterton escreveu [...], o resultado de não se crer mais em Deus não é que a pessoa não crerá em nada; é que ela crerá em qualquer coisa”.²³

Crítica da esperança secular

Por que a esperança secular no progresso, antes tão poderosa e uma força tão atuante em nossa cultura, fracassou? Havia duas falhas de projeto na ideia ocidental de progresso que a levaram à derrocada. Chamarei a primeira de problema da natureza humana, e à outra de problema do esquecimento derradeiro.

O primeiro é o problema da natureza humana. Para os progressistas ocidentais, à medida que o conhecimento crescesse, a vida melhoraria. Contudo, isso pressupunha que o ser humano usaria o conhecimento de modo adequado, para o bem de todos. A esperança secular do futuro supunha que os avanços no conhecimento jamais seriam usados para aumentar o poder e a riqueza de um grupo ou de uma nação à custa dos

demais. Havia o pressuposto de generosidade básica da natureza humana. H. G. Wells foi o principal avatar dessa premissa. Ele reconheceu que na Primeira Guerra Mundial os frutos do método científico foram usados para prejudicar outros. Que solução ele propôs? Um método científico mais rigoroso. Ele supunha que a violência da Primeira Guerra Mundial se deveu apenas a um comportamento irracional, uma falta de pensamento claro e racional e que o uso cada vez maior da razão e da educação resolveriam o problema. Não admira que a Segunda Guerra Mundial o tenha “alquebrado o espírito”, uma vez que a ideia que se tinha dos alemães é que eram cultural e cientificamente avançados, criadores da universidade voltada para a pesquisa moderna e, no entanto, recorreram ao seu conhecimento superior para destruir.

Uma maneira de revelar o equívoco da argumentação secular consiste em olhar para os horrores de Auschwitz e indagar “por que isso aconteceu?” Por que os nazistas fizeram o que fizeram?

Para H. G. Wells (pelo menos em 1922), os nazistas não seguiram o método científico e os ditames da razão humana. Essa resposta, porém, de que foram vítimas do pensamento irracional banaliza o mal do que aconteceu. Uma variação dessa mesma perspectiva básica é a de natureza marxista. Karl Marx acreditava que fôssemos produto de forças sociais, da estrutura de poder e que as pessoas se entregavam ao crime devido à injustiça sistêmica que as levava a agir daquela forma. Marx acreditava que o crime e a pobreza acabariam quando todos fossem igualmente donos dos meios de produção econômicos.²⁴ Insistimos, porém, que atribuir o genocídio em massa de Auschwitz a pessoas vitimadas por forças sociais é minimizar o mal ocorrido. De fato, é perder uma categoria para o mal humano.

Uma segunda resposta possível é que os nazistas eram simplesmente mais malignos do que as demais pessoas. Eram moralmente inferiores aos outros. *Nós* seríamos bons e decentes demais para fazer coisa parecida. Eles estão, portanto, abaixo de nós, são subumanos. No entanto, logo que tais palavras são pronunciadas, nós nos damos conta de que foi exatamente dessa maneira que os nazistas justificaram o massacre dos judeus. Eles os desumanizaram mentalmente, viam neles seres inferiores, um grupo perverso de pessoas e com isso legitimavam a violência imposta a eles. Tão logo dizemos que os criminosos de Auschwitz são moralmente inferiores a nós, começamos o mesmo processo de desumanização que os levou a excluir, a marginalizar e a destruir os judeus.

A única resposta viável a essa pergunta é esta: Auschwitz aconteceu por causa de alguma coisa profundamente errada com a natureza humana. Existe alguma coisa errada e deformada dentro de nós. Somos propensos ao egoísmo e capazes de enormes crueldades. Lord David Cecil resumiu esse defeito trágico quando disse depois da Segunda Guerra Mundial: “O jargão da filosofia do progresso nos ensinou a pensar que o estado selvagem e primitivo do homem ficou para trás [...] Contudo, a barbárie não ficou no passado; ela está dentro de nós”.²⁵

Uma versão em forma de romance desse veredito aparece no livro de William Golding, publicado depois da Segunda Guerra Mundial, *O senhor das moscas* (1954). Trata-se da história de um grupo de estudantes britânicos que ficam retidos em uma ilha desabitada. Romances anteriores como *A ilha de Coral* (1957), que ainda se norteava pelas premissas otimistas da esperança secular, contava a história de um naufrágio em que alguns jovens se salvam e criam uma espécie de paraíso idílico longe das influências malélicas da sociedade. Golding, que alude explicitamente à *Ilha de Coral*

em seu romance, pinta um quadro totalmente distinto. Os jovens em sua história descambam para o tribalismo e a violência, matam-se e caçam uns aos outros. O romance era uma refutação à visão de Jean-Jacques Rousseau, que por muitos anos predominou no Ocidente, segundo a qual somos puros e bons; é a sociedade que nos corrompe, ensinando-nos a exploração. Não, diz Golding, o mal que vemos na sociedade é produto do que já se encontra em nossa natureza. Se começarmos uma nova sociedade do zero, traremos mesmo assim a corrupção dentro de nós.

C. E. M. Joad era socialista, ateu, professor de filosofia e convidado frequente de *Brain Trust*, programa de rádio da BBC que foi ao ar durante a guerra. Ele se converteu a Cristo depois da Segunda Guerra Mundial. Em seu livro, *Recuperando a fé*, o autor descreve como ele e seus colegas explicavam o mal no comportamento humano recorrendo a Marx ou a Freud. A crueldade humana era um “desajuste” psicológico e sociológico. Em seus círculos intelectuais, evitavam-se diligentemente palavras como “mal, pecaminoso e perverso” e se recorria, em vez disso, a descrições como “comportamento desajustado” ou “instinto agressivo”. O ser humano poderia ser reabilitado e afastado do comportamento egoísta e cruel se mudássemos simplesmente suas circunstâncias. Em pleno acordo com Rousseau ou Marx, Joad acreditava que se pegássemos um homem e o “colocássemos em um ambiente sadio [...] fazendo com que se sentisse importante, mas não importante demais, evitando-se oprimi-lo ou limitá-lo, evitando cuidadosamente de inculcar nele sentimentos de culpa ou de inferioridade, ele se tornará [...] um adulto sadio, alegre, eficaz, equilibrado e intrépido”.²⁶

Joad diz que essa perspectiva, “tão presente no pensamento moderno”, não foi capaz de preparar ninguém para a Segunda Guerra Mundial. A visão moderna da maldade humana que ele “adotara impensadamente

quando jovem” talvez fosse plausível nos “primeiros catorze anos deste século em que [...] a condição da humanidade parecia estar melhorando”, mas agora essa visão da bondade, da razão e do progresso humanos havia “se tornado completamente implausível em razão dos eventos dos últimos quarenta anos”.²⁷ Ele se dera conta de que a ciência não havia melhorado o ser humano; melhorara apenas sua capacidade de conseguir o que desejava. “A ciência [...] não é um fim; é um meio para a promoção dos desejos do homem”.²⁸

Por fim, Joad faz uma observação pessoal:

Foi por termos rejeitado a doutrina do pecado original que nós, à esquerda, sempre nos decepçionamos; nos decepçionamos com a recusa das pessoas de agirem pela razão [...] com o fracasso do advento do verdadeiro socialismo, com o comportamento das nações e dos políticos [...]e, sobretudo, com o fato recorrente da guerra.²⁹

Em suma, a ideia secular de progresso partia do pressuposto de que as barreiras ao progresso que tinha a raça humana estavam fora de nós, por isso só precisávamos de um bom conhecimento tecnológico, de educação e de políticas sociais para controlar o mundo natural e vencer as doenças, a fome, a guerra a pobreza, o racismo e a depressão. Contudo, a história tem nos mostrado que o aumento do conhecimento pode ser usado de maneiras terríveis para piorar nossa situação, porque a maior barreira ao progresso, na verdade, está dentro de nós.

Há um segundo problema muito sério com a ideia secular de progresso. A ideia cristã original de progresso histórico era que a história estava se movendo não apenas para um fim, mas para uma coisa boa além da história. O mundo renovado por Deus será a culminação e a realização de

todas as melhores aspirações e esperanças humanas ao longo da história. Contudo, a ideia secular de progresso não acredita em nada além deste mundo material. Isso significa não apenas que quando morremos como indivíduos não vamos para lugar nenhum, mas também que a civilização humana desaparecerá no futuro sem deixar vestígios. Em outras palavras, a esperança secular diz respeito a um progresso decididamente temporário. Ele pressupõe que o destino de fato da história humana é o esquecimento completo.

C. S. Lewis escreveu em 1948 um breve ensaio, “Vivendo em uma era atômica”, quando pairava no horizonte a possibilidade de uma guerra nuclear. Ele disse que muita gente tinha medo de que a bomba atômica pudesse “destruir totalmente a civilização”. Sua resposta foi: “Quais eram suas perspectivas sobre o futuro derradeiro da civilização *antes* da bomba atômica? Em que você achava que todo esse esforço da humanidade acabaria resultando no fim das contas? A verdadeira resposta é conhecida de quase todos os que têm algum conhecimento de ciência [...] A história toda vai acabar em nada”.³⁰ Ele acrescentou: “Se a natureza for tudo o que existe, isto é, se não há Deus e nenhuma vida de um tipo bem diferente em algum lugar fora da natureza”, disso se segue que a civilização humana acabará morrendo com a morte do sol, e desse modo a humanidade nada mais terá sido do que “uma cintilação acidental [...] infinitesimalmente diminuta em relação aos oceanos de tempo morto que a precede e continua depois dela [...] e não haverá nem mesmo alguém que se lembre dela”.³¹

Brian Greene, em seu livro *Until the end of time: mind, matter, and our search for meaning in an evolving universe* [Até o fim dos tempos: mente, material e nossa busca por sentido em um universo em evolução], tem a mesma mensagem. O autor, diferentemente de Lewis, é um homem

secular, porém, sua mensagem é a mesma. Como é possível viver uma vida com sentido se sabemos que a vida humana é um vislumbre fugaz na história do universo e que nada que façamos aqui, de bom ou de ruim, não fará diferença alguma no final? Greene se lembra de Alvy Singer, de nove anos de idade, do filme *Noivo neurótico, noiva nervosa*, que ao se dar conta de que o universo entrará em colapso e toda a civilização humana será destruída, decide que não há razão alguma para fazer o dever de casa. É claro que a ideia é fazer o público rir nessa parte do filme, mas Greene não deixa barato assim para nós. Para ele, não há do que rir aqui. Greene argumenta que se você soubesse que ia morrer amanhã, não há dúvida de que fazer o dever de casa não teria sentido algum. E se soubéssemos que o mundo estava a ponto de ser incinerado, isso faria com que tudo o que consideramos importante, arte, política, formar uma família, perdesse o sentido e fosse vão. Em seguida, Greene diz que “se a morte imediata da humanidade torna a vida sem sentido, o mesmo será verdade ainda que o fim esteja muito distante”.³² Tentamos nos consolar com a “transcendência simbólica”, a ideia de que aquilo que fazemos perdura em nossas obras ou na vida dos nossos filhos. Contudo, a realidade é que, no fim, quer vivamos uma vida de bondades ou de crueldades, isso não fará diferença alguma no final. Saber do esquecimento final, ainda que de modo contido, penetra em nós e nos rouba o sentido da vida. Se Foucault estiver certo, a vida se move bruscamente de uma dissociação à outra, ela não melhora nunca, até que termina com nosso sistema solar, ou antes disso, com algum desastre climático ou nuclear. De fato, a história “[é] contada por idiotas, cheia de fúria e muita barulheira, que nada significa”.³³

O que Greene e Lewis estão querendo dizer é que se este mundo material é tudo o que há, no fim das contas todos os nossos amores, pessoas

e realizações nada significarão. Lewis, porém, diferentemente de Greene, quer nos fazer chegar a essa conclusão para que a questionemos. Ele diz:

Você não pode mais desfrutar seriamente da música se sabe e se lembra, que o ar de importância que ela ostenta é pura ilusão, que você gosta dela só porque seu sistema nervoso está condicionado irracionalmente a gostar dela. Você ainda poderá, em um sentido menos exigente, “divertir-se” [...] [mas] será forçado a sentir a desarmonia desesperadora entre suas emoções e o universo em que realmente vive.³⁴

Quando Lewis fala de desarmonia entre nossas emoções e a perspectiva que temos do universo, ele quer nos fazer ver que a visão de mundo secular não é, na verdade, algo a que, bem lá no fundo, alguém possa se apegar. Ele nos lembra de que, se tudo dentro de nós tem uma causa material, então, o amor e até mesmo nossas convicções morais não passam de fato de um produto de forças biológicas que nos ajudaram a sobreviver. Contudo, será que alguém realmente crê nisso? Na verdade, alguém *pode* crer nisso? Lewis prossegue: “Não podemos, exceto no sentido animal mais básico, amar uma mulher se soubermos (e nos lembrarmos o tempo todo disso) que a beleza que há em sua pessoa e seu caráter constituem um padrão momentâneo e acidental produzido pela colisão de átomos e [...] pelo comportamento dos seus genes”.

O que Lewis está dizendo é que, na prática, ninguém pode viver consistentemente com a crença de que somos apenas matéria e que nosso final derradeiro é o esquecimento. Assim não há quem tenha esperança.

A menos que...

A menos que haja um Deus que tenha prometido guiar a história não a um fim, mas a um novo começo, a um mundo em que a morte e o mal serão por fim completamente destruídos e a paz e a justiça reinarão supremos, é para isso que aponta a ressurreição.

Recursos Cristãos para esperança cultural

O cristianismo oferece recursos sem paralelo de uma esperança cultural. Não estamos nos referindo no momento à esperança individual, esperança para a vida depois da morte. Estamos falando sobre esperança coletiva, esperança social, esperança para o futuro da sociedade, da raça humana, esperança de uma boa direção para a história. Como Nisbet e outros demonstraram, o cristianismo foi a fonte original da ideia de progresso histórico e de esperança. Desconectada dessa fonte, é compreensível que a sociedade ocidental esteja se tornando cada vez mais cínica e tediosa. Vejamos o que o cristianismo oferece e que pode renovar a esperança em nossa cultura. Os recursos que o cristianismo têm a oferecer à esperança são singulares em sua racionalidade, plenitude, realismo e eficácia.

A esperança cristã é racional

Em primeiro lugar, conforme discutimos com alguma profundidade no primeiro capítulo, há evidências históricas extraordinárias de que a ressurreição de Cristo aconteceu de fato. Isto faz da esperança cristã uma esperança diferente dos demais tipos.

N. T. Wright diz que a ressurreição de Cristo apresenta evidências que exigem uma explicação de historiadores e cientistas. Não se pode descartá-la simplesmente. Ele diz: “Até onde entendo o método científico, quando surge alguma coisa que não se encaixa no paradigma com o qual estamos

trabalhando, uma opção [...] é trocar o paradigma”. Não devemos excluir as evidências só porque nosso velho paradigma não dá conta delas; devemos incluí-las em um novo paradigma, “em um todo maior”.³⁵ Não apresentar outra explicação historicamente plausível para os relatos oculares e para a mudança revolucionária e súbita de visão de mundo de milhares de judeus não é ser mais científico; é ser menos.

Portanto, conforme diz Wright, a fé na ressurreição de Jesus “não é fé cega que rejeita a história e a ciência [ou] que [...] habita [...] um compartimento estanque”, um tipo de fé totalmente impermeável às realidades empíricas. Pelo contrário, “a fé no Jesus ressurreto dos mortos *transcende, porém inclui* o que chamamos de história e de ciência”.³⁶

Diversos tipos de progressismos creem que a história está se movendo na direção de maior liberdade individual, ou igualdade de classe, ou prosperidade econômica, ou paz e justiça oriundas da tecnologia. Contudo, ninguém pode submeter essas perspectivas a um teste. São esperanças do tipo “espero que sim”, crenças que não estão enraizadas na esfera empírica. A ressurreição de Cristo, porém, traz consigo evidências contundentes da esfera empírica e, embora exija fé, oferece uma esperança extremamente sensata e racional de que há um Deus que renovará o mundo.

A esperança cristã é plena

As religiões oferecem às pessoas uma esperança de vida depois da morte. Cada uma delas ensina a seu modo que nossa alma viverá no paraíso ou que nossa essência espiritual passará para a “alma de todas as almas” do mundo, ou que continuaremos em algum outro modo de existência espiritual. Portanto, embora o mundo físico termine no esquecimento, nós continuamos. Nossa cultura secular, em um contraste radical, é a primeira

na história a dizer a seus membros que *tanto* os indivíduos quanto a história mundial terminarão no esquecimento final. No fim das contas, vamos para o nada, tanto como civilização quanto como pessoas.

Outras religiões são, em última análise, “espiritistas” no sentido de que ensinam que a matéria não é importante e que, no fim, tudo o que existe haverá de existir no espírito. É claro que o secularismo é materialista na sua crença de que não há alma ou realidade sobrenatural, que tudo tem uma causa científica e física. O cristianismo difere de ambos. Ele não oferece simplesmente a perspectiva de um futuro totalmente espiritual no céu. A ressurreição de Jesus é *arrabon*, um pagamento à vista, e *parche*, primícias de uma ressurreição física futura em que o mundo material será renovado. Será um mundo em que habita a justiça, em que toda lágrima será enxugada, em que a morte e a destruição serão banidas para sempre, em que o lobo se deitará com o cordeiro — estas são formas líricas e poéticas de dizer que *este* mundo será reconstruído, renovado, liberto de sua escravidão à morte e à degeneração (Rm 8.18-23).

Nenhuma outra fé diz que não apenas seremos ressuscitados como indivíduos, como também o mundo material será renovado. E, assim, a sociedade humana está destinada não ao esquecimento final, mas ao objetivo por tanto tempo almejado da prosperidade, do amor, da justiça e da paz perfeitas. Essa esperança não é uma quimera, mas está fundamentada na história, cujo sinal é o Cristo ressuscitado. O Jesus ressurreto disse que não era “um fantasma” (Lc 24.39); nosso futuro não é uma existência etérea em algum outro mundo, mas uma existência renovada, ressurreta neste mundo.

É a esperança em sua plenitude. A ressurreição de Cristo nos promete não apenas algum consolo futuro para a vida que perdemos, mas a

restauração da vida que perdemos e infinitamente mais do que isso. Promete um mundo e uma vida que sempre desejamos, mas que nunca tivemos.

A esperança cristã é realista

A filosofia de Hegel influenciou fortemente o pensamento ocidental. Ele ensinou que a história se movia através de uma “dialética” em que, em cada era, forças em conflito chegavam a uma síntese nova e maior. Em outras palavras, na sucessão das eras, uma era sempre melhor do que a outra, portanto a história se movia de forma ascendente em uma série de passos ininterruptos. Conforme vimos no século passado, porém, tal ideia simplesmente não corresponde à realidade. O cristianismo oferece um destino infinitamente maior e mais maravilhoso para a história humana e a sociedade, mas o faz de forma realista.

Se olharmos para a morte e subsequente ressurreição de Jesus, veremos um modelo divino muito diferente. A Bíblia “nos oferece um paradigma para compreendermos a história do mundo que não se reduz à dialética hegeliana nem tampouco à sucessão disjuntiva de Nietzsche/Foucault [...] A Bíblia nos oferece uma versão não linear, em forma de “V”, da história, cujo padrão é a encarnação, morte e ressurreição de Jesus Cristo”.³⁷

Jesus veio à terra, porém, sua vida não foi uma série de passos ascendentes. Ele se esvaziou de sua glória, veio e morreu, contudo, seu declínio levou a uma ascensão ainda mais elevada, porque agora ele governa não apenas o mundo em geral, mas um povo salvo. Foi unicamente através do seu sofrimento e descida que ele pôde nos salvar e subir de novo. Esta não é a mistura hegeliana de forças iguais e opostas. Jesus não “sintetizou” a santidade com pecado ou vida com morte. Ele derrotou o pecado *através* da morte. Contudo, a vida e a carreira de Jesus não são a sequência aleatória de

rupturas descritas pelos pós-modernistas. Jesus passa pelas trevas para, no fim, nos conduzir a uma luz mais plena. A história *está* se movendo na direção de um destino maravilhoso, mas não em uma série de eras sucessivas cada vez melhores, de força em força. Não é assim que Deus opera.

Também não é assim que funciona a vida humana. Observa-se com frequência que é pela adversidade e pelas dificuldades que crescemos, que finalmente compreendemos as verdades a nosso respeito, que finalmente nos tornamos tudo o que deveríamos ser. Essa é uma verdade não apenas individual, mas também social. É “através de muitas tribulações que entramos no reino de Deus” (At 14.22, ESV).

A ideia secular de progresso era ingênua e irreal. É errado basear uma sociedade no pressuposto de que todas as gerações desfrutarão de maior prosperidade, paz e justiça do que a anterior. Contudo, a alternativa pós-moderna nos tira qualquer esperança. O cristianismo, porém, nos dá uma maneira não cínica, mas realista de entender a história.

A esperança cristã é eficaz

Por fim, a esperança cristã opera no nível da vida, no nível prático.

O Novo Testamento usa o termo *esperança* de duas maneiras. Quando se refere à esperança no ser humano e em nós mesmos, nossa *esperança* é sempre relativa, incerta. Se você faz um empréstimo a alguém, você o faz na esperança de que a pessoa lhe pague (Lc 6.34); se aramos a terra e debulhamos o grão, nós o fazemos na esperança de que haja colheita (1Co 9.10).³⁸ Escolhemos os melhores métodos e as práticas mais sábias para garantir que tenhamos o resultado que queremos. Insistimos com nós

mesmos e com outros que “tudo está resolvido” e sob controle. Mas não está. Essa é a esperança relativa do tipo “espero que sim”.

Quando, porém, o objeto da esperança *não* é um agente humano, mas Deus, então a esperança se torna confiança, certeza e plena segurança (Hb 11.1). Ter esperança em Deus não é ter um desejo incerto e ansioso de que ele confirmará nosso plano, mas reconhecer que ele, e somente ele, é digno de confiança, que tudo o mais nos decepcionará (Sl 42.5,11; 62.10) e que seu plano é infinitamente sábio e bom. Se creio na ressurreição de Jesus, isso confirma que há um Deus que é bom e poderoso, que faz das trevas brotar a luz, e que está pacientemente pondo em prática um plano para sua glória, para nosso bem e para o bem do mundo (Ef 1.9-12; Rm 8.28). Esperança cristã significa parar de apostar minha vida e minha felicidade na agência humana e descansar nele.

Como fazemos isso? Uma pessoa que receba um diagnóstico de câncer colocará com razão sua esperança nos médicos e no tratamento médico. Contudo, ela deve depender principalmente de Deus. Poderá ter certeza de que seu plano para ela é sempre bom e perfeito (Rm 8.28) e que o destino inevitável é a ressurreição. Se ela puser a esperança do seu coração sobretudo na medicina, um diagnóstico desfavorável será devastador. Contudo, se a esperança principal do seu coração estiver no Senhor, ela será como uma montanha que não pode ser abalada ou movida (Sl 125.1). Em Isaías 40.31, lemos que aqueles que “esperam no Senhor” não se entregam a uma expectativa ansiosa, mas sempre “renovam suas forças” e, inclusive, “subirão”. A esperança em Deus faz com que “[corramos] e não [nos cansemos]” e que “[caminhemos] e não nos fatiguemos”.

J. R. R. Tolkien explica a diferença entre resistência e esperança verdadeira em uma passagem do último volume de sua trilogia *O Senhor dos*

anéis. Sam Gamgee zela pela segurança de seu mestre, Frodo, durante uma jornada angustiante através de um campo mortal e maligno. A certa altura, ele salva Frodo de uma torre onde ele estava preso, simplesmente, através da força de vontade. Mais tarde, quando está quase adormecendo, ele vê uma estrela branca brilhando no céu:

Sua beleza arrebatou-lhe o coração, quando desviou os olhos da terra desolada, e ele sentiu a esperança retornar. Pois como um raio, cristalino e frio, invadiu-o o pensamento de que afinal de contas a Sombra era apenas uma coisa pequena e passageira: havia luz e uma beleza nobre que eram eternas e estavam além do alcance dela. A canção que cantara na torre fora mais um desafio que uma esperança, pois naquela hora pensara em si mesmo. Agora, por um momento, sua própria sorte, e até a de seu mestre, deixaram de preocupá-lo. Sam voltou às sarças e se deitou ao lado de Frodo e, deixando de lado todo o medo, mergulhou em um sono profundo e despreocupado.³⁹

Esse texto capta perfeitamente a diferença entre esperança relativa na agência humana e a esperança infalível em Deus. Na torre, Sam havia posto sua esperança em seu plano e sua destreza. Não há dúvida de que o estoicismo ou uma ira fenomenal pode nos fazer atravessar algumas crises, temporariamente. Contudo, a verdadeira coragem vem com o esquecimento de si mesmo com base na alegria. Vem da convicção profunda de que nós aqui na terra estamos encurralados temporariamente em um cantinho de trevas, mas que o universo de Deus é um lugar enorme de luz e de extrema beleza e que é, sem dúvida, nosso destino final. É assim por causa de Jesus. Ele estava de tal modo comprometido em nos levar a essa luz e beleza que perdeu toda a sua glória e felicidade e foi lançado nas profundezas para que

soubéssemos que “o choro pode durar uma noite, mas o cântico de júbilo vem de manhã” (Sl 30.5).

Jesus nos deu essa garantia através de sua morte e ressurreição. Quando essa segurança habita em nós, nosso destino imediato, a maneira pela qual a situação presente se resolverá, não pode mais nos inquietar. A resistência vem de olharmos para nós mesmos. A esperança vem de olharmos para ele.

¹ David Brooks, “America Is Facing 5 Epic Crises All at Once”, *The New York Times*, June 25, 2020, disponível em: www.nytimes.com/2020/06/25/opinion/us-coronavirus-protests.html, acesso em: 23 ago. 2021.

² Robert Nisbet, *History of the idea of progress* (New York: Basic Books, 1980), p. 10-46 [publicado em português por UnB sob o título *História de ideia de progresso*].

³ Ibidem, p. 47.

⁴ Ibidem.

⁵ Ibidem. Grifo meu.

⁶ Ibidem, p. 172.

⁷ Ibidem, p. 277.

⁸ Ibidem, p. 171.

⁹ Ibidem, p. 317.

¹⁰ H. G. Wells, *A short history of the world* (New York: J. J. Little and Ives, 1922), p. 426-7.

¹¹ H. G. Wells, “The fate of man”, in: *New Worlds for Old, the Fate of Man, Russia in the Shadows, Non-fiction Trio* (CreateSpace Independent Publishing Platform, 2017), vol. 3, p. 232. “The fate of man” foi publicado originalmente como *The fate of homo sapiens* (London: Secker and Warburg, 1939).

¹² H. G. Wells, *The last books of H. G. Wells: the happy turning: a dream of life and mind at the end of its tether* (Rhinebeck: Monkfish, 2006), p. 54.

¹³ Jean-François Lyotard, *The postmodern condition: a report on knowledge*, tradução para o inglês de G. Bennington and B. Massumi (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984). Veja o capítulo 9, “Narratives of the legitimation of knowledge” p. 31-7 [publicado em português por Editora José Olympio sob o título *A condição pós-moderna*].

¹⁴ Ibidem, p. 32.

¹⁵ Robert Nisbet, *History of the idea of progress* (New York: Basic Books, 1980), p. 318 [publicado em português por UnB sob o título *História de ideia de progresso*].

¹⁶ Para uma excelente síntese e avaliação de Foucault de uma perspectiva cristã por um professor de estudos franceses, veja Christopher Watkin, *Michel Foucault* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 2018).

¹⁷ David A. Graham, “The wrong side of ‘the right side of history’”, in: *The Atlantic*, December 21, 2015, disponível em: www.theatlantic.com/politics/archive/2015/12/obama-right-side-of-history/420462, acesso em: 23 ago. 2021.

¹⁸ Charles Taylor, *A secular age* (Cambridge, EUA: Belknap Press, 2007), p. 716-7 [publicado em português por Unisinos sob o título *Uma era secular*].

¹⁹ Margaret O’Mara, “The church of techno-optimism”, *The New York Times*, September 28, 2019, disponível em: www.nytimes.com/2019/09/28/opinion/sunday/silicon-valley-techno-optimism.html, acesso em: 23 ago. 2021.

²⁰ James E. Krier e Clayton P. Gillette, “The un-easy case for technological optimism”, *University of Michigan Law Review* 84 (1985): 405-29, disponível em: <https://repository.law.umich.edu/articles/928/>, acesso: 23 ago. 2021.

²¹ Um exemplo é Kara Swisher, “The Immunity of the Tech Giants”, *The New York Times*, May 1, 2020, disponível em: www.nytimes.com/2020/05/01/opinion/tech-companies-coronavirus.html, acesso em: 23 ago. 2021.

²² Robert Nisbet, *History of the idea of progress* (New York: Basic Books, 1980), p. 351 [publicado em português por UnB sob o título *História de ideia de progresso*].

²³ Ibidem.

²⁴ Para um exemplo dessa perspectiva, veja o discurso do advogado socialista Clarence Darrow aos prisioneiros da prisão de Cook County: “Crime and Criminals: address to the prisoners in the Chicago Jail” (discurso, 1902), Bureau of Public Secrets, disponível em: www.bopsecrets.org/CF/darrow.htm, acesso em: 23 ago. 2021.

²⁵ Citado por Dorothy Sayers, *Creed or chaos?* (New York: Harcourt, 1949), p. 39.

²⁶ C. E. M Joad, *The recovery of belief* (London: Faber and Faber, 1952), p. 61.

²⁷ Ibidem, p. 63.

²⁸ Ibidem, p. 74.

²⁹ Ibidem, p. 82.

³⁰ C. S. Lewis, “On living in an atomic age”, in: *Present Concerns* (London: Fount Paperbacks, 1986), p. 74.

³¹ Ibidem, p. 74–5.

³² Brian Greene, *Until the end of time: mind, matter, and our search for meaning in an evolving universe* (New York: Alfred A. Knopf, 2020), p. 321.

³³ William Shakespeare, *Macbeth*, ato 5, c. 5.

³⁴ C. S. Lewis, “On living in an atomic age”, in: *Present Concerns* (London: Fount Paperbacks, 1986), p. 76.

³⁵ N. T. Wright, *Surprised by Scripture: engaging contemporary issues* (New York: HarperOne, 2014), p. 61 [publicado em português por Ultimato sob o título *Surpreendido pelas Escrituras*].

³⁶ Ibidem.

³⁷ Christopher Watkin, *Michel Foucault* (Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 2018), p. 102.

³⁸ Gerhard Kittel, Gerhard Friedrich e Geoffrey William Bromiley, *Theological dictionary of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1985), p. 231.

³⁹ J. R. R. Tolkien, *The Return of the king* (1955; reimpr., New York: HarperCollins, 2004), p. 1148-9 [publicado em português por Martins Fontes sob o título *O retorno do rei*].

EPÍLOGO

A PEDRA ANGULAR E AS TREVAS

“A pedra que foi rejeitada tornou-se a pedra angular de todo um novo mundo”, Noel Paul Stookey (1977).

O texto de Salmos 118.21-23 usa uma metáfora notável que tem reverberado ao longo dos séculos:

*Eu te dou graças, pois me respondeste
e foste minha salvação.*

*A pedra que os construtores rejeitaram,
essa se tornou a pedra angular.*

*Foi o Senhor quem fez isso
e é maravilhoso aos nossos olhos.*

O salmo 118, a exemplo de vários outros salmos, é um chamado de Deus à salvação por um homem rodeado por uma série de inimigos (v. 11-14). Neste caso, os inimigos foram “construtores”, homens revestidos de poder em Israel, “os que fazem e acontecem”. Eles rejeitaram uma pedra, que talvez fosse o rei de Israel, ou o próprio Senhor, ou talvez a verdade da

Palavra de Deus. Isaías 28.15,16 faz referência a líderes e governantes que rejeitam a pedra “provada” em troca de um monte de mentiras.

Quando, porém, chegamos ao Novo Testamento, os apóstolos deixam claro que tudo isso eram prenúncios de Jesus Cristo (Rm 9.30-32), que foi rejeitado pelos governantes e pelos poderes que, em decorrência da sua rejeição e morte, tornou-se a pedra angular de uma nova casa espiritual viva em que habita o Espírito (1Pe 2.6-10; Ef 2.20). Esse templo vivo contém o poder da nova criação. Trata-se de uma humanidade contracultural, uma humanidade alternativa. Ela crescerá até que a terra toda esteja cheia da glória de Deus e seja renovada (Ap 21—22). A vindicação maravilhosa de Deus em Jesus, a pedra rejeitada, é a ressurreição, conforme Pedro deixou implícito em Atos 4.10.¹

Noel Paul Stookey escreveu em 1977 uma canção baseada nessa ideia poderosa: “A pedra que foi rejeitada se tornou a pedra angular de todo um novo mundo”.² Esse é o tema, resumidamente, deste livro e, conforme tenho dito, a essência da mensagem bíblica. Jesus traz sua salvação por meio da rejeição, da fraqueza e da tristeza. Contudo, não o faz apesar de sua fraqueza, mas através dela traz a presença do futuro e passa a edificar todo um novo mundo através de nós.

Está correta a interpretação de Stookey de que a mensagem da grande inversão, da luz que brota das trevas e da bênção que brota da maldição, é algo que pode nos sustentar em tempos sombrios de medo e de tristeza.

Quando teus sonhos estiverem sintonizados

E tua visão tiver voltado

Lembra-te, querido, tu estás protegido

Pela verdade que teu coração aprendeu.

A pedra que foi rejeitada

*Tornou-se a pedra angular de todo um novo mundo.*³

O evangelho não promete para nós que conquistaremos o mundo com nossa fé. Essa não é uma mensagem como a do hino que diz: “Avante, avante, ó crentes! Soldados de Jesus! Erguei seu estandarte, lutai por sua cruz!”⁴ Um hino mais em sintonia com a grande inversão seria este: “Não será pelo clangor de espadas em combate, nem pela comoção do rufar dos tambores, (mas) por atos de amor e de misericórdia que o reino do céu virá”⁵.

Outro lugar em que a Bíblia aponta para nós a esperança da ressurreição é o salmo 88, conhecido como o mais tenebroso dos salmos.

*Mas eu, SENHOR, clamo a ti por socorro,
e de madrugada dirijo a ti minha oração.*

*Por que rejeitas, SENHOR, a minha alma
e ocultas de mim o teu rosto?*

*Ando aflito e prestes a morrer desde moço;
sob o peso dos teus terrores, estou desorientado.*

*Sobre mim passou a tua ira;
os teus terrores acabaram comigo.*

*O dia todo eles me rodeiam como água;
a um tempo me circundam.*

*Para longe de mim afastaste os amigos e companheiros,
os meus conhecidos agora são as trevas (Sl 88.13-18).*

A maioria dos salmos consiste em lamentações e gritos de dor cujo desfecho traz ao menos uma nota de esperança. O salmo 88, porém, narra todas as tristezas do autor e sua morte iminente e termina dizendo que

Deus o abandonou e que “os meus conhecidos agora são as trevas” (v. 18). De fato, no meio do texto, o salmista indaga com verdadeira amargura: “Será que farás maravilhas para os mortos? Ou será que os finados se levantarão para te louvar?” (v. 10,11). Ele está desesperado. O Novo Testamento, porém, responde com a grande inversão. Os mortos se levantarão e louvarão? Sim! Tua bondade será declarada na sepultura? Sim, claro que sim!

Aqui está sua esperança.

Jesus foi verdadeiramente abandonado, de tal modo que você apenas sintase abandonado, mas não está. Quando Jesus Cristo estava no Jardim do Getsêmani e as trevas derradeiras aproximavam-se dele, e ele sabia que vinham, ele não o abandonou; ele morreu por você. Se Jesus Cristo não o abandonou quando passava por *suas* trevas pessoais, as trevas derradeiras, por que haveria de abandonar você agora, nas suas trevas?

Pode-se dizer verdadeiramente de Jesus Cristo que, na cruz, as trevas eram seu único amigo e, assim, ele pagou por nossos pecados, por isso, sabemos que em nossas trevas Deus continua presente, ele é nosso amigo. Ele não nos abandonou. Ele não vai aceitar dois pagamentos pela mesma dívida. Jesus pagou por nossos pecados, e agora ele nos ama.

Se você sabe, não se esqueça disso nunca, que a ressurreição está a caminho, jamais você estará em trevas absolutas. Conheço uma mulher muito doente e toda vez que alguém lhe diz: “Puxa, parece que você está sofrendo tanto; como se sente?” Ela sempre diz: “Nada que a ressurreição não cure”. Ela está certa. Se você sabe que a ressurreição está a caminho, é impossível que fique em trevas absolutas.

O autor de um comentário sobre o salmo 88 conclui com a seguinte observação: “Este salmo diz que o crente pode passar por trevas. Não

significa que ele esteja perdido. Pode acontecer a alguém que não mereça essas trevas; não quer dizer que a pessoa tenha se desviado. Pode acontecer a qualquer momento, enquanto houver mundo. Somente no mundo vindouro tais coisas desaparecerão. Elas podem acontecer sem que saibamos o porquê. Contudo, há respostas, existe um propósito e, no futuro, ele nos será revelado”.⁶

¹ A interpretação desses versículos se baseia na exegese e análise de Derek Kidner, *Psalms 73—150: an introduction and commentary*, Tyndale Old Testament Commentaries (Downers Grove: InterVarsity, 1975), vol. 16, p. 450.

² Noel Paul Stookey, “Building block” (song), 1977.

³ Ibidem.

⁴ S. Baring-Gould, “Onward, Christian soldiers” (hymn), 1609.

⁵ Ernest W. Shurtleff, “Lead on, o king eternal” (hymn), 1887.

⁶ Michael Wilcock, *The Message of the Psalms 73—150* (Downers Grove: InterVarsity, 2001), p. 65.

CONHEÇA OUTRAS OBRAS DE TIMOTHY KELLER



Os livros da série Explore as Escrituras...

- ... foram pensados para ser lidos lado a lado (literalmente) com a Bíblia;
- ... encorajam os leitores a ter um relacionamento mais profundo com a Escrituras;
- ... trazem uma página para anotações em cada estudo;
- ... trazem seções com aplicações para a vida e orientações para orar em resposta ao ensino;
- ... são escritos por autores renomados que ajudam os leitores a descobrir os tesouros da Palavra de Deus.

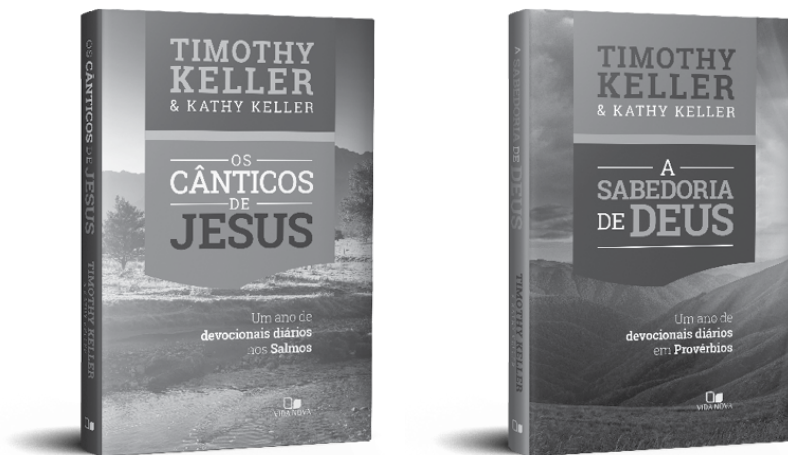


“SE VOCÊ CRÊ EM JESUS E DESCANSA EM SEUS BRAÇOS, O SOFRIMENTO ESTARÁ PARA O SEU CARÁTER ASSIM COMO O FOGO PARA O OURO.”

Explicar por que Deus permite dor e sofrimento no mundo é uma questão que tem exasperado o ser humano há milênios. Timothy Keller analisa essa questão mostrando que há sentido e razão por trás de nossa dor e sofrimento e defendendo o argumento forte e inovador de que essa parte essencial da experiência humana só pode ser superada pela compreensão de nosso relacionamento com Deus.

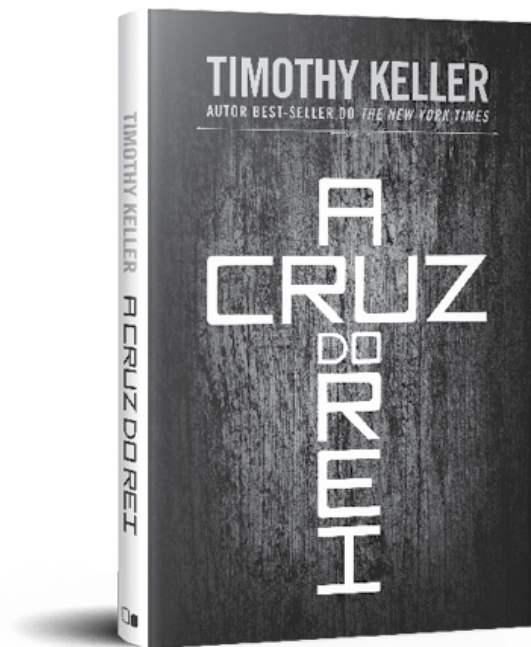


Esse livro oferece perspectivas bíblicas sobre questões prementes como: Qual é o propósito do trabalho? Como posso encontrar sentido e servir às pessoas em um ambiente de trabalho impiedoso e voltado para resultado? Como usar minhas habilidades em uma vocação que tenha sentido e propósito? Posso manter-me fiel a meus valores e ainda assim crescer profissionalmente? Como fazer as difíceis escolhas que devem ser feitas ao longo de uma carreira de sucesso?

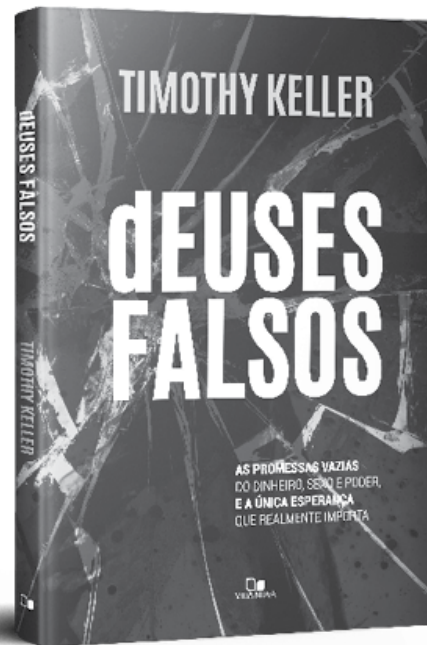


Salmos é o livro de cânticos das Escrituras. Jesus conhecia intimamente todos os 150 salmos e se valeu deles ao enfrentar várias situações, até mesmo a morte.

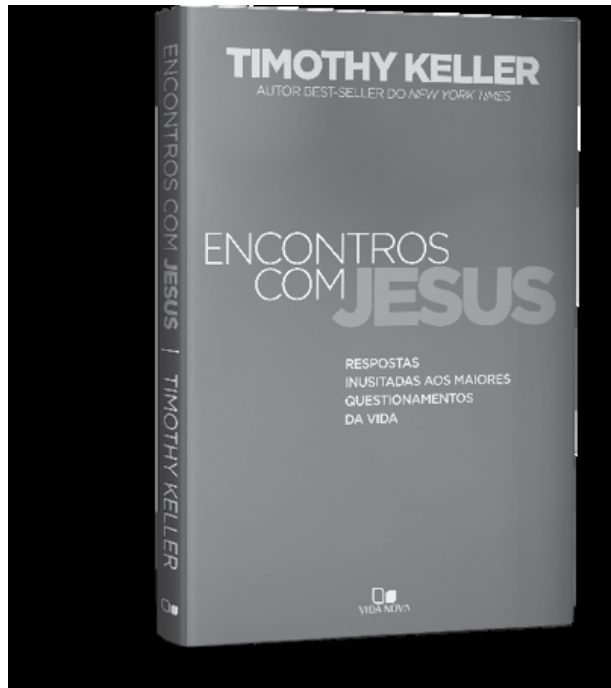
Provérbios é o livro da sabedoria divina e nos ensina a basear nossa conduta e decisões diárias em Deus.



Nessa obra, Keller demonstra que Jesus veio a este mundo como rei, mas um rei que teve de carregar um fardo que ninguém jamais suportou. *A Cruz do Rei* traz um relato da vida de Cristo no Evangelho de Marcos, mas apresentado sob a ótica de Keller. Por meio desse relato, descobrimos o significado cósmico, histórico e pessoal da vida de Jesus, e somos desafiados a reexaminar nosso relacionamento com Deus.



Em *Deuses falsos*, Timothy Keller mostra que uma compreensão adequada da Bíblia revela a verdade acerca da sociedade e de nosso próprio coração. Nessa mensagem poderosa, enxergamos nossa tendência de buscar em outras coisas aquilo que só Deus pode nos dar. Também somos apresentados a um novo caminho: aquele que leva a uma esperança que não pode ser abalada pelas circunstâncias da vida.



Jesus mudou a vida de cada pessoa com quem se encontrou nos Evangelhos por meio de experiências e palavras poderosas que ofereceram às indagações dessas pessoas respostas inesperadas e transformadoras. Esses diálogos podem oferecer respostas a nossos questionamentos e dúvidas ainda hoje.



O evangelho na vida é um curso intensivo com oito encontros acerca do evangelho e sobre como vivê-lo — primeiro em seu coração, depois em sua comunidade e, por fim, no mundo.

1 CIDADE: O mundo em que vivemos

2 CORAÇÃO: Três modos de viver

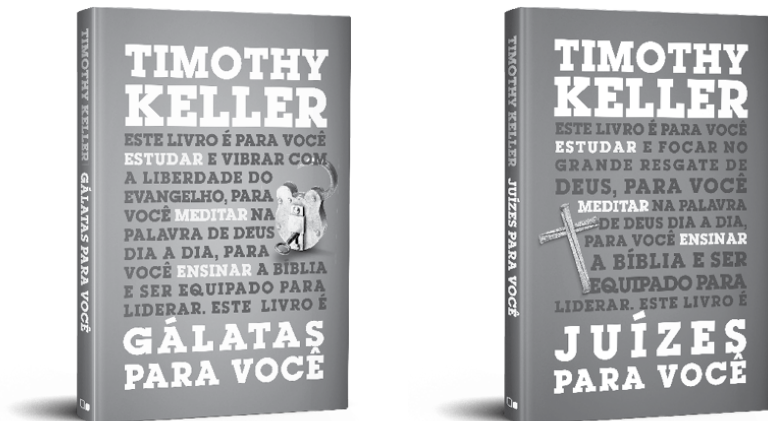
3 IDOLATRIA: O pecado por trás do pecado

4 COMUNIDADE: O contexto para a mudança

5 TESTEMUNHO: Uma cidade alternativa

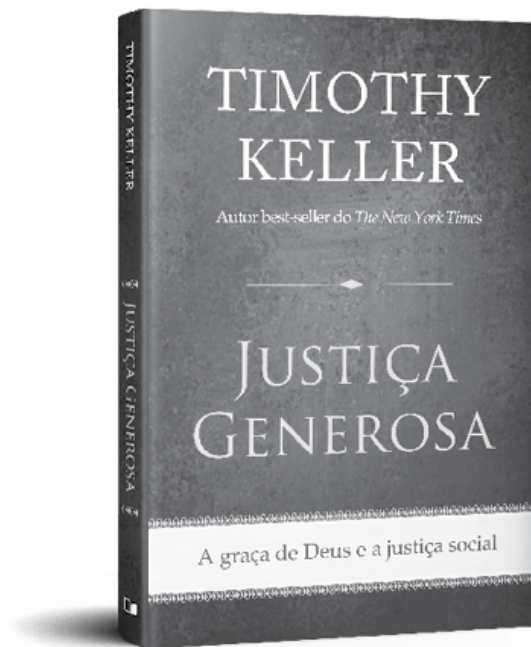
6 TRABALHO: Cultivando o jardim

7 JUSTIÇA: Um povo para os outros



Escrito para pessoas de todas as idades e etapas da vida, de pesquisadores a novos crentes, de pastores a professores, este material pode ser utilizado de diversas formas e foi feito para você...

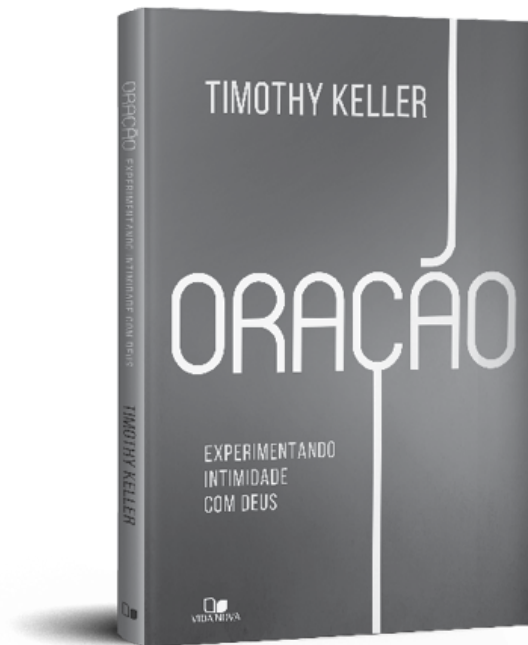
- LER E ESTUDAR, servindo de guia para essa carta maravilhosa, levando-o a valorizar e a viver a liberdade do evangelho;
- MEDITAR E SE ALIMENTAR, proporcionando um devocional diário que o ajudará a crescer em Cristo à medida que for lendo e meditando nessa porção da Palavra de Deus;
- ENSINAR E LIDERAR, oferecendo uma série de apontamentos que lhe permitirão explicar, ilustrar e aplicar Gálatas quando estiver pregando ou liderando um estudo bíblico.



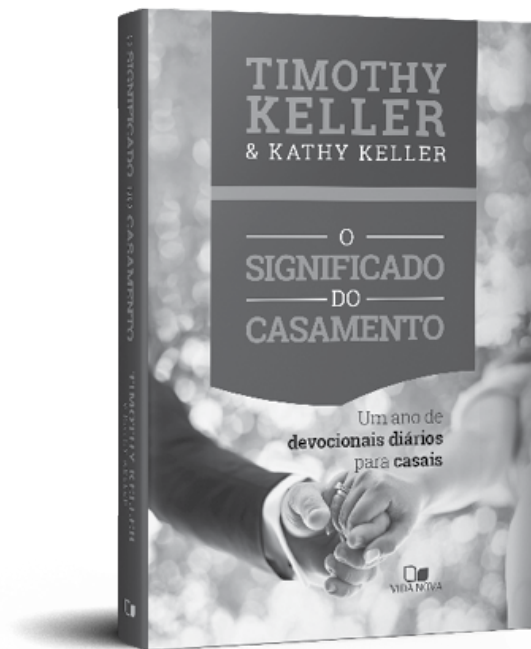
Nessa obra Tim Keller analisa a fundamental relação entre evangelho e justiça e nos dá uma visão bíblica de justiça social. Ele nos mostra que a preocupação com a justiça em todos os aspectos da vida não é acréscimo artificial nem contradição à mensagem das Escrituras, pois a Bíblia é a verdadeira base da justiça.



Esta obra dedica-se a esses três momentos-chave da vida em três seções bem destacadas e de fácil consulta. Na seção sobre o "Nascimento", Timothy Keller nos ajuda a compreender o nascimento físico e espiritual e como o batismo conecta essas duas experiências. Na seção sobre o "Casamento", Keller e a esposa, Kathy, mostram — à luz da Bíblia e com a experiência de 45 anos de matrimônio — como iniciar e nutrir um casamento. E, por fim, na seção sobre a "Morte", Keller trata de um dos assuntos mais negligenciados em nossa cultura, mostrando como a Palavra de Deus oferece alternativa e esperança para o desespero e a negação causados pela morte.



Com as percepções e a energia que já são sua marca registrada, Keller apresenta orientação bíblica sobre o assunto e oferece orações específicas para lidar com determinadas situações relacionadas à dor, à perda, ao amor e ao perdão. Reflete sobre como tornar as orações mais pessoais e poderosas e como estabelecer uma prática de oração que funcione para cada leitor.



Neste devocional diário, Timothy Keller e a esposa, Kathy, compartilham orientações e conselhos poderosos para um casamento saudável. Baseando-se em lições apresentadas em seu livro *O significado do casamento* (Vida Nova) e com reflexões inéditas, os autores oferecem aqui histórias, leituras bíblicas diárias e modelos de oração que nos ajudam a compreender melhor o propósito de Deus para questões como amor, sexo e casamento. Um livro inspirador para aqueles que desejam conhecer mais a Deus e viver o amor de forma mais profunda nesta vida.